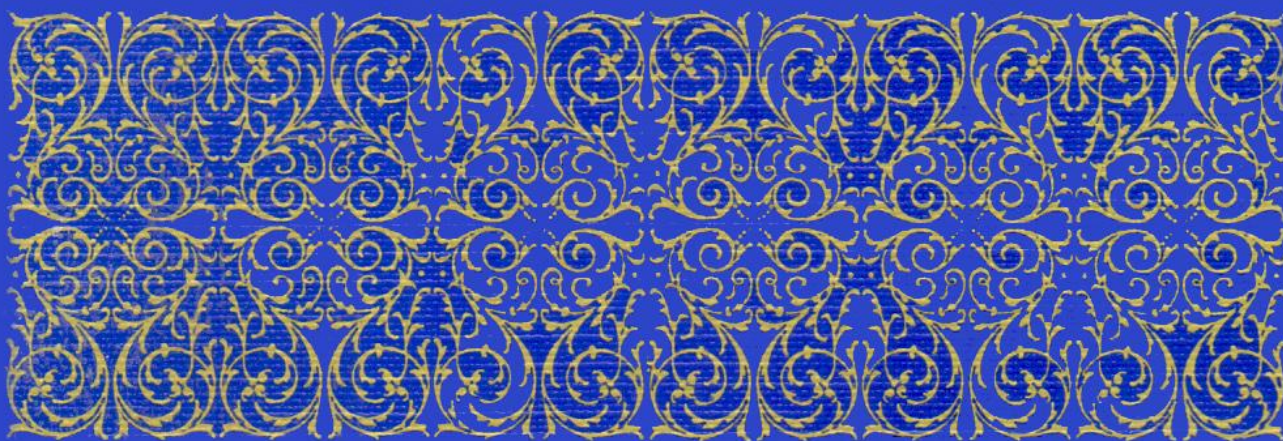


ARTHUR E. POWELL

O CORPO CAUSAL E O EGO

PENSAMENTO





ARTHUR E. POWELL

O CORPO CAUSAL E O EGO

Tradução de
Nair Lacerda

Editora Pensamento
São Paulo

SUMÁRIO

	Introdução	04
I.	Descrição Geral	05
II.	O Campo de Evolução	07
III.	O Advento das Mônadas	10
IV.	A Formação dos Cinco Planos	12
V.	Os Reinos de Vida	14
VI.	A Ligação dos Átomos: I - Tríade Superior.	21
VII.	A Ligação dos Átomos: II - Tríade Inferior	28
VIII.	As Hierarquias Criativas	33
IX.	Almas-Grupais	37
X.	Almas-Grupais Minerais	42
XI.	Almas-Grupais Vegetais	45
XII.	Almas-Grupais Animais	48
XIII.	Individualização: Seu Mecanismo e Finalidade	53
XIV.	Métodos e Graus de Individualização	64
XV.	Funções do Corpo Causal	68
XVI.	Composição e Estrutura	72
XVII.	Pensamento Causal	78
XVIII.	Desenvolvimento e Faculdades do Corpo Causal	83
XIX.	Vida Depois da Morte: o Quinto Céu	93
XX.	O Sexto Céu: Segundo Subplano	98
XXI.	O Sétimo Céu: Primeiro Subplano	100
XXII.	Trishna: a Causa da Reencarnação	102
XXIII.	Os Átomos Permanentes e o Mecanismo da Reencarnação	105
XXIV.	O Ego e a Reencarnação	116
XXV.	O Ego e Seu "Investimento"	123
XXVI.	O Ego e a Personalidade	132
XXVII.	O Ego na Personalidade	148
XXVIII.	O Ego e a Personalidade: o Auxílio dos Sacramentos	155
XXIX.	Memória de Vidas Passadas	165
XXX.	O Ego em seu Próprio Plano	170
XXXI.	Iniciação	180
XXXII.	Consciência Búdica	187
XXXIII.	O Ego e a Mônada	194
XXXIV.	A Segunda e Outras Iniciações Mais Altas	207
XXXV.	Conclusão	219

DEDICATÓRIA

Este livro, como os três que o precederam, é dedicado, com gratidão e estima, àqueles que com seu esforço de trabalho e pesquisa forneceram o material com o qual ele foi feito.

INTRODUÇÃO

Este é o quarto e último livro da série de compilações referentes aos corpos do homem. Adotamos o mesmo plano de toda a série; aproximadamente quarenta volumes, na maioria escritos pela Doutora Annie Besant e pelo Bispo C. W. Leadbeater, foram minuciosamente pesquisados. O material encontrado foi escolhido, ordenado e classificado em seções apropriadas. Dessa forma, está sendo apresentado ao estudante de Teosofia moderna um relato coerente e consecutivo sobre os corpos mais sutis do homem.

Além disso, incluiu-se nesse relato uma quantidade considerável de informações sobre os planos, ou mundos, associados aos quatro corpos do homem. Podemos dizer, portanto, que quase tudo que foi publicado pelos dois principais pioneiros nos mistérios e complexidades da Sabedoria Antiga, com exceção de certas especializações bem definidas - tal como a Química Oculta -, encontra-se nesses quatro livros.

Em 1913, publicou-se O Homem: De Onde, Como, Para Onde? Além desse livro, em 1896 e 1904 apareceram, respectivamente, mais dois volumes fascinantes, intitulados A História dos Atlantes e A Lemúria Perdida, com mapas daqueles continentes, de autoria de W. Scott-Elliot, que descrevem, com muitos pormenores, as raças que habitavam essas terras e suas civilizações.

Considerando que o nosso conhecimento oculto sobre os planos mais sutis do que o físico tende, num futuro próximo, a aumentar enormemente, parece pertinente empreender a tarefa, nada fácil, de organizar em forma de livros-texto os dados que já possuímos, antes que a massa total do material se torne volumosa demais para ser coordenada. Ademais, com essa organização dos materiais, construiremos, para nós mesmos, um esboço ou arcabouço, ao qual maiores informações poderão ser acrescentadas à medida que nos chegarem ao conhecimento.

Outro setor do conhecimento teosófico, em grande parte autônomo, portanto especializado, é o do Plano de Evolução. Ele trata dos Globos (tal como a Terra), Rondas, Cadeias, Raças, Sub-raças, e assim por diante. O escritor espera, em futuro próximo, compilar um volume tratando desse setor da Teosofia técnica.

Arthur E. Powell

CAPÍTULO I

DESCRIÇÃO GERAL

Nos três volumes precedentes desta série, isto é, *O Duplo Etérico*, *O Corpo Astral* e *O Corpo Mental*, estudamos a história da vida dos três veículos inferiores do homem. Foi suficiente, nesses estudos, tomar cada um dos três veículos tal como são realmente encontrados no homem, analisar seu funcionamento, as leis que regulam seu crescimento, sua morte e, em seguida, a formação de novos veículos a partir de núcleos fornecidos pelos átomos permanentes e pela unidade mental, para que o homem possa completar sua evolução nos três planos inferiores.

Quando nos propusemos estudar o corpo causal do homem, entramos em uma nova fase de nosso trabalho e devemos ampliar nossa perspectiva no que se refere à sua evolução. Isso acontece porque enquanto os corpos etérico, astral e mental existem apenas durante uma encarnação humana, isto é, são distintamente *mortais*, o corpo causal persiste através de toda a evolução do homem, durante muitas encarnações, sendo, portanto, relativamente *imortal*. Dizemos *relativamente* imortal intencionalmente, porque, como veremos na ocasião oportuna, há um ponto em que o homem, tendo completado sua evolução humana puramente *normal*, inicia sua evolução *supranormal* e perde, de fato, o corpo causal no qual viveu e evoluiu durante as épocas passadas de seu desenvolvimento.

Assim, ao tratar do corpo causal do homem, já não estamos dentro da personalidade, observando algum dos seus veículos e vendo, de seu próprio ponto de vista, como serve à evolução do homem que o utiliza; pelo contrário, devemos nos colocar ao lado do próprio homem, olhando de cima os veículos da personalidade e considerando-os como outros tantos instrumentos temporários, preparados para o uso do próprio homem e descartados, como uma ferramenta quebrada, depois que serviram ao seu propósito.

Além disso, para tornar compreensivo o nosso estudo, para moldá-lo de forma a fazê-lo intelectualmente satisfatório, devemos descobrir e estudar a origem e nascimento do corpo causal, isto é, como foi formado inicialmente. Descobrimos que ele teve um início, vemos imediatamente que não só ele deve ter um fim, mas também que deve haver alguma outra forma de consciência que se utiliza do corpo causal, assim como o Ego do corpo causal usa os veículos da personalidade. Essa outra forma de consciência é, naturalmente, a Mônada humana. A fim de que possamos compreender integralmente o papel que o corpo causal desempenha na história da evolução humana, devemos também estudar a Mônada.

Voltando ao nascimento ou formação do corpo causal, vemo-nos imediatamente mergulhados na consideração de um tema de certa forma complicado, o das Almas-Grupais. Traçando a origem das Almas-Grupais, somos levados ao passado, passo a passo, até às Três Grandes Emanações da Vida Divina, das quais surgem as formas manifestadas de vida. Enquanto estudamos as Três Emanações, devemos considerar, necessariamente, e até certo ponto, também a formação do mundo material no qual as Emanações se

projetam.

Por isso e para que nosso estudo do corpo causal possa ser compreensivo, devemos descrever, ainda que em rápido esboço, a formação do campo de evolução; o fluxo dos grandes cursos de vida para esse campo, o advento das Mônadas, a construção dos muitos reinos da vida, a emersão das Mônadas, com a assistência dos átomos permanentes no universo material e o desenvolvimento gradual da vida nas Almas-Grupais, até que, eventualmente, após muitas eras de existência, é alcançado o ponto de Individualização, quando o corpo causal aparece pela primeira vez.

Daí por diante, nosso estudo seguirá de perto as mesmas linhas usadas nos livros anteriores desta série. Teremos de tratar das funções do corpo causal: de sua composição e estrutura, da natureza do pensamento causal, de seu desenvolvimento e das suas faculdades, da porção de vida após a morte, passada no corpo causal, nos mundos celestiais superiores.

Depois devemos passar a um exame mais completo da entidade, o Ego que habita e usa o corpo causal, projetando, a partir de si mesmo, personalidade após personalidade, no ciclo das reencarnações. Devemos examinar o que é conhecido como Trishna, a "sede", verdadeira causa da reencarnação; os átomos permanentes e o mecanismo da reencarnação; a atitude que o Ego assume para com todo o processo de reencarnação e para com as personalidades que ele projeta nos mundos inferiores.

Todo o relacionamento do Ego com a personalidade, seu vínculo com ela e a forma pela qual a usa, devem ser cuidadosamente examinados. Será dedicado um capítulo especial a certos auxiliares sacramentais que servem para o fortalecimento e melhoramento do vínculo entre o Ego e a personalidade, e outro capítulo tratará do fundamento lógico da memória das vidas passadas.

Então passaremos a descrever, tanto quanto possível, a vida do Ego em seu próprio plano. Isso nos leva à Iniciação da Grande Fraternidade Branca, ocasião em que o corpo causal desaparece. Tentaremos alguma descrição da consciência búdica e um sucinto epítome de tais fatos relativos à Segunda Iniciação e às Superiores.

Concluiremos nosso amplo estudo com a relação entre o Ego e seu "Pai do Céu", a Mônada.

Conforme já dissemos, o campo que este livro tenta cobrir é muito maior do que o abrangido pelos três volumes precedentes desta série. Espera-se que ele possa auxiliar o estudante de Teosofia a obter um amplo conhecimento do panorama maravilhoso da evolução humana, e possa fazê-lo ver, em perspectiva exata, a parte que desempenha cada um dos quatro corpos mais sutis do homem - o etérico, o astral, o mental e o causal.

CAPÍTULO II

O CAMPO DE EVOLUÇÃO

Chamamos "campo de evolução" ao universo material no qual a evolução se desenvolve. Estritamente falando, vida ou espírito e matéria não são, na realidade, existências separadas e distintas, mas, antes, polos opostos de um númeno; porém, para os propósitos de análise e de estudo intelectual é conveniente considerar esses dois aspectos ou polos quase como se fossem separados e distintos, como um construtor, por exemplo, considera, mais ou menos separadamente, planos e seções de seus edifícios, embora esses planos e seções sejam meras abstrações de uma entidade - o próprio edifício.

Em nosso sistema solar, o campo de evolução compõe-se de sete planos, ou mundos, que podem ser divididos em três grupos: 1) o campo onde há apenas a manifestação lógica; 2) o campo de evolução supranormal; 3) o campo de evolução normal humana, animal, vegetal, mineral e elemental. (Ver os diagramas a seguir.)

O Adi e o Anupadaka são planos que podem ser concebidos como existentes antes da formação do sistema solar. Podemos imaginar o plano Adi composto por matéria do espaço, simbolizada por pontos, enquanto o Logos delineia a forma da base material do sistema que Ele está para produzir.

O plano Anupadaka, simbolizado por linhas, pode ser imaginado como sendo composto dessa mesma matéria, modificada ou colorida pela vida individual do Logos, ou seja, sua consciência que penetra todas as coisas diferindo este plano do correspondente em outro sistema solar. Em linhas gerais essas ideias podem ser simbolizadas como no Diagrama 1.

Esse trabalho preparatório pode ser ilustrado de outra maneira por duas séries de símbolos, um mostrando a tríplice manifestação da consciência do Logos e o outro a tríplice modificação na matéria, correspondente à tríplice modificação na consciência.

OS CAMPOS DE EVOLUÇÃO

Número		Nome		Campo de Evolução
Grupo	Série	Sânscrito	Português	
I.	1	Adi	(a)	Lógico
	2	Anupadaka	(b)	
II.	3	Atma	Espírito	Supernormal humano, isto é, "Iniciado"
	4	Buddhi	Intuição	
III.	5	Manas	Mente	Humano normal, entidades Animais, vegetais e elementais
	6	Kama	Emoção	
	7	Sthula	Atividade física	

(a) Não há equivalente em português: literalmente, "Adi" significa "primeiro".

(b) Não há equivalente em português: Anupadaka, literalmente, significa "sem vestidura".

Primeiro Estágio	O Logos marca Seu Universo no plano Adi
Segundo Estágio	O logos modifica sua matéria com Sua própria vida individual, no plano Anupadaka.

DIAGRAMA I. O Início do Universo.

Considerando de início a manifestação da consciência, uma vez que o lugar do universo foi demarcado (ver Diagrama II): 1) o Próprio Logos aparece como um ponto dentro da esfera; 2) o Logos avança desse ponto em três direções até a circunferência ou círculo de matéria; 3) a consciência do Logos retorna a Si mesma, manifestando, a cada ponto de contato com o círculo, um dos três aspectos fundamentais da consciência, conhecidos como Vontade, Sabedoria e Atividade, ou por outros termos. A união desses três aspectos ou fases de manifestação, em seus pontos de contato com o círculo resulta no triângulo básico de contato com a matéria. Esse triângulo, junto com os três triângulos formados pelas linhas traçadas pelo ponto, produz a "tétrade divina", às vezes chamada Quaternário Cósmico.



DIAGRAMA II. Manifestação da Consciência do Logos.

Observando agora as modificações havidas na matéria universal, correspondendo às manifestações da consciência, temos, na esfera da substância primordial, a matéria virgem do espaço (ver Diagrama III):

- 1) o Logos aparece como um ponto irradiando a esfera da matéria;



DIAGRAMA III. A Resposta da Matéria.

2) o ponto que vibra entre o centro e a circunferência, formando assim a linha que marca a separação do espírito e da matéria;

3) o ponto, com a linha que gira com ele, vibrando em ângulos retos com a vibração precedente, formando a Cruz primordial dentro do círculo.

Diz-se, assim, que a Cruz "procede" do Pai (o ponto) e do Filho (o diâmetro) e representa o Terceiro Logos, a Mente Criadora, a Atividade divina, pronta a manifestar-se como Criador.

CAPÍTULO III

O ADVENTO DAS MONADAS

Antes de considerar a atividade criadora do Terceiro Logos e a minuciosa preparação do campo de evolução, devemos notar a origem das Mônadas ou unidades de consciência, para cuja evolução na matéria o campo de um universo é preparado. Em capítulo posterior voltaremos a considerar amplamente o assunto.

Essas inumeráveis unidades, que devem ser desenvolvidas no universo a existir, são geradas dentro da vida divina, *antes* que o campo de sua evolução seja formado. Desse advento escreveu-se: "Isto está determinado: Eu multiplicarei e nascerei" (*Chhandopanishat* VI, ii, 3): assim os Muitos surgem do Um por um ato de vontade. O ato de vontade é o do Primeiro Logos, o Senhor indiviso, o Pai.

As Mônadas são descritas como fagulhas do Fogo Supremo, como "Fragmentos Divinos". O Catecismo Oculto, citado em *A Doutrina Secreta*, I, p. 145, diz: "Ergue tua cabeça, ó Lano; vê uma ou incontáveis luzes acima de ti, ardendo no céu escuro da meia-noite? 'Distingo uma chama, Ó Gurudeva; vejo inumeráveis fagulhas aglomeradas brilhando ali'". A Chama é Ishvara, em Sua manifestação como o Primeiro Logos; as fagulhas aglomeradas são as Mônadas, humanas e outras. A palavra "aglomeradas" deve ser notada especialmente, como significando que as Mônadas *são* o Próprio Logos.

Uma Mônada pode assim ser definida como um fragmento da vida divina, separada como entidade individual pela mais sutil película de matéria; matéria tão rarefeita que, enquanto dá forma separada a cada uma delas não oferece obstáculo à livre intercomunicação de uma vida, assim encaixada, com as vidas similares que a circundam.

A Mônada não é então pura consciência, puro Ser, *samvit*. É uma abstração. No universo concreto sempre há o Eu e seus envoltórios, por mais tênues que eles possam ser, de forma que uma unidade de consciência é inseparável da matéria. É por isso que a Mônada é consciência *mais* matéria.

A Mônada da Teosofia é o Jivatma da filosofia hindu, o Purusha do Samkya, o Eu particularizado da Vedanta.

Como a vida das Mônadas provém do Primeiro Logos, podemos descrevê-las como Filhos do Pai, tal como o Segundo Logos é também o Filho do Pai. As Mônadas, porém, são Filhos mais moços, sem qualquer dos divinos poderes que as capacite a agir em matéria mais densa do que a de seu próprio plano - o Anupadaka; enquanto o Segundo Logos, que tem eras de evolução atrás de Si, está pronto para exercer Seus poderes divinos como "o primogênito entre muitos irmãos".

Embora as raízes de sua vida estejam no plano Adi, as próprias Mônadas habitam o plano Anupadaka, todavia não possuem veículos através dos quais possam se expressar, à espera do dia da "manifestação dos Filhos de Deus". Neste plano permanecem, enquanto o Terceiro Logos inicia o trabalho externo de manifestação, modelando a matéria do universo objetivo. Esse trabalho será descrito no próximo capítulo.

O Diagrama IV mostra as Mônadas à espera, em seu próprio plano, enquanto o mundo em que se devem desenvolver está sendo preparado.

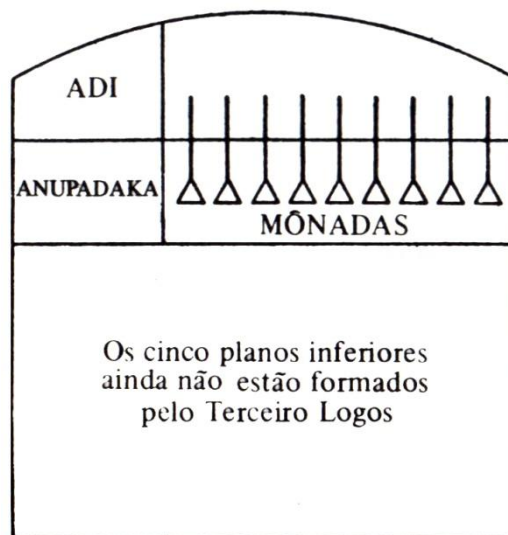


DIAGRAMA IV. A Chegada das Mônadas

Essas unidades de Consciência conhecidas como Mônadas são descritas como os Filhos, que vivendo desde o início da era criadora "no seio do Pai" ainda não se "tornaram perfeitos através do sofrimento". Cada uma delas é, verdadeiramente, "igual ao Pai no que se refere à sua Divindade, mas inferior ao Pai no que se refere à sua humanidade" - segundo as palavras do Credo atanasiano. Todas devem penetrar a matéria, a fim de "tornar todas as coisas sujeitas a elas" (Coríntios, I, XV: 28). Devem ser "semeadas em fraqueza" para que possam ser "erguidas em poder" (*ibid.* XV: 43). De uma condição estática, envolvendo todas as potencialidades divinas, elas devem se tornar dinâmicas, desdobrando todos os poderes divinos.

Embora oniscientes e onipresentes em seu próprio plano - o Anupadaka - elas são inconscientes, "insensíveis" em todos os outros. Devem velar sua glória na matéria que as cega, a fim de que se possam tornar oniscientes e onipresentes em *todos* os planos, prontas para responder a todas as vibrações divinas do universo, e não somente dos níveis mais elevados.

Como as Mônadas derivam seu ser do Primeiro Logos, a vontade Deste de manifestar-se é também a vontade delas. Daí que todo o processo de evolução individual do "Eu" é uma atividade escolhida pelas próprias Mônadas. Aqui estamos, nos mundos materiais, porque, como Mônadas, desejamos viver: somos movidos pelo Eu, determinados pelo Eu.

Esse impulso divino, eternamente lutando pela manifestação integral da vida, é perceptível em toda a natureza e tem sido amiúde descrito como Vontade-de-viver. Essa Vontade aparece na semente, que empurra seu broto em direção da luz, no botão rompendo sua prisão e expandindo-se ao sol. É o gênio criador do pintor, do escultor, do poeta, do músico, do artífice. O mais sutil dos prazeres - o mais agudo sabor de intenso deleite - deriva desse impulso, que vem de dentro, para criar. Todas as coisas sentem-se mais vivas quando se multiplicam pela criação. O expandir-se, o crescer, vêm da Vontade-de-viver: o gozo é a Felicidade de viver, a alegria de estar vivo.

CAPITULO IV

A FORMAÇÃO DOS CINCO PLANOS

Continuamos agora com o processo criador. O Terceiro Logos, a Mente Universal, trabalha sobre a matéria do espaço - Mulaprakriti, a celestial Virgem Maria - age sobre suas três qualidades de Tamas (Inércia), Rajas (Mobilidade) e Sattva (Ritmo), passando-as do equilíbrio estável para um equilíbrio instável; colocando-as, portanto, em contínua movimentação umas em relação às outras.

O Terceiro Logos cria, assim, os átomos dos cinco planos inferiores - Atma, Buddhi, Manas, Kama e Sthula: "Fohat eletrifica-os para a vida e separa a substância primordial, ou matéria pregenética, em átomos".

Parenteticamente, podemos notar que há três estágios na formação desses átomos:

(1) A fixação do limite dentro do qual a vida do Logos deve vibrar; isso é conhecido como "medida divina", ou Tanmatra, cujo significado literal é "a medida Daquilo", sendo "Aquilo" o Espírito divino.

(2) O estabelecimento dos eixos de crescimento do átomo, as linhas que determinarão seu contorno: elas correspondem aos eixos dos cristais.

(3) Pela intensidade da vibração e da relação angular dos eixos entre si, determina-se a superfície ou parede do átomo.

Sob a atividade diretiva do Terceiro Logos, os átomos de cada plano despertam para novos poderes e possibilidades de atração e repulsão, de forma que possam se agregar em moléculas, que passam de simples a mais complexas, até que, em cada um dos cinco planos, seis subplanos inferiores sejam formados, somando ao todo sete subplanos em cada plano.

Contudo, a matéria dos subplanos assim formados não é a que existe agora: é a mais fortemente atrativa ou coesiva das energias do Segundo Logos - o aspecto da Sabedoria ou Amor - que produz, sob formas materiais das quais temos conhecimento, novas integrações.

Além disso, as correntes giratórias dos átomos, conhecidas como espirilos, *não* são feitas pelo Terceiro Logos, mas pelas Mônadas, das quais trataremos mais adiante. Os espirilos se desenvolvem em inteira atividade durante o curso da evolução, normalmente um em cada Ronda. Muitas das práticas da loga são dirigidas para obter desenvolvimento mais rápido dos espirilos.

Assim, em cada átomo estão envolvidas inúmeras possibilidades de resposta dos três aspectos da consciência, e essas possibilidades são desenvolvidas no átomo durante o curso da evolução.

Habitualmente, esse trabalho do Terceiro Logos é chamado a Primeira Onda-de-vida, ou Primeira Emanação.

O Diagrama V ilustra esse trabalho do Terceiro Logos ou Primeira Emanação. No próximo capítulo e nos que se seguirem, depois de tratarmos da Segunda Emanação, consideraremos mais esse assunto e a *ascensão* da Primeira Emanação.

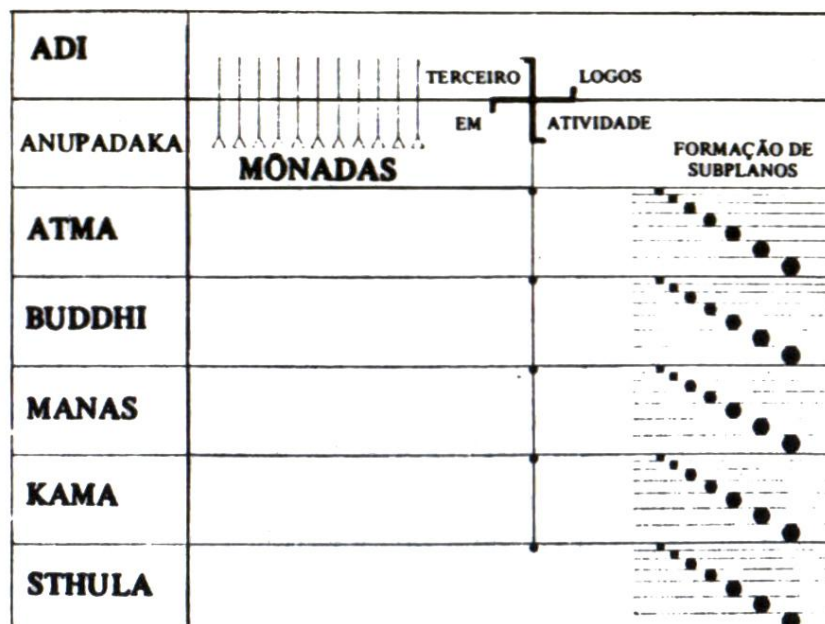


DIAGRAMA V. A Formação dos Cinco Planos Inferiores

CAPÍTULO V

OS REINOS DE VIDA

Proveniente do Segundo Logos ou Segunda Pessoa da Trindade, a segunda grande Onda-de-vida divina desce para a matéria vivificada pelo Terceiro Logos: isso é habitualmente conhecido como Segunda Emanação. Assim, a Segunda Pessoa da Trindade toma forma não apenas com a matéria "virgem", improdutiva, mas com a matéria já animada pela vida da Terceira Pessoa, de forma que ambas, vida e matéria, cobrem-Na como se fossem uma vestimenta. Portanto, é exata a afirmação que diz que a Segunda Pessoa "encarnou do Espírito Santo e da Virgem Maria"; esse é o verdadeiro significado dessa importante passagem do credo cristão.

Lenta e gradualmente este irresistível fluxo de vida desce através dos vários planos e reinos, permanecendo em cada um deles por um período de duração igual ao da encarnação completa de uma cadeia planetária, que abrange milhões de anos. (NOTA: uma cadeia planetária consta de sete globos de matéria, em vários graus, ao redor dos quais o fluxo de vidas em evolução passa sete vezes completas.)

Durante os vários estágios de sua descida, a vida da Segunda Emanação é conhecida por diversos nomes. Como um todo, é sempre chamada essência monádica, embora tal expressão seja mais adequada àquela sua porção revestida apenas da matéria *atômica* dos vários planos. Esse nome foi dado originalmente porque a essência monádica tornou-se apropriada para fornecer átomos permanentes às Mônadas.

Quando anima a matéria dos subplanos inferiores de cada plano, isto é, todos os subplanos abaixo do atômico, que é composto de matéria molecular ela é conhecida como Essência Elemental. Esse é um nome tirado dos manuscritos dos ocultistas medievais, e que designa a matéria de que são compostos os corpos dos espíritos da natureza, pois falam deles como "Elementais", dividindo-os em classes pertencentes aos "Elementos": Fogo, Ar, Água e Terra.

Quando a Emanação, ou Onda-de-vida Divina - que em alguma era anterior terminou sua evolução descendente através do plano búdico -, flui para o nível mais alto do plano mental, anima grandes massas de matéria mental atômica. Nessa condição mais simples, não combina os átomos em moléculas a fim de formar um corpo para si própria, mas simplesmente aplica, pela sua atração, imensa força compressora sobre eles.

Em sua descida, ao alcançar esse plano, podemos imaginar que a força esteja inteiramente desabituada das suas vibrações e seja de início incapaz de responder a elas. Durante a era que passará nesse nível, sua evolução consistirá em se habituar a vibrar em todos os ritmos que ali são possíveis, de forma que, a qualquer momento, possa animar e utilizar qualquer combinação de matéria desse plano. Durante esse longo período de evolução, terá experimentado todas as possíveis combinações da matéria dos três níveis arupa (sem forma), ou causais, mas ao fim desse tempo retoma ao nível atômico; naturalmente não como era antes, mas levando consigo, latentes, todos os poderes que obteve.

A Onda-de-vida tendo, então, reunido o material do plano causal, combina-o com o que nesse nível corresponde a substâncias, e com essas substâncias constrói formas que passa a habitar. Esse é chamado o Primeiro Reino Elemental.

Já que estamos tratando da essência monádica em seu arco *descendente*, progresso para ela significa descer para a matéria, ao invés de, como acontece conosco, subir para planos mais elevados. Por isso, essa essência - mesmo no plano causal - é menos evoluída do que nós, mas talvez seja mais correto dizer que é menos involuída, já que a sua evolução, no sentido estrito da palavra, ainda não começou.

Há sete subdivisões no Primeiro Reino Elemental: a mais alta corresponde ao primeiro subplano; a segunda, a terceira e a quarta correspondem ao segundo subplano; a quinta, a sexta e a sétima correspondem ao terceiro subplano.

Depois de passar todo o período de uma cadeia evoluindo através de diferentes formas, nesse nível, a Onda-de-vida, que durante todo o tempo pressiona continuamente para baixo, identifica-se tão integralmente com essas formas que, em lugar de ocupá-las e abandoná-las periodicamente, tende a mantê-las permanentemente, tornando-as parte de si mesma. Ao chegar a esse estágio, ela pode prosseguir para uma ocupação temporária de formas de nível inferior. De acordo com isso ela toma formas no nível mental inferior ou rupa (forma) do plano mental, e é então conhecida como Segundo Reino Elemental. O estudante deve observar que a vida animadora reside no nível mental superior ou no causal, enquanto os veículos através dos quais ela se manifesta estão no plano mental inferior.

O Segundo Reino Elemental consta de sete subdivisões: a mais elevada delas corresponde ao quarto subplano; a segunda e a terceira subdivisões ao quinto subplano; a quarta e a quinta ao sexto subplano, e a sexta e a sétima, ao sétimo subplano.

Para conveniência de referência, as subdivisões do Primeiro e do Segundo Reino Elemental estão tabuladas assim:

Plano	Subplanos	Elemental	
		Subdivisões	Reinos
Mental Superior	1	1	PRIMEIRO
	2	2 : 3 : 4	
	3	5 : 6 : 7	
Mental Inferior	4	1	SEGUNDO
	5	2 : 3	
	6	4 : 5	
	7	6 : 7	

Depois de passar todo um período-cadeia nesse estágio, a contínua pressão descendente levou o processo a repetir-se. Mais uma vez, a vida identificou-se com suas formas e instalou-se nos níveis mentais inferiores. Então, ela adota formas de matéria astral e torna-se o Terceiro Reino Elemental.

Como vimos em *O Corpo Astral* e *O Corpo Mental*, as essências elementais, tanto

mental como astral, estão intimamente ligadas ao homem, entrando largamente na composição de seus veículos.

Depois de passar todo um período-cadeia no Terceiro Reino Elemental, a vida se identifica novamente com essas formas, e assim pode animar a parte etérica do reino mineral, tornando-se a vida que vivifica esse reino.

No curso da evolução mineral, a pressão descendente leva novamente a vida a identificar-se com as formas etéricas e, a partir dessas formas, anima a matéria mais densa dos minerais, que são perceptíveis aos nossos sentidos.

O que conhecemos como reino mineral inclui, naturalmente, não apenas o que costumamos chamar de minerais, mas também líquidos, gases e muitas substâncias etéricas ainda desconhecidas pela ciência ocidental ortodoxa.

Quando está no reino mineral, a vida, às vezes, é chamada "mônada mineral", tal como em estágios posteriores será chamada "mônada vegetal" e "mônada animal". Contudo, esses títulos são causadores de equívocos, porque parecem sugerir que uma grande mônada anima todo o reino, o que não é o caso, já que mesmo quando a essência monádica surge pela primeira vez entre nós, como Primeiro Reino Elemental, não é uma só mônada, mas muitíssimas mônadas: não é um grande fluxo de vida, mas muitos fluxos paralelos, cada qual possuindo características próprias.

Quando a Emissão alcança o ponto central do reino mineral, a pressão descendente cessa e é substituída por uma tendência ascendente. A "exalação" parou e a "inalação" ou absorção começou.

Notaremos que, se houvesse apenas uma Emissão de vida que passasse de um reino para outro, a um dado tempo existiria apenas um reino. Como sabemos, esse não é o caso: o motivo é que o Logos envia uma constante sucessão de ondas de vida, de modo que a qualquer momento encontramos uma quantidade delas em operação. Assim, nós mesmos representamos uma dessas vagas. A que antecedeu imediatamente a nossa, anima agora o reino animal; a que está atrás dela é, agora, o reino vegetal; uma quarta vaga é o reino mineral, enquanto a quinta, a sexta e a sétima estão representadas pelos três Reinos Elementais. Todas elas são ondulações sucessivas da mesma grande Emissão vinda do Segundo Aspecto do Logos.

Todo o plano tende, cada vez mais, para a diferenciação e os fluxos, descendo de reino para reino, vão se dividindo e subdividindo mais e mais. Pode ser que antes que toda essa evolução ocorra haja um ponto em que possamos considerar a grande Emissão como homogênea, mas sobre isso nada se sabe.

O processo de subdivisão continua até que - ao fim do primeiro grande estágio de evolução - seja finalmente dividido em individualidades, isto é, em homens, cada homem sendo uma alma distinta e separada, embora tal alma seja, de início e como é natural, sem desenvolvimento.

Observando como um todo o trabalho da Segunda Onda-de-vida, ou Segunda Emissão, podemos considerar seu movimento descendente relacionado com a criação dos tecidos primários, com os quais, no devido tempo, os corpos sutis e densos serão formados. Em algumas escrituras antigas esse processo foi apropriadamente chamado "tecedura".

As matérias preparadas pelo Terceiro Logos são compostas pelo Segundo Logos em fios e tecidos com os quais serão feitas as futuras roupas, isto é, os corpos.

Podemos ver o Terceiro Logos como um Químico trabalhando em um laboratório; o Segundo Logos como um tecelão, trabalhando numa manufatura. Embora materialistas, essas comparações são úteis para a compreensão, como uma espécie de muletas.

Assim, o Segundo Logos "tece" vários tipos de pano, isto é, de matéria com a qual mais tarde serão feitos os corpos causal e mental dos homens. Do tecido de matéria astral, ou substância de desejo, serão feitos posteriormente os corpos astrais dos homens.

Assim são modeladas as matérias do mecanismo da consciência; as características de cada material são determinadas pela natureza da agregação de partículas - textura, cor, densidade, e assim por diante.

Toda essa movimentação descendente da Onda-de-vida através dos planos, dando qualidades aos vários graus de matéria, é um preparativo para a evolução e é com frequência e mais apropriadamente chamada involução.

Depois de atingir o mais baixo estágio de imersão na matéria, tanto a Primeira como a Segunda Emanações voltam-se para cima e começam sua longa ascensão através dos planos: essa é a evolução propriamente dita.

O Diagrama VI é uma tentativa para ilustrar graficamente a Primeira Emanação, procedente do Terceiro Logos e que forma a matéria dos cinco planos inferiores, e a Segunda Emanação, que ao tomar a matéria vivificada pelo Terceiro Logos, modela e anima essa matéria a fim de produzir os três Reinos Elementais e o Reino Mineral, assim como na devida sucessão os reinos vegetal e animal.

Está também indicada no diagrama a Terceira Emanação, vinda do Primeiro Logos, Emanação da qual resulta a formação de entidades individuais, ou seres humanos. Entretanto, isso será tratado mais amplamente num estágio posterior do nosso estudo.

A posição exata das figuras que representam cada reino deve ser, no Diagrama VI, cuidadosamente observada pelo estudante. Assim, o mineral, em toda a sua amplitude, apareceu na parte mais densa do plano físico, mostrando que a vida ali, tal como existe, tem completo controle sobre a matéria física. Porém, ao subir através dos subplanos etéricos, a faixa torna-se cada vez mais estreita, indicando que o controle sobre a matéria etérica ainda não está perfeitamente desenvolvido.

O pequeno ponto que penetra no plano astral indica que um pouco de consciência trabalha através da matéria astral. Essa consciência é o início do desejo, expressada no reino mineral como afinidade química, etc. Faremos novamente referência a isso quando chegarmos às Almas-Grupais Minerais.

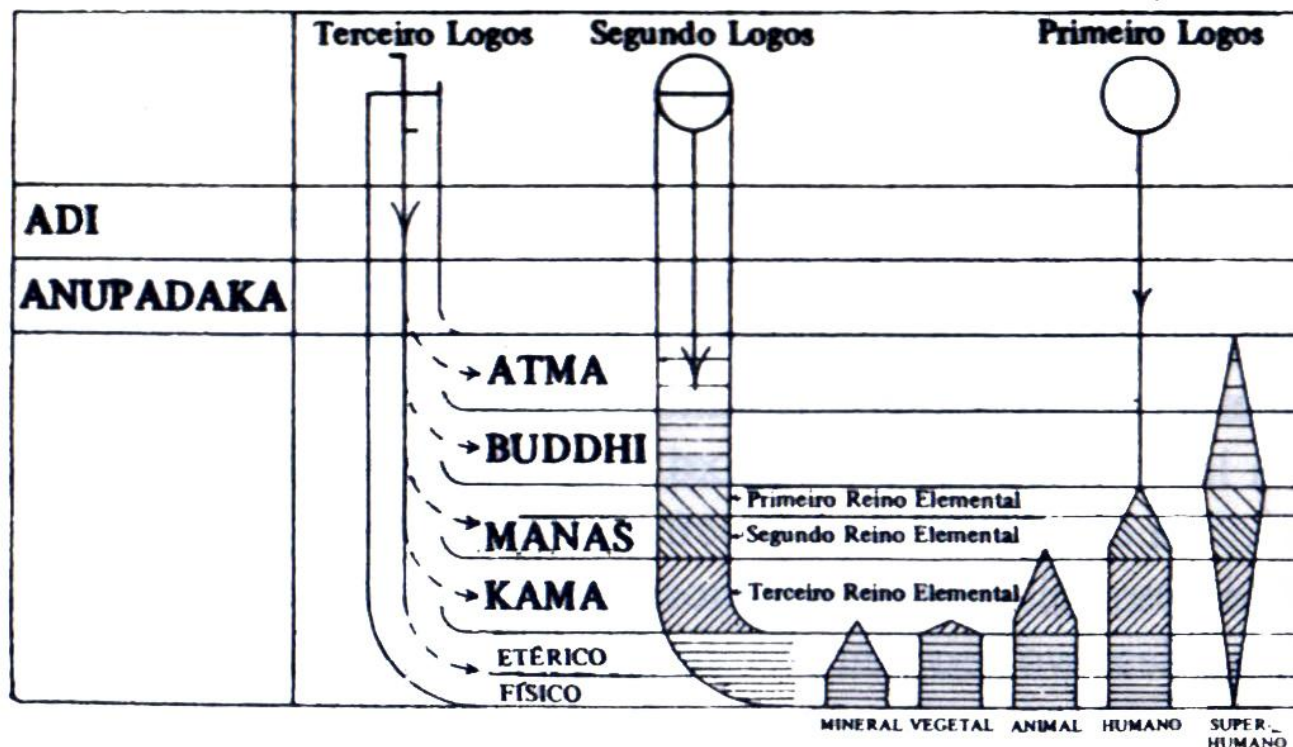


DIAGRAMA VI. Os Reinos da Vida.

A faixa que representa o reino vegetal tem toda a sua amplitude no plano físico, tanto no denso como no etérico. Naturalmente, a porção que representa a consciência astral é muito maior, porque o desejo está mais desenvolvido no reino vegetal do que no reino animal. Os que estudam a vida das plantas sabem que muitos membros do reino vegetal mostram grande engenhosidade e sagacidade para alcançar seus fins, por mais limitados que esses fins possam parecer do nosso ponto de vista. Sobre tal assunto, recomendamos aos estudantes livros como *A Sagacidade e a Moralidade das Plantas* (*The Sagacity and Morality of Plants*), de J. E. Taylor.

No reino animal a faixa mostra que há completo desenvolvimento no subplano astral inferior, revelando que o animal é capaz de experimentar plenamente os desejos mais baixos; mas o estreitamento da faixa através dos subplanos mais altos revela que sua capacidade para desejos superiores é muito limitada. Apesar disso, em casos excepcionais, é possível que ele manifeste uma qualidade altíssima de afeição e devoção.

A faixa que representa o animal mostra também a existência do desenvolvimento da inteligência, que necessita de matéria mental para se expressar. De modo geral, admite-se agora que alguns animais - tanto domésticos como selvagens - possuem, indubitavelmente, o poder de raciocínio entre causa e efeito, embora as linhas sobre as quais sua razão possa funcionar sejam, naturalmente, poucas e limitadas, não sendo ainda uma faculdade poderosa.

Como a faixa pretende representar o animal comum, o ponto surge apenas no subplano mais baixo do plano mental; no caso do animal doméstico altamente desenvolvido, o ponto pode estender-se, prontamente, para o mais alto dos quatro níveis inferiores, embora, como é natural, permaneça apenas um ponto sem tomar a amplitude

completa da faixa.

Já que aqui estamos considerando os graus relativos de consciência dos vários reinos, podemos, também, antecipar e de certa forma indicar o estágio a que chegou o homem. A faixa representando o reino humano atinge em toda a largura o nível mais baixo do plano mental; isso indica que, até esse nível, sua faculdade de raciocínio está completamente desenvolvida. Nas subdivisões mais altas do plano mental inferior, a faculdade da razão ainda não se desenvolveu completamente, conforme indica o estreitamento da faixa.

Contudo, um fator inteiramente novo introduziu-se pelo ponto no plano mental, ou no plano causal, porque o homem possui um corpo causal e um ego permanente, que reencarna.

Na grande maioria dos homens a consciência não vai além do terceiro subplano mental. Somente aos poucos, à medida que seu desenvolvimento continua, o ego é capaz de elevar sua consciência até o segundo ou o primeiro dos sub planos mentais.

A faixa da extrema direita representa um homem muito mais adiantado do que o homem comum. Aqui temos a consciência de um homem altamente espiritualizado, cuja consciência evoluiu além da do corpo causal, de forma que pode funcionar livremente no plano búdico, e também tem consciência - pelo menos quando fora do corpo - no plano de Atma.

Podemos notar que o centro da sua consciência, indicado pela parte mais larga da faixa, não está, como no caso da maioria dos homens, nos planos físico e astral, mas entre o plano mental superior e o plano búdico. O mental superior e o astral superior são muito mais desenvolvidos do que suas partes inferiores, e embora ainda retenha seu corpo físico, tal corpo é indicado apenas por um ponto, explicando que o mantém somente por conveniência de trabalhar nele, e de forma alguma porque seus pensamentos e desejos estejam ali fixados. Tal homem transcendeu todo o carma que poderia vinculá-lo à encarnação, de forma que aceita os veículos inferiores apenas para, através deles, poder trabalhar pelo bem da humanidade e emitir, para esses níveis, forças que de outra maneira não poderiam descer até ali.

Depois desta digressão necessária para explicar os graus relativos de consciência obtidos pelos vários reinos da natureza, é importante observar que o processo evolutivo, que dá expressão à consciência involuída, deve começar pelos contatos recebidos pelo seu veículo mais *externo*, isto é, deve começar no plano físico. A consciência só pode tornar conhecimento do exterior através de impactos sobre seu próprio exterior. Até então ela sonha dentro de si mesma, pois os ligeiros frêmitos, que estão constantemente manando da Mônada, causam leve pressão no Jivatma (Atma-Buddhi-Manas), tal como uma nascente de água, sob a terra, procura uma saída.

Sobre esse processo de ascensão e sobre a Terceira Emanação, que resulta na formação do corpo causal do homem, podemos discorrer nos capítulos seguintes e na devida oportunidade.

Voltando à Segunda Emanação, vemos que ela não só se divide quase que infinitamente, mas também parece ser diferente em si mesma, de forma que chega através de incontáveis milhões de canais a cada plano e a cada subplano. Assim, no plano búdico, aparece como o princípio-Cristo no homem; nos corpos astral e mental do homem vivifica

várias camadas de matéria, aparecendo na parte superior do astral como uma emoção nobre e, na parte inferior, como simples fluxo de força vital energizando a matéria daquele corpo. Em sua apresentação mais baixa ela flui do corpo astral para os chacras etéricos, ou centros-de-força, onde encontra Kundalini manando do interior do corpo humano.

Podemos também notar aqui, parenteticamente, que Kundalini, ou a serpente-de-fogo, que mana do interior do corpo humano, pertence à Primeira Emanação e existe em todos os planos dos quais temos algum conhecimento. Essa força de Kundalini, naturalmente, é bem distinta de Prana, ou Vitalidade, que pertence à Segunda Emanação, e também de Fohat, isto é, de todas as formas de energia física, tais como a eletricidade, a luz, o calor, etc. (Veja *O Duplo Etérico, O Corpo Astral e O Corpo Mental.*)

Kundalini, no corpo humano, vem daquele "laboratório do Espírito Santo" que está nas profundezas da terra, onde ainda estão se manufaturando novos elementos químicos que mostram crescente complexidade de forma, e mais e mais vida e atividade energética interior.

Mas Kundalini *não* é aquela parte da Primeira Emanação ocupada no trabalho de construir elementos químicos: é mais da natureza de um maior desenvolvimento da força que está no centro vivo de elementos tais como o rádio. Kundalini é parte da Primeira Emanação, *depois* que esta alcançou a mais baixa imersão na matéria e está novamente subindo em direção às alturas de onde veio.

Falando genericamente já dissemos que a Onda-de-vida que desce através de mundos de matéria, em sua movimentação descendente, causa uma diferenciação cada vez maior. Porém, em seu retorno traz a reintegração na unidade.

CAPÍTULO VI

A LIGAÇÃO DOS ÁTOMOS: I. TRÍADE SUPERIOR

Conforme vimos no capítulo anterior, a Segunda Emanação não só flui para os cinco planos, levando existência ao reino elemental e a outros reinos de vida, mas leva também atividade às Mônadas que, embora prontas para começar sua evolução, tinham estado à espera no plano Anupadaka até que a matéria dos planos fosse preparada para elas.

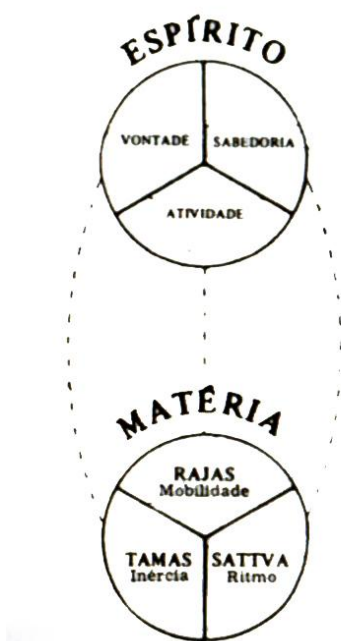


DIAGRAMA VII. Os Aspectos da Consciência e as Qualidades da Matéria.

Dizer que as Mônadas "saem" não seria exato. Antes, projetam seus raios de vida. Elas mesmas permanecem sempre "no seio do Pai", enquanto seus raios de vida fluem para o oceano de matéria, apropriando-se ali, como veremos com detalhes logo adiante, do material necessário à sua evolução nos planos inferiores.

O brilho das Mônadas foi graficamente descrito por H. P. Blavatsky assim: "O triângulo primordial (isto é, a Mônada de três faces: da Vontade, Sabedoria e Atividade) assim que se reflete no 'Homem Celestial' (isto é, Atma-Buddhi-Manas), o mais alto dos sete inferiores - desaparece, retornando ao 'Silêncio e Escuridão'",

As próprias Mônadas, portanto, permanecem sempre além do universo quádruplo e, nesse sentido, são espectadoras. Residem além dos cinco planos da matéria. São o Eu, e se mantêm autoconscientes e autodeterminadas. Reinam em imutável paz e vivem em eternidade. Mas, como vimos, apropriam-se da matéria, tomando para si átomos dos vários planos.

As Mônadas, tal como a matéria, são de sete tipos ou "raios". O processo pelo qual os

sete tipos crescem é o seguinte: os três aspectos da consciência do Logos, ou Alma Universal, são Vontade (Ichchha), Sabedoria (Jnanam) e Atividade (Kriya). As três qualidades correspondentes da matéria são Inércia (Tamas), Mobilidade (Rajas) e Ritmo (Sattva).

Esses aspectos relacionam-se assim: o Aspecto da Vontade impõe sobre a matéria a qualidade de Inércia ou Tamas, o poder da resistência, da estabilidade, da quietude.

O Aspecto da Atividade dá à matéria sua qualidade de responder à ação, Mobilidade ou Rajas.

O Aspecto da Sabedoria dá à matéria Ritmo ou Sattva, Harmonia. O Diagrama VII mostra essas correspondências.

Agora, cada Mônada tem esses três aspectos da consciência, cujas proporções variam de sete maneiras nas diferentes Mônadas. Assim:

Aspecto Predominante	Aspecto Secundário	Aspecto Terciário
Vontade	Sabedoria	Atividade
Vontade	Atividade	Sabedoria
Sabedoria	Vontade	Atividade
Sabedoria	Atividade	Vontade
Atividade	Vontade	Sabedoria
Atividade	Sabedoria	Vontade

A sétima variedade é aquela em que os três aspectos são iguais.

Os sete tipos de matéria são similarmente formados, variando as proporções das três qualidades de Tamas, Rajas e Sattva. O fluxo de vida conhecido como Segunda Emanação, na verdade, é composto de sete fluxos; e em cada um deles se encontra um dos sete tipos de combinações de matéria.

O Diagrama VIII é uma tentativa para mostrar os sete tipos de Mônadas com os sete tipos correspondentes de matéria.

Outra forma de expressar a mesma verdade, isto é, a de que cada Mônada pertence a um ou outro dos sete Raios, é dizer que ela veio, inicialmente, através de um ou outro dos Sete Logos Planetários, que podem ser considerados como centros de força dentro do Logos Solar, canais através dos quais a força do Logos Solar é emitida.

Embora, como ficou dito, cada Mônada pertença fundamentalmente a *um* Raio, ainda assim possui dentro de si algo de *todos* os Raios. Não há nela uma parcela de força, um grão de matéria, que não faça realmente parte de um ou outro dos Sete Logos Planetários. Está literalmente composta de verdadeira substância Deles, não de um, mas de todos, embora sempre um predomine. Portanto, não pode ocorrer o mais leve movimento de qualquer desses Anjos-Estrelas sem afetar, até certo ponto, cada Mônada; porque elas são os ossos de Seus ossos, a carne de Sua carne, o Espírito de Seu Espírito. Esse fato é, naturalmente, a verdadeira base da astrologia.

Além disso, os corpos dessas Mônadas, que originalmente vieram através de um dado Logos Planetário, continuarão, em toda a sua evolução, a ter mais partículas daquele Logos

do que de qualquer outro, e dessa forma os homens podem ser distinguidos como pertencentes, em primeiro lugar, a um ou outro dos sete Raios ou Logos.

Embora a regra comum seja a de que uma Mônada permaneça no mesmo Raio durante toda a sua evolução e retorne, eventualmente, através do mesmo Anjo Planetário de que inicialmente derivou, ainda assim há raras exceções. Porque é possível, para a Mônada, mudar seu Raio, de forma que a vontade retorne através de outro Anjo Planetário que não seja o primeiro de que ela emergiu. Tais transferências fazem-se, habitualmente, do Primeiro para o Segundo Raio, havendo nos níveis inferiores da evolução poucas pessoas nesses dois Raios.

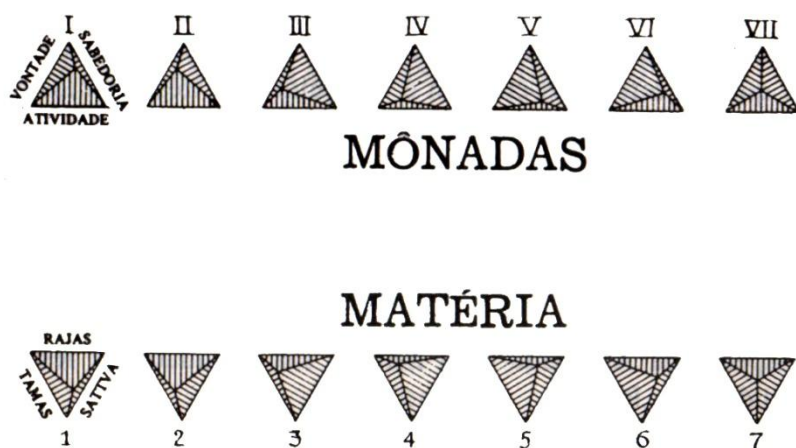


DIAGRAMA VIII. Os Sete Tipos de Mônadas e os Sete Tipos da Matéria.

Antes de continuarmos a descrever o método pelo qual os átomos são ligados às Mônadas, há ainda um outro fator de que devemos tratar primeiro.

A Segunda Emanação, além do seu trabalho na formação dos Reinos Elementais e outros, traz consigo seres em evolução, em vários estágios de desenvolvimento, que formam os habitantes típicos e normais dos três Reinos Elementais. Esses seres, tendo sido trazidos de uma evolução precedente pelo Logos, são agora enviados a habitar o plano para o qual seu desenvolvimento capacitou-os. Cooperam com o trabalho do Logos e, mais tarde, com o homem, no esquema geral da evolução. Deles derivam os corpos percíveis do homem.

São conhecidos em algumas religiões como Anjos; pelos hindus como Devas - o que significa, literalmente, Seres Resplandecentes. Platão fala deles como "Deuses Menores". É a tradução da palavra "deva" como "deus" que tem levado o pensamento ocidental a muitas interpretações erradas. Os "trinta e três *crores* (330 milhões) de deuses" não são deuses no sentido ocidental do termo, mas Devas ou Seres Resplandecentes.

Há muitos graus deles, inclusive representativos de cada um dos cinco planos inferiores, isto é, os de Atma, Buddhi, Manas, Kama e a parte etérica do plano físico.

Seus corpos são formados da Essência Elemental dos Reinos a que pertencem, o cintilantes e multicoloridos, mudando de forma conforme deseje a própria entidade. Formam vasta hoste, sempre em atividade, trabalhando com a Essência Elemental para melhorar sua qualidade, tomando-a para com ela formar seus próprios corpos, rejeitando-a novamente e tomando outras porções, para tomá-la mais sensitiva.

No Primeiro Reino Elemental, no plano mental superior, bem como no plano causal superior, os Anjos fabricam material pronto para revestir pensamentos abstratos. No Segundo Reino Elemental, no plano mental inferior, fabricam material para revestir pensamentos concretos. No Terceiro Reino Elemental, no plano astral, preparam material para revestir desejos.

No estágio que agora estamos considerando, esse trabalho de aperfeiçoamento da Essência Elemental é o único que lhes cabe. Mais tarde, ocupam-se também e constantemente em modelar formas, em ajudar os Egos humanos a caminho da encarnação, produzindo esses novos corpos, trazendo o material necessário e ajudando em seu arranjo. Quanto menos avançado é o Ego, maior é a atividade dirigente dos Devas. Com os animais eles fazem quase todo o trabalho, e praticamente todo com os vegetais e os minerais. São agentes ativos do Logos, tratando de todos os pormenores do Seu plano-mundo, e ajudando as incontáveis vidas em evolução, a fim de que encontrem o material de que necessitam para seu revestimento e uso. Reunidos a eles está o imenso número dos que pertencem ao reino das fadas, conhecidos como espíritos-da-natureza, duendes, gnomos e inumeráveis outros nomes.

Alguma descrição dessas hostes de seres é dada em *O Corpo Astral* e *O Corpo Mental*, de forma que não há necessidade de descrevê-los aqui. Agora estamos realmente interessados na sua origem, e na parte que tomam no auxílio à Mônada que começa sua evolução nos planos inferiores.

A palavra Deva é, estritamente falando, pouco ampla para abranger *todos* os agentes vivos empregados no trabalho relacionado com as Mônadas e sua longa peregrinação através dos mundos inferiores. Esse trabalho é realizado por nada menos do que sete ordens de seres, conhecidos coletivamente como Hierarquias Criadoras, sendo as próprias Mônadas, curiosamente, uma das sete.

Contudo, para nosso propósito presente, a fim de não tomar demasiadamente complicada e envolvente a descrição, daremos a todas essas ordens o nome de Devas. Em capítulo separado, posterior, voltaremos mais amplamente ao assunto e daremos os nomes e funções (tantos quantos são conhecidos) das sete Hierarquias Criadoras.

Vemos, assim, que antes que qualquer consciência corporificada (a não ser a do Logos e de Suas Hierarquias Criativas) pudesse aparecer, ou fazer qualquer coisa, um vasto trabalho preliminar foi realizado, preparando o "aspecto-forma" do campo da evolução.

Temos agora os três fatores que nos permitem considerar a ligação dos átomos às Mônadas, e que são: 1) os átomos dos vários planos; 2) o fato de as próprias Mônadas estarem preparadas no plano Anupadaka; 3) a assistência dos Devas, sem a qual as Mônadas, por si mesmas, não teriam possibilidade de levar avante sua evolução.

Uma Mônada, como vimos, possui três aspectos de consciência, cada uma das quais, quando chega a ocasião em que o processo evolutivo se inicia, instala o que se pode chamar de onda vibratória, levando assim a matéria atômica a vibrar nos planos de Atma, Buddhi e Manas, que a rodeiam.

Devas de um universo anterior, que já passaram por experiência similar, guiam a onda vibratória do aspecto-Vontade da Mônada para um átomo de Atma que, então, torna-se "ligado" à Mônada e é o seu átomo átmico permanente, assim chamado porque permanece

Com a Mônada durante todo o processo de evolução.

Similarmente a onda vibratória que vem do aspecto-Sabedoria da Mônada é guiada pelos Devas para um átomo de Buddhi, que se torna o átomo búdico permanente. Da mesma forma, também a onda vibratória do aspecto-Atividade da Mônada é guiada pelos Devas e ligada a um átomo de Manas, que se torna o terceiro átomo permanente. Assim é formado Atma-Buddhi-Manas, frequentemente chamado o Raio da Mônada.

O Diagrama IX ilustra o processo que acabamos de descrever.

A descrição gráfica do processo é a seguinte: do luminoso oceano de Atma um delgado fio de luz é separado do resto por uma película de matéria búdica; dela pende uma fagulha que se encerra num envoltório de feitio oval de matéria pertencente aos níveis destituídos de forma do plano mental. "A fagulha pende da flama pelo mais delgado fio de Fohat." (*The Book of Dzyan*, vii. 5.)

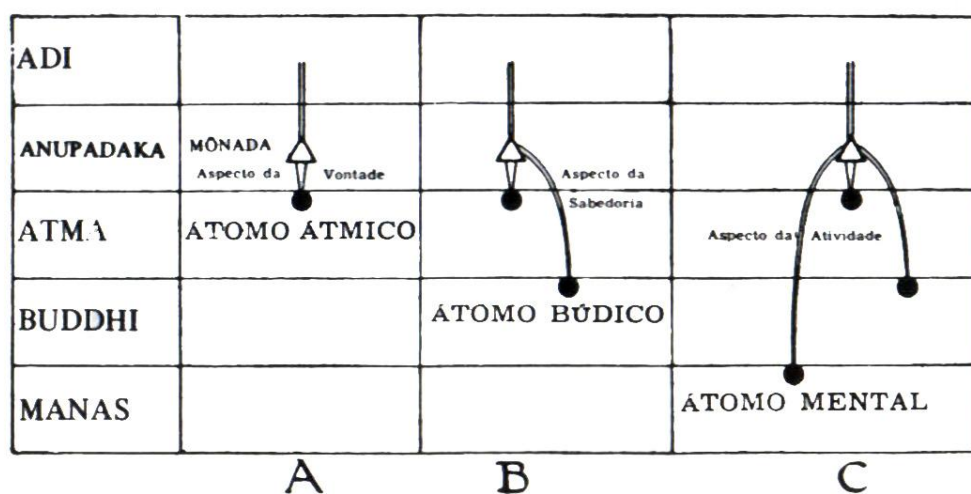


DIAGRAMA IX. Fixação dos Átomos Permanentes, Átmico, Búdico e Mental.

Como ficou dito, os átomos que se ligam às Mônadas tornam-se "átomos permanentes"; H. P. Blavatsky refere-se a eles como. átomos-vída (*A Doutrina Secreta*, ii, 109). Os átomos que restam dos vários planos - os que *não* ficam ligados às Mônadas - permanecem e continuam a ser chamados a Essência Monádica de cada plano. O termo talvez seja um pequeno engano, mas foi dado, antes de mais nada, porque (conforme mencionamos no Capítulo V) a essência nesse estágio é *apropriada* para ser ligada às Mônadas como átomos permanentes, embora nem todas e as estejam assim ligadas.

Atma-Buddhi-Manas, o Raio da Mônada, é também conhecido por muitos outros nomes, tais como o Homem Celestial, o Homem Espiritual, a Tríade Espiritual ou Superior, o Eu Superior, o Eu separado, e assim por diante. O termo Jivatma é também, às vezes, aplicado a ele, embora Jivatma - que pode ser traduzido, literalmente, por Eu-Vida - seja, como é natural, igualmente aplicável à Mônada. E também conhecido como a "humanidade" do Divino Filho do Primeiro Logos, animado pela "Divindade", isto é, pela Mônada. Pode ser visto, ainda, como um Vaso no qual a Mônada derrama a sua vida.

Aqui temos o mistério do Observador, do Espectador, o Atma que não atua, isto é, a Mônada, que - no seu próprio plano - vive sempre em sua mais alta natureza e no mundo

vive pelo seu Raio (Atma-Buddhi-Manas) que, por sua vez, anima suas "sombras", as vidas ou encarnações do eu inferior sobre a terra.

O Diagrama X ilustra a Mônada e sua Tríade Superior.

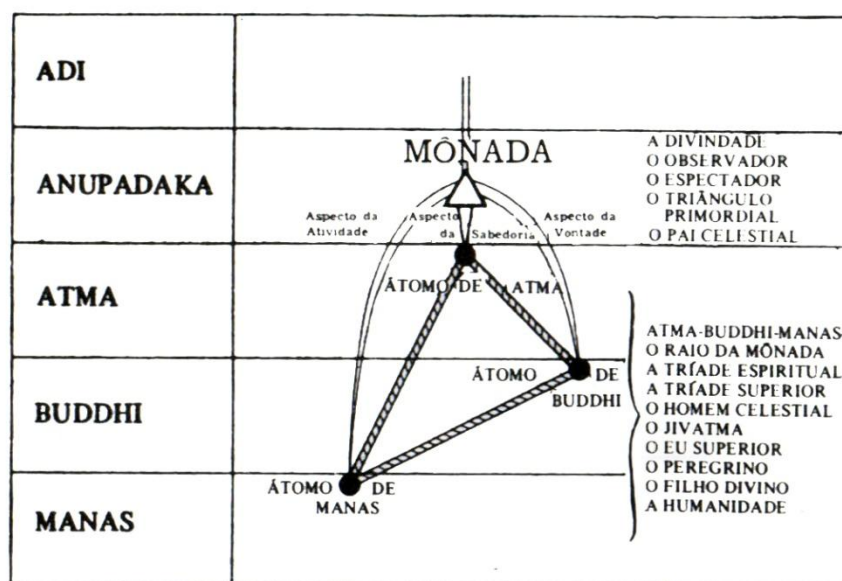


DIAGRAMA X. A Mônada e a Tríade Superior.

E importante lembrar que Atma-Buddhi-Manas, a Tríade Superior, é de natureza idêntica à da Mônada; é, de fato, a Mônada, embora diminuída em sua força pelos véus de matéria que a rodeiam. Essa diminuição de poder não nos deve cegar para a identidade da natureza, porque devemos ter sempre em mente essa consciência humana como uma unidade, embora suas manifestações variem em razão da predominância de um ou outro de seus aspectos, e da relativa densidade dos materiais nos quais um aspecto está trabalhando num dado momento.

Tendo assim a Mônada se apropriado, para seu próprio uso, desses três átomos seu trabalho começou. Ela própria, em sua natureza, não pode descer abaixo do plano Anupadaka; daí dizer-se que ela está em "Silêncio e Escuridão", isto é, não-manifestada. Mas vive e trabalha ali, por meio dos átomos de que se apropriou.

Embora a Mônada, *em seu próprio plano* - o Anupadaka -, naquilo que concerne à sua vida *interior*, seja forte, consciente, capaz, nos planos inferiores - limitados no tempo e no espaço - ela não passa de um germe, um embrião, impotente, insensível, indefeso. Conquanto de início a matéria dos planos inferiores escravize-a, ela irá, lenta e seguramente, modelando-a para obter auto-expressão. Nisso, ela é observada e ajudada pela vida do Segundo Logos, que tudo sustenta e preserva; até que, eventualmente, possa viver nos mundos inferiores por completo, como vive acima, e tornar-se por sua vez um Logos criador, produzindo de si mesma um universo. Porque um Logos não cria do nada: Ele desenvolve tudo de Si próprio.

A manifestação integral dos três aspectos de consciência expressos pela Mônada

ocorre na mesma ordem das manifestações do tríplice Logos no universo. O terceiro aspecto - Atividade - revelado como mente criadora, como o que reúne conhecimento, é o primeiro a aperfeiçoar os seus veículos. O segundo aspecto - Sabedoria - revelado como Razão Pura e Compassiva, ou Intuição, é o segundo a lançar seu brilho: ele é o Krishna, o Cristo, no homem. O primeiro aspecto -, a Vontade -, o divino Poder do Eu, o Atma, é o último a revelar-se.

CAPÍTULO VII

A LIGAÇÃO DOS ÁTOMOS: II. TRÍADE INFERIOR

Formada a Tríade espiritual - Atma-Buddhi-Manns - o calor do fluxo da vida lógica desperta dentro dela ligeiros frêmitos de vida responsiva. Depois de longa preparação, sai da Tríade um fio delgado, como minúscula radícula, um fio dourado de vida revestido de matéria búdica.

Esse fio é, às vezes, chamado Sutratma - literalmente o Fio-Eu - porque as partículas permanentes serão colocadas nele como contas numa linha. A palavra, contudo, é usada de várias maneiras, mas sempre para dar a ideia de um fio reunindo partículas separadas. Assim, é aplicada ao Ego reencarnante como o fio no qual as vidas separadas vão sendo presas; ao Segundo Logos, como o fio no qual os seres do universo são ligados, e assim por diante. Desta forma, mostram mais uma função do que uma entidade especial, ou classe de entidades.

De cada Tríade espiritual surge um desses fios, que de início vagueia sem rumo pelos sete grandes fluxos de vida. Então, cada um deles é preso, tal como acontece no caso da Tríade Superior, por intermédio dos Devas, a uma molécula mental, ou unidade como é habitualmente chamada, sendo essa uma partícula do quarto subplano mental, isto é, o nível mais alto do plano mental inferior.

Em torno dessa unidade mental são reunidas, temporariamente, agregações de essência elemental do Segundo Reino Elemental, espalhadas e reunidas repetidas vezes. Aos poucos as vibrações da essência acordam a unidade mental para tênues respostas, e essas, por sua vez, estremecem fracamente para cima, para a semente de consciência da Tríade, produzindo ali vagos movimentos interiores.

Não se pode dizer que a unidade mental tenha sempre uma forma própria em torno dela, pois pode haver diversas ou grande número de unidades mentais mergulhadas numa dada agregação de essência, enquanto outras agregações podem ter apenas uma, ou nenhuma, unidade mental.

Assim, com inconcebível lentidão, as unidades mentais tomam-se possuidoras de determinadas qualidades, isto é, adquirem o poder de vibrar de certas formas, vibrações relacionadas com o pensamento, e em estágio posterior, tornarão possíveis os pensamentos.

Nisso são ajudadas pelos Devas do Segundo Reino Elemental, que dirigem para elas as vibrações, às quais elas começam gradualmente a responder, e cercam-nas com a essência elemental que eles, os Devas, lançam-lhes de seus corpos.

Além disso, cada um dos sete grupos típicos está separado dos outros por uma delicada parede de essência monádica - matéria atômica animada pela vida do Segundo Logos -, o começo da parede da futura Alma-Grupal.

O Diagrama XI-A ilustra o processo que acabamos de descrever.

Todo o processo é então repetido no próximo nível inferior (ver Diagrama XI-B). O fio-de-vida, envolvido em matéria búdica, ligado com a unidade mental, procura estender-se

para o plano astral, onde, por meios similares, um átomo astral a ele se liga. Em torno desse átomo astral permanente reúnem-se, temporariamente, agregações de essência elemental do Terceiro Reino Elemental, espalhando-se e reagrupando-se como antes.

Seguem-se resultados semelhantes; os átomos astrais são gradualmente despertados para fracas reações, essas reações são transportadas para cima - até a semente da consciência - produzindo ali, mais uma vez, leves movimentos internos. Assim, os átomos astrais permanentes adquirem o poder de vibrar de certas formas, vinculadas com sensação, o que, em estágio posterior, tornará possível a sensação. Como anteriormente, o trabalho tem o auxílio da ação dos Devas do Terceiro Reino Elemental.

A parede divisória de cada um dos sete grupos adquire agora uma segunda camada, formada de essência monádica astral, aproximando-se, assim, de um estágio mais próximo da parede da futura Alma-Grupal.

Contudo, quando a grande Onda-de-vida passa ao plano físico, o processo é mais uma vez repetido (ver Diagrama XI-C). O fio-de-vida, envolvido em matéria búdica, com a unidade mental e o átomo astral permanente unidos, força o caminho para fora e anexa um átomo físico permanente. Em torno desse átomo, a substância etérica reúne-se, como antes. Entretanto, a matéria mais pesada é mais coerente do que a matéria mais sutil dos planos superiores e, conseqüentemente, observa-se um período mais longo de vida.

Então, à medida que os tipos etéricos de protometais e posteriores protometais, metais, não-metais e minerais são formados, os Devas dos subplanos etéricos submergem os átomos físicos permanentes em um ou outro dos sete tipos etéricos aos quais pertencem. É assim que tem início a longa evolução física do átomo permanente.

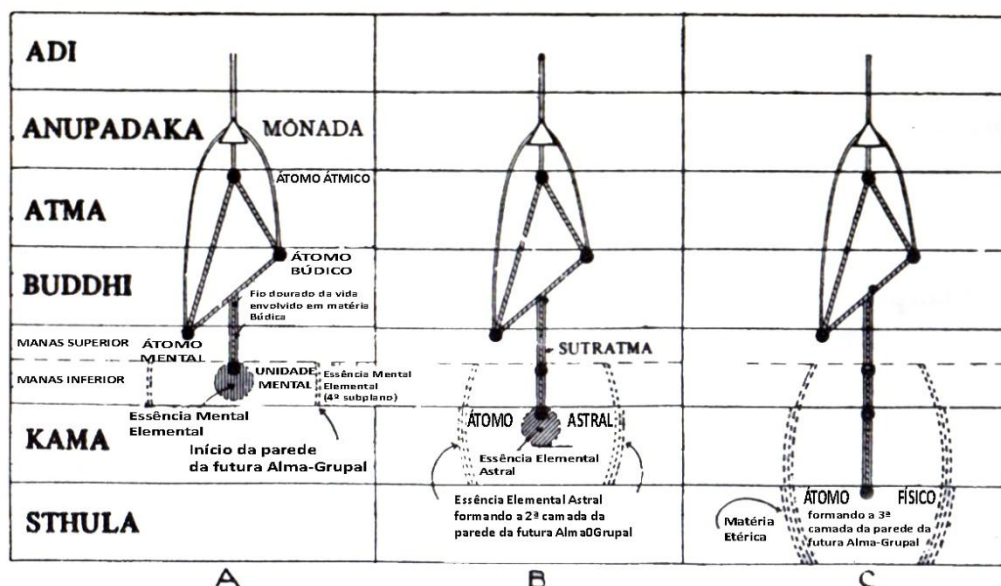


DIAGRAMA XI. Fixação da Unidade Mental e dos Átomos Permanentes Astral e Físico.

Também no subplano atômico do físico, uma terceira camada é acrescentada à parede divisória que formará o envoltório da futura Alma-Grupal.

Dessa maneira está formado aquilo que, com frequência, chama-se de Tríade Inferior, e que consta de uma unidade mental, um átomo astral permanente e um átomo físico permanente.

O Diagrama XII mostra o estágio que agora alcançamos: a Mônada, com seus três aspectos, tendo recebido uma Tríade Superior de Atma-Buddhi-Manas, e a Tríade Superior - por sua vez - tendo sido provida de uma Tríade Inferior de Manas-Kamas-Sthula Inferior.

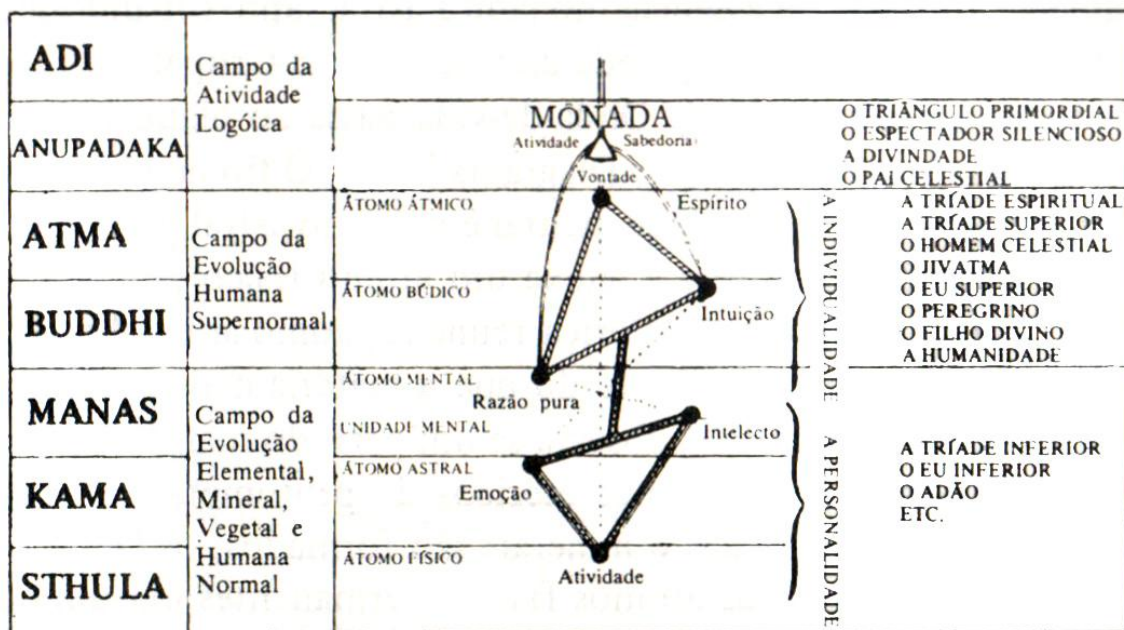


DIAGRAMA XII. A Mônada e seus Átomos.

Devemos recordar que a matéria de cada plano é de sete tipos fundamentais, de acordo com a predominância de um ou outro dos três grandes atributos da matéria - Tamas, Rajas e Sattva. Por isso, os átomos permanentes podem ser escolhidos de qualquer um desses tipos. Parece, contudo, que cada Mônada escolhe todos os seus átomos permanentes do mesmo tipo de matéria. A escolha é feita pela Mônada, embora, como vimos, a ligação, na verdade, seja feita pelos Devas.

A própria Mônada, como é natural, pertence a um dos sete tipos fundamentais de Mônadas, e essa é a sua primeira grande característica determinante, sua "cor", "tônica" ou "temperamento" fundamentais.

A Mônada pode querer usar sua nova peregrinação para o fortalecimento e o aumento dessa característica especial e, nesse caso, os Devas ligarão ao seu Sutratma átomos permanentes pertencentes ao grupo ou tipo de matéria da Mônada. Tal escolha resultaria numa cor secundária - a dos átomos permanentes - enfatizando e fortalecendo a primeira. Na evolução posterior, os poderes e as fraquezas desse temperamento duplo irão revelar-se com grande potência.

Por outro lado, a Mônada pode escolher o uso da sua nova peregrinação para desdobrar outro aspecto de sua natureza. Então, os Devas ligarão ao seu Sutratma átomos

pertencentes a outra matéria-grupo, na qual o aspecto que a Mônada quer desenvolver é predominante. A escolha resultará numa "tônica" secundária ou "temperamento" modificando o primeiro, com os correspondentes resultados numa evolução posterior. Esta última escolha é, obviamente, muito mais frequente, e tende a dar maior complexidade ao caráter, especialmente nos estágios finais da evolução humana, quando a influência da Mônada se faz sentir com maior força.

Embora os átomos permanentes - tanto da Tríade Superior como da Tríade Inferior - pertençam ao mesmo tipo, sendo os corpos da Tríade Superior, uma vez formados, relativamente permanentes, reproduzem, de forma definitiva, a tônica de seus átomos permanentes. No caso, porém, dos corpos da Tríade Inferior, várias outras causas operam para a determinação da escolha da matéria para tais corpos.

A Mônada não pode exercer ação *direta* sobre os átomos permanentes, nem tal ação direta pode ocorrer, até que a Tríade Superior tenha alcançado um alto estágio de evolução. Mas a Mônada pode afetar, e afeta, a Tríade Superior e através disso exerce uma ação *indireta* e contínua sobre os átomos permanentes.

A maior parte da energia e toda a capacidade diretiva da Tríade Superior derivam do Segundo Logos. Mas sua própria atividade especial nada tem com o trabalho modelador e construtor do Segundo Logos, sendo essa atividade antes dirigida para a evolução dos próprios átomos em associação com o Terceiro Logos. Essa energia que vem da Tríade Superior limita-se aos subplanos atômicos e, até a Quarta Ronda, parece gastar-se principalmente com os átomos permanentes.

O objetivo dos átomos permanentes é, sem dúvida, o de preservar dentro de si, como poderes de vibração, os resultados de todas as experiências pelas quais passaram. Podemos tomar o átomo físico permanente como exemplo desse processo.

Um impacto físico de qualquer tipo desencadeará, no corpo contra o qual se realiza, vibrações correspondentes às que lhe forem próprias. Essas vibrações serão transmitidas ao átomo físico permanente por concussão direta, se forem violentas e, em todos os casos, pela teia búdica de vida.

Tal vibração, forçada do exterior sobre o átomo, inicia nele um poder vibratório, uma tendência para repetir a vibração. Assim, através da vida inteira do corpo físico, cada impacto deixa uma impressão sobre o átomo físico permanente. Dessa maneira, ao fim da vida do corpo físico, o átomo físico permanente armazenou inumeráveis poderes de vibração.

Verifica-se o mesmo processo no caso do átomo permanente ou unidade em cada um dos corpos do homem. Além disso, o estudante estará agora familiarizado com o fato de que os átomos permanentes - como implica seu nome - permanecem com a entidade humana através de todas as suas encarnações, sendo, na realidade, as *únicas* porções de seus vários corpos que sobrevivem e se conservam permanentemente com o Ego em evolução no corpo causal.

O vórtice, que é o átomo, é a vida do Terceiro Logos; a parede do átomo, gradualmente formada sobre a superfície desse vórtice, faz-se pela descida da vida do Segundo Logos. Mas o Segundo Logos traça apenas levemente o desenho dos espirilos, como delgados canais: Ele não os vivifica.

É a vida da Mônada que, fluindo para baixo, vivifica o primeiro dos espirilos, tornando-o parte funcional do átomo. Isso ocorre na Primeira Ronda. Em cada Ronda sucessiva, da mesma maneira, outros dos espirilos são fortificados e postos em atividade.

A primeira série de espirilos é usada pelo prana, que afeta o corpo físico denso; a segunda série, com o prana usado pelo duplo etérico; a terceira série, com o prana afetando o corpo astral, desenvolve o poder de sensação; a quarta série é usada pelo prana de Kama-Manas, pondo-o em condições de ser usado para a construção de um cérebro como instrumento do pensamento.

Como estamos agora na Quarta Ronda, o número normal de espirilos em trabalho é o de quatro, tanto nos átomos permanentes como nos átomos comuns, não ligados. Mas, no caso de um homem altamente desenvolvido, o átomo permanente pode ter cinco espirilos em trabalho, ou mesmo seis. A quinta série de espirilos em curso normal será desenvolvida na Quinta Ronda, mas as pessoas adiantadas, como ficou dito, podem desenvolver - através de certas práticas da loga - igualmente, tanto a quinta como a sexta série de espirilos.

Juntamente com os próprios átomos permanentes, a Mônada também começa a trabalhar de forma semelhante com os outros átomos que são atraídos em torno do átomo permanente. Tal vivificação, contudo, é apenas temporária, e, quando o corpo físico se desagrega, esses átomos retornam ao depósito geral de matéria atômica. Podem, então, ser tomados e usados por alguma outra Mônada, sendo agora, como é natural, mais facilmente vivificados, dadas as suas experiências anteriores.

Esse trabalho realiza-se com todos os átomos permanentes da Mônada; tais átomos, por sua associação com a Mônada, desenvolvem-se mais rapidamente do que poderiam fazê-lo.

CAPÍTULO VIII

AS HIERARQUIAS CRIATIVAS

Conforme prometemos no Capítulo VI, vamos agora descrever com maiores detalhes as hierarquias de seres de vários graus de poder e inteligência, que constroem o universo e ajudam as Mônadas a empreenderem sua vasta peregrinação através dos mundos da matéria.

A informação de que dispomos no momento é, de certa forma, fragmentada e mal-definida; porém, mesmo reconhecendo isso, devemos tentar obter o máximo dos poucos fatos que estão à nossa disposição.

Já vimos que a Existência Una, o Supremo, do Qual provém toda a vida manifestada, expressa-Se de tríplice forma, como a Trimurti, a Trindade. Isso, naturalmente, é conhecido, sob muitos nomes, em praticamente todas as religiões, por exemplo: Sat, Chit, Ananda; Brahma, Vishnu, Shiva; Ichchha, Jnana, Kriya; Cochmah, Binah, Kepher; Pai, Filho, Espírito Santo; Poder, Sabedoria, Amor; Verdade, Sabedoria, Atividade etc. etc.

Em torno da Trindade primária, na luz que vem dela, encontramos Aqueles que são chamados os Sete. O hindu fala dos sete filhos de Aditi: eles têm sido chamados os Sete Espíritos do Sol; no Egito, foram conhecidos como os sete Deuses-Misteriosos; no zoroastrismo, são chamados os sete Amshaspendas; no judaísmo são os sete Sephiroths; entre os cristãos e muçulmanos são os sete Arcanjos, os Sete Espíritos que estão diante do Trono. Em Teosofia são chamados, habitualmente, os sete Logos Planetários, cada qual administrando seu próprio departamento do sistema solar. Sempre foram identificados com os sete planetas sagrados, que são seus corpos físicos.

Em torno dos Sete, em amplo círculo, vêm as Hierarquias Criadoras, como são chamadas as Doze Ordens Criadoras do Universo. São encabeçadas pelos Doze Grandes Deuses que aparecem nas antigas histórias e estão simbolizados pelos Signos do Zodíaco que nos são familiares. Porque o Zodíaco é uma concepção simbólica muito antiga, no qual está escrito o plano do sistema solar.

Quando se diz que um planeta "rege" ou é o Senhor de um dos Signos do Zodíaco, o que se quer dizer é que o Espírito Planetário, ou Logos, tem domínio sobre uma das doze Hierarquias Criadoras que, sob o Seu controle e direção, constrói Seu reino e ajuda a Mônada a evoluir.

As doze Hierarquias criadoras estão, assim, intimamente relacionadas com a construção do universo. Essas Hierarquias de Inteligência completaram sua própria evolução em kalpas ou universos passados e tornaram-se, com isso, co-trabalhadoras da *Vontade Una*, com Ishvara, para que fosse plasmado um novo universo, ou Brahmanda. São as Arquitetas, as Construtoras dos sistemas solares. Preenchem nosso sistema solar, e a elas devemos nossa evolução espiritual, intelectual e física. São elas que despertam a consciência da Mônada e de seu Raio para o "enevado senso dos outros" e do "Eu" e, com isso, uma vibração de anseio para um sentido mais definido do "Eu" e de "outros". Isto representa a "Vontade-de-viver individual" que as faz descer para mundos mais densos,

onde só então essa definição mais nítida torna-se possível.

No presente estágio da evolução, quatro das doze Hierarquias Criadoras passaram além da liberação, e uma está chegando ao limiar da liberação. Assim, cinco ultrapassaram mesmo os maiores e mais desenvolvidos Mestres do nosso mundo. Portanto, restam apenas sete, das quais temos de tratar.

Parte do trabalho que algumas delas fazem, isto é, a ligação dos átomos permanentes, já foi descrito nos Capítulos VI e VII. Para efeito de complementação, isso será agora repetido com os pormenores de que dispomos, todo o trabalho sendo classificado em departamentos pelos quais cada uma das Hierarquias restantes é responsável.

A. AS ORDENS CRIADORAS ARUPA

1. A Primeira das Ordens Criadoras Arupa, ou Sem-Forma, é descrita com palavras relacionadas com fogo. Fala-se delas como Sopros Ardentes Sem-Forma, Senhores do Fogo, Flamas Divinas, Fogos Divinos, Leões Ardentes, Leões da Vida. São chamadas, também, Vida e Coração do universo, o Atma, a Vontade cósmica.

Através delas vem o divino Raio de Paramatma, que desperta Atma nas Mônadas.

2. A Segunda Ordem é dupla em sua natureza, e é conhecida como "unidades duplas" representando Fogo e Éter, Simbolizam o Buddhi cósmico, a Sabedoria do sistema, a Razão manifestada.

Sua função é despertar Buddhi nas Mônadas.

3. A Terceira Ordem é conhecida como "as Tríades", representando Fogo, Éter e Água. Simbolizam Mahat, o Manas cósmico ou Atividade.

Sua função é despertar Manas nas Mônadas.

B. AS ORDENS CRIADORAS RUPA

4. A Quarta Hierarquia Criadora consiste nas próprias Mônadas.

À primeira vista, pode parecer curioso que as próprias Mônadas devam ser classificadas com as outras Ordens; mas, se pensarmos um pouco, veremos que a classificação é adequada, tendo as Mônadas, claramente, muito que ver com a sua própria evolução. Não são absolutamente as intervenções externas que determinam sozinhas sua involução e evolução. Recapitulemos, sucintamente, alguns dos fatores devidos às próprias Mônadas:

(1) Sendo do Primeiro Logos, Seu desejo de manifestação é também o desejo delas: são auto-impelidas.

(2) São as Mônadas que "despedem brilho", enviando sua vida para fora, para que ela construa o Raio ou a Tríade Superior e trabalhe através dela.

(3) São as Mônadas que escolhem a classe de átomos permanentes que devem ser a ela ligados.

(4) A Terceira Emissão, que resulta na formação do corpo causal, vem através das

próprias Mônadas.

(5) As próprias Mônadas derramam sua vida, vivificando os espirilos nos átomos, tanto os permanentes como os outros.

(6) Conforme avança a evolução, as Mônadas derramam continuamente, cada vez mais, a sua vida, conseguindo - cuidadosa e gradualmente - entrar em contato com seus Raios - a Individualidade e, através desta, também com a Personalidade.

5. A Quinta Hierarquia Criadora é chamada a de Makara, e tem por símbolo o pentágono. Nela estão presentes os aspectos duplo espiritual e duplo físico da natureza, o positivo e o negativo, em guerra um contra o outro. São eles os "rebeldes" de muitos mitos e lendas. Alguns deles são conhecidos como Asuras e são frutos da Primeira Cadeia. São seres de grande conhecimento e poder espiritual. Bem dentro deles escondem o germe da Ahamkara, a faculdade de fazer-o-eu, necessária para a evolução humana.

A Quinta Hierarquia guia a onda vibratória do Aspecto de Atma da Mônada para um átomo de Atma, que se liga como um átomo permanente.

6. A Sexta Hierarquia Criadora contém algo do que é conhecido co-Agnishvattas, e também como "Dhyanis sêxtuplos". São frutos da Segunda Cadeia Planetária.

Essa Hierarquia inclui, também, grandes hostes de Devas.

Eles guiam a onda vibratória do aspecto-Sabedoria da Mônada para o átomo búdico permanente. Além disso, dão ao homem *tudo*, menos o Atma e o corpo físico; assim, são chamados os "doadores dos cinco princípios intermediários". Guiam a Mônada na obtenção dos átomos permanentes (incluindo, naturalmente, a unidade mental) relacionados com esses princípios, isto é, Buddhi, Manas, Manas Inferior, Kama, e o Duplo Etérico.

Ocupam-se especialmente com a evolução intelectual do homem.

7. A Sétima Hierarquia Criadora contém o que é conhecido como Pitris Lunares, ou Pitris Barhishad: são frutos da Terceira Cadeia. Eles têm conexão com a evolução física do homem.

Há muitas hostes de Devas também pertencentes à Sétima Hierarquia, os Espíritos-da-Natureza inferiores, que se relacionam com a real construção do corpo do homem.

Para conveniência do estudante segue-se uma exposição tabulada sobre as Hierarquias Criadoras.

AS SETE HIERARQUIAS CRIADORAS

Classe	Nº	Nome	Função de Evolução nas Mônadas	Notas
A R U P A R U P A	1	Sopros Ardentes	Acordar Atma	
	2	Unidades duplas	Acordar Buddhi	
	3	Tríades	Acordar Manas	
	4	Mônadas	Vontade de se manifestar. Resplandecer e formar o Raio. Escolher a classe de átomos permanentes. Canais para a Terceira Emissão. Vivificar espirilos dos átomos. Influenciar a Individualidade e a Personalidade.	
	5	Makara (inclusive Asuras)	Ligar o átomo de Atma.	Asuras são fruto da Primeira Cadeia.
	6	Anishvattas	Dar 5 “princípios intermediários”. Ligar 4 átomos permanentes e a unidade mental. Ocupar-se com a evolução intelectual do homem.	Fruto da Segunda Cadeia.
	7	Barhisads	Ocupar-se com a evolução física do homem.	Fruto da Terceira Cadeia.

CAPÍTULO IX

ALMAS-GRUPAIS

Chegamos agora ao estágio em que cada Mônada recebeu uma Tríade Superior - consistindo num átomo permanente dos planos de Atma, Buddhi e Manas - e uma Tríade Inferior consistindo numa unidade mental, um átomo astral e um átomo físico permanentes. Essas partículas de matéria são, naturalmente, simples núcleos que possibilitam à Mônada, através do seu "raio", entrar em contato com os vários planos, e construir corpos ou veículos através dos quais ela possa reunir experiência e aprender a expressar-se naqueles planos de existência.

A fim de compreender o mecanismo através do qual tais resultados são obtidos, devemos, a seguir, estudar o fenômeno conhecido como Almas-Grupais.

Já vimos que os átomos da Tríade Inferior são ligados a Sutratma, ou fio-da-vida, delgadas películas de matéria que surgem, separando os sete principais tipos de tríades um do outro. Assim são formados os sete grupos primários, ou "raios" de tríades, que - nos vários reinos de vida - pelas repetidas divisões e subdivisões, darão origem, eventualmente, a um grande número de Almas-Grupais.

Esses sete grandes tipos ou "raios" de Almas-Grupais permanecem separados e distantes através de todas as vicissitudes da sua evolução; isso quer dizer que os sete grupos desenvolvem-se em fluxos paralelos, que jamais se unem ou se mesclam uns aos outros. Os sete tipos são claramente distinguíveis em todos os reinos, as formas sucessivas tomadas por cada um deles produzindo uma série conjugada de elementais, minerais, vegetais ou animais, conforme seja o caso.

As sete Almas-Grupais Primárias aparecem como formas vagas, transparentes, flutuando no grande oceano de matéria como balões poderiam flutuar no mar. São vistas primeiro no plano mental, tornando-se mais claramente delineadas no plano astral, e mais ainda no plano físico.

Flutuam, uma em cada um dos setes fluxos principais da Segunda Onda-de-vida.

Dentro de cada Alma-Grupal Primária há, naturalmente, inumeráveis Tríades Inferiores, cada qual conjugada, por um fio dourado e radiante, à sua Tríade Superior, as quais, por sua vez, são dependentes da Mônada que se suspende sobre elas. Por enquanto, em torno das Tríades, não há a teia dourada de vida; elas só passarão a existir quando o reino mineral for alcançado.

O Diagrama XIII ilustra toscamente o estágio agora obtido. O pequeníssimo número de Tríades, que as limitações do espaço possibilitam mostrar nas sete Almas-Grupais, deve ser considerado como representativo de número imensamente maior que está, naturalmente, em conexão com as Tríades superiores e as Mônadas.

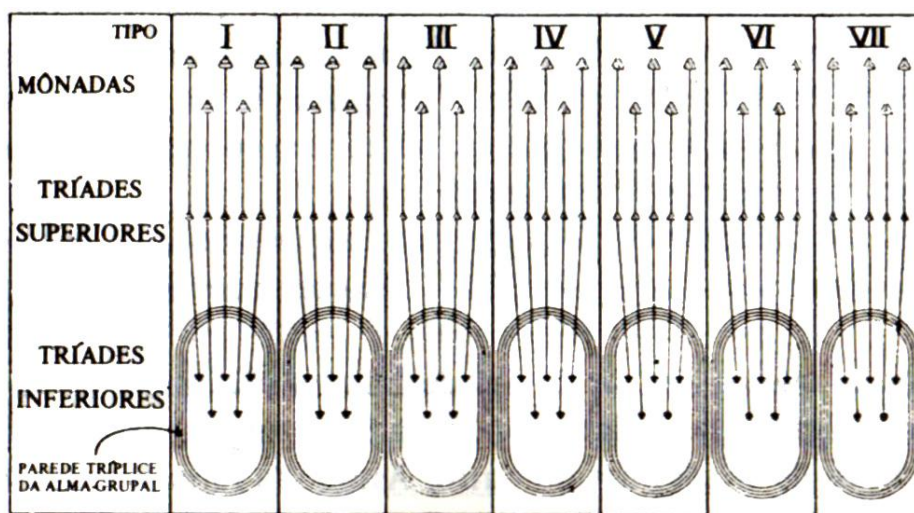


DIAGRAMA XIII. As Sete Almas-Grupais Primárias.

O estágio indicado no diagrama é aquele em que a delgada película, ou véu, que separa as sete Almas-Grupais Primárias, recebeu suas três camadas. Essas camadas consistem em essência mental elemental, essência monadica astral e matéria atômica do plano físico. Como ficou dito antes, essas películas ou véus irão formar, eventualmente, as paredes ou envoltórios das Almas-Grupais propriamente ditas.

Devemos observar que esses envoltórios são formados de substância da mesma matéria-grupo a que as próprias Tríades pertencem.

O plano geral do processo evolutivo - mais exatamente, do processo involutivo - é, como vimos, uma diferenciação gradual do grande fluxo da vida divina, até que, depois de repetidas divisões e subdivisões, obtém-se a definitiva individualização como ser humano; depois disso, nenhuma subdivisão mais é possível, já que uma entidade humana é uma unidade indivisível ou "alma".

Assim, Almas-Grupais, que existem nos reinos mineral, vegetal e animal, representam o estágio intermediário que leva a completar a diferenciação em entidades humanas separadas, ou unidades. Por isso, nos três reinos mencionados não encontramos uma alma em um bloco de mineral, em uma planta ou em um animal. Ao invés disso, encontramos um bloco de vida - se podemos usar essa expressão - animando uma vasta quantidade de substância mineral, uma grande porção de plantas ou de animais. Mais adiante trataremos disso em pormenor, ficando, no momento, na consideração da função geral e do propósito das Almas-Grupais.

A melhor analogia física de uma Alma-Grupal talvez seja aquela, oriental, da água num balde. Se um copo d'água for tirado do balde, ele representa a alma - ou porção de alma - de, digamos, uma única planta ou animal. Naquele momento a água do copo está bem separada daquela que está no balde e, além disso, toma a forma do copo que a contém.

Assim, uma porção de uma Alma-Grupal pode ocupar e vivificar uma forma vegetal ou animal.

Um animal - durante sua vida no plano físico e depois disso, durante algum tempo no plano astral - tem uma alma, tão separada como a de um homem; mas, quando o animal

chega ao fim de sua vida astral, aquela alma não reencarna em um corpo isolado e sim retoma a Alma-Grupal, que é uma espécie de reservatório de matéria-alma.

Em nossa analogia, a morte de um animal seria representada pelo retorno da água do copo ao balde de onde fora tirada. Assim como a água torna-se completamente misturada e unida com a água do balde, a porção de alma daquele animal em particular torna-se misturada e incorporada à alma total, na Alma-Grupal. E tal como não seria possível retirar novamente do balde outro copo que contivesse as mesmas moléculas de água, não é possível que, numa Alma-Grupal, a mesma porção da alma total habite outra forma animal particular.

Prosseguindo com a analogia, é claro que poderíamos, ao mesmo tempo, encher muitos copos com água do balde. É igualmente possível que muitas formas animais sejam animadas e vivificadas pela mesma Alma-Grupal.

Além disso, se supomos que um dado copo de água torna-se colorido com uma tonalidade que lhe seja própria, então, quando a água é devolvida ao balde, aquela matéria corante será distribuída por toda a água do balde e a cor dessa água ficará, até certo ponto, modificada.

Se considerarmos que a matéria corante representa experiências ou qualidades adquiridas por um animal em particular, então, quando a porção de alma que vivifica esse animal retoma para sua Alma-Grupal, tais experiências ou qualidades tornar-se-ão parte do conteúdo geral de toda a Alma-Grupal; cada uma das outras partes compartilhará delas em igualdade, embora em grau menor do que no caso do animal com as quais elas ocorreram; isto é, podemos dizer que as experiências, concentradas num animal em particular, espalham-se de forma diluída sobre toda a Alma-Grupal à qual esse animal está ligado.

Há uma semelhança exata entre a Alma-Grupal nos Reinos Mineral, Vegetal, Animal e uma criança em sua vida pré-natal. Assim como a criança é nutrida pelo fluxo de vida da mãe, o envoltório protetor da Alma-Grupal nutre as vidas que estão ali dentro, recebendo e distribuindo as experiências acumuladas.

A vida circulante é a dos pais; as plantas ou animais jovens ainda não estão preparados para a vida individual e deles dependem para a sua nutrição. Assim, as vidas que germinam no mineral, no vegetal e no animal são alimentadas pelo envoltório de essência elemental e monádica, vibrando com a vida logóica.

Nesses estados precoces da Alma-Grupal, a evolução das vidas depende de três fatores: (a) primeiro, e principalmente, da vida nutriente do Logos; (b) da orientação cooperadora dos Devas; (c) de sua própria e cega pressão contra os limites da forma que a enclausura.

O mecanismo geral do processo pelo qual, através dessas três interferências, os poderes vibratórios dos átomos das Tríades Inferiores são despertados, é o seguinte:

O Segundo Logos, agindo no envoltório da Alma-Grupal, energiza os átomos físicos permanentes que estão mergulhados, pela ação dos Devas, nas várias condições oferecidas pelo reino mineral, onde cada átomo é ligado a muitas partículas minerais. As experiências - que consistem em calor, frio, ventos, pressão, estremecimentos etc. -, através das quais as substâncias minerais passam, são transportadas para os átomos físicos permanentes ligados, despertando, assim, respostas vagas de harmoniosa vibração, vindas da consciência

interior profundamente adormecida.

Quando um átomo permanente alcança certa capacidade de resposta, ou quando uma forma mineral, isto é, as partículas às quais o átomo permanente está ligado se rompe, a Alma-Grupal recolhe em si mesma esse átomo.

As experiências adquiridas por esse átomo - isto é, as vibrações que foi forçado a executar - permanecem nele como poderes de vibração de formas particulares, em resumo, como poderes vibratórios. Tendo o átomo permanente perdido sua incorporação em forma mineral, fica, por assim dizer, despido em sua Alma-Grupal: ali continua a repetir as vibrações que aprendeu, repetindo sua experiência de vida, produzindo pulsações que percorrem o envoltório da Alma-Grupal e são dali transportadas para outros átomos permanentes contidos nessa Alma-Grupal. Assim, cada átomo permanente afeta e auxilia todos os outros.

Agora, vem outro fenômeno importante. É claro que aqueles átomos permanentes que tiveram experiências similares em suas características serão mais fortemente afetados uns pelos outros do que aqueles cujas experiências foram diferentes. Assim, dentro da Alma-Grupal, ocorrerá certa segregação e em breve uma delgada parede de separação, vinda do envoltório, nascerá para dentro dividindo esses grupos segregados entre si.

Voltando ao símile da água no balde, podemos imaginar uma película apenas perceptível formando-se através do balde. De início, até certo ponto, a água filtra-se através dessa barreira; mas, ainda assim, os copos d'água tirados de um lado retornam sempre para o mesmo lado, de forma que, gradualmente, a água de um lado distingue-se da água do outro lado. Então, vai aos poucos adensando-se e torna-se impenetrável, de forma que, eventualmente, ao invés de uma, existirão duas porções distintas de água.

De maneira semelhante, após algum tempo, a Alma-Grupal divide-se por fissão e forma duas Almas-Grupais. O processo é repetido muitas e muitas vezes, produzindo um número sempre crescente de Almas-Grupais, com conteúdos que mostram uma distinção de consciência também sempre crescente, embora, naturalmente, ainda compartilhando de certas características fundamentais.

As leis segundo as quais os átomos permanentes de uma Alma-Grupal são mergulhados nos reinos da natureza ainda não estão claras. Há indicações de que a evolução do mineral, do vegetal e da parte inferior do reino animal pertence antes à evolução da própria terra do que à das Tríades, representando as Mônadas, que estão se desenvolvendo no sistema solar e que, na devida ocasião, vêm à terra para - através das condições que ela oferece - prosseguir em sua evolução.

Assim, a relva e as plantas pequenas de todo o tipo parecem relacionadas com a própria terra - mais ou menos como os cabelos do homem relacionam-se com seu corpo - e não estão conjugadas às Mônadas e suas Tríades. A vida na relva etc. parece ser a do Segundo Logos, a qual a mantém ao mesmo tempo como forma; enquanto a vida nos átomos e moléculas que a compõem é, naturalmente, a do Terceiro Logos, modificada não só pelo Logos Planetário do nosso sistema de Cadeias, mas também por uma entidade, de certa forma obscura, conhecida como Espírito da Terra. Assim, esses reinos, embora ofereçam um campo de evolução para as Mônadas e suas Tríades, não parecem, de forma alguma, existir apenas para tal propósito.

Por isso encontramos átomos permanentes espalhados através dos reinos vegetal e mineral, embora ainda não compreendamos as razões que governam sua distribuição. Um átomo permanente, por exemplo, pode ser encontrado numa pérola, num rubi ou num diamante. Muitos serão encontrados espalhados através de filões de minério, e assim por diante. Mas, por outro lado, muitas substâncias minerais parecem não conter quaisquer átomos permanentes.

O mesmo acontece com as plantas que têm vida breve. Em plantas de longa duração, como as árvores por exemplo, átomos permanentes são constantemente encontrados. Mas também nesse caso a vida da árvore parece estar mais intimamente relacionada com a evolução Deva do que com a evolução da consciência, à qual o átomo permanente está ligado.

Portanto, é antes como se, em benefício do átomo permanente, houvesse vantagem na retirada da evolução da vida e da consciência na árvore. Assim, o átomo permanente pode ser visto mais como um parasita, beneficiando-se da vida mais altamente desenvolvida na qual se banha. O estudante deve compreender que, no presente momento, nosso conhecimento sobre tais assuntos é extremamente fragmentário.

Tendo estudado a natureza geral e as funções das Almas-Grupais, podemos passar a considerar, mais pormenorizadamente, as Almas-Grupais Mineral, Vegetal e Animal, começando com a Alma-Grupal Mineral.

CAPÍTULO X

ALMAS-GRUPAIS MINERAIS

O Diagrama XIV é uma tentativa para ilustrar uma Alma-Grupal Mineral. Pode-se ver que a parede, ou envoltório, da Alma-Grupal tem três camadas: a externa, composta de material atômico físico; a central, feita de essência monádica astral; e a interior, de essência elemental, isto é, de matéria do quarto subplano mental.

Uma Alma-Grupal Mineral pode, assim, ser definida como uma coleção de Tríades, incluídas num envoltório tríplice que consta de essência elemental mental, essência monádica astral e matéria atômica física.

Dentro da Alma-Grupal aparecem algumas Tríades Inferiores ligadas, naturalmente, às suas respectivas Tríades Superiores; estas, por sua vez, estão vinculadas às suas Mônadas, que as sobrepõem. Nesse momento, essas Tríades dentro da Alma-Grupal não estão mergulhadas em qualquer substância mineral.

Abaixo da Alma-Grupal vê-se uma certa quantidade de formas irregulares, que pretendem representar grupos ou blocos de substâncias minerais. Dentro de alguns desses blocos pode-se ver algumas Tríades Inferiores, cujas linhas ascendentes indicam que pertencem à Alma-Grupal-Mãe, que paira sobre elas.

Na extrema direita do diagrama aparece um bloco de substância mineral que, ao que se supõe, foi de certa forma espalhada, o que a faz partida em fragmentos. A Tríade Inferior, que foi previamente imersa nessa substância, aparece no ato de recolher-se em direção de sua Alma-Grupal-Mãe, tal como foi descrito algumas páginas atrás.

Pode-se dizer que o habitat da Alma-Grupal Mineral é o de seu envoltório mais denso, isto é, o físico. Em outras palavras, o trabalho mais ativo da Alma-Grupal Mineral é feito no plano físico.

Cada Tríade Inferior tem de passar através do reino mineral, sendo este o local em que a matéria alcança sua forma mais grosseira, e onde a grande Onda-de-vida alcança o limite de sua descida e volta-se para iniciar a escalada de retorno.

Além disso, a consciência física é a primeira a ser despertada; é no plano físico que a vida deve voltar-se definitivamente para fora e reconhecer os contatos com o mundo exterior. A consciência aprende paulatinamente a reconhecer os impactos vindos do exterior, a relacioná-los com o mundo externo, e a compreender como suas as modificações que se realizam em consequência desses impactos. Em outras palavras, é no plano físico que a consciência se torna, pela primeira vez, autoconsciência.

Através de prolongadas experiências, a consciência sente prazer ou dor surgindo desses impactos; identifica-se com esse prazer ou dor e começa a ver aquilo que toca sua superfície externa *não* como *ela mesma*. Assim se forma a primeira distinção rude entre o "Não-Eu" e o "Eu".

À proporção que as experiências se acumulam, o "Eu", através de toda a sua evolução futura, recuará para o interior, afastando um véu de matéria após o outro como pertencentes ao "Não-Eu". Mas, enquanto suas conotações se modificam muito, a distinção

fundamental entre sujeito e objeto permanece sempre. "Eu" é a consciência que quer, pensa, sente, age; "Não-Eu" é aquilo *sobre* o que a consciência quer, pensa, sente, ou age.

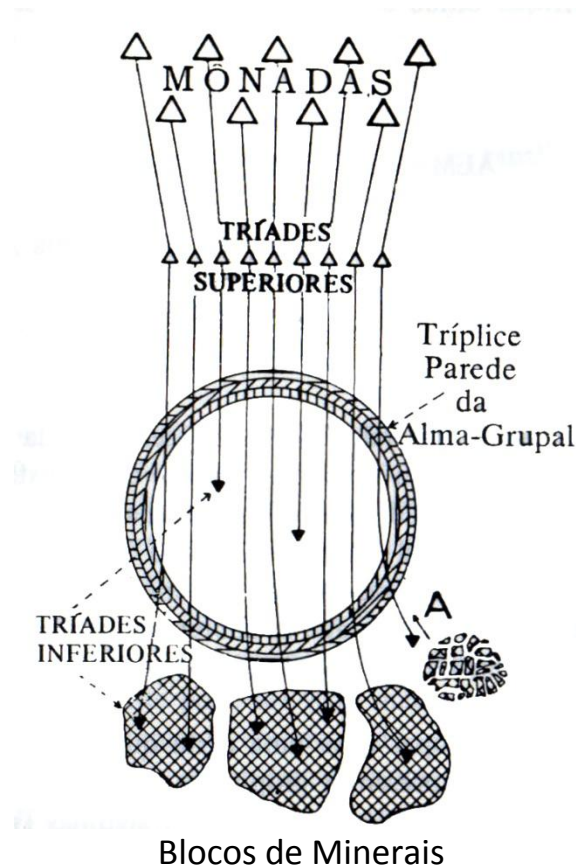


DIAGRAMA XIV. Uma Alma-Grupal Mineral.

Assim, conforme dissemos, a consciência desperta no plano físico, e se expressa através do átomo físico permanente. Nesse átomo ela está adormecida: "Está adormecida no mineral", segundo o famoso aforismo; ali, certo grau do despertar deve acontecer, de forma que ela possa ser acordada de seu sono sem sonhos e tornar-se suficientemente ativa para passar ao estágio seguinte - o do reino vegetal, onde está destinada a "sonhar".

No reino mineral as respostas da consciência aos estímulos externos são muito maiores do que se pode, de fato, compreender; algumas delas indicam que mesmo no átomo astral permanente há o nascimento da consciência. Assim, elementos químicos mostram diferentes atrações mútuas e compostos químicos são continuamente rompidos, quando outro elemento é introduzido. Dois elementos, formando um sal de prata, por exemplo, podem ser subitamente separados um do outro na presença de ácido clorídrico: a prata une-se ao cloro do ácido e deixa o hidrogênio do ácido formar uma nova associação ou composto com o elemento descartado, que antes estava unido à prata.

Quando esse intercâmbio ativo se verifica, há um ligeiro frêmito no átomo astral, em consequência das violentas vibrações físicas surgidas pela formação, ou desligamento, de laços íntimos.

Assim a consciência astral vai sendo aos poucos despertada no físico; por aqueles ligeiros frêmitos, uma pequena nuvem de matéria astral reúne-se em torno do átomo astral

permanente. Contudo, essa matéria astral é muito frouxamente mantida e parece bastante desorganizada.

Nessa altura, não se nota qualquer vibração na unidade mental.

Ainda não foi feita uma lista pormenorizada de minerais, plantas, ou animais dos sete Raios ou tipos, mas a seguinte lista de joias e minerais é um início da classificação que, sem dúvida, um dia será feita.

Raio	Joia na Cabeça do Raio	Outras Joias no mesmo Raio
1	Diamante	Cristal de Rocha.
2	Safira	Lápis-lazuli, Turquesa, Sodalita.
3	Esmeralda	Água-marinha, Jade, Malaquita.
4	Jaspe	Calcedônia, Ágata, Serpentina.
5	Topázio	Citrina, Esteatita.
6	Rubi	Turmalina, Granada, Cornalina, Carbúnculo, Tulita, Rodonita.
7	Ametista	Pórfiro, Violana.

CAPITULO XI

ALMAS-GRUPAIS VEGETAIS

No Diagrama XV está ilustrada uma Alma-Grupal Vegetal. Pode-se observar que o envoltório da Alma-Grupal tem apenas duas camadas. A externa é composta de essência monádica astral, isto é, de matéria atômica astral; a interior é de essência elemental mental, ou matéria do quarto subplano mental. Para o fortalecimento de seus próprios corpos etéricos, a camada física que envolve a Alma-Grupal Mineral desapareceu, como que absorvida pelo conteúdo da Alma-Grupal.

Dentro da Alma-Grupal vemos algumas Tríades Inferiores ligadas às suas respectivas Tríades Superiores; estas, por sua vez, ligadas às Mônadas que as sobrepõem. As Tríades Inferiores, dentro da Alma-Grupal, não são, no momento, diretamente associadas com qualquer vida vegetal.

Abaixo da Alma-Grupal vê-se certo número de formas que pretendem indicar grupos de plantas ou de vidas vegetais. Dentro de algumas delas encontramos certas Tríades Inferiores; as linhas entre elas e a Alma-Grupal indicam que pertencem à Alma-Grupal-Mãe, que paira sobre elas.

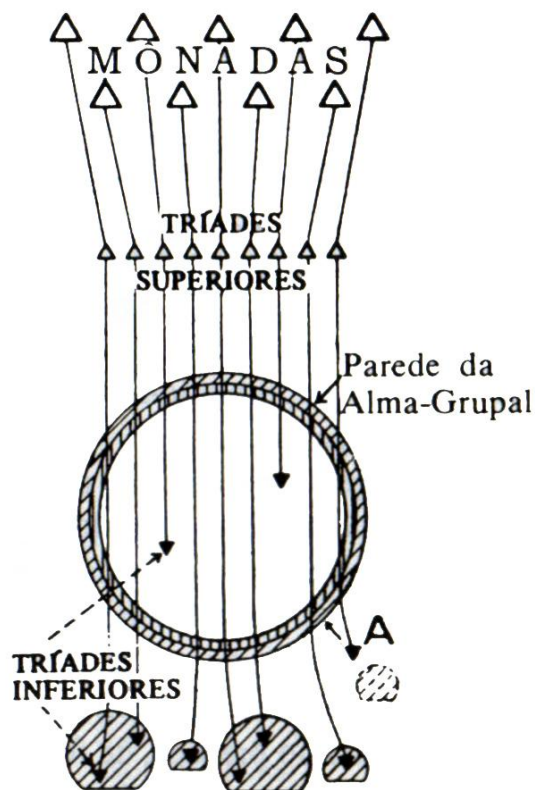
No caso da Alma-Grupal Mineral, em A, na extrema direita do diagrama, vê-se uma forma vegetal que parece ter sido destruída como organismo. A Tríade Inferior que estava embebida nela, libera-se com a destruição da forma e a Alma-Grupal recolhe-se, então, sobre si própria, como indica a flecha do diagrama.

A atividade da Alma-Grupal é agora transferida do plano físico para o astral; sendo seu trabalho a nutrição dos corpos astrais das vidas que contém.

Tal como no caso das Almas-Grupais Minerais, podemos repetir que não se deve supor que cada haste de capim, cada planta, cada árvore tenha em si um átomo permanente, evoluindo até humanizar-se durante a vida do nosso sistema. O que acontece é que o reino vegetal, existindo por sua própria iniciativa, e para outros propósitos, também oferece o campo de evolução para esses átomos permanentes, ocupando-se os Devas em guiar os átomos permanentes de uma planta para outra, de forma que elas possam experimentar as vibrações que afetam o mundo vegetal, e armazenar em si próprias esses poderes vibratórios, tal como faziam enquanto estavam encaixadas no reino mineral.

O método de intercâmbio de vibrações e consequentemente a segregação, continua como antes. As Almas-Grupais, então, dividem-se e subdividem-se constantemente, tornando-se, dessa forma, não só mais numerosa mas também mais diferentes uma da outra em suas características preponderantes.

Durante o tempo passado no reino vegetal, há mais atividade perceptível no átomo astral permanente do que durante o período passado no reino mineral. Em consequência disso o átomo astral permanente atrai ao redor de si matéria astral, que é arranjada pelos Devas de uma forma mais definida. Na longa existência de uma árvore de floresta, a crescente agregação de matéria astral desenvolve-se em todas as direções, como forma astral da árvore.



Grupos de Formas Vegetais
DIAGRAMA XV. Uma Alma-Grupal Vegetal.

Essa forma astral sente vibrações, que causam prazer ou desconforto "maciços" conferidos à árvore pelo sol e pelo temporal, pelo vento e pela chuva, pelo calor e pelo frio etc. Essas experiências são passadas, de certa forma, para o átomo permanente encaixado naquela árvore em particular. Tal como dissemos antes, quando a forma da árvore parece como árvore, o átomo permanente retrai-se para dentro da Alma-Grupal, levando consigo um rico elenco de experiências, que compartilha, da forma previamente descrita, com as outras Tríades da Alma-Grupal.

Além disso, à medida que a consciência se torna mais responsiva no astral, envia pequenos frêmitos para baixo, para o plano físico; esses frêmitos fazem nascer sensações que, embora realmente derivadas do astral, são sentidas como tais no físico.

Quando houve uma longa vida separada, como, por exemplo, numa árvore, haverá um ligeiro acordar da unidade mental, que reunirá em torno de si uma pequena nuvem de matéria mental. Nessa matéria, a passagem das estações etc., irá lentamente imprimindo-se como uma apagada lembrança que virá a ser uma vaga antecipação.

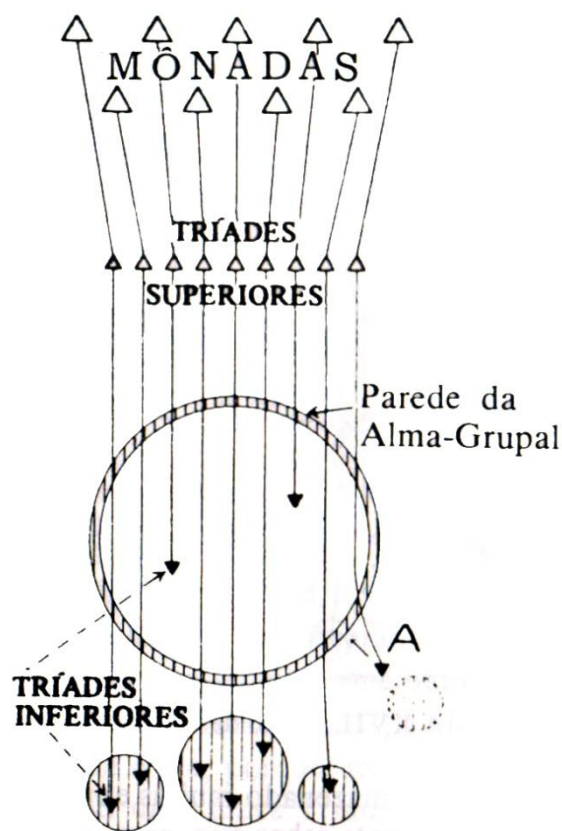
De fato, como regra geral, parece que cada Tríade Inferior, durante os últimos estágios de sua evolução no mundo vegetal, terá uma prolongada experiência numa forma simples, a fim de que alguns frêmitos de vida mental possam ser sentidos e a Tríade Inferior seja assim preparada para, no devido tempo, aproveitar da vida errante de um animal. A regra, contudo, não é universal; pois parece também que, em alguns casos, a passagem para o reino animal é feita num estágio precoce, de forma que o primeiro frêmito na unidade mental ocorre em algumas das formas estacionárias de vida animal e em organismos

animais bastante inferiores. Porque as condições, similares àquelas descritas como existentes nos reinos mineral e vegetal, parecem prevalecer, também, nos tipos inferiores de animais. Em outras palavras, até certo ponto, os reinos parecem sobrepor-se.

CAPÍTULO XII

ALMAS-GRUPAIS ANIMAIS

Uma Alma-Grupal Animal está ilustrada no Diagrama XVI; como vemos ali, o envoltório da Alma-Grupal tem agora uma só camada, consistindo em essência elemental do quarto subplano mental. A camada astral, que a Alma-Grupal Vegetal possuía, foi absorvida para fortalecimento dos vagos corpos astrais das Tríades, que estão dentro da Alma-Grupal.



Grupos de Formas Animais
DIAGRAMA XVI. Uma Alma-Grupal Animal.

A atividade da Alma-Grupal é agora transferida para um plano mais alto, para o plano mental inferior, e nutre os incipientes corpos mentais das Tríades ali contidas, assim, gradualmente fortalecendo-as em perfis menos vagos.

O Diagrama XVI é, em seu contorno, exatamente similar aos Diagramas XIV e XV. Em A, está uma forma animal que, como forma, foi destruída. Consequentemente, a Tríade Inferior que ali estava recuou para a Alma-Grupal, como indica a flecha do diagrama.

Exatamente como nos reinos anteriores, os Devas guiam as Tríades para as formas animais. Também, como nos reinos mineral e vegetal, as formas mais baixas de vida animal, como os micróbios, as amebas, as hidras etc., mostram apenas, de vez em quando,

um átomo permanente como visitante e é óbvio que dele não dependem para a sua própria vida e crescimento, nem se fragmentam quando o átomo permanente é retirado. Assim, essas formas animais são simples hóspedes, e de maneira nenhuma seus corpos são formados em torno de um átomo permanente.

Na verdade, antes que os Devas, em um estágio posterior, construíssem formas em torno desses átomos permanentes, os átomos do reino animal devem ter recebido e armazenado muitas experiências.

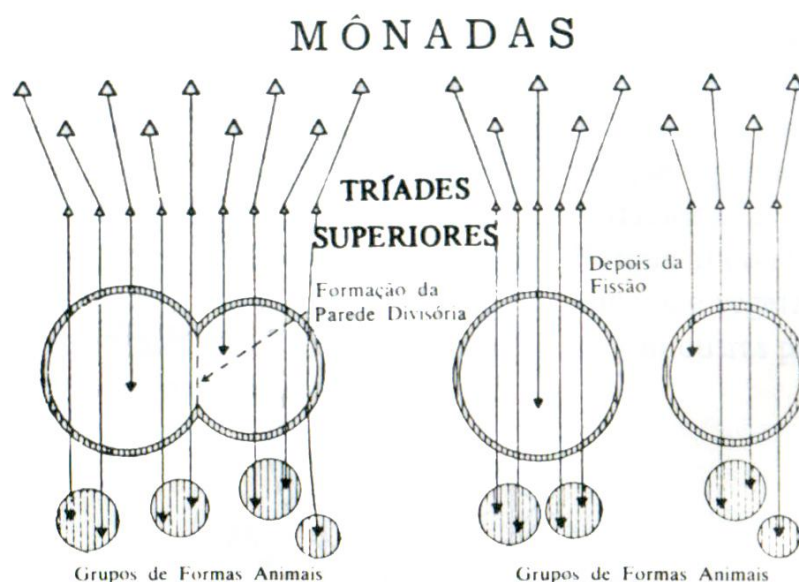


DIAGRAMA XVII. Fissão de uma Alma-Grupal Animal.

Todavia, é digno de nota saber que, nesse estágio, a teia dourada de vida não representa, de forma alguma, a organização do corpo do *hospedeiro*. A teia de vida parece, antes, agir como as radículas agem no solo, ligando-se a partículas de terra e delas sugando a nutrição necessária para o organismo que elas servem.

É inútil dizer que no reino animal os átomos permanentes recebem vibrações muito mais variadas do que nos reinos inferiores. Consequentemente, elas se diferenciam mais rapidamente. Conforme se processa essa diferenciação, a multiplicação das Almas-Grupais aumenta velozmente e o número de Tríades Inferiores, em qualquer Alma-Grupal, vai, como é natural, diminuindo constantemente.

O Diagrama XVII ilustra a fissão de uma Alma-Grupal Animal. Conforme já descrevemos, Almas-Grupais Mineral e Vegetal também se dividem por um processo similar de fissão.

Mais e mais vezes a Alma-Grupal se divide, até que, eventualmente, cada Tríade Inferior possua seu próprio e separado envoltório. A Tríade ainda estará dentro do invólucro de essência elemental que a protege e alimenta. Está-se aproximando da "Individualização", e a expressão Alma-Grupal já não se aplica estritamente a ela, porque uma Tríade Inferior não é, evidentemente, um "grupo". É uma única Tríade Inferior que se separou do "grupo" ao qual anteriormente pertencia.

O Diagrama XVIII-A mostra o estágio agora alcançado: no envoltório da Alma-Grupal

há uma só Tríade Inferior; porém, ainda, inúmeras formas animais ligadas a essa Alma-Grupal. O estágio seguinte é alcançado quando existe apenas *uma* forma animal ligada à Alma-Grupal. Isso está indicado no Diagrama XVIII-B. Grande número de animais domésticos de tipo superior alcançaram esse estágio e se tornaram, realmente, entidades separadas, encarnando numa sucessão de corpos animais, embora ainda não tenham, como é natural, obtido a posse de um corpo causal - verdadeiro sinal de individualização.

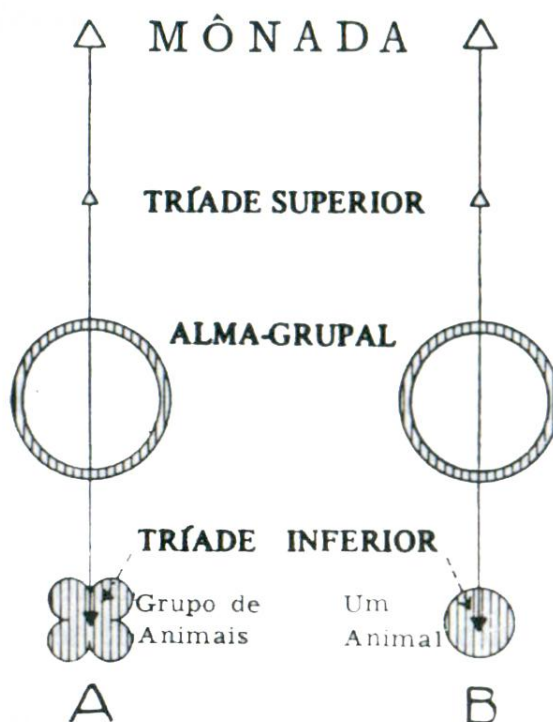


DIAGRAMA XVIII: Alma-Grupal Animal contendo uma Tríade Inferior.

(A) Ligada a um grupo de animais.

(B) Ligada a um animal.

Antes de passar a descrever o interessante processo da individualização, quando o animal se aproxima dela, podemos notar uma analogia entre ele e a vida pré-natal humana. O animal, nesse estágio, corresponde aos últimos dois meses do feto humano.

Sabemos que uma criança de sete meses pode nascer e sobreviver, porém, se aproveitar por mais dois meses a vida protegida e alimentada dentro de sua mãe, será mais forte, mais sadia e vigorosa. Assim, também é melhor, para o desenvolvimento normal do ego, que não rompa tão cedo o envoltório da Alma-Grupal, mas que permaneça dentro dele, ainda absorvendo vida por seu intermédio e fortalecendo, por meio de seus constituintes, a melhor parte de seu próprio corpo mental. Sob essas condições protetoras, o momento oportuno para que a individualização se efetue será quando esse corpo mental tiver alcançado o limite máximo de crescimento.

O conhecimento desses fatos levou os ocultistas, algumas vezes, a advertir pessoas demasiadamente afeiçoadas a animais a não exagerar em seu amor, nem demonstrá-lo de forma imprudente; porque é possível que o crescimento do animal seja acelerado de

maneira pouco saudável - tal como sabemos que o crescimento de uma criança pode ser acelerado de maneira doentia - e assim a individualização do animal fazer-se rápida, fora do seu devido tempo. Como é óbvio, até que esteja preparado para a individualização, será bem melhor deixar o animal desenvolver-se naturalmente, ao invés de forçá-lo artificialmente, e levá-lo a tornar-se um indivíduo antes que esteja pronto para se manter por si mesmo, e viver no mundo como entidade humana separada.

É preciso não esquecer que, no momento, estamos a pouco mais de meio caminho através da Quarta Ronda da Quarta Cadeia, isto é, pouco mais de meio caminho através da evolução dessa Cadeia de mundos, e só no final dessa evolução é que o reino animal espera atingir a humanidade. Por isso, qualquer animal que esteja agora atingindo, ou mesmo se aproximando da individualização, deve estar notavelmente adiantado em relação aos outros; consequentemente, o número de tais casos é *muito* pequeno. Contudo, ocasionalmente eles ocorrem. Para que se produza esse resultado, a associação íntima com o homem é necessária.

Podemos notar dois fatores em ação: 1) as emoções e pensamentos do homem atuam constantemente sobre os animais e tendem a elevá-los a um nível mais alto, tanto emocional como intelectual; 2) o animal, quando tratado bondosamente, desenvolve afeição devotada pelo seu amigo humano, e também expande seus poderes intelectuais para tentar compreendê-lo e antecipar-se aos seus desejos.

Descobriu-se que a individualização que eleva uma entidade definitivamente do reino animal para o humano pode acontecer apenas com certos tipos de animais - um para cada um dos sete grandes tipos, ou "raios". Na verdade, a individualização ocorre apenas entre criaturas domesticadas, e de forma alguma entre todas dessa classe. Dessas classes já conhecemos, com certeza, o elefante, o macaco, o cão e o gato. O cavalo é, possivelmente, o quinto.

A partir desses tipos principais, há uma longa linha de animais selvagens que ainda não foram inteiramente investigados. Sabe-se, contudo, que os lobos, raposas, chacais e outras criaturas semelhantes atingem seu ponto culminante no cão; e que leões, tigres, leopardos, jaguares e jaguatiricas culminam no gato doméstico.

Devemos notar que qualquer animal de determinado tipo, que se individualiza como ser humano, irá tornar-se um homem do mesmo tipo, e não de outro.

Tanto as abelhas como as formigas (que, como o trigo, foram trazidas de Vênus pelos Senhores da Chama) vivem de maneira muito diferente das criaturas puramente terrestres, pois nelas uma Alma-Grupal anima a comunidade inteira, de forma que a comunidade atua com uma única vontade, e suas diferentes unidades são, realmente, membros de um só corpo, no mesmo sentido em que as mãos e os pés são membros da estrutura humana. Delas se pode dizer que têm não só uma Alma-Grupal, mas também um corpo-grupal somente.

As investigações de Maurice Maeterlinck parecem confirmar plenamente o que ficou dito acima. Escreve ele:

"A população da colmeia, do formigueiro e do cupinzeiro parecem ser um indivíduo, uma só criatura viva, cujos órgãos, compostos de inumeráveis células, estejam disseminados apenas na aparência, mas permanecem sempre sujeitos à mesma energia ou

personalidade vital, à mesma lei central. Mercê dessa imortalidade coletiva, a morte de centenas de cupins, que são imediatamente sucedidos por outros, não afeta nem toca o ser central. Durante milhões de anos os mesmos insetos têm vivido, e *disso* resulta Que nenhuma das suas experiências se perdeu. Não houve interrupção de sua existência, ou desaparecimento de suas memórias. Uma memória individual permaneceu, e jamais cessou de funcionar ou centralizar cada aquisição da alma coletiva. Banham-se no mesmo fluido vital, como as células do nosso próprio ser; mas, em, seu caso, esse fluido parece muito mais difuso, mais elástico, mais sutil, mais psíquico ou etérico do que o do nosso corpo. E essa unidade central está, sem dúvida, ligada à alma universal da abelha e, é provável, com o que é realmente a alma universal." *

*Do livro *The Life of The White Ant*, de Maurice Maeterlinck, pp. 199-200.

No que se refere ao número de criaturas separadas ligadas a uma Alma-Grupal, pode haver quatrilhões de moscas ou mosquitos, centenas de milhares de coelhos ou pardais, alguns milhares de animais como o leão, tigre, leopardo, cervídeos, lobos ou ursos selvagens. Entre os animais domésticos como a ovelha e o boi, o número é ainda menor.

No caso dos sete animais a partir dos quais a individualização é possível, quase sempre há apenas algumas centenas ligadas a cada Alma-Grupal e, conforme seu desenvolvimento continua, eles se desligam rapidamente. Embora possa haver talvez uns mil cães vadios ligados a uma Alma-Grupal, no caso do cão de estimação realmente inteligente, ou no caso do gato nas mesmas condições, talvez não haja mais de dez ou doze corpos sobre os quais paire a Alma-Grupal.

Almas-Grupais Animais são bastante afetadas e assistidas pelas influências dos Mestres da Sabedoria, influências que eles estão sempre espalhando, e que, até certo ponto, afetam tudo que fica dentro de um limite amplo.

CAPÍTULO XIII

INDIVIDUALIZAÇÃO: SEU MECANISMO E FINALIDADE

Chegamos agora ao estágio em que uma transformação de grande importância para a vida em evolução está para ocorrer, isto é, a individualização do animal, a formação do corpo causal, o ingresso no reino humano.

A fim de compreender totalmente o fenômeno, e apreender sua integral significação, vamos recapitular resumidamente os estágios já passados. Primeiro vimos que as Mônadas, que derivam seu ser do Primeiro Logos, adiantam-se e habitam o plano Anupadaka durante todas as épocas que até aqui observamos. Com o auxílio dos Devas, cada Mônada apropriou-se de três átomos permanentes que a representam, como Jivatma, nos planos de Atma, Buddhi e Manas, esses três formando a Tríade Superior. Além disso, a cada Tríade Superior foi ligada também uma Tríade Inferior, que consiste em uma Unidade Mental, um Átomo Permanente Físico e um Astral.

A Tríade Inferior foi mergulhada, sucessivamente, nos primeiros reinos da vida, protegida e alimentada pela sua Alma-Grupal. Através de repetidas subdivisões, produzidas pela diferenciação de experiência, cada Tríade Inferior possui agora para si um envoltório ou bolsa, que deriva da Alma-Grupal original. Depois de uma sucessão de experiências numa série de formas de um simples animal, a Tríade Inferior está, afinal, suficientemente desperta para garantir mais um passo no esquema evolutivo, um passo que lhe trará maior fração (se podemos usar tal expressão), ou aspecto, da Vida Divina.

Exatamente como o feto humano é nutrido pela mãe em seu ventre, até a ocasião em que a criança esteja bastante forte para viver sua própria vida independente no mundo exterior, a Tríade é protegida e alimentada pela Alma-Grupal, meio através do qual o Segundo Logos protege e nutre Seus filhos, até que a Tríade esteja forte o bastante para ser lançada ao mundo exterior como unidade de vida autocontida, seguindo sua própria e independente evolução.

Assim se chega ao termo da vida pré-natal de Jivatma (a Tríade Superior de Atma-Buddhi-Manas) incluindo a vida da Mônada; agora, o tempo é próprio para seu nascimento no mundo inferior. A vida-mãe do Segundo Logos constrói corpos para ela, corpos nos quais pode viver como entidade separada no mundo das formas. E ela tem de tomar posse direta desses corpos e iniciar sua evolução humana.

Até esse ponto, todas as comunicações da Mônada com os planos inferiores foram feitas através de Sutratma, ou fio-de-vida, no qual os átomos permanentes estão enfiados (ver Diagrama XIX-A). Agora, porém, chegou a ocasião para uma comunicação mais completa do que a representada por aquele delicado fio em sua forma original. Então, de acordo com isso Sutratma aumenta (ver Diagrama XIX-B), o Raio que vem da Mônada brilha e cresce, assumindo a forma de um funil: "O fio entre o Vigilante Silencioso e sua sombra toma-se mais forte e mais radiante". (*A Doutrina Secreta, I*, 285.)

Esse fluxo descendente da vida monádica é acompanhado por um fluxo muito aumentado entre os átomos permanentes búdico e monástico (ver Diagrama XIX-C).

O átomo permanente monástico desperta, enviando frêmitos para todas as direções. Outros átomos monásticos e moléculas reúnem-se em torno dele (ver Diagrama XIX-D) formando-se sobre os três sub planos superiores do plano mental - uma vórtice em remoinho. Um movimento giratório igual a esse ocorre na enevoadada massa que rodeia a unidade mental que, conforme vimos, está envolvida na Alma-Grupal.

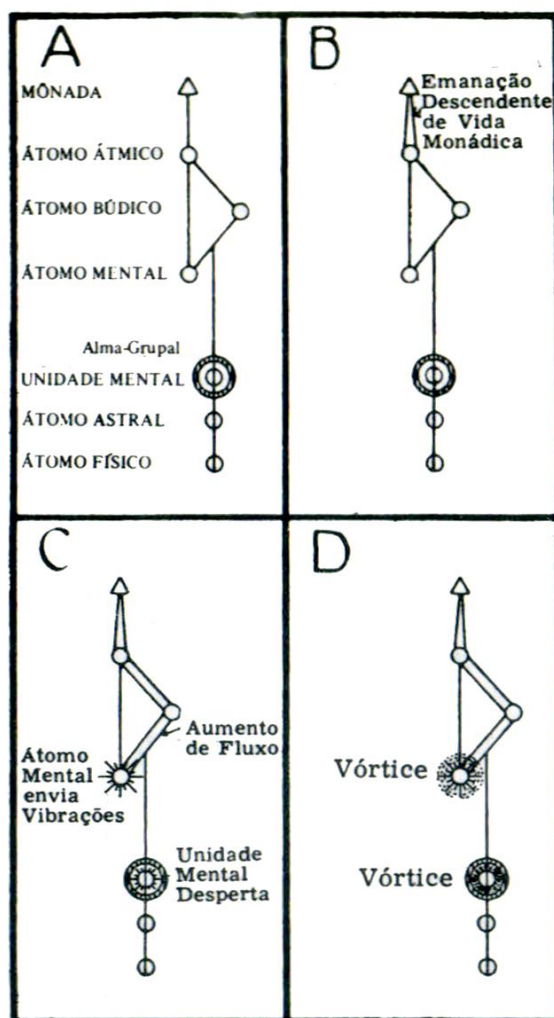


DIAGRAMA XIX. Individualização.

O envoltório da Alma-Grupal é então despedaçado e absorvido pelo remoinho superior (ver Diagrama XX-A). Ali se desintegra, reduzindo-se a matéria do terceiro subplano mental e, à medida que o vórtice se acalma, vai tornando a forma de um envoltório delicado, de fina película, que é o corpo causal (ver Diagrama XX-B).

Ao descrever esse processo, a ilustração habitualmente dada no Oriente é a da tromba-d'água. Ali temos uma grande nuvem pairando sobre o mar, em cuja superfície as ondas estão constantemente se formando e se movendo. Logo depois, vindo da nuvem, estende-se um cone invertido de vapor, girando violentamente, como um grande dedo, abaixo dele, no oceano, um vórtice é rapidamente formado; mas, ao invés de ser uma depressão em sua superfície, como acontece com os remoinhos comuns, assemelha-se a um cone giratório que se ergue da superfície.

Com firmeza os dois se aproximam cada vez mais, até que estejam tão próximos que o poder de atração faz-se forte o bastante para anular o espaço intermediário. Subitamente, ali onde antes nada daquilo existia, forma-se uma grande coluna, feita de vapor e água misturados.

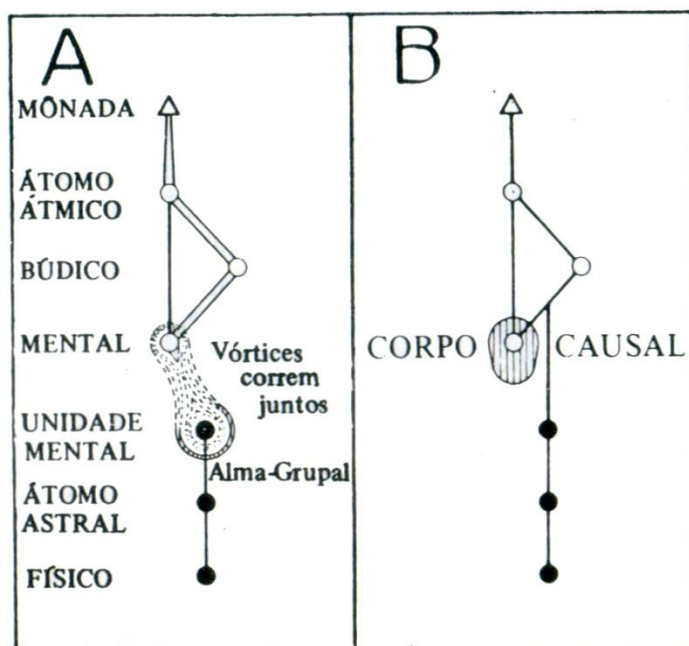


DIAGRAMA XX. Formação do Corpo Causal.

Dessa mesma maneira, as Almas-Grupais Animais estão constantemente lançando partes de si mesmas para a encarnação, como as ondas temporárias sobre a superfície do mar. Por fim, quando o processo de diferenciação chega ao máximo possível, vem o tempo em que aquelas ondas erguem-se o bastante para permitir que a nuvem, que sobre elas paira, a elas se reúna. Então, é levada a uma nova existência, nem na nuvem nem no mar, mas entre as duas coisas, partilhando da natureza de ambas. Assim, é separada da Alma-Grupal de que até então fizera parte, e não mais tomba de volta ao mar. Tecnicamente expressa, a vida do animal, trabalhando na matéria mental inferior, é levada em remoinho para encontrar o jorro descendente da vida da Mônada, definida através da matéria mental ou causal superior.

Podemos, pois, imaginar a Mônada esperando em seu próprio plano, enquanto os corpos inferiores estão sendo formados em torno dos átomos a ela ligados, e preocupando-se com eles através de longas eras de lenta evolução. Quando os corpos estão suficientemente evoluídos, a Mônada, num relance descendente, toma posse deles, a fim de usá-los em sua própria evolução. À medida que se encontram com a substância mental em ascensão e em desenvolvimento, unem-se a ela, fertilizam-na e, no ponto de união, formam o corpo causal, o veículo de individualização.

O jorro descendente de vida, resultando na formação do corpo causal, é conhecido como Terceira Onda-de-vida, ou Terceira Emanação, e deriva do Primeiro Logos, o eterno e

amoroso Pai - do qual vêm também, como vimos, em primeira instância, as próprias Mônadas.

A ação das três Emanações na produção de um indivíduo humano está representada graficamente no famoso diagrama que se vê no livro *O Homem Visível e Invisível*, e em *Os Chacras*. Ousamos modificar ligeiramente esse diagrama (ver Diagrama XXI) de acordo com novas informações dadas em *Os Chacras* e *Os Mestres e o Caminho*.

A explicação do Diagrama XXI é a que se segue:

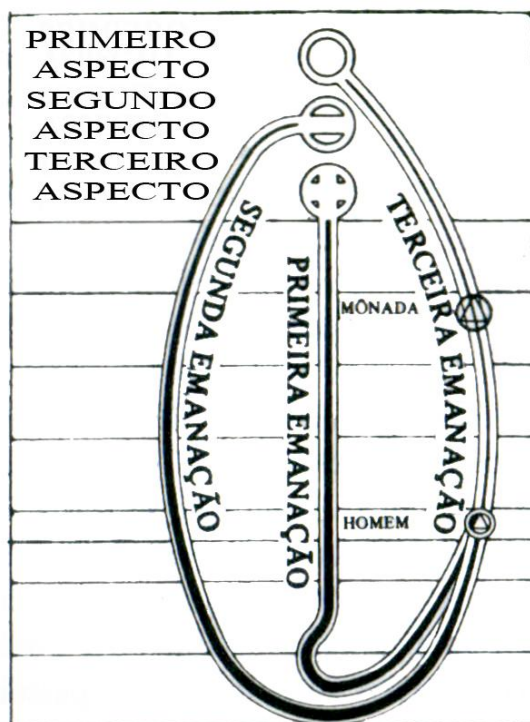


DIAGRAMA XXI. As Três Emanações.

A Primeira Onda-de-vida ou Emissão, proveniente do Terceiro Logos ou Aspecto, mergulha direta na matéria; à proporção que desce a linha do desenho que indica isso cresce mais pesada e mais escura, mostrando como o Espírito Santo vivifica a matéria dos vários planos, primeiro construindo os átomos, depois agregando-os em elementos (conforme descrevemos no Capítulo V).

Nessa matéria assim vivificada, a Segunda Onda-de-vida, ou Emissão, vinda do Segundo Logos ou Aspecto, Deus, o Filho, desce através do Primeiro, Segundo e Terceiro Reinos Elementais para o mineral; e então, sobe através do vegetal e do animal, para o reino humano, onde encontra o poder descendente do Primeiro Logos - a Terceira Emissão, vinda do Primeiro Logos ou Aspecto.

Entretanto, a força do Terceiro Logos, a Primeira Emissão, vinda do Terceiro Aspecto, depois de ter tocado o ponto mais baixo, torna a subir. No caminho de retorno ou ascensão está Kundalini que trabalha nos corpos das criaturas em evolução em contato íntimo com a Força Primária ou Força da Vida, e as duas agem juntas para conduzir a criatura ao ponto em que possa receber a Emissão do Primeiro Logos e tornar-se um ego, um ser humano, e, mesmo depois disso, ainda prosseguir com os veículos. Assim, podemos

dizer que obtemos o poder imenso de Deus tanto da terra que fica abaixo, como do céu que está acima, e que somos tanto filhos da terra como filhos do sol. As duas Forças encontram-se em nós e trabalham juntas pela nossa evolução. Não podemos ter uma sem a outra, mas se houver uma em grande excesso, haverá sérios perigos. Por isso, incidentalmente, o risco de qualquer desenvolvimento das camadas mais profundas de Kundalini, antes que a vida do homem seja pura e refinada.

Embora as três Emanações sejam, verdadeiramente, a vida real do Próprio Deus, ainda assim há uma distinção importante e vital entre a Primeira e a Segunda Emanações, por um lado, e a Terceira Emanação, por outro; porque a Primeira e a Segunda Emanações vieram lenta e gradualmente através de todos os subplanos, atraindo em torno de si a matéria de cada um deles e mesclando-se nela de tal maneira que se torna difícil distinguir essas Emanações pelo que são, reconhecê-las como Vida Divina.

A Terceira Emanação, porém desce rápida e diretamente de sua fonte *sem* se envolver, de forma alguma, com a matéria intermediária. É pura luz branca, não-contaminada, apesar de tudo por que passou.

Além disso, embora no diagrama originalmente publicado a Terceira Emanação seja mostrada como vinda *diretamente* do Logos, ainda assim ela veio Dele (conforme vimos no Capítulo IV) há bastante tempo, e está pairando num ponto intermediário, isto é, sobre o segundo plano, ou Anupadaka, onde a conhecemos como Mônada. Tentamos, portanto, modificar o diagrama original inserindo o triângulo, representativo da Mônada, em seu lugar apropriado no fluxo da Terceira Emanação.

Essa "afluência monádica", resultando na evolução da Mônada do reino animal para o humano, continuou até a metade da Quarta Raça (a Atlante), e a população humana está, assim, recebendo constantemente novos recrutas. Em nossa Cadeia Planetária, esse ponto representa o meio do esquema da evolução; uma vez passado, muito poucos são os animais que alcançam a individualização. Um animal que realmente consiga individualizar-se está tão adiantado em relação aos seus companheiros, quanto o ser humano que chega a Adepto está adiantado em relação ao homem comum. Ambos estão fazendo, no ponto médio da evolução, o que se esperava que pudessem fazer somente ao término dela. Os que alcançam apenas em tempo normal, ao fim da sétima ronda, aproximar-se-ão dela tão gradualmente que pequena ou nenhuma será a luta.

A *Doutrina Secreta* refere-se a esse assunto quando declara que depois do "ponto central de retorno" do ciclo de evolução, "não há mais Mônadas entrando no reino humano. A porta está fechada para esse ciclo".

O estudante observará que a Terceira Emanação difere das outras em mais um importante aspecto: enquanto a Primeira e a Segunda Emanações afetam milhares ou milhões simultaneamente, a Terceira Emanação chega para cada indivíduo, apenas quando ele está preparado para recebê-la.

A Terceira Emanação, conforme vimos, já desceu até o mundo búdico, porém não segue adiante enquanto o salto ascendente não for dado pela alma do animal que está abaixo. Então, os dois mesclam-se e, da maneira já descrita, formam o ego como individualidade permanente.

Embora falemos da individualidade do homem como sendo permanente, deve

compreender-se que tal permanência é apenas relativa, porque em um estágio bem mais adiantado da evolução, o homem a transcende e procura alcançar a unidade divina de onde veio. Esse assunto será tratado em capítulo posterior.

Recapitulando rapidamente, vemos que o Logos, através de Seus três Aspectos, envia - sucessivamente - três poderosas ondas de Sua Vida: a primeira modela e anima a matéria; a segunda fornece qualidade e constrói formas; e a terceira faz descer a Mônada humana para uni-la com as formas preparadas pela segunda.

O estudante deve notar que antes da individualização, o fragmento da Alma-Grupál participou como força animadora. Contudo, depois da individualização, o que era a Alma-Grupál converteu-se em corpo causal, tornando-se, assim, um veículo animado pela Faísca Divina, que nele desceu do mundo superior.

Assim, o que até então tinha sido a vida animadora torna-se, por sua vez, animada, porque constrói para si própria uma forma, simbolizada na mitologia antiga pela ideia grega da Cratera ou Taça, e pela história medieval do Santo Graal. O Graal ou Taça é o resultado perfeito de toda a evolução inferior, e nele é deitado o vinho da Vida Divina, para que a Alma do homem possa nascer. Dessa forma, conforme dissemos, o que antes fora a *alma* animal, torna-se no caso do homem o *corpo* causal, ocupado pelo ego ou alma humana. Tudo quanto foi aprendido em sua evolução é, assim, transferido para esse novo centro de vida.

Agora que o corpo causal foi formado, a Tríade Superior ou Espiritual tem um veículo permanente para uma nova evolução. Quando, no devido tempo, a consciência se torna capaz de funcionar livremente nesse veículo, a Tríade Superior poderá controlar e dirigir, muito mais eficazmente do que antes, a evolução dos veículos inferiores.

Os primeiros esforços para esse controle não são, evidentemente, de natureza muito inteligente, como não são inteligentes os primeiros movimentos de um bebê, embora saibamos que há uma inteligência relacionada com eles. A Mônada está, agora, literalmente, nascida no plano físico; mas deve ser vista ali como um bebê, uma verdadeira Individualidade, mas um ego infantil, que terá de passar por um imenso período de tempo antes que seu poder sobre o corpo físico seja algo mais do que infantil.

Podemos considerar a Alma, ou Ego, como aquilo que individualiza o Espírito Universal, que focaliza a Luz Universal num só ponto; que é, por assim dizer, um receptáculo no qual é derramado o Espírito, de forma que aquilo que em Si mesmo é universal, derramado nesse receptáculo *parece* separado: sempre idêntico em sua essência, mas separado em sua manifestação. O propósito dessa separação, conforme vimos, é que o indivíduo possa desenvolver-se e crescer; que possa haver uma potente vida individualizada em cada plano do Universo; podendo ela saber sobre o plano físico e sobre os outros planos, tal como sabe sobre os planos espirituais, e não há interrupção na consciência; que ela possa criar para seu uso os veículos de que necessita, a fim de adquirir consciência para além de seu próprio plano, e então, gradualmente, purificá-los, um por um, até que não mais atuem como cegos ou como estorvos, e sim como meios puros e transparentes, através dos quais há de vir todo o conhecimento sobre cada plano.

Entretanto, o processo de individualização não deve ser concebido como mera fabricação de uma forma ou receptáculo, dentro do qual alguma coisa é derramada

imediatamente tomando o aspecto e a forma definitivas da vasilha. O fenômeno real é mais parecido com a construção do sistema solar a partir da nebulosa. Da matéria primitiva do espaço aparece, de início, uma ligeira névoa, delicada demais até para ser chamada névoa; à proporção que as partículas se agregam mais compactamente, a névoa vai-se tornando, aos poucos, mais densa. Eventualmente, dentro dela são delineadas formas, que se tornam, à medida que o tempo passa, mais definidas, até que se forme um sistema, com um sol central e planetas em torno dele.

Assim é a chegada do Espírito à individualização. Parece o tênue aparecimento de uma sombra no vácuo universal; a sombra torna-se névoa, que se faz mais clara e mais definida, até que, eventualmente, um indivíduo passe a existir. De início, a Alma ou indivíduo não é uma coisa completa, imergindo, como um mergulhador, num oceano de matéria. Antes, vai sendo lentamente densificada e construída, até que, saindo do Universal, venha a tornar-se um indivíduo, que cresce sempre enquanto sua evolução se processa.

Assim, a Terceira Emanação coloca dentro de cada homem essa característica "espírito do homem que se eleva", em contraposição ao "espírito do animal que vai para baixo" - o que, interpretado, significa que enquanto a alma do animal volta, após a morte, para a Alma-Grupal a que pertence, no homem, o espírito divino não pode voltar novamente, mas sobe sempre, para a frente e para cima, em direção à Divindade da Qual veio.

Conforme ficou dito antes, a vida divina representada pela Terceira Onda de Vida parece não ter possibilidade, por si mesma, de descer abaixo do plano búdico, onde paira como nuvem poderosa, esperando pela oportunidade de realizar a junção com a vida da Segunda Emanação, que vem subindo ao seu encontro.

Embora essa nuvem pareça exercer atração constante sobre a essência que fica abaixo dela, ainda assim o esforço que torna possível a união deve ser feito de baixo. Trataremos da natureza desse esforço no capítulo seguinte.

A junção da Terceira Emanação com a Primeira e a Segunda é o início da evolução intelectual, a vinda do Ego para tomar posse do seu tabernáculo físico, e ligar esse tabernáculo ao Espírito que tem estado a pairar sobre ele, e que, com sua influência sutil, modelou-o e formou-o.

A propósito disso diz H. P. Blavatsky: "Existe na natureza um esquema evolutivo tríplice para a formação dos três Upadhis periódicos; ou antes, três esquemas separados de evolução, que em nosso sistema estão inextricavelmente mesclados e entrelaçados em todos os pontos ... 1º) O Monádico, tal como o nome implica, trata do crescimento e desenvolvimento para fases ainda mais altas de atividade das Mônadas, em conjunção com: 2º) O Intelectual, representado pelos Manasa-Dhyanis (Devas Solares, ou Pitris Agnishvatta), os 'doadores da inteligência e da consciência' ao homem; e: 3º) O Físico, representado pelos Chhayas ou Pitris Lunares, em torno dos quais a natureza concretizou o atual corpo físico ... E a união desses três fluxos no homem que o torna o ser complexo que agora é". (*A Doutrina Secreta*, I, 203,204.)

"Homem" tem sido bem definido no Ocultismo como aquele ser no universo, em qualquer parte do universo onde possa estar, no qual o mais alto Espírito e a mais baixa Matéria estão reunidos pela *inteligência*, formando assim basicamente um Deus manifestado, que seguirá em frente, a fim de vencer através do ilimitado futuro que se

estende diante dele.

O próprio homem, o Ego que reencarna, deveria ser, preferivelmente, considerado como o *Pensador*, e não como *Mente*, porque a palavra Pensador sugere uma Entidade individual, enquanto a palavra Mente sugere, antes, uma generalidade vaga e difusa.

Se considerarmos, em amplo delineamento, as fases da involução e da evolução, podemos vê-las como consistindo de sete estágios. Durante três deles o Espírito desce. Ao subir, paira sobre a Matéria, distribuindo qualidades, poderes e atributos. O quarto estágio mostra-se isolado, porque nele a matéria, a essa altura impregnada pelos vários poderes e atributos, faz inúmeros relacionamentos com o Espírito inspirador que agora entra nela. Essa é a grande batalha do universo, o conflito entre o Espírito e a Matéria, a batalha de Kurukshetra, das vastas hostes de exércitos inimigos. Nessa parte do campo está o ponto de equilíbrio. O Espírito, entrando em inumeráveis relacionamentos com a Matéria, mostra-se, de início, predominante. Então, quando um não tem vantagem sobre o outro, chega o ponto de equilíbrio. Lentamente, o Espírito começa a triunfar sobre a Matéria, de forma que, ao terminar o quarto estágio, o Espírito é o senhor da Matéria e está preparado para subir através dos três estágios que completam os sete.

Nesses três estágios, o Espírito organiza a Matéria que dominou e animou, volta-a para seus próprios desígnios, modela-a segundo sua própria expressão, de modo que a Matéria se torne o meio através do qual todos os poderes do Espírito possam-se fazer manifestos e ativos. Assim, os últimos três estágios são tomados por essa ascendência espiritual. Tabulando o que dissemos, os três estágios podem ser assim indicados:

I, II, III	Descida	Qualidades concedidas	Materialização	Involução
IV	Ponto de retorno: Equilíbrio	Relacionamentos estabelecidos	Conflito	Mudança da Involução para a Evolução
V, VI, VII	Subida	Organismos construídos	Espiritualização	Evolução

O Diagrama XXII é uma tentativa de ilustrar as mesmas ideias sob forma gráfica.

O princípio, do qual esse é um exemplo em particular, é o que ocorre sempre e repetidas vezes através dos processos da natureza: no ciclo da reencarnação humana, por exemplo. Portanto, recomenda-se ao estudante que o apreenda claramente, pois isso o auxiliará na compreensão de muitos outros pontos da "Sabedoria Antiga".

Todo o curso do movimento descendente para a matéria é chamado na Índia de *pravritti marga*, ou caminho de partida. Uma vez alcançado o ponto mais baixo necessário, o homem entra em *nivritti marga*, ou caminho de retorno. Ele volta do seu dia de trabalho na colheita e leva consigo seus feixes, sob a forma de consciência integralmente despertada, o que o capacita a ser mais útil do que antes de sua descida para a matéria.

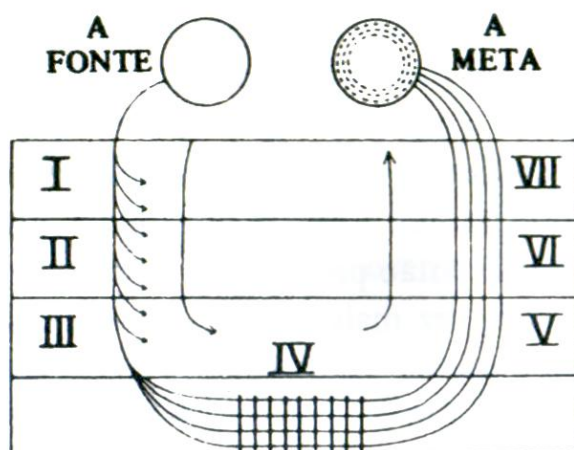


DIAGRAMA XXII. Os Sete Estágios da Involução e da Evolução.

Durante os Estágios I, II e III, o Espírito desce, distribuindo qualidades (indicado pelas flechas que se destacam lateralmente) à Matéria.

Durante o Estágio IV, Espírito e Matéria estão em conflito, indicado nelas duas flechas opostas, e pelas linhas cruzadas, simbolizando o campo da batalha da Vida.

Durante os Estágios V, VI e VII, o Espírito sobe, atingindo, gradualmente, o domínio sobre a Matéria.

O Diagrama tenta, também, mostrar o rompimento da linha do Espírito, surgindo assim a multiplicidade da unidade, e o retorno do Espírito ao nível de sua fonte, enriquecido pelas experiências com a matéria, e seu domínio sobre ela.

No curso do desenvolvimento do homem, durante algum tempo, a evolução intelectual deve obscurecer a evolução espiritual. O espiritual deve dar caminho para o avanço da inteligência e, por um certo período, conservar-se ao fundo do cenário, deixando que ela tome as rédeas e guie os novos estágios de evolução.

A Mônada começará, sutil e silenciosamente, a informar a inteligência, trabalhando indiretamente através dela, estimulando-a com suas energias, levando-a a evoluir por um incessante fluxo de influência vinda de dentro, enquanto a inteligência luta com os veículos inferiores, para de início ser conquistada e escravizada, mas, depois, poder dominá-los e governá-los.

Assim, durante algum tempo, o espírito é obscurecido, amadurecendo em silêncio, enquanto o intelecto guerreiro mantém a luta. Virá, eventualmente, o tempo em que o intelecto colocará seu espólio aos pés do espírito, e o homem, tornando-se divino, reinará sobre a "terra", isto é, sobre os planos inferiores, não mais como seu escravo, mas como seu senhor.

O intelecto é, essencialmente, o princípio seletivo no homem, o que separa o "Eu" do "Não-Eu", o que é consciente de si mesmo, e vê tudo o mais como externo e alheio a si próprio. É o princípio combativo, lutador, auto-afirmativo e, do plano do intelecto para baixo, o mundo apresenta uma cena de conflito, penosa à proporção em que o intelecto toma parte nela. Mesmo a paixão-natureza é espontaneamente combativa apenas quando movida pelo sentimento do desejo e encontra alguma coisa entre ela e o objeto de seu

desejo. À proporção que a mente inspira sua atividade, torna-se cada vez mais agressiva, porque então procura prover-se para a gratificação de desejos futuros, e tenta cada vez mais apropriar-se das reservas da natureza. O intelecto, porém, parece ser espontaneamente combativo, sendo-lhe próprio afirmar-se como diferente dos outros. Por isso encontramos no intelecto a raiz da separação, a fonte em perpétuo jorro das divisões entre os homens.

Por outro lado, quando se alcança o plano búdico, a unidade é imediatamente sentida. A esse respeito, entretanto, faremos considerações em um capítulo posterior.

O estudante, todavia, não deve formar a ideia de que o homem é *apenas* aquilo que, em seu corpo causal, funciona como mente ou intelecto. Conforme vimos, em essência o homem é uma Faísca do Fogo Divino, isto é, a Mônada; e essa Mônada manifesta seus três aspectos como Espírito, no mundo de Atma, Intuição, no mundo de Buddhi, e como Inteligência, no mundo de Manas. *São esses três aspectos que, reunidos, constituem o Ego* que habita o corpo causal, construído com um fragmento da Alma-Grupal. Assim, o homem, tal como o conhecemos, embora seja em realidade uma Mônada residindo no mundo monádico, mostra-se como um Ego no mundo mental superior, manifestando seu três aspectos que designamos como Espírito, Intuição e Inteligência.

O Ego é o homem durante o estágio humano de evolução. É, de fato, a mais aproximada correspondência da concepção comum e, de certa forma, não-científica da alma. Vive imutável (a não ser pelo seu crescimento) desde o momento da individualização até que transcenda a humanidade e seja imerso na divindade. De forma alguma é afetado pelo que chamamos nascimento e morte, pois aquilo que habitualmente consideramos como sua vida é, naturalmente, apenas um dia de sua vida real. Os corpos inferiores, que nascem e morrem, são apenas vestuários que ele usa para os propósitos de de certa parte de sua evolução.

Uma forma concisa de expor o caso é dizer que o homem é uma individualidade imortal, que *possui* uma personalidade mortal.

Na existência total do homem, há três mudanças definidas que superam todas as outras em importância e significação. 1) A primeira é quando ele se individualiza e entra para o reino humano, emergindo do reino animal e começando sua carreira como um Ego. 2) A segunda é a passagem da Primeira das grandes Iniciações. 3) A terceira é a obtenção do Adeptado. Em capítulos posteriores, trataremos da segunda e terceira. Aqui, estamos interessados apenas na primeira: a obtenção da individualização.

Ganhar essa individualidade é a meta da evolução animal, e seu desenvolvimento serve a um propósito definido. Esse propósito é construir um forte centro individual, através do qual, eventualmente, a força do Logos possa ser fornecida.

Naturalmente, quando tal centro acaba de se formar é um Ego-Bebê, fraco e incerto. Para que se possa fazer forte e definido, deve ser envolvido pelo *egoísmo* - o intenso egoísmo do selvagem. Por muitas vidas, uma forte parede desse egoísmo deve ser mantida, de forma que, dentro dela, o centro possa crescer fazendo-se cada vez mais definido,

O egoísmo pode ser visto, então, como uma espécie de andaime absolutamente necessário para construção do edifício, mas que deve ser destruído assim que ele esteja terminado, a fim de que esse edifício possa servir ao propósito para o qual foi construído. O

andaime é feio e, se não fosse removido, o edifício seria inabitável. Contudo, sem o andaime, não seria possível levantar-se o edifício.

Sendo o objetivo da criação do centro fazer a força do Logos irradiar sobre o mundo, tal irradiação seria impossível se o egoísmo persistisse; apesar disso, sem o egoísmo nos primeiros estágios, o centro jamais poderia ser estabelecido.

Por isso, e à luz dessa analogia, vemos que - *na época oportuna* - mesmo a mais desagradável das qualidades tem seu lugar no esquema da evolução. Para muitos homens, entretanto, seu trabalho está terminado e eles podem livrar-se completamente do egoísmo. É inútil e insensato zangar-se com os que são egoístas, porque sua conduta mostra que o que no selvagem era virtude necessária persiste ainda na condição de civilizado. Atitude mais sensata a adotar é vê-los como anacronismos - sobreviventes da selvageria pré-histórica, homens atrasados no tempo.

O Diagrama XXIII sumariza os resultados dos quatro últimos capítulos, mostrando as posições relativas no esquema evolutivo dos estágios que conhecemos .como Alma-Grupal Mineral, Alma-Grupal Vegetal, Alma-Grupal Animal, o Animal pronto para se individualizar, e o Ser Humano em seu Corpo Causal.

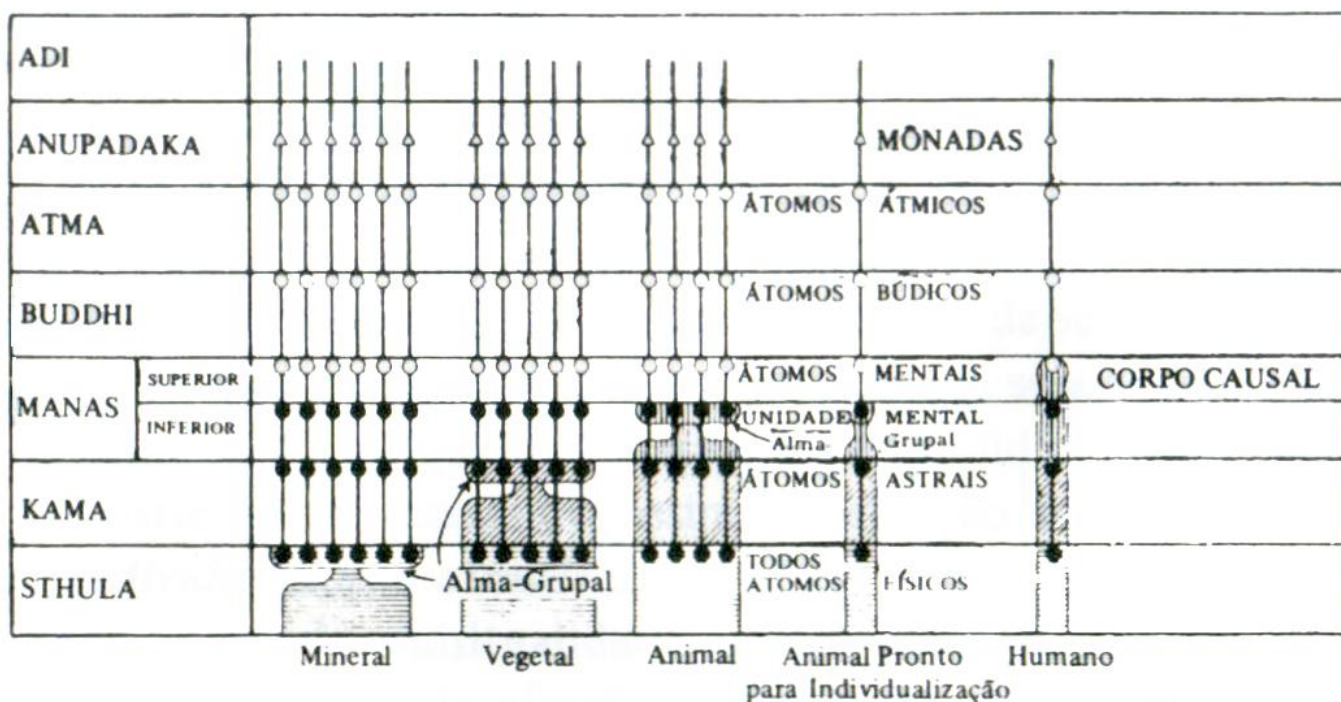


DIAGRAMA XXIII. Do Mineral ao Homem.

CAPÍTULO XIV

MÉTODOS E GRAUS DE INDIVIDUALIZAÇÃO

Dissemos, no capítulo precedente, que o esforço do qual resulta a individualização deve ser feito a partir de baixo, isto é, pelo animal. Esse esforço pode ocorrer em uma de três maneiras diferentes, exercendo, assim um efeito de longo alcance sobre a inteira vida futura da entidade em questão.

Quando um Ego é formado, os três aspectos da Tríade Superior, Atma, Buddhi e Manas, devem-se manifestar; a primeira conexão, contudo, pode ser feita através de qualquer das três maneiras, como se segue:

- (a) Entre a mente inferior e a superior
- (b) Entre o corpo astral e Buddhi.
- (c) Entre o corpo físico e Atma.

Assim, no primeiro caso, o animal se individualizará através do intelecto; no segundo caso, através da emoção; no terceiro caso, através da vontade. Consideraremos agora, brevemente, cada um desses três métodos.

I. *Individualização através do Intelecto.* - Se um animal está associado a um ser humano que não seja predominantemente emocional, mas cujas atividades principais sejam do tipo mental, então o corpo mental nascente do animal será estimulado por essa associação íntima, e haverá probabilidades que aquela individualização se realize através da mente, como resultado dos esforços mentais feitos pelo animal para compreender seu dono.

II. *Individualização através da Emoção.* - Se, por outro lado, o dono for um indivíduo emocional, cheio de fortes afeições, a probabilidade é a de que o animal se desenvolva principalmente através de seu corpo astral, e que o rompimento final do vínculo com a Alma-Grupal seja devido a um ímpeto súbito de intenso afeto, que alcançará o aspecto búdico da Mônada flutuante que lhe corresponde, causando, assim, a formação do ego.

III. *Individualização através da Vontade* - No terceiro caso, se o dono for homem de grande espiritualidade, ou de intensa e forte vontade, embora o animal mantenha grande afeição e admiração por ele, ainda assim será a *vontade*, dentro do animal, a parte a ser estimulada. Isso se revelará no corpo físico por intensa atividade e indomável resolução de alcançar o que quer que a criatura pretenda, especialmente a serviço de seu dono.

Vemos, assim, que o caráter e o tipo do dono tem grande influência no destino do animal. A maior porção do trabalho é, naturalmente, feita sem nenhuma volição de qualquer das partes, simplesmente pela incessante e inevitável ação devida à proximidade das duas entidades concernentes. As vibrações astral e mental do homem são muitíssimo mais fortes e complexas do que as do animal e, conseqüentemente, exercem uma pressão ininterrupta sobre esse último.

O estudante deve evitar o erro de supor que a "distância" entre Atma e o corpo físico seja maior do que entre a mente inferior e a mente superior, ou entre os princípios astral e búdico. Não se trata de uma questão de distância no espaço, absolutamente, mas, antes,

da transmissão de uma vibração harmoniosa vinda do reflexo para o original. Vendo o assunto dessa forma, torna-se claro que cada reflexo deve estar em conexão direta com seu original, seja qual for a "distância" entre eles - em conexão mais íntima do que tem com qualquer objeto que esteja fora da linha direta, não importa o quanto esse objeto possa estar próximo no espaço.

O desejo do animal para progredir constitui uma constante pressão ao longo das linhas mencionadas e o ponto no qual essa pressão rompe as restrições, e forma o vínculo necessário entre a Mônada e a personalidade, determina certas características do novo ego, que assim passa a existir.

No caso da individualização através da afeição ou da vontade, a real formação do vínculo é habitualmente instantânea; e quando se verifica através do intelecto é mais gradual. Isso também pode fazer considerável diferença no curso da futura evolução da entidade.

De uma grande massa de pessoas que foram individualizadas a um certo ponto da Cadeia Lunar, as que - pelo desenvolvimento intelectual - alcançaram gradualmente a individualização, vieram a encarnar-se na terra há cerca de um milhão de anos. Desde então, tem havido um intervalo médio entre suas vidas de mais ou menos 1.200 anos.

Os do grupo que alcançou a individualização através de um ímpeto instantâneo de afeição ou de vontade, tiveram encarnação terrestre há cerca de 600.000 anos, com o intervalo médio entre as encarnações de 700 anos. Apesar disso, atualmente, a condição de ambos os grupos é mais ou menos a mesma.

Parece que os que se individualizaram através da afeição podem gerar força ligeiramente *maior* do que a dos individualizados através do intelecto. Melhor descrição da diferença entre as duas classe é dizer que elas produzem *tipos* diferentes de força. O intervalo mais curto entre as encarnações deve-se ao fato desse grupo usufruir a sua beatitude de uma forma muito mais concentrada, obtendo o resultado com um igual dispêndio de força, porém em muito menos tempo.

Na verdade, parece provável que o período dos respectivos ingressos desses dois grupos na vida terrestre foi especialmente arranjado para que, após passar mais ou menos pelo mesmo número de encarnações, conseguissem chegar ao mesmo ponto, podendo trabalhar juntos. A necessidade de trazer alguns grupos de pessoas juntos à encarnação, não só para que possam trabalhar as mútuas inter-relações cármicas, mas também para que todos possam aprender a trabalhar unidos para um grande fim, é, evidentemente, o fator dominante na regulamentação do ritmo do consumo de força.

Devido ao estágio em que ocorre, além das diferenças no *método* há também diferenças no *grau* de individualização. Porque quando a individualização se verifica, o estágio de desenvolvimento do animal faz bastante diferença. Assim, por exemplo, se o cão das ruas tivesse de se individualizar - como se presume que seja possível - poderia ser apenas num baixo tipo de individualização. Provavelmente, não seria mais do que um fragmento separado da Alma-Grupal, com uma Mônada pairando sobre ele, conectada talvez por uma linha ou duas de matéria espiritual.

Um caso desse tipo corresponderia ao "animal-homem lunar" - esses Egos que se individualizam do mais primitivo estágio do reino animal no qual a individualização foi

possível. Começam sua vida humana sem nada que possa ser chamado propriamente um corpo causal, mas com a Mônada flutuando acima da personalidade, à qual está ligada apenas por certos fios de matéria nirvânica. São eles também que, na primeira ronda do período-Terra, ocuparam as formas feitas pelos Senhores da Lua, fazendo assim um trabalho pioneiro para todos os reinos.

Se realmente inteligentes e afeiçoados, um cão ou um gato de estimação, cujo donos trata apropriadamente, fazendo deles amigos, com certeza, ao se individualizarem, obterão corpo causal equivalente ao da Primeira Ordem dos Homens-da-Lua.

Vários tipos intermediários de animais domésticos produzem o corpo causal que se poderia chamar "cestóide", como os que são obtidos pela Segunda Ordem de Homens-da-Lua.

A última classe apontada de Egos ainda não desenvolveu inteiramente um corpo causal, mas teve o que pode ser chamado esqueleto daquele veículo - certo número de fluxos de força, entrelaçados, que indicam o contorno do ovoide que ainda está para vir. Têm, conseqüentemente, um aspecto de certa forma curioso, quase como se estivessem encerrados numa espécie de cesta de costura da matéria mental superior.

A causa determinante desses diferentes corpos causais está no estágio em que a individualização se realiza. Se um animal, um cão, por exemplo, esteve durante muito tempo em contato com o homem, sendo um entre um pequeno grupo de 10 ou 20, então, ao individualizar-se, é formado um corpo causal completo. Se houver cerca de 100 no grupo - o estágio do cão pastor - forma-se um corpo causal do tipo cestóide. Se houver várias centenas - o estágio do cão das ruas - forma-se a indicação de um corpo causal feito pelas linhas de conexão.

O volume de trabalho feito para a obtenção de qualquer nível na evolução é praticamente sempre o mesmo; mas em alguns casos trabalha-se mais num reino do que em outro porque os vários reinos da natureza sobrepõem-se bastante, de forma que um animal que alcançou nesse reino o ponto mais alto possível da inteligência e afeição poderia saltar as condições absolutamente primitivas da humanidade e apresentar-se, desde o início de sua carreira humana como uma individualidade de primeira classe. Por outro lado, quem deixa o reino animal num nível baixo, terá que começar na escala da humanidade pelo correspondente nível inferior.

Esta é a explicação dada, certa vez, por um Mestre, quando se referia à crueldade e superstição que se nota na grande massa humana: "Eles se individualizaram cedo demais. Ainda não eram dignos da forma humana".

Os três métodos de individualização - através do intelecto, da afeição e da vontade - são os métodos normais. Ocasionalmente, entretanto, a individualização é atingida de outras maneiras, que chamamos de formas anormais ou irregulares.

Por exemplo, no início da Sétima Ronda da Cadeia Lunar, alguns seres estavam no ponto de individualização, e foram para ela atraídos pela sua associação com os habitantes aperfeiçoados, que chamamos Senhores-da-Lua. Contudo, uma deturpação infeliz entrou em seu desenvolvimento, e eles começaram a sentir-se muito orgulhosos de seu adiantamento intelectual, o que se transformou numa feição predominante de seu caráter. Trabalhavam, não tanto para ganhar a aprovação ou a afeição de seus Mestres mas para

exibir suas vantagens sobre seus companheiros animais ou excitar-lhes a inveja.

Esse último motivo levou-os a fazer esforços resultantes na individualização e, assim, seus corpos causais, ao serem formados, não mostravam quase que outra cor a não ser a laranja. Tiveram permissão para se individualizar, aparentemente porque se tivessem continuado por mais algum tempo no reino animal teriam piorado ao invés de melhorar.

Esse desligamento - ou "carga-de-navio", como às vezes é chamado - foi de um total de dois milhões. Eles se individualizaram pelo orgulho e, embora inteligentes à sua maneira, possuíam poucas, ou nenhuma outra qualidade.

Os membros dessa carga alaranjada, vindos do Planeta A da Cadeia Lunar, não quiseram entrar nos veículos para eles arranjados na Cadeia da Terra, enquanto os Egos cor-de-ouro do Globo B e os Egos cor-de-rosa do Globo C aceitaram as condições, entraram nos seus veículos e cumpriram o seu destino.

Através de sua história, por sua arrogância e rebeldia, esses egos alaranjados sempre causaram distúrbios a si próprios e a outros. Foram descritos como turbulentos e agressivos, independentes e separatistas, propensos ao descontentamento e ansiosos por modificações.

Alguns dos mais inteligentes dentre eles tornaram-se, na Atlântida, os famosos "Senhores da Face Escura" e, mais tarde, os conquistadores que devastaram o mundo, nada se importando, durante a realização de suas loucas ambições, com os milhares que eram mortos pelas armas ou pela fome; mais tarde ainda, fizeram-se milionários destituídos de escrúpulos, apropriadamente chamados os "Napoleões das finanças".

Outro método anormal de individualização vem através do medo. Em alguns casos, animais que foram tratados cruelmente pelo homem, através de persistentes esforços para compreender e evitar a crueldade, desenvolveram engenhosidade, de forma que romperam com a sua Alma-Grupal e produziram um Ego que possui apenas um tipo muito baixo de intelectualidade.

Uma variante dessa classe é o tipo de Ego no qual a crueldade produziu ódio e não medo. Essa é a explicação para os diabólicos e sanguinários selvagens, dos quais ouvimos às vezes falar, para os inquisidores da Idade Média, bem como para os torturadores de crianças dos dias presentes.

Ainda uma outra variante é a entidade que se individualizou por um intenso desejo de poder sobre os outros, tal como aparece, às vezes, no touro líder de um rebanho. Um Ego desenvolvido dessa maneira manifesta grande crueldade, e parece sentir prazer nisso, provavelmente porque torturar é uma manifestação de poder sobre os outros.

Por outro lado, os que se individualizaram em nível relativamente inferior, ao longo das linhas regulares - como pela afeição, por exemplo -, dão-nos um tipo de selvagens igualmente primitivos, mas alegres e de natureza afável. Esses selvagens só o são no nome, porque se mostram bondosos, como muitas tribos em algumas das ilhas dos Mares do *Sul*.

CAPÍTULO XV

FUNÇÕES DO CORPO CAUSAL

O corpo causal deve seu nome ao fato de nele residirem as causas que se manifestam como efeitos nos planos inferiores.

Porque as experiências de vidas passadas, armazenadas no corpo causal, são a *causa* da atitude geral tomada em relação à vida e às ações empreendidas.

Em Sânscrito, o corpo causal é conhecido como Karana Sharira, Karana significando causa.

Resumidamente, podemos dizer que o corpo causal tem duas funções principais:

(1) Agir como veículo do Ego: o corpo causal é o "corpo de Manas", a forma-aspecto do indivíduo, o homem real, o Pensador.

(2) Agir como um receptáculo ou depósito para a essência das experiências do homem em suas várias encarnações. O corpo causal é aquele no qual fica tecido tudo quanto possa resistir, e onde estão depositados os germes das qualidades que devem ser levadas para a próxima encarnação. Vemos, assim, que a manifestação inferior do homem, isto é, sua expressão nos corpos mental, astral e físico, depende, basicamente, do crescimento e do desenvolvimento do homem real, do próprio homem, aquele "para o qual a hora jamais soa".

Conforme vimos no Capítulo XIII, não há *homem*, não há *ser humano*, real até que venha a existir o corpo causal. Cada indivíduo deve ter, necessariamente, um corpo causal; e, de fato, é a posse desse corpo causal que constitui a individualidade.

A quantidade imensa de trabalho feito, ao longo das eras que precederam o nascimento do corpo causal, é devotada ao desenvolvimento e construção da matéria dos planos físico, astral e mental inferior, até que se tome uma habitação apropriada para que o divino espírito a ela se acolha, como um *homem*.

Em seu início, o corpo causal, ou forma-aspecto do verdadeiro homem, é descrito como delicada película da mais sutil matéria, apenas visível, marcando onde o indivíduo começa sua vida separada. Essa película delicada, quase descolorida, da mais sutil matéria, é o corpo que permanecerá através de toda evolução humana: nele, como num fio - o fio-eu, ou Sutratma, conforme é, às vezes, chamado -, todas as futuras encarnações estarão entretecidas.

O corpo causal, como ficou dito, é o receptáculo de toda essa resistência, isto é, *apenas* da que é nobre e harmoniosa, de acordo com a lei do espírito; porque cada pensamento grande e nobre, cada emoção pura e elevada é conduzida para cima e sua essência é trabalhada na substância do corpo causal. Por isso, a condição do corpo causal é um verdadeiro registro - o *único verdadeiro* registro - do crescimento do homem, do estágio de evolução que ele atingiu.

Todos os vários corpos do homem devem ser vistos como revestimentos ou veículos, que permitem ao Eu o funcionamento em alguma região definida do universo. Assim como um homem, para viajar de um lugar ao outro, pode usar uma carruagem, em terra, um

navio, no mar, um balão, no ar, e ainda assim em todos os lugares permanecer o mesmo, também o Eu, o homem real, utiliza seus vários corpos, cada um para o fim apropriado, contudo permanece todo o tempo ele mesmo, não importando em que veículo possa estar funcionando a um dado momento. Relativamente ao homem, todos esses corpos são transitórios, são seus instrumentos ou servos; de tempo em tempo, gastam-se, são renovados e adaptados às várias necessidades e aos seus poderes sempre crescentes.

Mais especificamente, sendo a mente fundamentalmente dual em seu funcionamento, o homem necessita e é provido com dois corpos-mentes. Como vimos em *O Corpo Mental*, esse corpo serve para a mente concreta, que trata com os pensamentos concretos; o corpo causal, similarmente, é o órgão dos pensamentos abstratos.

No Pensador, que reside no corpo causal, estão todos os poderes que classificamos como Mente, isto é, memória, intuição, vontade. O Pensador reúne todas as experiências da vida na terra, através das quais ele passa, para que sejam transmudadas dentro de si mesmo, por sua própria alquimia divina, naquela essência de experiência e conhecimento que é a Sabedoria. Mesmo numa rápida vida terrena, distinguimos entre o conhecimento que adquirimos e a sabedoria que - muito raramente - destila desse conhecimento. A Sabedoria é o resultado de uma experiência de vida, a possessão culminante do idoso. Em um sentido muito mais completo e rico, a Sabedoria é o resultado de muitas encarnações, o produto de muita experiência e conhecimento. Assim, no Pensador está o depósito das experiências, amadurecidas em todas as nossas vidas passadas, colhidas através de muitos renascimentos.

Na classificação dos corpos do homem como "revestimentos", o corpo causal é conhecido como revestimento discriminatório, segundo a tabela seguinte:

Princípio no Homem	Kosha ou Revestimento	
	Sânscrito	Português
Buddhi	Anandamayakosha	Revestimento de beatitude
Manas Superior	Vijnanamayakosha	Revestimento discriminatório
Manas Inferior e Kama	Manomayakosha	Revestimento do sentimento
Prana	Pranamayakosha	Revestimento da vitalidade
Sthula	Annamayakosha	Revestimento do alimento

Na palavra Vijnanamayakosha, a partícula "Vi" revela discriminação, separação e arranjo das coisas, porque essa é a função peculiar desse revestimento. Em Vijnanamayakosha, ou corpo causal, as experiências vindas do Manomayakosha são refletidas em conceitos ideais. Manomayakosha recolhe e elabora e Vijnanamayakosha arranja e discrimina. Os corpos inferiores recebem e tratam com sensações, percepções, a feitura e elaboração das ideias, mas é trabalho do corpo causal arranjá-las, discriminar entre elas, e fazer o trabalho do raciocínio abstrato que exista nelas, tratando com ideias puras, separadas das apresentações concretas.

Assim, no corpo causal temos o abstrato, não o concreto, o puro trabalho interior, já não confundido pelos sentidos, nem de forma alguma sofrendo interferência do mundo

exterior. Aqui está a inteligência pura, a visão clara, a inteligência não afetada pelos sentidos, inteligência tranquila, forte, serena.

No corpo causal está, também, o poder criativo da meditação, as energias que crescem da meditação concentrada. Esse é o revestimento criativo do homem, porque Manas, no homem, corresponde - no Cosmos - a Mahat, à Mente Universal, à Ideação Divina, à forma diretiva e modeladora que é o poder criativo do qual tudo surge. Nesse revestimento do homem existem todas as formas que chegam a aparecer, cuja realidade objetiva pode ser dada por esse poder criativo.

Em *A Doutrina Secreta* (I. 312), diz H. P. Blavatsky: "Kriyashakti: o misterioso poder do pensamento que lhe permite produzir resultados externos, perceptíveis, fenomenais pela sua própria energia inerente. Os antigos garantiam que *qualquer ideia manifestar-se-á externamente se a atenção da pessoa estiver profundamente concentrada nela*. Da mesma forma, *uma volição intensa será seguida pelos resultados desejados*". Esse é, naturalmente, o segredo de toda a "magia" verdadeira.

A inteligência do homem é, assim, o reflexo de Brahma, da Mente Universal, a energia criativa. A faculdade criativa da imaginação do homem, que atualmente trabalha em matéria sutil, quando o homem for perfeito, trabalhará também na matéria mais grosseira; porque, como ficou dito, o poder imaginativo do homem é o reflexo do poder que criou o universo. Brahma meditava, e todas as formas surgiram: assim, no criativo poder da mente residem todas as possibilidades de forma.

Por isso, H. P. Blavatsky, às vezes, chama manas ao deva-ego, ou o divino, como distinto do eu pessoal. Manas superior é divino porque tem o pensamento positivo, que é kriyashakti, o poder de fazer coisas. Manas, mente, é assim, por sua própria natureza, *atividade*. Todo trabalho é realmente feito pelo poder do pensamento: a mão do escultor não faz o trabalho, mas o poder do pensamento que dirige aquela mão é quem o faz. Porque é um truísmo dizer-se que o pensamento precede a ação. Embora, como dissemos, haja ocasiões nas quais um homem possa agir sem pensar, ainda assim a sua ação é o resultado de um pensamento *prévio*; ele estabeleceu certo hábito de pensamento ao longo de determinada linha e age, instintivamente, de acordo com ela.

O Manas superior é divino porque, conforme foi dito, é um pensador positivo, usando a qualidade de sua própria vida, que brilha desde o interior. Isso é o que se entende pela palavra "divino", que vem de *div*, brilhar.

A energia emanada de Atma, trabalhando no corpo causal, é a força que domina e modela tudo quanto lhe é exterior. Por outro lado, a energia emanada de Atma, trabalhando no Manomayakosha, é Desejo, e sua característica é ser atraída pelos objetos externos, sendo sua direção guiada do exterior. Porém, Atma, trabalhando no corpo causal, é Vontade, já não mais tratando com escolha dirigida do exterior, mas com escolha iniciada no interior, modelada nas imagens interiores por um processo de reflexão discriminativa. Assim, a energia emanada é, no corpo causal, *guiada do interior* em sua direção, enquanto nos corpos inferiores é *atraída do exterior*. Essa é a diferença essencial entre Vontade e Desejo. Além disso, a Vontade é, essencialmente, uma qualidade do Ego, não da personalidade.

A Chit, ou inteligência como aspecto do homem, é a primeira a ser desenvolvida; é a

faculdade analítica que percebe multiplicidade e diferenças; então, vem Ananda, a sabedoria que compreende a unidade das coisas, e que realiza a união, encontrando assim a alegria da beatitude que está no coração da vida; por último, vem o terceiro e mais alto aspecto, Sat, a auto-existência, a Unidade que está até mesmo além da união.

No ciclo das Raças, a Quinta Raça está desenvolvendo Chit, ou aspecto-Inteligência; a Sexta desenvolverá Ananda , a união, o aspecto de beatitude, o "Reino da Felicidade"; a Sétima desenvolverá Sat, ou aspecto da Auto-existência.

CAPÍTULO XVI

COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA

O corpo causal é composto de matéria do primeiro, segundo e terceiro subplanos do plano mental.

O estudante recordará que um átomo de matéria mental contém 494 ou 5.764.801 - aproximadamente, digamos, 5 milhões e três quartos - de "bolhas de koilon".

Em indivíduos comuns, o corpo causal ainda não está inteiramente ativo e, conseqüentemente, apenas a matéria que pertence ao terceiro subplano é vivificada. Como o ego, durante o longo curso de sua evolução, desdobra suas possibilidades latentes, a matéria superior é trazida gradualmente à atividade; mas somente nos homens perfeitos, que podemos chamar Adeptos, ou Mestres, é que esse desenvolvimento integral se expressa.

É difícil descrever inteiramente um corpo causal, porque os sentidos que pertencem ao mundo causal mostram-se de todo diferentes e bastante superiores aos que são empregados no nível físico. A aparência de um corpo causal, tal como é possível a um clarividente trazer ao seu cérebro físico, é representada como um ovoide sendo esse, na verdade, o feitio de todos os corpos superiores. Esse ovoide rodeia o corpo físico do homem, estendendo-se a uma distância de cerca de 18 polegadas, a partir da superfície do corpo físico.

Um ser humano que acabe de se individualizar do reino animal, tem um corpo causal de tamanho mínimo.

No caso do homem primitivo, o corpo causal assemelha-se a uma bolha e dá a impressão de estar vazia. É simples película destituída de cor, aparentemente suficiente apenas para manter-se inteira e assim formar a entidade reencarnante, nada mais. Embora esteja repleta de matéria mental superior, esta ainda não tem atividade e por isso permanece transparente e descolorida. À proporção que o homem se desenvolve, essa matéria entra gradualmente em atividade, para corresponder às vibrações que a ela chegam, vindas dos corpos inferiores. Isso só acontece lentamente, porque - nos primeiros estágios da sua evolução - as atividades de um homem não apresentam um caráter que possa obter expressão em matéria tão fina como a do corpo causal. Porém, quando o homem alcança o estágio em que é capaz tanto de pensamento abstrato, como de emoções altruístas, a matéria do corpo causal é estimulada a responder.

As vibrações assim despertadas manifestam-se no corpo causal como cores e assim, ao invés de ser uma simples bolha transparente, ele se torna, ao poucos, uma esfera repleta de matéria dos mais lindos e delicados matizes, um objeto de beleza inconcebível.

O estudante estará familiarizado com a significação das várias cores, desde seu estudo desse mesmo fenômeno nos corpos astral e mental. Assim, o rosa pálido expressa afeição sem egoísmo; o amarelo indica alto poder intelectual; o azul anuncia devoção; a simpatia é expressa pelo verde; e o luminoso azul-lilás manifesta espiritualidade superior. Em corpos mais densos as mesmas cores são, naturalmente, menos delicadas e também menos vivas.

Embora, no curso de sua evolução nos mundos inferiores, o homem - com frequência - introduza em seus veículos qualidades indesejáveis e inteiramente impróprias para a sua vida como Ego - como, por exemplo, o orgulho, a irritabilidade, a sensualidade -, nenhuma delas pode ser expressa no corpo causal. O Diagrama XXIV pode ajudar a esclarecer a razão desse importante fenômeno. Cada seção do corpo astral atua fortemente sobre o correspondente subplano mental. Por isso, já que as vibrações mais grosseiras do corpo astral são expressas apenas nos subplanos inferiores do mundo astral, elas afetarão somente o corpo mental, não o corpo causal. *O corpo causal, portanto, é afetado apenas pelas três porções mais altas do corpo astral, e as vibrações dessas porções representam somente as boas qualidades.*

O efeito prático disso está no fato de o homem só poder levar ao seu Ego, ao seu Eu real, as boas qualidades. As más qualidades que desenvolve são, do ponto de vista do Ego, apenas transitórias e devem ser postas de lado à proporção que o homem avança, porque nele já não há matéria que as possa expressar.

Para ilustrações coloridas do corpo causal, nos diversos graus de desenvolvimento, o estudante deve procurar no livro *O Homem Visível e Invisível*, de C. W. Leadbeater, como segue:

Corpo causal do selvagem gravura V, p. 66

Corpo causal do homem comum gravura VIII, p. 91

Corpo causal do homem evoluído gravura XXI, p. 118

Corpo causal do Arhat gravura XXVI, p. 138

Como ficou dito, o corpo causal de um selvagem não desenvolvido parece gigantesca bolha de sabão, transparente e iridescente. Aparentemente é quase vazia; o pouco que ali dentro existe representa certas qualidades que já podem ter evoluído dentro da Alma-Grupál da qual ele fez parte anteriormente. As leves indicações desses ritmos de vibração são observáveis dentro do jovem corpo causal como nascentes lampejos de cor.

Talvez se possa pensar que o corpo causal de um homem primitivo seja de início *muito* pequeno, mas não é o que acontece. Seu corpo causal é do mesmo tamanho de qualquer outro. Em estágio posterior crescerá nesse tamanho, mas não sem ter sido antes vivificado e ocupado com matéria ativa.

No caso do homem comum, há um aumento distinto do conteúdo da grande película ovoide. Certa quantidade de cor extremamente delicada e etérea agora existe dentro dele, embora só esteja preenchido pela metade. Algo do intelecto superior é visível, bem como algo do poder de devoção e de amor sem egoísmo. Há, também, uma ligeira tinta desse tom extraordinariamente delicado de violeta, que indica a capacidade de amor e devoção voltados para o mais alto ideal; e, ainda, um leve colorido verde-claro, de simpatia e compaixão.

Tão logo o homem começa a desenvolver-se espiritualmente, ou mesmo no intelecto superior, ocorre uma transformação. O indivíduo real começa a ter um caráter persistente próprio, fora daquele modelado pelo treino e pelas situações circundantes, em cada uma das personalidades. Esse caráter revela-se no tamanho, cor luminosidade e precisão do corpo causal, tal como o da própria personalidade revela-se no corpo mental, sendo que, naturalmente, essas características são mais sutis e mais belas no veículo superior.

No caso do homem espiritualizado, uma enorme mudança faz se sentir. A gloriosa película iridescente está agora completamente repleta das mais adoráveis cores - representativas das mais altas formas de amor, devoção e simpatia - ajudadas por um intelecto refinado e espiritualizado, e por aspirações que se dirigem para o divino. Algumas dessas cores não têm lugar no espectro do plano físico.

A inconcebível matéria fina e delicada de tal corpo causal é intensamente viva, pulsando com vivo ardor, formando um globo radioso de cores brilhantes; suas altas vibrações enviam ondulações de tonalidades mutáveis sobre a sua superfície - tonalidades das quais a terra nada conhece -, resplandecentes, suaves e luminosas, que ficam além do poder da linguagem descritiva.

Tal corpo causal está repleto de fogo vivo, atraído de um plano ainda mais alto, com o qual ele parece estar conectado por um tremulante fio de intensa luz - o Sutratma - lembrando vividamente as estrofes de Dzyan: "A faísca pende da flama pelo mais fino fio de Fohat". À proporção que a alma cresce e pode receber cada vez mais do inesgotável oceano do Espírito Divino, que se derrama pelo fio como por um canal, esse canal se expande e dá ampla passagem ao fluxo, até que, no próximo subplano, possa ser visto como um jorro de água ligando a terra ao céu; e, ainda mais alto, como um globo, através do qual corre a fonte viva, até que o corpo causal pareça dissolver-se na luz que está jorrando. Conforme diz a estrofe: "O fio entre o observador e sua sombra torna-se mais forte e radiante a cada mudança. A luz do Sol da manhã transformou-se na glória do meio-dia. Esse é o teu círculo atual, disse a flama à centelha. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti de ti, e tu és meu *vahan* até o dia 'Sê conosco', quando tornarás a ser eu próprio e outros, tu mesma e eu".

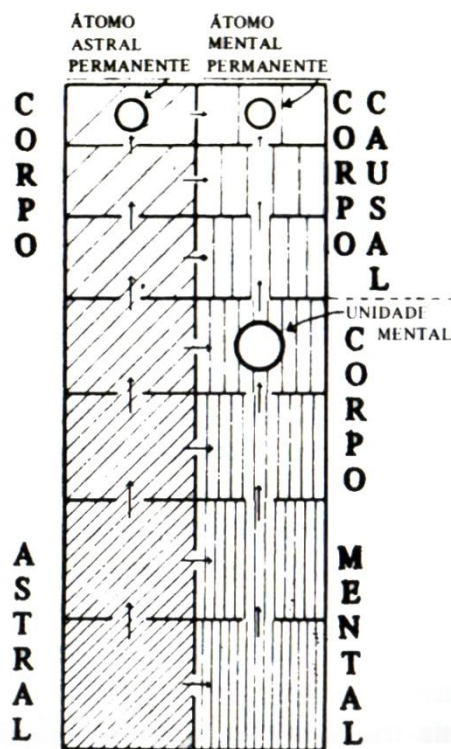


DIAGRAMA XXIV. Efeito do Corpo Astral nos Corpos Mental e Causal.

DIAGRAMA XIV - Os subplanos dos planos astral e mental são aqui mostrados como de tamanho diminuído, a fim de ilustrar o fato do seu crescente adelgaçamento, à proporção que subimos dos níveis inferiores para os superiores.

Aberturas entre subplanos adjacentes de cada plano indicam que algumas das "vibrações" de um determinado subplano podem ser transmitidas ao subplano imediatamente acima. Essas aberturas, ou portões, vão se fazendo cada vez mais estreitas, indicando que só as mais finas vibrações podem passar em direção dos planos superiores.

Aberturas entre cada subplano do plano astral e do subplano correspondente do plano mental indicam que há também uma possibilidade de uma vibração astral ser comunicada, em oitava mais alta, ao correspondente subplano mental.

O diagrama também ilustra o fato de o corpo mental ser diretamente afetado pelos quatro níveis inferiores do plano astral, enquanto o corpo causal é afetado apenas pelos três mais altos níveis da matéria astral.

Ficou dito, acima, que no homem não-desenvolvido, de início, o corpo causal está vazio, e quando ele se desenvolve o ovoide aos poucos vai-se enchendo. Quando está completamente cheio, não só começa a aumentar de tamanho, mas recebe também correntes de força que fluirão em várias direções. Realmente, isso é uma das maiores características do homem desenvolvido - sua capacidade de servir como canal para uma força superior. Sua atitude auxiliadora e a disposição para dar possibilitam a descida da força divina sobre ele, como um fluxo constante alcançando - através dele - muitos que ainda não são suficientemente fortes para recebê-la diretamente.

Além disso, da parte superior do corpo causal sobe uma coroa de centelhas brilhantes, indicando a atividade da aspiração espiritual e, naturalmente, aumentando muito a beleza e a dignidade da aparência do homem. Não importa quanto a posição ocupada por esse homem no plano físico tenha sido inferior, esse fluxo de centelhas ergue-se constantemente. O motivo é que a alma ou o Ego de um homem, logo que tenha despertado em seu próprio nível e comece a entender algo de si próprio e de sua relação com o divino, olha sempre para cima, em direção da fonte da qual veio, sem considerar quaisquer atividades que possa estar inspirando nos planos inferiores.

Devemos recordar que mesmo a mais nobre das personalidades não passa de pequena e parcial expressão do verdadeiro Eu superior. Portanto, mal o Eu superior comece a olhar em redor de si, abre-se diante dele possibilidades quase ilimitadas, das quais, nesta constrangedora vida física, não podemos formar ideia.

O próprio ímpeto ascendente da aspiração espiritual, que forma tão gloriosa coroa para o homem desenvolvido é, em si mesma, o canal através do qual o poder divino desce: assim, quanto mais completa e mais forte se torna essa aspiração, maior é a medida da graça que vem do alto.

No caso do corpo causal de um Arhat, isto é, daquele que passou pela Quarta das grandes Iniciações - as cores têm duas características, irreconhecíveis no plano físico. São mais delicadas e etéreas do que qualquer outra antes descrita, e ainda assim, ao mesmo tempo, são mais amplas, mais brilhantes e mais luminosas. O tamanho do corpo causal é muitas vezes maior do que o do corpo físico, e há uma exibição magnífica do

desenvolvimento dos mais altos tipos de intelecto, de amor e de devoção, grande riqueza de simpatia e a mais alta espiritualidade.

As faixas de cores estão dispostas, agora, em anéis concêntricos, enquanto através deles, e ultrapassando-os, há fluxos de luz branca irradiando para fora a partir do centro. O escoamento forte da divina influência é assim enormemente intensificado, porque o homem tornou-se um canal quase perfeito para a vida e o poder do Logos. Não só a glória dele se irradia em luz branca, mas todas as cores do arco-íris movem-se em torno dele, em cintilações sempre mutáveis, como as da madrepérola. Por isso há alguma coisa naquela irradiação que fortalece as mais altas qualidades de qualquer pessoa que dele se aproxime, pouco importando a quantidade delas. Ninguém pode chegar ao âmbito de sua influência sem se sentir melhor; ele projeta ao seu redor brilhos de sol, porque, tal como essa luminária, tornou-se uma manifestação do Logos.

O corpo causal de um Adepto ou Mestre cresceu enormemente em tamanho, e brilha com esplendor solar, muito além da imaginação, em sua gloriosa beleza. Sobre sua beleza, sua forma e sua cor - conforme diz Leadbeater - não há palavras que possam ser usadas, porque a linguagem mortal não possui expressões com as quais essas esferas radiantes possam ser descritas. Semelhante veículo mereceria um estudo separado, mas isto está muito acima das possibilidades de quem quer que seja, a não ser daqueles que já estão adiantados no Caminho.

Como no caso do corpo causal de um Arhat, as cores já não se movem em nuvens rodopiantes, mas estão dispostas em grandes camadas concêntricas, penetradas em todos os pontos pelas irradiações da luz viva, que emana Dele como um centro.

A ordem das cores varia segundo o tipo ao qual o Adepto pertence, de forma que há grande variedade em tal disposição. Uma tradição perfeitamente exata desse fato foi preservada em muitos dos retratos toscamente desenhados do Senhor Buda, que podem ser vistos nas paredes de templos no Ceilão. O grande Mestre quase sempre é representado como que rodeado por uma outra aura, e, embora o arranjo e o colorido sejam muito inexatos, e mesmo impossíveis, tratando-se da aura de um homem comum ou mesmo daquele que tem a posição de Mestre, ainda assim é uma tosca e material representação do real veículo superior de um Adepto daquele tipo particular, ao qual o Grande Buda pertence.

O corpo causal é, às vezes, chamado "ovo áurico". Mas, quando H. P. Blavatsky fala do sagrado ovo áurico, provavelmente refere-se aos quatro átomos permanentes - mais exatamente, aos átomos permanentes astral e físico, à unidade mental e ao átomo permanente mental - dentro de um envoltório de matéria do plano átmico, ou nirvânico.

O corpo causal também é conhecido como o Augoeides, o homem glorificado. Não se trata de uma imagem de qualquer de seus veículos passados, mas contém em si mesmo a essência de tudo quanto era melhor neles. Indica assim, mais ou menos perfeitamente, como cresce através da experiência o que a Deidade deseja que o homem deva ser. Porque, como constatamos pela observação do veículo causal, é possível ver o estágio de evolução que o homem alcançou. Não só sua história passada pode ser vista, mas também, em considerável extensão, o futuro que se estende diante dele.

A forma glorificada dentro do corpo causal aproxima-se do arquétipo, e mais se

assemelha a ele, à medida que o homem progride. A forma humana parece ser o modelo para a evolução mais alta nesse sistema particular. Varia ligeiramente em diferentes planetas, mas é, genericamente falando, o mesmo contorno geral. Em outros sistemas solares talvez as formas sejam bastante diferentes dessa. A esse respeito não temos informação.

Prana, ou Vitalidade, existe em todos os planos; portanto, deve ter alguma parte no corpo causal, mas sobre isso não há, presentemente, qualquer dado disponível.

Podemos notar, contudo, que depois da formação do corpo causal, a complexidade do prana que circula no sistema nervoso do corpo físico aumenta muito, e parece tornar-se ainda mais enriquecido durante o progresso da evolução humana. Porque, à proporção que a consciência se torna ativa no plano mental, o prana desse plano mistura-se com o inferior, conforme a atividade da consciência é levada para regiões superiores.

Também no corpo causal, como em cada um dos outros veículos, há chakras, ou Centros de Força, que, além de outras funções, servem como pontos de conexão, para os quais a força flui de um veículo para outro. Presentemente, contudo, não há informação disponível em relação aos chakras do corpo causal.

CAPÍTULO XVII

PENSAMENTO CAUSAL

O plano mental, como sabemos, é a esfera de ação daquilo que chamamos mente, ou Manas, no homem. Como já vimos, o plano é dividido em duas partes: a superior, que consiste nos três subplanos superiores, e a inferior, nos quatro subplanos inferiores. As duas divisões são conhecidas como arupa, ou sem forma, e rupa, tendo forma.

No homem o Intelecto tem, como seu veículo, o corpo causal, com pensamentos abstratos como sua função, enquanto a Mente tem, como seu veículo, o corpo mental, com a função relacionada com o pensamento concreto.

A Mente adquire conhecimento utilizando os sentidos para observações; atua sobre suas percepções e constrói com elas seus conceitos. Seus poderes são atenção, memória, raciocínio por indução e dedução, imaginação etc.

Os nomes rupa e arupa são dados a fim de indicar certa qualidade da matéria do plano mental. Na sua parte inferior, a matéria é muito prontamente moldada, pela ação do pensamento humano, em formas definidas. Na divisão superior isso não ocorre, pois o pensamento mais abstrato desse nível expressa-se aos olhos do clarividente em lampejos ou jorros.

Nos níveis arupa, a diferença entre os efeitos do pensamento é muito marcada, especialmente no que se refere à essência elemental. O distúrbio causado na simples matéria do plano é similar, embora grandemente intensificado nessa forma muito mais refinada de matéria. Na essência elemental, porém, nenhuma forma é agora criada e o método de ação mudou completamente.

Nos subplanos inferiores, um elemental ou forma-pensamento ali criado paira em torno da pessoa em que se pensou, e espera uma oportunidade favorável para expandir sua energia sobre seu corpo mental, ou sobre o astral, e mesmo sobre o físico. Nos três subplanos superiores, porém, o resultado é uma espécie de lampejo de luz da essência derivada do corpo causal do pensador, dirigida ao corpo causal do objeto de seu pensamento.

Assim, enquanto nos subplanos inferiores o pensamento é sempre dirigido à mera personalidade, nos subplanos superiores influenciemos o ego reencarnante, o próprio homem real. Se a mensagem tem qualquer referência com a personalidade, ela alcançará essa personalidade apenas a partir de cima, através da instrumentalidade do corpo causal.

Dizem que é uma visão impressionante observar a mudança de uma ideia abstrata, ou arupa, para uma ideia concreta ou rupa, pois a ideia se reveste da matéria dos quatro subplanos inferiores.

O exemplo simples e comum é o de um triângulo. Difícil como é descrever com palavras, que pertencem aos planos da forma, ainda assim a ideia abstrata de um triângulo é uma realidade nos planos arupa. Significa uma não-figura, que apesar disso ainda é uma figura. A figura - que ainda não é uma figura *particular* - é circunscrita por três linhas, que ainda não são linhas particulares: seus três ângulos possuem a propriedade de

formar, coletivamente, dois ângulos retos; contudo, não são ângulos particulares.

Nos níveis arupa, essa ideia abstrata de um triângulo tem existência real. O sentido do corpo causal o vê ou apreende. É um fato da consciência externa do observador, mesmo que não seja aquilo que habitualmente entendemos por forma.

Se tal triângulo abstrato é posto em contato com a matéria dos subplanos rupa, instantaneamente se torna um número indefinido de triângulos, cada um deles com uma forma definida. Haverá triângulos de todos os feitios conhecidos - equilátero, isóscele, escaleno, de ângulos retos, de ângulos agudos, de ângulos obtusos -, todos adquirindo existência visível.

Se a ideia abstrata é trazida de cima para o corpo causal, o observador torna-se uma fonte de triângulos, que vão para todas as direções, tal como um jato de água, que sobe como massa mais ou menos coerente e desce como fonte, cujas águas se separam em inúmeras gotas e salpicos. Essa é, talvez, a melhor analogia física que se pode dar para o processo.

Conforme ficou amplamente explicado em *O Corpo Mental*, o pensamento concreto toma, naturalmente, o feitio dos objetos que são pensados; as ideias abstratas quando atiradas aos níveis rupa, habitualmente são representadas por todas as espécies de perfeitas e belíssimas figuras geométricas. Devemos lembrar, contudo, que muitos pensamentos que aqui são pouco mais do que meras abstrações, tornam-se, no plano mental, fatos concretos.

A consciência causal se ocupa, assim, da *essência* de uma coisa, embora a mente inferior estude os seus detalhes. Com a mente, falamos sobre um objeto, ou tentamos explicá-lo; com a consciência causal recebemos a essência da ideia do sujeito, e a movemos como um todo, tal como se move uma peça no jogo de xadrez. O plano causal é um mundo de realidade: não mais tratamos com emoções, ideias ou concepções, mas com a coisa em si mesma.

Pode ser bastante interessante descrever mais detalhadamente o processo através do qual se chega ao pensamento causal. Embora a mente inferior se ocupe inteiramente de imagens mentais, obtidas das sensações, raciocine sobre assuntos puramente concretos e se preocupe com os atributos que distinguem um objeto do outro, o Ego, usando a consciência causal, depois de haver aprendido a discriminar claramente entre objetos observando a sua *dessemelhança*, começa agora a reuni-los, a agrupá-los por algum atributo que aparece em certo número de objetos, sob outros aspectos dessemelhantes, e forma um vínculo entre eles.

Ele extrai e separa esse atributo comum, determina todos os objetos que o possuem separando-os daqueles que não o têm. Dessa maneira, desenvolve o poder de reconhecer a identidade entre a diversidade; um passo para reconhecer, muito mais tarde, o Um subjacente nos muitos.

Classifica, assim, tudo o que o rodeia, desenvolvendo a faculdade sintética, e aprendendo tanto a construir como a analisar.

Logo depois dá mais um passo, e apreende a peculiaridade comum como uma ideia, à parte de todos os objetos nos quais aparece, e assim constrói um tipo de imagem mental superior à imagem do objeto concreto - a imagem de uma ideia que não tem existência

fenomenal no mundo da forma, mas que existe em níveis mais elevados do plano mental, e fornece o material com que o Ego, o próprio Pensador, pode trabalhar.

A mente inferior alcança a ideia abstrata pela razão e, assim fazendo, realiza seu mais alto voo, tocando o limiar do mundo onde não há formas, e vendo indistintamente o que fica além.

O Pensador, com sua consciência causal, vê essas ideias e vive entre elas habitualmente. À proporção que exerce e desenvolve a capacidade de raciocínio abstrato, torna-se eficiente em seu próprio mundo, e começa a vida ativa funcionando em sua própria esfera.

Tal homem pouco se preocupará com a vida dos sentidos, ou da observação externa, ou da aplicação mental a imagens de objetos externos. Seus poderes são recolhidos, já não correm para fora à procura de satisfação. Vive calmamente dentro de si mesmo, absorvido pelos problemas da filosofia, com os aspectos profundos da vida e do pensamento, buscando compreender as causas ao invés de se deixar perturbar pelos efeitos, e aproximando-se cada vez mais do reconhecimento do Um que está subjacente em toda a diversidade da natureza exterior.

O método para passar do mental inferior para a consciência causal, por intermédio de um processo bem organizado de concentração, meditação e contemplação, está descrito, em pormenor, em *O Corpo Mental*, portanto, não há necessidade de o repetirmos aqui.

Nos níveis mais altos do plano mental, os pensamentos atuam com força muito maior do que nos níveis inferiores: uma das razões é que, como relativamente são ainda poucos os que podem pensar nesses altos níveis, quaisquer pensamentos ali gerados têm o campo praticamente para eles apenas, isto é, não há muitos outros pensamentos naquele âmbito com os quais tenham de competir.

A maioria dos pensamentos do homem comum inicia-se no corpo mental nos níveis inferiores do mental e reveste-se, ao descer, com a essência astral elemental apropriada. Quando um homem é ativo no plano causal, entretanto, seu pensamento começa ali e reveste-se, primeiro, da essência elemental dos níveis inferiores do plano mental, e é consequentemente mais fino, mais penetrante, e, sob todos os aspectos, mais eficaz.

Se o pensamento for dirigido exclusivamente a objetos superiores, suas vibrações podem ser de caráter demasiadamente sutil para encontrar expressão no plano astral. Porém, se eles afetam essa matéria inferior, farão o mesmo com um alcance muito maior do que aquele que é gerado, muito mais perto do nível da matéria inferior.

Seguindo esse princípio em estágio posterior, está claro que o pensamento de um Iniciado, erguendo-se do plano búdico, acima inteiramente do mundo mental, irá revestir-se da essência elemental dos subplanos causais. Similarmente, o pensamento do Adepto descenderá do plano de Atma, conduzindo os tremendos e inteiramente incalculáveis poderes de regiões que ficam além da compreensão da humanidade comum.

Daí a verdade que existe no dizer-se que o trabalho de um dia, em níveis como aquele, pode bem ultrapassar, em eficiência, a luta de milhares de anos no plano físico.

Os estudantes que não estão habituados ao pensamento causal, a pensar em princípios, devem ter cuidado, pois através de seus esforços para pensar abstratamente podem sofrer, de início, dores de cabeça, o que significa, naturalmente, que o cérebro está

sendo submetido a tensão. A meditação, praticada regularmente durante alguns anos, deve estabelecer, na consciência causal certa tendência para ser afetada pela consciência do corpo mental. Quando isso se estabelece, o pensamento abstrato em nível causal será possível sem risco de sobrecarregar o mecanismo do pensamento.

Quando o esforço para formar uma concepção abstrata - digamos, a de um triângulo - teve sucesso, o estudante pode sentir, de início, uma certa tontura, na tentativa de apreender a ideia abstrata; mais tarde, a consciência se transformará subitamente e irá tornar-se clara. Isso significa que o centro da consciência foi transferido do corpo mental para o corpo causal, e o estudante torna-se consciente, em seu corpo causal, de uma existência distinta, fora de si próprio.

Essa é a "intuição" do corpo causal, que reconhece o *externo*. A "intuição" de Buddhi, como veremos em capítulo posterior, reconhece o *interno*, permitindo que a pessoa veja as coisas a partir do interior. Com a intuição intelectual a pessoa compreende uma coisa que está fora dela.

De novo devemos fazer sentir ao estudante que, a despeito das diferenças externas de funcionamento entre a mente superior e a inferior ainda assim Manas, o Pensador, é um, o Eu no corpo causal. É a fonte de energias inumeráveis, de Vibrações de vários tipos, vibrações que ele envia para fora, irradiando-as de si. As mais finas dessas vibrações são expressas em matéria do corpo causal, que é o único bastante sutil para responder a elas. Formam o que, às vezes, é chamada Razão Pura, cujos pensamentos são abstratos, cujo método de adquirir conhecimento é a intuição. Sua real "natureza é conhecimento", e ela percebe a verdade à vista como coerente consigo própria.

As vibrações mais sutis passam além daquele Pensador, atraindo matéria do mundo mental inferior, e se convertem em atividades da mente inferior, conforme já foi descrito.

Talvez seja de certa forma infeliz o fato de se falar de Buddhi como Razão Pura, e de sua faculdade ser descrita como da intuição. A medida que a psicologia progredir, sem dúvida serão selecionados termos adequados, que serão aplicados, específica e unicamente, às funções distintas da consciência causal e às faculdades búdicas.

De Manas, foi dito acima, que sua real "natureza é conhecimento".

Assim é porque Manas é o reflexo, na matéria atômica do plano mental, do aspecto cognitivo do Eu - do Eu como Conhecedor. É possível, portanto, desenvolver o poder de reconhecer a verdade ao vê-la. Isso só se revela quando a mente inferior, com seus lentos processos de raciocínio, é transcendida. Porque sempre que o "Eu" - a expressão do Eu cuja "natureza é conhecimento" - entra em contato com uma verdade, encontra sua vibração regular e é, portanto, capaz de produzir uma imagem coerente de si próprio; enquanto uma falsa causa imagem distorcida, fora de proporção, pelo próprio reflexo que anuncia a sua natureza.

A proporção que a mente inferior assume cada vez mais uma posição subordinada, esses poderes do Ego afirmam sua predominância, e a intuição - que é análoga à visão direta no plano físico - toma o lugar do raciocínio, que pode ser apropriadamente comparado com o sentido do tato no plano físico.

Assim, a intuição se desenvolve do raciocínio da mesma forma ininterrupta e sem mudança da natureza essencial, como os olhos se desenvolvem do tato. A mudança de

"maneira" não nos deve cegar para a ordenada e contínua evolução da faculdade.

O estudante, naturalmente, terá o cuidado de distinguir a genuína intuição daquela pseudo-intuição dos não-ínteligentes, que é simplesmente impulso nascido do desejo, e não superior, mas inferior ao raciocínio.

O ato de pensar desenvolve os espirilos nos átomos físicos; por isso, aqueles que estão definida e cuidadosamente pensando, dia por dia, não estão melhorando apenas seus próprios poderes de pensamento, mas também melhorando para outros a quantidade de material de qualidade superior, facilitando assim o pensamento elevado.

No corpo etérico do homem, o chacra entre as sobrancelhas, ou centro de força, que utiliza o prana azul-escuro, está associado com o princípio do Manas superior.

CAPÍTULO XVIII

DESENVOLVIMENTO E FACULDADES DO CORPO CAUSAL

No Capítulo XV vimos que somente bons elementos são armazenados no corpo causal; o mal não encontra forma de expressão nesse corpo. Podemos, agora, considerar um pouco mais extensamente esse assunto, e estudar os efeitos produzidos no corpo causal, mais ou menos indiretamente, pela prática do mal.

No homem primitivo, o crescimento do corpo causal é, necessariamente, muitíssimo lento. Como vimos, é pelo método de excitar vibração simpática que as qualidades superiores, desenvolvidas pela vida nos planos inferiores, são aos poucos incorporadas ao corpo causal. Mas na vida do homem não-desenvolvido haverá poucos sentimentos ou pensamentos, pertencentes ao mundo superior, que servem de alimento para o crescimento do homem verdadeiro. Por isso, o crescimento é lento, pois todo o resto da vida não o ajuda.

Mesmo o pior dos homens, entretanto, pode comumente apresentar-se no plano causal, embora como entidade completamente destituída de desenvolvimento. Seus vícios, embora persistam vida após vida, não podem contaminar o corpo causal. Podem, contudo, tornar cada vez mais difícil o desenvolvimento das virtudes opostas.

Em cada caso, a existência de uma qualidade má na personalidade significa uma lacuna da correspondente boa qualidade no corpo causal. Porque um Ego não pode ser mau, embora possa ser imperfeito. As qualidades que o Ego desenvolve não podem ser senão boas e, quando se mostram bem definidas, revelam-se em cada qual de suas numerosas personalidades. Consequentemente, essas personalidades jamais poderão se fazer culpadas dos vícios opostos àquelas boas qualidades.

Pode-se dizer que uma boa qualidade que está faltando, nem por isso deixa de existir no Ego, embora ainda não tenha sido chamada à atividade. Assim que é chamada à atividade, suas intensas vibrações atuarão sobre os veículos inferiores e será impossível, como já dissemos, que o defeito oposto encontre outra vez lugar nelas.

Onde há um intervalo no Ego, indicando que há uma qualidade não-desenvolvida, isso não precisa ser necessariamente um vício definido na personalidade; mas o fato é que nada há de *positivo* na personalidade para evitar o crescimento do vício em questão. Por isso, já que, com toda a probabilidade, muitas pessoas em torno dela já possuem tal vício, e desde que o homem é um animal imitador, é mais do que possível que aquela má tendência vá se desenvolver. O vício, contudo, como vimos, pertence apenas aos veículos inferiores e não ao homem real no corpo causal. Naqueles veículos inferiores sua repetição pode provocar um impulso difícil de dominar. Se o Ego, porém, movimentar-se para criar em si mesmo a virtude oposta, o vício é cortado pela raiz e já não pode existir, nem nesta vida nem em todas as vidas que virão.

Assim, a maneira mais pronta de se livrar do mal e evitar seu reaparecimento é preencher o intervalo do Ego, de forma que a boa qualidade que assim desenvolvermos venha a mostrar-se parte integral do caráter do homem através de todas as suas vidas

futuras.

Apesar de o mal não poder ser armazenado definitivamente no corpo causal, ainda assim a prática do mal é suscetível de afetar esse corpo, porque cada intensificação do vício nos veículos inferiores, cada tolerância em admiti-lo nos mundos inferiores, tende, de certa forma, a obscurecer a luminosidade das virtudes opostas no corpo causal.

O "Eu" não pode "assimilar nada do que é mau", porque o mal não pode tocar o "Eu" no nível da consciência. O Ego não é consciente do mal, nada sabe sobre ele, de forma que por ele não pode ser impressionado. O resultado maior que pode atingir o corpo causal por vidas longamente continuadas de baixo tipo, é o que pode ser chamado de certa incapacidade de receber a boa impressão oposta, durante um período subsequente muito considerável; é uma espécie de torpor ou paralisia da matéria do corpo causal. Isso não é consciência e sim inconsciência; uma inconsciência que resiste a impressões do bem da qualidade oposta. Esse é o limite do mal que pode ser feito. Por isso, quando a vida do mal foi muito prolongada, haverá necessidade de muitas vidas para que se produza a primeira resposta do lado bom da atividade.

Observou-se esse resultado quando, estudando vidas passadas, foi feito um esforço para compreender como o corpo causal não foi prejudicado através de certo número de vidas selvagens. Em casos muito prolongados, quando houve um número anormal de tais vidas, esse efeito de torpor foi notado, em consequência da repetida ação do mal, durante um longo período. Várias vidas, então, têm de ser vividas para restaurar, por assim dizer, a vitalidade responsiva àquela porção do corpo causal. Tais casos, contudo são anormais.

Podemos, agora, seguir os efeitos do mal ainda mais adiante. Quando o mal é sutil e persistente, leva consigo, se a expressão é permitida, algo do próprio indivíduo. Se o mal for seguido continuamente, o corpo mental torna-se tão enredado ao corpo astral, que depois da morte não se pode libertar inteiramente. Algo da sua substância é arrancada dele, e quando o corpo astral por sua vez se desintegra, a matéria do corpo mental que foi arrebatada também volta para o depósito geral de matéria mental e fica assim perdida para o indivíduo. Em casos comuns, o mal causado ao corpo causal não vai além disso. Trataremos desse aspecto do nosso assunto, com pormenores mais técnicos, no Capítulo XXV.

Nos casos em que o Ego se tornou forte, tanto em intelecto como em vontade, sem ao mesmo tempo crescer em altruísmo e amor, contrai-se em torno de seu próprio centro separado, ao invés de se expandir enquanto cresce. Ergue, assim, uma muralha de egoísmo, e usa seus poderes desenvolvidos para si próprio e não para outros. Em tais casos há a possibilidade, a que tantas escrituras do mundo aludem, de o Ego se colocar, conscientemente, contra a "Boa Lei", lutando deliberadamente contra a evolução. Então, o próprio corpo causal mostra os coloridos escuros produzidos pela contração e perde a deslumbradora radiação que é sua propriedade característica. Um mal assim não pode ser produzido por um Ego escassamente evoluído, nem pelas faltas comuns, passionais ou mentais. Para chegar a um prejuízo de tão longo alcance o Ego deve ser altamente evoluído e ter suas energias despertadas no plano mental.

Por esse motivo é que a ambição, o orgulho e os poderes do intelecto, usados com fins egoísticos, são muito mais perigosos e muito mais mortíferos em seus efeitos, do que as

mais palpáveis faltas da natureza inferior. Assim é que o "fariseu" está, muitas vezes, mais afastado do "reino de Deus" do que os "publicanos e pecadores". Nessa linha se desenvolve o "mago negro", o homem que domina paixão e desejo, desenvolve a vontade e os altos poderes da mente, não para oferecê-los como forças de auxílio à evolução do todo, mas para arrecadar tudo quanto possa para si próprio como uma unidade, para reter não para partilhar. Tais homens se empenham em estabelecer a separação contra a unidade, lutando para retardar a evolução, ao invés de apressá-la. Vibram em discórdia com o todo, ao invés de com ele harmonizarem-se; e estão sob o perigo daquele esfaqueamento do próprio Ego, o que significa a perda de todos os frutos da evolução.

Até aqui falamos principalmente dos efeitos do mal no crescimento do homem. Vamos, agora, ver o outro lado do quadro. Todos os que estão começando a compreender algo sobre o corpo causal, podem fazer da sua evolução um objetivo definido na vida. Podem lutar para pensar, sentir e agir sem egoísmo, contribuindo assim para o seu crescimento e atividade. Vida após vida, essa evolução do indivíduo continua e, ajudando seu crescimento por um esforço consciente, estamos trabalhando em harmonia com a divina vontade, levando adiante o objetivo pelo qual fomos trazidos para cá. Nada do que pertence ao bem, uma vez entrelaçado ao corpo causal, pode jamais ser perdido ou dissipado, porque isso é o homem que vive, enquanto permanece como homem.

Vemos, assim que pela lei da evolução tudo quanto é mal, por muito forte que possa parecer, traz consigo o germe de sua própria destruição, enquanto tudo quanto é bom tem em si a semente da imortalidade. O segredo disso está no fato de que todo mal apresenta-se desarmonioso, já que se coloca contra a lei cósmica. Mais cedo ou mais tarde, portanto, é despedaçado por ela. Todo bem, por outro lado, estando em harmonia com a lei, é levado por ela para a frente: faz parte da corrente da evolução, portanto, não pode jamais perecer ou ser destruído.

Podemos pensar em todas as experiências do homem como passando através de uma peneira ou crivo. Só o que é bom passará, e o que é mau será deixado, rejeitado. Nisso - o verdadeiro mecanismo pelo qual o corpo causal, o veículo resistente do homem, é construído - estão não só a esperança do homem, mas a certeza do seu triunfo final. Seja lento quanto for o crescimento, ele ali está. Por muito longo que seja o caminho ele terá um fim. O indivíduo, que é o nosso Eu, está evoluindo e não pode ser, em absoluto, destruído. Embora possamos, pela nossa loucura, tornar o crescimento mais lento do que precisaria ser, todo bem com que contribuímos, por pouco que seja, dura para sempre, e é posse nossa durante todas as eras que temos pela frente.

Embora nenhum mal possa ser armazenado no corpo causal, ele, contudo, é estocado - se este for o termo - nos veículos inferiores a que pertence, porque, sob a lei da justiça, cada homem deve receber os resultados de suas próprias ações, sejam elas boas ou más. O mal, porém, trabalha necessariamente nos planos inferiores, porque só a matéria desses planos oferecem as vibrações através das quais ele pode-se expressar; nele não há nem mesmo som harmônico capaz de excitar uma resposta no corpo causal. Sua força, portanto, é toda gasta em seu próprio nível, e reage inteiramente sobre seu criador em sua vida física e astral, seja nesta, seja em futuras encarnações.

Mais precisamente: o resultado do mal se acumula na unidade mental e nos átomos

permanentes, astral e físico. Assim, o homem tem de enfrentá-lo muitas e muitas vezes. Isso, naturalmente, é assunto bem diferente do que levar o mal ao Ego e torná-lo parte integrante de *si* próprio.

Também as boas ações e os bons pensamentos, como é natural, produzem resultados nos planos inferiores mas, além disso, têm um efeito imensamente maior e permanente sobre o corpo causal. Assim, o bem e o mal produzem efeitos nos planos inferiores e se manifestam nos veículos inferiores temporários, mas só as boas qualidades são retidas pelo corpo causal como um ganho definitivo para o homem real.

Dessa forma, de início lentamente, nos estágios posteriores com velocidade sempre crescente, o corpo causal de um homem vai-se formando. A cada estágio do seu crescimento, o estudo da cor e das estrias do corpo causal revela o progresso que o Ego fez desde que o corpo causal iniciou sua existência, quando a entidade emergiu do reino animal; revela ainda o estado exato de evolução por ele alcançado.

Como vimos, nos últimos estágios da evolução, tanto o corpo mental como o causal, expandem-se enormemente, mostrando o mais deslumbrante esplendor de luzes multicoloridas, luzindo com intensa cintilação quando relativamente em repouso, e enviando maravilhosos lampejos quando em grande atividade.

À proporção que o corpo causal se torna capaz de expressar, cada vez mais, o Ego, ele se estende mais e mais, além de seu centro físico, até que o homem seja capaz de envolver centenas e mesmo milhares de pessoas dentro de *si* mesmo, e assim exercer uma vasta influência para o bem.

A transferência para o corpo causal de faculdades adquiridas pela personalidade é análoga à transferência para a Alma-Grupál das experiências adquiridas pelas formas nas quais se encarna essa Alma-Grupál. Assim, por exemplo, suponhamos que a qualidade da exatidão seja desenvolvida numa personalidade. Quando essa qualidade retorna para o Ego no corpo causal, a mesma quantidade tem de ser espalhada em todo o corpo causal. A quantidade, que era suficiente para uma personalidade exata, ao passar para o Ego será só uma fração do que ele necessita. Em consequência, poderão ser necessárias várias vidas a fim de desenvolver bastante essa qualidade, tornando-a preponderante em alguma próxima vida, especialmente porque o ego não põe na personalidade seguinte o mesmo pedaço de *si* mesmo mas, simplesmente, um pedaço de toda a massa.

O estudante deve, sempre através de seus estudos, recordar que o corpo causal *não* é o Ego, mas apenas a matéria do plano mental superior que foi vivificada, e que expressa as *qualidades* que o Ego adquiriu.

O homem real - a divina trindade interna - não podemos ver; porém, quanto mais nossa visão e conhecimento aumentam, mais nos aproximamos daquilo que está velado nele. Assim, podemos pensar no corpo causal como o que mais se aproxima de uma concepção do verdadeiro homem que nossa visão atual pode nos dar.

O estudante recordará, também, que é pelo tamanho e feitio do corpo causal que se determina o tamanho e o feitio do corpo mental. De fato, a aura do homem, que tem um tamanho definido, é a mesma de uma seção do corpo causal; conforme o corpo causal cresce, tal seção se torna maior, e o homem tem uma aura maior.

Ademais, no caso do homem desenvolvido, o corpo mental se torna um reflexo do

corpo causal, desde que o homem aprende a seguir somente as sugestões do Eu maior, e a guiar sua razão exclusivamente por ele.

No processo de meditação (ver *O Corpo Mental*), enquanto o corpo mental é posto em quietude, a consciência escapa dele, e passa dentro e fora do "centro laya", o ponto neutro de contato entre o corpo mental e o corpo causal. A passagem é acompanhada por um desfalecimento momentâneo, ou perda de consciência - resultado inevitável do desaparecimento dos objetos da consciência - seguido pela consciência no plano superior. O abandono dos objetos da consciência, que pertencem aos mundos inferiores, é seguido, assim, pelo aparecimento dos objetos da consciência no mundo superior. Então, o Ego pode modelar o corpo mental de acordo com seus próprios e elevados pensamentos, e saturá-los com suas próprias vibrações. Pode moderá-lo segundo as altas visões de planos que ficam além do seu, e dos quais obteve um vislumbre em seus momentos de exaltação, e pode assim transmitir para baixo e para fora ideias às quais o corpo mental, de outra maneira, não seria capaz de responder.

Tais ideias são as inspirações do gênio, aquele lampejo que vem para a mente com luz deslumbradora e ilumina o mundo.

Podemos repetir aqui, utilmente, a substância do que foi dito em *O Corpo Mental*, dirigindo nossa atenção, agora, não tanto para a consciência do cérebro inferior como para a do Ego que trabalha no corpo causal. O gênio, que é o Ego, vê ao invés de argumentar. Uma das suas faculdades é a verdadeira intuição. O Manas inferior, ou mente, trabalhando no aparelho cerebral, arranja os fatos reunidos pela observação, compara-os uns com os outros e tira deles suas conclusões. Opera pelo processo do raciocínio, usando os métodos de indução e dedução,

A Intuição, por outro lado, conforme indica a etimologia, é visão interior, olhar que vem de dentro - um processo tão direto e rápido como a visão física. É o exercício dos olhos da inteligência, o infalível reconhecimento de uma verdade que se apresenta no plano mental. A prova é desnecessária, porque está acima e além da razão. Naturalmente, grande cuidado deve haver no distinguir um simples impulso cômico da verdadeira intuição. Somente quando os desejos e apetites do Eu cômico inferior se aquietam e repousam é que aquela voz da mente superior pode-se fazer ouvida pela personalidade inferior.

Em *Isis Sem Véu*, H. P. Blavatsky explica o assunto com força e lucidez. Aliada à metade física da natureza humana - diz ela - está a razão; aliada à sua parte espiritual está a consciência que é aquela percepção instantânea entre o certo e o errado, que pode ser exercida pelo espírito, o qual, sendo uma parte da divina pureza e sabedoria, é, em si mesmo, absolutamente puro e sábio. Suas decisões são independentes da razão e só podem manifestar-se claramente quando não são tolhidas pelas atrações mais baixas da natureza inferior. A razão, assinala ela, sendo totalmente independente da evidência de outros sentidos, não pode ser uma qualidade diretamente pertencente ao espírito divino. Pois o espírito *sabe* - daí ser inútil o raciocínio. Daí os antigos teurgistas afirmarem que a parte racional da alma do homem (espírito) jamais entrava inteiramente no corpo do homem, apenas o sombreava, mais ou menos através da alma astral ou irracional, que serve como agente intermediário ou médium entre o espírito e o corpo. O homem que conquistou matéria bastante para receber luz direta de seu brilhante *Augoeides*, sente a

verdade intuitivamente. Não pode errar em seu julgamento, apesar de todo o sofisma sugerido pela razão, porque ele é *iluminado*. Por isso, a profecia, o vaticínio, a chamada inspiração divina são simplesmente os efeitos dessa iluminação que vem de cima, de nosso próprio e imortal espírito.

Como com uma chama podemos acender um pavio, e a cor da chama e do pavio que arde dependerão da natureza do pavio e do líquido em que ele está mergulhado, em cada ser humano a chama de Manas ilumina o cérebro e o pavio cômico, e a cor e a luz do pavio dependerão da natureza cômica e do desenvolvimento do aparelho cerebral.

Em seu artigo denominado "Gênio", H. P. Blavatsky explica bem claramente a matéria: o que chamamos manifestação de gênio em uma pessoa é apenas o esforço mais ou menos bem-sucedido do Ego para se afirmar através de sua forma objetiva externa. Os *Egos* de um Newton, de um Ésquilo, de um Shakespeare são da mesma essência e substância dos *Egos* de um rústico, de um ignorante, de um louco, de até mesmo um idiota. A auto-afirmação de seus *gênios* informantes depende da construção fisiológica e material do homem físico. *Ego* algum difere de outro *Ego* em sua essência e natureza primordiais ou originais. O que faz de um mortal um grande homem e de outro uma pessoa vulgar e tola, como se diz, é a qualidade e a textura da casca ou envoltório, a adequação ou impropriedade do cérebro e do corpo para transmitirem e darem expressão à luz do homem real *interior* - o *Ego*.

Para usar uma comparação familiar, o homem físico é o instrumento, o Ego é o artista que executa. A potencialidade da melodia perfeita está no instrumento; talento algum pode obter harmonia exata com um instrumento quebrado ou mal construído. Essa harmonia depende da fidelidade da transmissão, pela palavra e pela ação, para o plano objetivo, do inefável pensamento divino vindo da profundidade da natureza interior, subjetiva, do homem; numa palavra, do seu Ego.

A capacidade mental, a força intelectual, a agudeza, a sutileza são manifestações do Manas inferior do homem. Podem chegar até o ponto que H. P. Blavatsky chama "gênio artificial", o resultado da cultura e da agudeza puramente intelectual. Essa natureza, constantemente, é demonstrada pela presença do elemento cômico nela, isto é, pela presença de paixão, vaidade, arrogância.

No presente estágio da evolução humana raramente o Manas superior se manifesta. Lampejos ocasionais dele são o que nós chamamos de gênio verdadeiro. "Observa em toda manifestação de gênio, *quando combinada com a virtude*, a inegável presença do exilado celeste, o divino Ego, cujo carcereiro és tu, ó homem de matéria." Tais manifestações dependem de um acúmulo de experiências antecedentes individuais do Ego em sua vida ou vidas anteriores. Porque, embora o Ego seja onisciente em sua essência e natureza, ainda assim requer experiência, através de suas *personalidades*, quanto às coisas da terra, a fim de aplicar a elas a fruição de suas experiências abstratas. E o cultivo de certas aptidões, através de uma longa série de encarnações, deve culminar, finalmente, em alguma vida, como *gênio*, numa direção ou outra. Fica bem claro, pelo que se disse acima, que, para a manifestação do verdadeiro gênio, a pureza de vida é essencial.

E importante reconhecer o papel que o Ego, no corpo causal, desempenha na formação da nossa concepção dos objetos externos. As vibrações dos fios nervosos apresentam ao cérebro apenas impressões: é trabalho do Ego classificá-las, combiná-las e

arranjá-las. O discernimento do Ego, atuando através da mente, exerce sua ação sobre tudo o que os sentidos transmitem ao cérebro. Ademais, tal discernimento não é um instinto inerente à mente, perfeito desde o início, mas o resultado da comparação de determinado número de experiências anteriores.

Antes de considerar a possibilidade de funcionamento consciente no plano causal, devemos recordar que para um homem ainda ligado ao corpo físico mover-se com *integral* consciência no plano mental, seja o inferior ou o superior, é preciso que ele seja ou um Adepto ou um de seus discípulos Iniciados, porque enquanto o estudante não aprender com o seu Mestre como usar seu corpo mental, não poderá mover-se com liberdade nem mesmo em seus níveis mais baixos.

Poder atuar conscientemente durante a vida física nos níveis superiores denota, naturalmente, um avanço ainda maior, porque isso significa a unificação do homem, que daí por diante já não é simples personalidade, mais ou menos influenciada pela individualidade que está acima, mas é ele próprio aquela individualidade ou Ego. Ainda está, é certo, atrelado e confinado a um corpo, mas nem por isso deixa de ter dentro de si o poder e o conhecimento de um Ego altamente desenvolvido.

Presentemente, a maioria das pessoas mal é consciente no corpo causal: pode trabalhar apenas na matéria do terceiro subplano, isto é, na parte mais baixa do corpo causal; na verdade, somente a matéria mais baixa desse nível é a que habitualmente opera. Quando essas pessoas estão no Caminho, o segundo subplano se abre. O Adepto, naturalmente, usa todo o corpo causal, enquanto sua consciência está no plano físico. Esses detalhes serão considerados com um pouco mais de amplitude em um capítulo posterior.

Passando agora para poderes mais específicos e detalhados do corpo causal, devemos recordar, como ficou explicado nos dois volumes precedentes desta série, que não é possível para um homem passar para outro planeta da nossa cadeia, nem em seu corpo astral nem em seu corpo mental. No corpo causal, contudo, quando muito altamente desenvolvido, essa possibilidade existe, embora, mesmo então, de forma alguma com a facilidade e rapidez com que tal coisa pode ser feita no plano búdico por aqueles que chegaram a levar sua consciência àquele nível.

Parece, contudo, que um corpo causal não poderia, normalmente, mover-se no espaço interestelar. Nesse espaço, ao que parece, os átomos estão muito separados e equidistantes, e essa é, provavelmente, sua condição normal quando não são perturbados. Isso é o que se quer expressar quando se fala nos átomos como "livres". Dentro da atmosfera de um planeta, jamais são encontrados nesse estado, porque mesmo quando não estão agrupados em formas são, de qualquer modo, enormemente comprimidos pela força da atração.

No espaço interplanetário, as condições não se mostram, provavelmente, as mesmas do espaço interestelar, porque pode haver muitíssima perturbação devido à matéria de cometas e meteoros. Além disso, a tremenda atração do Sol produz uma considerável compressão dentro dos limites desse sistema.

Daí o corpo causal do homem ser comprimido pela atração, fazendo-se de um formato definido e bastante denso, embora os átomos em si não se tenham alterado e não estejam

agrupados em moléculas. Apesar de tal corpo poder existir confortavelmente em seu próprio plano atômico, na vizinhança de um planeta, onde a matéria atômica é comprimida, ele não se poderia mover ou funcionar num espaço distante, onde os átomos estão "livres" e não comprimidos.

O poder de ampliação pertence ao corpo causal e está associado com o chacra da testa, o centro de força que fica entre as sobrancelhas. Da porção central desse chacra é projetado o que pode ser chamado de minúsculo microscópio, tendo como lente apenas um átomo. Dessa forma um órgão é produzido, coincidente em tamanho com os objetos diminutos a serem observados. O átomo empregado pode ser físico, astral ou mental mas, seja ele qual for, precisa uma preparação especial. Todos os seus espirilos devem ser abertos, de forma a se fazer exatamente como será na sétima Ronda da nossa Cadeia de mundos.

Se um átomo de um nível inferior ao causal for usado como instrumento de ótica, será necessário introduzir um sistema de contrapartes refletoras. O átomo pode ser ajustado a qualquer subplano, de forma que qualquer grau de ampliação possa ser aplicado, a fim de se adequar ao objeto que está sendo examinado. Uma extensão maior desse poder capacita o operador a focalizar sua própria consciência na lente através da qual ele está olhando, e então projetá-la para pontos distantes.

O mesmo poder, mediante arranjo diferente, pode ser usado para fins de diminuição, quando se quer ver como um todo algo grande demais para ser abarcado pela visão comum.

A visão do corpo causal dá à pessoa a possibilidade de, até certo ponto, antever o futuro. Mesmo com os sentidos físicos alguém pode, às vezes, vaticinar certas coisas. Assim, por exemplo, se vemos um homem levar uma vida de deboche, podemos com segurança predizer que, a não ser que ele mude, depressa perderá a fortuna e a saúde. O que não podemos dizer, através de meios físicos, é se aquele homem mudará ou não.

O homem que tem visão do corpo causal, contudo, poderia com frequência dizer isso, porque, para ele, as forças de reserva do outro seriam visíveis. Veria o que o Ego pensa de tudo aquilo, e se é forte o bastante para intervir. Nenhuma predição meramente física é certa, pois muitas das causas que influenciam a vida não podem ser vistas deste plano inferior. Quando, porém, a consciência se eleva a planos mais altos, podemos ver mais causas, e assim sermos mais exatos nos cálculos quanto aos efeitos.

É mais fácil, naturalmente, predizer o futuro de um homem não desenvolvido do que o de um homem mais avançado. Porque o homem comum tem pouca força de vontade. O carma fornece-lhe determinado ambiente e ele é criatura daquele ambiente. Aceita o fado marcado para ele porque não sabe como alterá-lo.

O homem mais desenvolvido, entretanto, apodera-se de seu destino e modela-o. Faz do seu futuro o que deseja que ele venha a ser, contrariando o carma do passado através da movimentação de novas forças. Por isso, seu futuro não é facilmente prognosticável. Sem dúvida, entretanto, mesmo neste caso um Adepto, que pode ver a vontade latente, poderia também calcular como aquele homem a usaria.

Estudantes de *O Corpo Mental* recordarão que ali se dá uma descrição dos Registros acásicos, ou Memória da Natureza, como às vezes são chamados. A leitura de tais Registros

é trabalho feito pelo corpo causal; o corpo mental vibra apenas em resposta à atividade do corpo causal. Por esse motivo, não pode ser feita uma leitura satisfatória ou segura dos Registros sem o desenvolvimento definido do corpo causal.

Leadbeater descreve um caso interessante e raro em que, através de temerário excesso de trabalho mental, um homem sublimou de tal modo as suas faculdades no corpo causal que podia, espasmodicamente, ler os Registros com grande clareza de pormenores. Além disso, podia exercer o poder de ampliação até certo ponto, particularmente no que se referia a perfumes. O resultado - característica dessa faculdade - foi produzir uma *aspereza* no olfato, fazendo o perfume perder sua suavidade, tornando-se em algo semelhante a um pano de lã ou uma bacia de areia. Isso se deu porque a faculdade de ampliação, que pertence ao corpo causal, leva as minúsculas partículas físicas, que provocam em nós o sentido do olfato, a se separarem muitíssimo, como os grãos de uma lixa, e assim se produz a impressão de aspereza.

É inútil dizer que esse método de despertar os poderes do corpo causal pelo excesso de trabalho, deve ser fortemente censurado, porque é mais provável que cause uma estafa do cérebro ou do sistema nervoso do que provoque faculdades causais, coisa que só muito raramente acontece.

Se um homem eleva sua consciência até a mais alta divisão do seu corpo causal, e focaliza-a exclusivamente na matéria atômica do plano mental, tem diante de si três possibilidades de mover sua consciência, que correspondem, até certo ponto, as três dimensões do espaço.

Em primeiro lugar, obviamente, um caminho é aberto para ele mover-se em direção descendente para o segundo subplano do mental, ou para cima, para o mais baixo subplano do búdico, contanto, naturalmente, que ele tenha desenvolvido suficientemente seu corpo búdico para poder utilizá-lo como um veículo.

Em segundo lugar, uma segunda linha de movimento é o caminho mais curto entre a subdivisão atômica de um plano para a correspondente subdivisão atômica dos planos que ficam acima ou abaixo, sem tocar em qualquer dos subplanos intermediários.

Em terceiro lugar, uma terceira oportunidade não é tanto um *movimento* ao longo de outra linha, em ângulos retos com ambas as outras mas, antes, a possibilidade de ver acima de tal linha, a linha que reúne o Ego e a Mônada, tal como um homem no fundo de um poço pode olhar para uma estrela no céu que está acima dele.

Isso se dá porque há uma linha direta de comunicação entre o subplano atômico mental em seu plano *cósmico* mais baixo, e o correspondente atômico mental no plano mental *cósmico*. Embora ainda estejamos infinitamente distantes de ter a capacidade de subir até essa linha, Leadbeater declara que pelo menos uma vez teve a experiência de poder olhar para cima, para ela, por um momento. O que se vê, diz ele, não adianta tentar descrever, porque palavras humanas não podem dar a menor ideia a respeito. Mas, pelo menos, esse pouco revela, com uma certeza que nada mais abalará, que aquilo que até então supúnhamos ser a nossa consciência, nosso intelecto, não é absolutamente nosso, mas Dele. Não é sequer um reflexo Dele, mas literal e realmente uma parte de Sua consciência, uma parte do Seu intelecto. Alguma pequena ajuda para se entender isso pode ser encontrada no conhecimento de que o Ego humano, em si mesmo, é a manifestação da

Terceira Emissão que vem do Seu Primeiro Aspecto, o eterno e sempre amoroso Pai.

O crescimento e desenvolvimento do corpo causal é grandemente ajudado pelo trabalho dos Mestres, porque Eles tratam mais com Egos em seu corpos causais do que com os veículos inferiores do homem. Devotam-se a derramar influência espiritual sobre os homens como o Sol irradia sua luz sobre as flores; estimulam tudo quanto neles exista de mais nobre e melhor, promovendo, assim, seu crescimento. Muitas pessoas são, às vezes, conscientes das úteis influências que acabamos de descrever, mas não conseguem descobrir-lhes a origem. Esse trabalho será de certa forma explicado mais amplamente em um capítulo posterior.

CAPÍTULO XIX

VIDA DEPOIS DA MORTE: O QUINTO CÉU

Em *O Corpo Astral* e *O Corpo Mental* tratamos da vida do homem depois da morte no plano astral, e também no plano mental inferior, em seu corpo mental, assim como no Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto mundos celestes, e no Sétimo, Sexto, Quinto e Quarto Subplanos, respectivamente. Temos de descrever, agora, a vida depois da morte do corpo causal, nos três níveis mais altos do plano mental.

A distinção entre as duas grandes divisões do plano mental - a inferior ou rupa (com forma) e a superior ou arupa (sem forma) - é muito marcada. Tão diferentes, realmente, são esses dois mundos, que se fazem necessários diferentes veículos de consciência para funcionar neles.

Em *O Corpo Mental*, o propósito geral e racional da vida no devacan já foi também explicado, e não precisamos repeti-lo aqui. Foi explicado, também, naquele livro, por que o devacan é uma necessidade para a grande maioria das pessoas. Em certos casos excepcionais, contudo, vemos que o homem suficientemente avançado, com a permissão de uma autoridade mais alta, pode "renunciar ao devacan" e realizar uma série de rápidas encarnações, sem qualquer intervalo apreciável entre elas.

No plano mental inferior a matéria é dominante: é a primeira coisa que impressiona os olhos; e a consciência brilha com dificuldade através das formas. Nos planos mais altos, porém, a vida é a coisa mais importante, e as formas ali estiro apenas para os seus fins. A dificuldade nos planos inferiores é dar à vida expressão nas formas; nos mais altos dá-se o contrário - é dar forma e manter o fluxo de vida. Só acima da linha divisória entre os planos mentais inferior e superior é que a luz da consciência não está sujeita ao vento, e brilha com seu próprio poder. O símbolo do fogo espiritual é muito adequado para a consciência nesses níveis, para que se distinga dos planos inferiores onde o símbolo de fogo consumidor é mais apropriado.

No níveis arupa, a matéria é subordinada à vida, alterando-se a cada momento. Uma entidade modifica sua forma a cada mudança de pensamento. A matéria é um instrumento de sua vida e não expressão da mesma. A forma é feita momentaneamente e muda com cada mudança de sua vida. Isso é verdadeiro não só nos níveis arupa de Manas, mas também de uma forma sutil no plano de Buddhi, sendo verdadeiro também quanto ao Ego espiritual.

Por mais gloriosa que possa ter sido a vida nos mundos celestes do plano mental inferior, tem de chegar a um fim. O corpo mental, por sua vez, desaparece como aconteceu com os outros corpos, e começa a vida do homem no corpo causal. Através de toda a vida celestial, a personalidade da última vida física é claramente preservada, e só quando a consciência finalmente se retrai para o corpo causal aquela sensação de personalidade imerge na individualidade e o homem, pela primeira vez desde que desceu para a encarnação, compreende a si mesmo como Ego verdadeiro e relativamente permanente.

No corpo causal o homem não precisa de "janelas" - que, como o estudante se

recordará, são formadas pelos nossos próprios pensamentos nos céus inferiores. Por isso, o plano causal é seu lar verdadeiro e todas as paredes foram derrubadas.

A maioria dos homens ainda tem muito pouca consciência a essa altura. Descansam sonolentemente, sem observar, mal-acordados. Tal visão, entretanto, tal como eles a têm, é verdadeira, por muito limitada que seja pela falta de desenvolvimento.

A vida celestial superior toma parte muito pequena na existência do homem comum, porque em seu caso o Ego não está bastante desenvolvido para ser despertado no corpo causal. Egos atrasados, realmente, jamais atingem *conscientemente* o mundo celestial, enquanto um número ainda maior obtém apenas um relativamente ligeiro toque de alguns dos sub planos inferiores.

Mas no caso do homem espiritualmente desenvolvido, sua vida, como um Ego em seu próprio mundo, é gloriosa, realizada, satisfatória.

Apesar disso, consciente ou inconscientemente, cada ser humano deve tocar os mais altos níveis do plano mental antes que ocorra a reencarnação. A medida que sua evolução continua, esse toque, naturalmente, torna-se cada vez mais definido e real. Não só fica mais consciente, à proporção que progride, como também o período que passa nesse mundo de realidade torna-se maior, porque sua consciência vai, lenta mas firmemente, elevando-se através dos diferentes planos do sistema.

O tempo passado no plano mental superior pode variar, de acordo com o estágio de desenvolvimento, de dois a três dias de inconsciência, no caso de um homem comum, não-desenvolvido, até um longo período de anos de vida consciente e gloriosa, no caso de pessoas excepcionalmente adiantadas.

O espaço de tempo passado nos mundos celestiais entre encarnações depende de três fatores principais: primeiro, a classe a que o Ego pertence; segundo, o modo pelo qual atingiu a individualização; terceiro, a duração e natureza de sua última vida. Quanto a esse assunto, tendo sido tratado em pormenor em *O Corpo Mental*, é desnecessário repetir aqui o que ficou dito antes.

Mesmo quando tenhamos compreendido o quanto é pequena a parte de cada ciclo de vida passado no plano físico, para avaliar com justiça sua verdadeira proporção relativamente ao total, devemos manter inteiramente em mente a realidade muito maior da vida nos mundos superiores. Esse é um ponto que nunca se enfatiza com demasiada força, porque a vasta maioria das pessoas ainda se acha tão completamente sob o domínio de seus sentidos físicos que as irrealidades do mundo inferior lhes parecem a única realidade, ao passo que quanto mais uma coisa se aproxima do real, mais irreal e incompreensível lhes parece.

Por motivos que ainda não são suficientemente compreensíveis, o mundo astral foi chamado de mundo da ilusão; apesar disso, está pelo menos um passo mais perto da realidade. Distante, realmente, como está a visão astral da visão abrangente do homem em seu próprio plano, ela é, contudo, mais aguda e mais fidedigna do que os sentidos físicos. E assim como está o astral para o físico, está o mental para o astral, exceto pela proporção que se eleva para um poder maior. Daí ser o tempo passado nesses planos superiores não só muito mais longo do que o da vida física, como a cada momento pode, se for apropriadamente usado, ser muitíssimo mais frutífero do que o mesmo espaço de tempo

no plano físico.

À proporção que a evolução caminha, o princípio que rege a vida depois da morte é ser aquela vida nos níveis inferiores, tanto no plano astral como no mental, gradualmente encurtada, enquanto a vida superior se torna constantemente mais longa e mais cheia. Eventualmente chega o tempo em que a consciência é unificada, isto é, quando o Eu inferior e o superior ficam indissoluvelmente ligados, e o homem já não pode envolver-se em sua própria nuvem de pensamentos, tomando erroneamente o pouco que pode ver através deles pelo todo do grande mundo celestial que o rodeia. Então ele compreende as possibilidades de sua vida, e assim, pela primeira vez, verdadeiramente começa a viver. Quando chega a tais alturas, porém, já terá entrado no Caminho e tomado seu progresso futuro, definitivamente, em suas próprias mãos.

Somente quando a consciência afastou-se dos corpos inferiores, e uma vez mais centralizou-se no Ego, é que o resultado final da encarnação recém-terminada é conhecido. Então, veem-se quais foram as novas qualidades adquiridas naquele pequeno ciclo de sua evolução. Nessa ocasião, também, se tem um vislumbre da vida toda. O Ego, por um momento, tem um clarão de consciência mais nítida, no qual vê os resultados da vida que completou, e algo do que se seguirá em seu próximo nascimento.

Não se pode dizer que esse vislumbre envolva um conhecimento da natureza que terá a próxima encarnação, exceto de uma forma geral e das mais vagas. Sem dúvida, será visto o principal objetivo da vida a ser vivida e o progresso específico que ele pretende realizar durante seu curso, mas a visão será valiosa principalmente como lição quanto aos resultados cármicos de sua ação no passado. Ela lhe oferece uma oportunidade, da qual ele tirará maior ou menor proveito, de acordo com o estágio de desenvolvimento que alcançou.

De início faz pouco uso dessa oportunidade, pois está só vagamente consciente e muito escassamente preparado para aprender os fatos e suas variadas inter-relações. Gradualmente, entretanto, seu poder de apreciação do que vê aumenta e, mais tarde, vem a capacidade de recordar tais lampejos havidos ao fim de suas vidas anteriores, e de compará-los, fazendo assim a estimativa do progresso que está obtendo ao longo da estrada que deve percorrer. Além disso, devotará algum tempo aos planos relativos à vida que está diante de seus passos. Sua consciência vai aumentando aos poucos até que ele chegue a ter uma vida apreciável nos níveis superiores do plano mental, toda vez que conseguir alcançá-los.

O QUINTO CÉU: O TERCEIRO SUBPLANO

Este é, naturalmente, o mais baixo dos subplanos do mental, do arupa, ou sem forma. E também a mais populosa de todas as regiões com as quais estamos relacionados, porque aqui estão presentes todos os sessenta mil milhões de almas que, dizem, se encontram engajadas na presente evolução humana - todas, realmente, exceto o número relativamente pequeno das que são capazes de funcionar no segundo e no primeiro subplanos.

Como já vimos, cada alma é representada por uma forma ovoide que, de início, é uma simples película destituída de cor, mas que, posteriormente, à proporção que o Ego se desenvolve, começa a mostrar um bruxuleio iridescente, como bolha de sabão; as cores se movem à sua superfície como as tonalidades mutáveis que o Sol acende nos borrifos de uma cascata.

As que estão ligadas com um corpo físico são distinguíveis das que se acham sem corpo pela diferença nos tipos de vibração que se instalam à superfície de seu corpo causal; é, portanto, fácil nesse plano ver, num relance, se um indivíduo está ou não encarnado, naquele momento.

A imensa maioria, esteja ou não de posse de um corpo físico, está sonhadoramente semiconsciente, embora poucos sejam, agora, os que se mostram como película descolorida. Os que estão inteiramente despertos são marcados como brilhantes exceções, e aparecem entre os grupos menos radiantes como estrelas de primeira grandeza. Entre essas e as menos desenvolvidas situam-se as variedades em tamanho e beleza, cada qual representando, assim, o exato estágio de evolução a que chegou.

A maioria não está ainda suficientemente definida, mesmo na consciência que possui, para compreender os propósitos da lei de evolução na qual está engajada. Procura a encarnação em obediência ao impulso da Vontade Cósmica, e também ao *Tanha*, a cega sede pela vida manifestada, o desejo de encontrar alguma região na qual possa sentir e ter consciência de que vive. Nos estágios iniciais, tais entidades não podem sentir as vibrações intensamente rápidas e penetrantes da matéria altamente refinada de seu próprio plano. Os rudes e fortes, mas relativamente lentos movimentos do plano físico, são os únicos que conseguem provocar nelas uma resposta. Por isso é que apenas no plano físico sentem-se como vivas, e isso explica sua forte ansiedade pelo renascimento na vida terrena.

Assim, na ocasião, seus desejos concordam exatamente com a lei de evolução, Só se podem desenvolver por intermédio desses impactos externos, aos quais vão sendo aos poucos despertadas para responder, e nesse estágio inicial só os podem receber na existência terrena. Lentamente, seu poder de resposta aumenta, e são estimulados, primeiro para as mais altas e finas vibrações físicas, e ainda mais lentamente para as do plano astral. A seguir, seus corpos astrais, que até então foram meras pontes para transportar sensações ao Ego, vão se tornando, aos poucos, veículos definidos que elas podem usar; sua consciência começa a centralizar-se mais em suas emoções do que nas sensações puramente físicas.

Em estágio posterior, mas sempre pelo mesmo processo de aprendizado, para responder aos impactos vindos do exterior, os Egos aprendem a centralizar sua consciência no corpo mental, a viver de acordo com as imagens mentais que formaram para si próprios, e assim governar suas emoções através da mente.

Ainda mais para a frente no longo caminho da evolução, o centro se move para cima, para o corpo causal, e os Egos compreendem a verdadeira vida. Quando esse estágio é alcançado, contudo, serão encontrados num subplano superior àquele (o terceiro), e a inferior existência terrena já não lhes será necessária. Presentemente, porém, estamos tratando com a maioria menos desenvolvida, que ainda estende, às apalpadelas, como ondulantes tentáculos no oceano da existência, as personalidades que são elas próprias nos

planos inferiores da vida. Contudo, ainda não estão de forma alguma conscientes de que essas personalidades representam meios através dos quais têm de ser nutridos e crescer. Nada veem de seu passado nem de seu futuro, já que ainda não estão conscientes em seu próprio plano. Apesar disso, à proporção que vão recolhendo e assimilando experiência, desenvolvem o senso de que certas coisas que se fazem são boas, e outras são más, e isso se expressa imperfeitamente na personalidade vinculada como o início de uma consciência, a sensação do errado e do certo. Aos poucos, conforme evoluem, esse senso vai-se delineando com maior clareza na natureza inferior e torna-se um guia mais eficiente.

Por meio das oportunidades dadas pelo relance de consciência a que nos referimos há pouco, os Egos mais avançados desse subplano desenvolvem-se a um ponto no qual se ocupam em estudar seu passado, retrazendo as causas que estão nele, e aprendendo muito da retrospectão, de forma que os impulsos enviados para baixo vão se tornando mais claros e mais definidos e se traduzem, na consciência inferior, como firmes convicções e intuições imperativas.

Seria desnecessário salientar que as imagens-pensamentos dos níveis rupa, ou da forma, não são levados para o mundo celeste superior. Toda ilusão passou, agora, e cada Ego sabe qual é seu parentesco verdadeiro, vê esse parentesco e é visto em sua própria e real natureza, como o verdadeiro homem imortal que passa de uma vida para outra, com todas as ligações intatas, ligadas ao seu real ser.

Nesse terceiro subplano também são encontrados os corpos causais de relativamente poucos membros do reino animal que estão individualizados. Estritamente falando, conforme vimos anteriormente, eles já não são animais. São quase os únicos exemplos que se podem ver agora de um corpo causal bastante primitivo, nada desenvolvido em tamanho, e colorido muito levemente, com as primeiras vibrações de qualidades recém-nascidas.

Quando o animal individualizado recolhe-se ao seu corpo causal à espera do giro da roda da evolução, o que lhe dará a oportunidade de uma primitiva encarnação humana, parece perder quase que toda a consciência das coisas externas e passa o tempo numa espécie de deleitoso transe da mais profunda paz e contentamento. Mesmo então, certo desenvolvimento interior está ocorrendo, embora nos seja difícil compreender qual seja a sua natureza. Seja como for, está gozando da maior felicidade de que é capaz, nesse nível.

CAPÍTULO XX

O SEXTO CÉU: SEGUNDO SUBPLANO

Do Quinto Céu densamente povoado passamos agora para um mundo cuja população é menos compacta, tal como se passa de uma grande cidade para uma pacífica região rural. Porque, no presente estágio da evolução humana, apenas uma pequena minoria de indivíduos subiram a esse nível elevado, onde mesmo o menos adiantado está definidamente autoconsciente, e também consciente do que o rodeia.

Ele pode, pelo menos até certo ponto, fazer uma revisão do passado que percorreu, e compreender o propósito e o método da evolução. Sabe que está engajado num trabalho de autodesenvolvimento, e reconhece os estágios da vida física e da vida *post-mortem*, através das quais passa em seus veículos inferiores.

A personalidade com a qual está vinculada é vista por ele como parte de si próprio, e tenta guiá-la, usando seu conhecimento do passado como um depósito de experiência com o qual formula princípios de conduta, claras e imutáveis convicções do certo e do errado. Ele envia esse princípios à sua mente inferior, supervisionando e dirigindo suas atividades.

Na parte inicial de sua vida nesse subplano, pode falhar, continuamente, no obter que a mente inferior compreenda logicamente os fundamentos dos princípios que imprime nela. Apesar disso, consegue fazer a impressão, de forma que ideias abstratas, tais como verdade, justiça e honra tornem-se concepções indiscutíveis e orientadoras na vida mental inferior.

Tão firmemente tais princípios estão gravados nas próprias fibras de seu ser que, sejam quais forem as pressões das circunstâncias ou o tormento da tentação, torna-se impossível agir contra eles. Porquanto esses princípios são a vida mesma do Ego.

Embora, contudo, ele assim consiga orientar seu veículo inferior, seu conhecimento desse veículo e de suas ações está, com frequência, muito longe de ser preciso e claro. Vê os planos inferiores veladamente; deles compreende melhor os princípios do que os pormenores, e parte de sua evolução nesse subplano consiste em entrar cada vez mais conscientemente em contato direto com a personalidade, que tão imperfeitamente o representa lá em baixo.

Só as pessoas que estão deliberadamente objetivando o crescimento espiritual "vivem nesse subplano e, por consequência, tornaram-se grandemente receptivas às influências dos planos que lhe estão acima. A comunicação cresce e se expande deixando passar um fluxo maior. Sob essa influência, o pensamento toma uma qualidade singular de clareza e penetração, mesmo nos menos desenvolvidos, e o efeito revela-se na mente inferior por uma tendência ao pensamento filosófico e abstrato.

Nos mais altamente evoluídos, a visão é de maior alcance; paira com nítida intuição sobre o passado, reconhecendo as causas estabelecidas, como foram trabalhadas, e o que ainda não foi exaurido de seus efeitos.

Os Egos que vivem nesse plano têm amplas oportunidades para crescer quando libertos do corpo físico, porque aqui podem receber instruções de entidades muito mais

adiantadas, chegando a um contato direto com seus mestres. Já não há imagens-pensamentos, e sim uma luminosidade cintilante impossível de descrever; a própria essência da ideia passa, como uma estrela, de um ego para outro, expressando-se as suas correlações como ondas de luz emanando da estrela central, e não necessitando de enunciação separada. Neste plano, um pensamento é como luz colocada num aposento; mostra tudo quanto ali existe, sem precisar de palavras para descrever tudo o que há.

Nesse Sexto Céu, o homem vê também os vastos tesouros da Mente Divina em atividade criadora, e pode estudar os arquétipos de todas as formas que vão aos poucos evoluindo nos mundos inferiores. Pode solucionar os problemas conectados com a preparação desses arquétipos, o bem parcial que parece ser o mal para a visão limitada do homem enclausurado na carne. Numa visão mais ampla desse nível, os fenômenos assumem sua devida proporção e o homem vê a justificação dos métodos divinos, até onde eles se relacionam com a evolução dos mundos inferiores.

CAPÍTULO XXI

O SÉTIMO CÉU: PRIMEIRO SUBPLANO

Este, o mais glorioso nível do mundo celestial, ainda tem poucos habitantes vindos da nossa humanidade, pois nas suas alturas vivem apenas os Mestres de Sabedoria e da Compaixão, e seus discípulos, os Iniciados.

Numa das primeiras cartas recebidas de um Mestre, declarava ele que compreender a condição do Primeiro e Segundo Reinos Elementais, isto é, os dos planos inferiores, causal e mental, era coisa impossível, a não ser para um Iniciado; portanto, não podemos esperar sucesso ao descrevê-los no plano físico.

Da beleza da forma, da cor, do som, no plano causal, palavra alguma pode dizer, porque a linguagem mortal não tem expressões com as quais aqueles radiantes esplendores possam ser designados.

Quando tocamos o Sétimo Céu, entramos em contato, pela primeira vez, com um plano que é cósmico em extensão; porque esta, a parte atômica do nosso plano mental, é o mais baixo subplano do corpo mental do Logos Planetário. Nesse nível, portanto, podemos encontrar uma entidade que a mera linguagem humana não tem palavras para retratar. Para nosso propósito presente, contudo, será melhor pôr de lado de uma vez, vastas hostes de seres cujo alcance é cósmico, e confinarmo-nos estritamente aos habitantes peculiares ao plano mental da nossa própria cadeia de mundos.

Os que estão nesse subplano completaram sua evolução mental, de forma que neles o superior brilha mesmo através do inferior. Foi levantado de diante de seus olhos o véu ilusório da personalidade, e eles sabem e compreendem que *não* são a natureza inferior, mas a usam apenas como um veículo de experiência.

Nos menos desenvolvidos dentre eles pode haver ainda o poder de estorvar e dificultar, mas jamais podem cair no erro de confundir o veículo com o Eu que está por trás dele. Disso eles estão salvos, porque levam sua consciência, não só de um dia para o outro, mas de uma encarnação para a outra, de forma que suas vidas passadas não são consideradas em retrospecto, já que estão sempre presentes em sua consciência; o homem as sente como uma só vida e não como muitas vidas.

Nesse subplano, o Ego está consciente do mundo celestial inferior, bem como do seu próprio. Se ali recebe qualquer manifestação, como uma forma-pensamento, na vida celestial de seus amigos, pode fazer o mais completo uso disso.

No terceiro subplano, e mesmo na parte inferior do segundo, sua consciência dos subplanos que ficam abaixo dele ainda é velada, e sua ação na forma-pensamento é grandemente instintiva e automática. Depressa, porém, ele se sente bem no segundo subplano, o que leva sua visão a tornar-se mais clara. Reconhece então, com prazer, as formas-pensamentos como veículos através dos quais ele pode expressar mais de si próprio, sob certas formas, do que poderia fazê-lo através da sua personalidade.

Agora que está funcionando no corpo causal, entre a luz e o magnífico esplendor do mais alto céu, sua consciência fica instantânea e perfeitamente ativa em qualquer ponto

das divisões inferiores para as quais a dirija, e ele pode, portanto, projetar intencionalmente energia adicional como formas-pensamentos, quando quiser usá-las com o propósito de ensinar.

Deste mais alto nível do plano mental desce a maioria das influências emanadas dos Mestres da Sabedoria, à medida que trabalham na evolução da raça humana, agindo diretamente sobre as almas, ou Egos dos homens, derramando sobre eles as energias inspiradoras que estimulam o crescimento espiritual, iluminam o intelecto e purificam as emoções.

Dali o gênio recebe sua iluminação; ali todos os esforços ascendentes encontram seu guia. Assim como os raios do Sol se espalham por toda a parte, partindo de um centro, e cada corpo que os recebe usa-os segundo a sua natureza, dos Irmãos Mais Velhos da raça jorram sobre todos os homens a luz e a vida que é de Sua função distribuir. Cada qual usa aquilo que pode assimilar, e dessa forma cresce e evolui. Assim, como em toda a parte, a mais alta glória do mundo celestial é encontrada na glória de servir, e aqueles que realizaram a evolução mental são as fontes das quais flui força para os que ainda estão fazendo a escalada.

Nos três níveis mais altos do plano mental encontram-se hostes de arupa ou devas, sem formas, que não possuem corpo mais denso do que o causal. A natureza de sua vida parece ser essencialmente diferente da vida que levamos, o que torna impossível descrevê-la com palavras físicas.

Os devas arupa estão conectados com a orientação dos mundos, das raças, das nações.

Há, também, uma classe muito limitada de homens, conscientes nos níveis arupa do plano mental, que foram "feiticeiros" no passado. Neles, o intelectual superior está acordado, e com isso o reconhecimento intelectual da unidade. Percebem, agora, que tinham estado no caminho errado, que não é possível reter o mundo e evitar que ele suba pelo arco ascendente. Estando ainda ligados pelo carma que geraram, têm que trabalhar no lado contrário, isto é, no lado da desintegração. Trabalham, entretanto, com motivação mudada e se esforçam para enviar suas forças para os homens que precisam ser fortalecidos por precisarem lutar contra a resistência em sua vida espiritual. Essa verdade parece ter sido percebida por Marie Corelli, que trata desse ponto em seu livro *Os Desgostos de Satanás*. O *Satanás* ali descrito fica sempre alegre quando é derrotado; faz o possível para se opor, porém se regozija quando um homem prova ser espiritual o bastante para resistir.

Esse lado da vida é reconhecido também nos Puranas hindus. Há casos em que um homem evoluiu até um ponto muito alto de conhecimento, e então encarna para expiar algo de seu carma passado, sob a forma de um opositor do bem, como Ravana. Por seu carma passado ele era compelido a reunir em si as forças más do mundo, a fim de que pudessem ser destruídas. Outras religiões têm a mesma ideia sob formas diferentes.

CAPÍTULO XXII

TRISHNA: A CAUSA DA REENCARNAÇÃO

Completamos agora, praticamente, nosso estudo sobre a natureza funções, crescimento e desenvolvimento do corpo causal. Tendo assim estudado o que podemos chamar lado-da-forma do Ego, faz-se necessário nos empenharmos em obter alguma compreensão a mais sobre o próprio Ego, como entidade consciente em funcionamento.

No presente capítulo começaremos o estudo do Ego em sua relação com suas personalidades; isso equivale, praticamente, ao lado-da-vida da reencarnação. A primeira parte do nosso assunto será Trishna - aquela "sede" que é a razão primeira pela qual o Ego procura a reencarnação. No próximo capítulo trataremos mais especificamente do lado-da-forma da reencarnação, isto é, o seu mecanismo.

Então, cuidaremos de outros aspectos da atitude do Ego em relação à personalidade. Depois disso, passaremos a estudar a vida do Ego em seu próprio plano. Finalmente, devemos estudar, tanto quanto o material de que dispomos permita, a relação do Ego com a Mônada.

A razão primeira e essencial para a reencarnação está na Vontade Cósmica, que se imprime sobre o Ego, aparecendo nele como um desejo ou manifestação. Em obediência, o Ego copia a ação do Logos e faz descer sua própria emanção para os planos inferiores.

Mais especificamente, esse desejo é conhecido em sânscrito como Trishna, ou sede, e em pali como Tanha. É a sede cega pela vida manifestada, o desejo de encontrar alguma região onde o Ego possa se expressar e receber aquelas impressões e impactos exteriores que são os únicos a fazê-lo consciente de que vive, a sentir-se vivo.

Não se trata do desejo de viver no sentido comum da palavra; é antes uma manifestação mais perfeita, um desejo de se sentir mais completamente vivo e ativo, um desejo dessa consciência completa que envolve o poder de responder a todas as vibrações possíveis vindas de cada plano circundante, de forma que o Ego possa atingir a perfeição da solidariedade, isto é, de *sentir com*.

Como veremos melhor mais adiante, o Ego, em seu próprio plano, está longe de se sentir de todo consciente, mas a consciência que tem dá-lhe uma sensação de grande prazer, e desperta nele a fome de uma realização mais completa da vida. É a fome do Ego, realmente, o que está por trás do grande clamor do mundo por uma vida mais cheia.

Não é uma pressão externa o que leva o homem a voltar à encarnação; ele vem porque deseja vir. Se o Ego não quiser voltar, não voltará. Enquanto, porém, nele permanecer qualquer desejo de alguma coisa que só o mundo lhe pode dar, quererá retomar. Assim, o Ego *não* é forçado contra a sua vontade ao retorno para este mundo de sofrimentos, mas é a sua própria e intensa fome que o traz de volta.

Podemos encontrar a analogia no corpo físico. Quando o alimento foi consumido e inteiramente assimilado, o corpo quer mais alimento, torna-se faminto. Ninguém precisa forçar o homem a comer; ele busca o alimento, come-o porque o deseja. Da mesma maneira, enquanto o homem for imperfeito, enquanto não tiver assimilado tudo que o

mundo lhe pode dar, utilizando tudo inteiramente de forma que nada mais deseje do mundo, retomará ao renascimento.

Trishna pode ser concebida como uma das muitas formas pelas quais a lei universal de periodicidade se manifesta. Na Filosofia Esotérica essa lei é reconhecida como se estendendo para a emanção e reabsorção do universo, a Noite e o Dia de Brahma, a expiração e a inspiração do Grande Sopro.

Por isso, os hindus descrevem o Deus do desejo como o impulso para a manifestação. "Kama ... é, no *Rig-Veda*, a personificação desse sentimento que conduz e impele à criação. Ele foi o *primeiro movimento* que moveu o UM, depois de sua manifestação do Princípio puramente abstrato, para criar. 'O Desejo primeiro surgiu Nele, que era o primordial germe da mente; e que sábios, pesquisando com seus intelectos, descobriram que era o elo que liga a Entidade com a Não-Entidade.'" (*A Doutrina Secreta*) Kama (Desejo) é, essencialmente, o anelo por uma existência senciente, ativa, existência de vívida sensação, a agitada turbulência da vida apaixonada.

Quando a Inteligência espiritual se põe em contato com essa sede de sensação, sua primeira ação é intensificá-la. Como diz a estrofe: "De sua própria essência eles enchem (isto é, intensificam) o Kama". Assim, tanto para o indivíduo como para o Cosmos, Kama se torna a causa primária da reencarnação; à medida que o Desejo se diferencia em desejos, estes encadeiam o Pensador à terra e trazem-no de volta, tempo após tempo, para o renascimento. As esculturas hindus e budistas são, naturalmente, repletas dessa afirmação de verdade.

Até que a compreensão de Brahman seja alcançada, haverá sempre Trishna. Quando um homem assimilou tudo quanto adquiriu, e fez disso parte de si próprio, então Trishna surgirá e o levará a buscar novas experiências.

De início, essa é uma sede de experiências *externas*, e nesse sentido Trishna geralmente é empregado. Há, contudo, uma outra sede mais aguda, bem expressa na seguinte frase: "Minha alma tem sede de Deus; sim, sede do Deus vivo". Essa é a sede da parte para encontrar o todo a que pertence. Se pensarmos na parte como proveniente do todo com o qual jamais perdeu o vínculo há, então, uma certa força retrátil que tenta trazer de volta a parte. O Espírito, que é divino, não pode encontrar satisfação permanente fora da divindade; é essa insatisfação, esse desejo de busca, que se faz raiz de Trishna, e que retira o homem do devacan ou, na realidade, de qualquer condição, até que seja alcançado o funda busca.

É muito possível para um homem obter certa qualidade inferior de Moksha - uma liberação temporária do renascimento. Assim, alguns dos *iogues* menos desenvolvidos da Índia matam, deliberadamente, todos os desejos que pertencem a este mundo em particular. Compreendendo que o mundo é transitório, que mal vale se dar ao trabalho de permanecer nele, especialmente se houver muito sofrimento e muita desilusão, o homem procura essa forma de *vairagya* (desapego) que é chamada, tecnicamente, "*vairagya* queima-terreno". Isso não leva à completa liberação, mas resulta numa liberação parcial.

Conforme diz um dos Upanishades, o homem nasce no mundo para o qual seus desejos o conduzem. Por isso, tendo matado todos os desejos *neste* mundo, o homem o deixa e não renasce nele. Então, passará para um *loka* (mundo) que não é permanente, mas

no qual pode permanecer por longas épocas. Há vários desses mundos, vinculados, quase sempre, ao culto de alguma forma divina em particular, com tipos especiais de meditação etc. Um homem pode passar para um deles e ali permanecer por tempo Indefinido, No caso dos que se deram amplamente à meditação, seu desejo vai inteiramente para os objetos da meditação; conseqüentemente, ficam no mundo mental, para onde seus próprios desejos os levaram.

Embora tais pessoas tenham-se retirado das perturbações deste mundo, acabarão por voltar a um mundo, mesmo a este mundo se ele ainda existir, ou a um mundo semelhante a este, onde podem retomar sua evolução no ponto em que ela foi deixada. Por isso, as perturbações são apenas adiadas, e não parece que valha a pena adotar o plano que acabamos de descrever.

Por ser possível "matar" o desejo é que mestres ocultistas prescrevem, ao invés disso a transmutação do desejo. O que se mata ressuscitará; o que se transmuda estará modificado para sempre. Uma pessoa que esteja em condição muito imperfeita de evolução e mata o desejo, mata ao mesmo tempo toda a possibilidade de evolução superior, porque não tem para transmutar. O desejo está morto para a vida presente, o que significa que a vida superior das emoções e da mente está morta durante esse período.

A falsa *vairagya* é a *repulsa* do inferior, trazida pelo desapontamento, perturbações, ou cansaço de algum tipo; a verdadeira *indiferença* para com as coisas inferiores resulta do desejo de uma vida mais elevada, e produz resultado muito diferente.

Em *A Voz do Silêncio* está escrito que a alma deseja "pontos que a atraiam para cima". Matando o desejo, um homem livra-se do gosto pela vida apenas temporariamente; o gosto ainda ali está, latente, e no devido tempo reviverá.

Se um homem que matou o desejo da maneira descrita for uma pessoa bastante comum, sem qualidades especiais, morais ou intelectuais, permanecerá, como ficou dito, afastado deste mundo, numa condição em .que se sente bastante feliz, mas na qual ele não é de qualquer utilidade particular, nem para si próprio nem para qualquer outro.

Se, por outro lado, for um homem que progrediu consideravelmente no Caminho pode ter alcançado o estágio da meditação, no qual seus poderes mentais são de grande valor. Pode ser capaz, mesmo inconscientemente, de influenciar o mundo, e assim ajudar aquele grande fluxo de energia espiritual que é atraída pelos Mestres para Seu trabalho no mundo. Esse é o reservatório que se enche com energia espiritual pelos Nirmanakayas (veja *O Corpo Mental*, p. 193).

Um homem desse tipo, cheio do espírito de serviço, passaria para um mundo onde pudesse trabalhar nesse sentido especial. Seria um mundo mais ou menos no nível do corpo causal. Ali viveria, literalmente, durante eras, projetando seu fluxo de pensamento concentrado, para auxílio de outros, ajudando dessa forma a abastecer esse reservatório de poder espiritual.

OS ÁTOMOS PERMANENTES E O MECANISMO DA REENCARNAÇÃO

Neste capítulo trataremos da parte que tomam os átomos permanentes no renascimento, e também de certos novos detalhes do mecanismo do renascimento.

Já foi explicado, nesta série de livros que, depois da morte do corpo físico, o Ego vai recuando constantemente de plano para plano, até que por fim esteja revestido apenas de seu veículo causal. Na morte física, a teia da vida, junto com o prana, é recolhida ao coração, em torno do átomo físico permanente. O átomo físico permanente se eleva, então, ao longo do Sushumna-nadi - um canal que corre do coração para o terceiro ventrículo - para a cabeça, para o terceiro ventrículo do cérebro. Então, toda a teia da vida, reunida em redor do átomo permanente, ergue-se lentamente até o ponto de junção das suturas parietal e occipital e abandona o corpo físico - agora morto.

A proporção que o Ego vai deixando cada um de seus corpos, os átomos permanentes desses corpos passam para uma condição de adormecimento, e são retidos no corpo causal em estado de quietude. Embora o homem esteja apenas em seu corpo causal, ele tem assim, dentro desse corpo, o átomo físico permanente, o átomo astral permanente, e a molécula mental permanente ou unidade como é mais comumente chamada. Os três, envolvidos em teia de vida búdica, mostram-se como uma partícula brilhante, semelhante a um núcleo, no corpo causal. São, naturalmente, tudo quanto agora resta para o Ego dos corpos físico, astral e mental da encarnação anterior.

Esses vários estágios são ilustrados pelo lado esquerdo do Diagrama XXV. Embora o homem esteja de posse de todos os seus veículos, os átomos permanentes são mostrados com raios que deles se projetam, indicando que seu funcionamento é ativo. Conforme cada corpo morre e é deixado, o átomo permanente correspondente adormece, como é mostrado no anel simples, sem raios, e retrai-se para dentro do corpo causal. Indo os átomos permanentes "dormir", o fluxo normal de vida nos espirilos diminui e, durante todo o período de repouso, o fluxo é pequeno e lento. No diagrama, o corpo causal é mostrado, no nível causal, contendo as três partículas permanentes, todas adormecidas.

O estudante compreenderá que é necessário, para a evolução, que esses átomos permanentes sejam levados, porque o homem desenvolvido precisa ser senhor de *todos* os planos ou mundos, e os átomos permanentes formam o único canal direto, embora imperfeito, entre a tríade espiritual, ou Ego, e as formas que estão em conexão com ele. Se fosse concebível que ele pudesse se desenvolver sem átomos permanentes, possivelmente tornar-se-ia um arcanjo glorioso sobre planos superiores, mas seria inteiramente inútil nesses mundos inferiores, tendo seccionado de si próprio o poder de sentir e pensar. Não devemos, portanto, abandonar os átomos permanentes: nossa preocupação é purificá-los e desenvolvê-los.

Podemos notar aqui que os átomos permanentes são muito mais desenvolvidos do que os demais átomos, encontrando-se no mesmo estado de desenvolvimento completo dos átomos da sétima ronda nos indivíduos, que estão para alcançar o grau de adeptos.

Assim, mostram-se tão desenvolvidos como podem ser os átomos e, conforme vimos, são carregados com todas as qualidades que trouxeram de nascimentos anteriores.

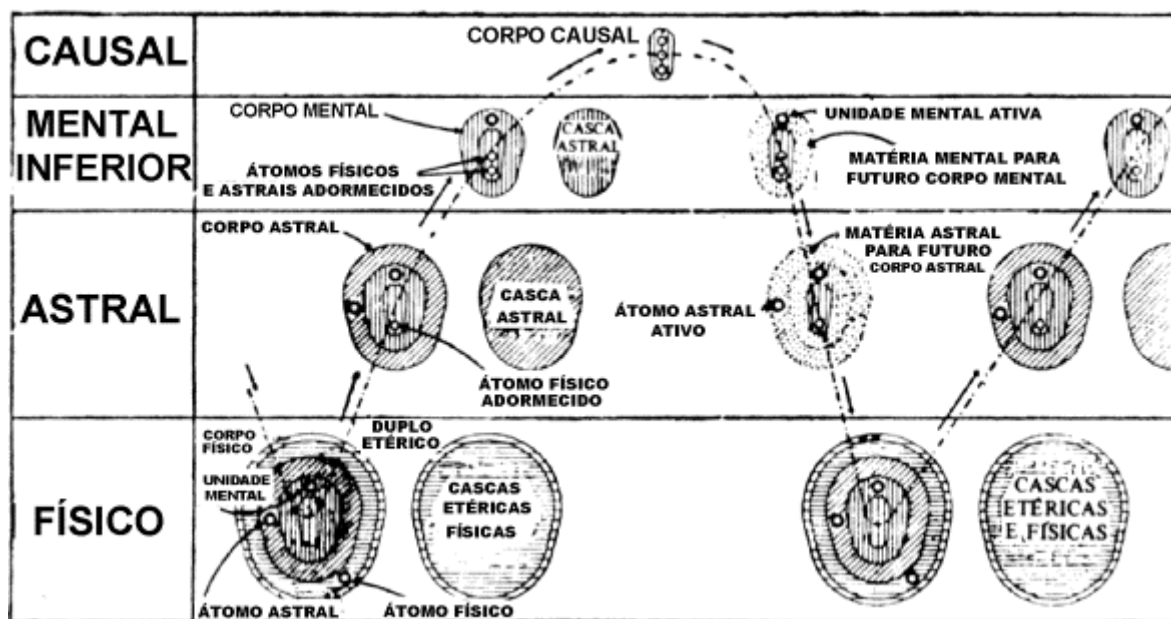


DIAGRAMA XXV, O Ciclo de Renascimento

Quando uma pessoa alcança o nível de Buddha, é-lhe de todo impossível encontrar átomos que lhe sejam úteis, a não ser aqueles que foram usados como átomos permanentes por seres humanos.

Todos os átomos permanentes daqueles que, em conexão com este mundo, ou mesmo provavelmente com esta cadeia de mundos, atingiram o Adeptado e o abandonaram, foram reunidos e usados nos veículos do Senhor Gautama Buddha. Já que não há número suficiente deles para fazer o veículo completo, alguns dos melhores átomos comuns disponíveis foram também empregados e galvanizados para a atividade pelos outros. São substituídos pelos átomos permanentes obtidos de cada novo Adepto que entre em Sambhogakaya, ou vestidura Dharmakaya. Essa série de corpos é única, e não há material para se fazer outra série. Foram usados por Gautama Buddha e depois preservados.

Os corpos causal, mental e astral de Buddha foram usados também pelo Cristo, com o corpo físico de Jesus, e por Shankaracharya. Agora está sendo usado pelo Senhor Maitreya.

Retomando dessa digressão sobre os átomos permanentes ao tempo em que a vida nos subplanos superiores chega ao fim, percebemos que Trishna, desejo de experiências adicionais, reafirma-se, e o Ego mais uma vez volta a sua atenção para o exterior, atravessando o limiar do devacan, passando para aquilo que pode ser chamado de Plano da reencarnação e levando consigo os resultados, pequenos ou grandes, de seu trabalho devacânico.

Com sua atenção voltada para o exterior, como ficou dito, o Ego emite um frêmito de vida que ativa a unidade mental. O fluxo, nos espirilos dessa unidade e nos outros átomos permanentes, que durante o período de repouso fora pequeno e lento, aumenta agora, e a unidade mental assim estimulada começa a vibrar fortemente. Isso é mostrado no

diagrama, ao lado direito, pelo reaparecimento dos raios em redor da unidade mental.

A teia-de-vida começa a desdobrar-se outra vez, e a unidade mental em vibração, agindo como um magneto, atrai ao redor de si a matéria mental com poderes vibratórios parecidos, ou concordantes com os seus.

Os devas do Segundo Reino Elemental trazem a matéria para dentro do alcance da unidade mental e, nos estágios iniciais da evolução, também modelam essa matéria como uma nuvem amorfa em torno da unidade permanente. Porém, conforme a evolução continua, o próprio Ego exerce uma influência sempre crescente sobre a modelação da matéria. Essa nuvem de matéria - que ainda não é, naturalmente, um veículo propriamente dito - é indicada no diagrama por uma linha pontilhada.

Quando o corpo mental se encontra parcialmente formado, o frêmito de vida vindo do Ego vitaliza o átomo astral permanente, e se efetua um processo semelhante: uma nuvem de matéria astral é atraída em torno do átomo permanente astral.

Na sua descida para a encarnação, vemos que o Ego não recebe corpos mental e astral já feitos; ao invés disso, recebe material com o qual eles serão construídos, no curso da vida que se vai seguir. Ademais, a matéria que ele recebe é capaz de fornecer-lhe corpos astral e mental, exatamente do mesmo tipo daqueles que tinha ao fim de suas últimas vidas mental e astral, respectivamente.

O método pelo qual o Ego obtém um novo corpo etérico, no qual, como num molde, o novo corpo físico é construído, foi amplamente descrito em *O Duplo Etérico*, e não há necessidade de ser repetido aqui. Podemos acrescentar, contudo, que durante a vida antenatal se forma o prolongamento de Sutratma que consiste num fio simples tecido em teia, uma bruxuleante teia de inconcebível finura e delicada beleza, feita de diminutas malhas que fazem lembrar um casulo do bicho-da-seda.

Dentro das malhas dessa teia as partículas mais ásperas dos corpos são reunidas. Assim, se os corpos forem vistos através da visão búdica, desaparecem todos e, em seus lugares, é vista uma teia de vida, como é chamada, que mantém e vivifica todos os corpos.

Durante a vida antenatal, o fio cresce a partir do átomo físico permanente e se irradia para todas as direções; o crescimento continua até que o corpo físico esteja completo. Durante a vida física, o prana, ou vitalidade, corre ao longo dessas irradiações e malhas.

Parece que habitualmente é a presença do átomo permanente que torna possível a fertilização do óvulo, no qual o novo corpo vai crescer. Apesar disso, quando uma criança nasce morta, não houve Ego algum, geralmente, por trás dela (pensa-se, portanto, que não houve átomo permanente), e, como é natural, não houve elemento etérico (veja *O Corpo Etérico*, p. 67). Embora existam vastas hostes de Egos procurando encarnação, muitos deles ainda estão em estágio tão inicial que quase qualquer localização comum seria igualmente adequada para eles, mas mesmo assim, às vezes, não há Ego disponível para aproveitar-se de uma oportunidade particular. Nesse caso, embora o corpo possa ser formado até certo ponto, pelo pensamento da mãe, ainda assim não há Ego, e ele jamais viverá realmente.

O Ego comum, naturalmente, não está em posição de escolher um corpo para si próprio. O local de seu nascimento é quase sempre determinado pela ação combinada de três forças, que são: primeira, a lei de evolução, que leva um Ego a nascer sob condições que lhe deem oportunidade de desenvolver exatamente as qualidades de que ele mais

necessita; segunda, a lei do carma. O Ego pode não ter merecido a melhor das oportunidades e, assim, tem de receber a segunda ou terceira entre as melhores. Pode nem mesmo ter merecido qualquer grande oportunidade e, portanto, uma vida tumultuosa e de pouco progresso pode ser o seu destino. Voltaremos, mais tarde, a essa questão do carma de um Ego; terceira, a força de alguns laços pessoais de amor ou de ódio, que o Ego pode ter previamente formado. Às vezes, um homem pode ser atraído para uma posição que só mereceu por causa de um forte amor pessoal, que sentiu por alguém superior a ele em evolução.

O homem mais avançado, já no Caminho, pode exercer certa escolha quanto aos pais e a família em que vai nascer. Mas, um homem assim, seria o primeiro a afastar inteiramente qualquer desejo pessoal nesse assunto e a entregar-se de todo nas mãos da lei eterna, confiante em que, qualquer que fosse o resultado, isso seria muito melhor para ele do que qualquer seleção que fizesse para si próprio.

Pais não podem escolher o Ego que habitará o corpo que darão à luz mas, vivendo de forma a oferecer rara oportunidade de progresso a um Ego avançado, podem tornar tal coisa muitíssimo provável, levando esse Ego a vir ter com eles.

Vimos que descendo para uma nova encarnação, o Ego deve tomar a carga do seu passado, muita da qual ficou depositada como tendência vibratória em seus átomos permanentes. Esses germes, ou sementes, são conhecidos pelos budistas como skandhas, palavra conveniente que não parecer ter equivalente exato em outras línguas. Consistem em qualidades materiais, sensações, ideias abstratas, tendências e poderes mentais; o puro aroma de tudo isso foi incluído no corpo causal, e o restante se conservou depositado, como dissemos, nos átomos permanentes da unidade mental.

H. P. Blavatsky, em sua linguagem vívida, poderosa e inimitável, dá a seguinte descrição do Ego que vem à reencarnação e encontra os seus skandhas: "O Carma, com sua arma de skandhas, espera no limiar do devacan, assim que o Ego torna a emergir para assumir um novo nascimento. É então que o futuro destino do Ego, agora repousado, estremece na balança da justa retribuição, pois que agora, mais uma vez, tomba sob a influência da ativa lei do carma. É nesse renascimento, selecionado e preparado por essa misteriosa, inexorável, infalível LEI, mas também na equidade e sabedoria de seus decretos, que as culpas da vida anterior do Ego são punidas. Porém, isso não acontece num inferno imaginário, povoado de chamuscatras e demônios ridículos de caudas e chifres, mas mesmo nesta terra, plano e região de seus pecados, onde terá de reparar todos os maus pensamentos e ações. Conforme semeou, colherá. A reencarnação reunirá em torno dele todos os outros Egos que sofreram, direta ou indiretamente, em suas mãos, ou mesmo através de uma inconsciente cooperação da personalidade passada. Serão levados por Nêmesis para o caminho do *novo* homem, escondendo o *velho*, o eterno Ego... A nova 'personalidade' não é melhor do que uma roupa nova com suas características específicas de cor, forma e qualidade, mas o homem verdadeiro que a usa é o mesmo culpado que foi o antigo". (*Chave da Teosofia*, pp.141-2.)

É a lei do carma que orienta o homem, infalivelmente, em direção da raça e da nação onde irá encontrar as características gerais que produzirão um corpo, e oferecerão o ambiente social apropriado para a manifestação do caráter geral, construído pelo Ego em

vidas anteriores, e para a colheita da safra que semeou.

O carma traça, assim, uma linha que forma o caminho do Ego para a nova encarnação, sendo esse carma a reunião de causas postas em ação pelo próprio Ego.

Considerando esse movimento de forças cármicas, contudo, há um fator ao qual deve ser dado o devido peso, isto é, a pronta aceitação do Ego, em sua visão esclarecida, das condições de sua personalidade, muito diferente daquelas que a personalidade poderia escolher para si mesma. A escola da experiência nem sempre é agradável, e, para o limitado conhecimento da personalidade, muitas das experiências terrenas parecem desnecessariamente dolorosas, injustas e inúteis. Mas o Ego, antes de mergulhar no "olvido do corpo", vê as causas que resultaram nas condições da encarnação na qual vai entrar, e as oportunidades que lhe serão oferecidas para o progresso. Daí é fácil ver quão levemente pesarão na balança todas as mágoas e dores e como parecerão banais, àquela visão aguda e de longo alcance, as alegrias e tristezas terrenas.

O que é, afinal, cada vida, a não ser um passo no "Perpétuo progresso para cada Ego encarnado, ou alma divina, numa evolução que vai do exterior para o interior, do material para o espiritual, chegando ao fim de cada estágio em absoluta unidade com o Princípio Divino? Ir de força em força, da beleza e perfeição de um plano para a beleza e perfeição maiores de outro plano, com nova glória, maiores conhecimentos e poderes em cada ciclo, tal é o destino do Ego". (*Chave da Teosofia*, p. 155.)

E, como escreve a Dra. Besant, "com um tal destino, que vale o sofrimento passageiro de um momento, ou mesmo a angústia de uma vida melancólica?"

Continuando em nosso breve exame da questão do carma de um Ego, é possível ver a grande massa de carma acumulado - conhecida como *sanchita* ou carma empilhado - pairando sobre o Ego. Habitualmente essa visão não é agradável, porque, pela natureza das coisas, contém mais mal do que bem. A razão é a seguinte: nos estágios iniciais do seu desenvolvimento, a maioria dos homens, devido à ignorância, fez muita coisa que não devia ter feito e, conseqüentemente, arranjou para si, como resultado físico, uma boa quantidade de sofrimento no plano físico. O homem médio civilizado, por outro lado, está tentando antes fazer o bem do que o mal; portanto, no todo, deve estar reunindo mais carma bom do que mau. Mas de forma alguma todo o bom carma acumulado vai para aquela massa, por isso temos a impressão de que ali existe a preponderância do mal sobre o bem.

Isso também necessita explicação um pouco maior. O resultado natural dos bons pensamentos, ou boas ações, é o de melhorar o próprio homem, de melhorar a qualidade de seus veículos, pondo em relevo nele qualidades de coragem, afetividade, devoção etc. Esses efeitos revelam-se no próprio homem e em seus veículos, mas *não* na massa de carma empilhado que está à sua espera.

Se, contudo, ele realiza uma boa ação, com o pensamento de recompensa em sua mente, então o bom carma por essa ação virá ter com ele e será depositado, até a ocasião em que possa ser apresentado e materializado em atividade.

Esse bom carma liga o homem, naturalmente, à terra, com tanta eficácia quanto o mau carma. Conseqüentemente, o homem que está objetivando o progresso real, aprende a realizar todas as suas ações inteiramente sem pensar no Eu ou no resultado de suas

ações. Isso não quer dizer que possa evitar o resultado de suas ações, sejam elas boas ou más; mas pode modificar o tipo de resultado. Se se esquecer inteiramente de si próprio e realizar boas ações levado pela bondade de seu coração, então toda a força do resultado é empregada na construção de seu próprio caráter, e nada daquilo permanece para ligá-lo a planos inferiores. O fato é que em cada caso o homem recebe o que deseja; nas palavras de Cristo: "Em verdade vos digo: eles já têm sua recompensa".

Um Ego pode, às vezes, escolher se vai tomar certo carma na vida presente, embora com frequência a consciência cerebral não possa saber nada sobre a escolha. As próprias circunstâncias adversas, das quais um homem se queixa, podem ser exatamente o que ele deliberadamente escolheu para si, a fim de favorecer sua evolução.

O discípulo de um Mestre pode, muitas vezes, dominar e amplamente modificar seu carma, pondo em movimento novas forças em muitas direções, o que, como é natural, modifica a ação das anteriores.

Todos nós temos maior ou menor carma mau atrás de nós e, enquanto não o esgotarmos ele será um contínuo estorvo em nosso trabalho superior.

Por isso, um dos primeiros passos na direção de um sério progresso é esgotar esse mau carma que permanece conosco. Com isso, os Agentes do Carma nos dão a oportunidade de pagarmos um pouco mais da nossa dívida, a fim de que o caminho possa ficar desimpedido para nosso trabalho futuro. Isso, naturalmente, pode, e amiúde acontece, envolver um considerável aumento de sofrimento em vários sentidos.

A porção de carma escolhida para ser esgotada numa vida em particular é conhecida como "madura", ou carma *prarabda*. Com isso em vista, os corpos mental, astral e físico são construídos para uma determinada duração de vida. Essa é uma das razões pelas quais o suicídio é um erro tão grave, pois constitui uma recusa direta em esgotar o carma selecionado para uma encarnação em particular, e apenas adia o sofrimento, gerando ainda um carma de natureza desagradável.

Outra razão contra o suicídio está no fato de cada encarnação custar ao Ego bastante distúrbio, como também pelo cansativo período da primeira juventude, durante o qual ele vai, e com muito esforço, ganhando algum controle sobre seus novos veículos. É óbvio, portanto, ser seu dever e seu interesse obter o máximo de seus veículos e preservá-los tão cuidadosamente quanto possível. Não deve, com certeza, de forma alguma cedê-los, até que a Grande Lei o leve a fazer isso, exceto por ordem de algum dever superior e dominante vindo do exterior, tal como o dever do soldado para com a sua pátria.

A seleção do carma "maduro" para uma encarnação em particular é, naturalmente, um processo muitíssimo complicado. Esse carma tem de ser *congruente* para ser esgotado numa época particular do mundo, numa família e num ambiente especiais de pessoas e circunstâncias.

Sendo a vontade do homem livre, pode acontecer que o carma selecionado para ele, para determinada vida, seja esgotado mais cedo do que os Administradores do carma esperavam, se assim podemos dizer. Em tal caso, Eles lhe dão mais, o que explica a declaração, que de outra maneira seria desconcertante: "O Senhor castiga aqueles que ama".

O carma *prarabda* de um indivíduo divide-se em duas partes. A que se expressa no

corpo físico é feita pelos Devarajas no ele mental que constrói o corpo, tal como ficou descrito em *O Duplo Etérico*, cap. XV.

O outro bloco, muito maior, que deve indicar o destino durante a vida, a boa ou má fortuna que lhe virá, é feito em outra forma-pensamento que não desce. Pairando sobre o embrião ela permanece no plano mental. Desse nível ela se ocupa do homem e usa ou elabora oportunidades para se descarregar por seções, enviando para baixo a partir de si própria um lampejo, como relâmpago para ferir ou um dedo para tocar, algo que chega até o plano físico, às vezes uma espécie de extensão que alcança apenas o plano astral e, às vezes, o que podemos chamar um lampejo horizontal, ou dedo, sobre o plano mental.

Essa forma-pensamento continua se descarregando até ficar bem vazia e, então, retorna à matéria do plano. O homem pode, naturalmente, modificar a ação dela através do novo carma que está constantemente fabricando. O homem comum mal tem, habitualmente, vontade bastante para criar quaisquer causas novas e fortes, e assim o elemental se esvazia de seu conteúdo de acordo com o que pode ser descrito como seu programa original, aproveitando períodos astrológicos convenientes e circunstâncias circundantes, o que torna seu trabalho mais fácil e mais eficaz. Assim, o horóscopo de um homem pode funcionar com considerável exatidão.

Entretanto, se o homem for suficientemente desenvolvido para ter uma vontade forte, a ação do elemental tende a ser muito modificada e a vida não seguirá, de modo algum, as linhas que foram traçadas pelo horóscopo.

Às vezes as modificações introduzidas são tais que o ele mental não consegue descarregar-se inteiramente antes da morte do homem. Nesse caso, o que quer que reste é novamente absorvido pela grande massa de sanchita, ou carma acumulado, e dessa massa outro elemental, mais ou menos semelhante, é feito, pronto para a próxima vida física.

O tempo e lugar do nascimento físico são determinados pelo "temperamento", às vezes chamados "cor" ou "tônica" da pessoa, isso também sendo determinado, até certo ponto, pelo átomo permanente. O corpo físico *deve* nascer no mundo, numa ocasião em que as influências planetárias sejam adequadas ao "temperamento"; por isso ele nasce "sob" sua "Estrela" astrológica. Não é preciso dizer que não é a Estrela que impõe o temperamento, mas o temperamento que fixa a época do nascimento sob a Estrela. Daí surge a correspondência entre Estrelas e caracteres, e a utilidade, para fins educacionais, de um horóscopo habilmente feito, como guia para o temperamento pessoal da criança.

Parece provável que, na maioria dos casos, o tempo exato e a forma de morte de um homem não são decididos antes de seu nascimento. Os astrólogos muitas vezes afirmam que não podem vaticinar a morte de um indivíduo, embora possam calcular que, em determinado tempo, as influências maléficas serão fortes, de forma que então o homem *pode* morrer. Se, contudo, ele não morre nessa ocasião, sua vida continua até certa época, quando os aspectos maléficos de novo o ameaçarem, e assim por diante.

É provável que essas incertezas representem pontos, que são deixados abertos para decisões posteriores, dependendo, amplamente, das modificações introduzidas pela ação do homem durante sua vida, e pelo que faz de suas oportunidades.

Seja como for, devemos evitar o erro de dar demasiada importância à época e à forma da morte. Podemos ter certeza de que Aqueles que estão encarregados de tais assuntos

possuem uma apreciação muito mais verdadeira dos valores relativos, e consideram o progresso do Ego em questão como assunto da maior importância.

Embora estejamos tratando do assunto da morte, podemos mencionar que a objeção fundamental contra o matar está no fato desse gesto interferir no curso da evolução. Matar um homem é privá-lo da oportunidade de evolução que, de outra maneira, ele teria tido em seu corpo. Esse homem terá, naturalmente, outra oportunidade em outro corpo, mas foi retardado e mais trabalho foi dado aos agentes do carma para encontrar novo lugar para a sua evolução.

É obviamente, muito mais sério matar um homem do que matar um animal, porque o homem tem de desenvolver uma personalidade inteiramente nova, enquanto o animal volta à Alma-Grupál, da qual outra encarnação é relativamente assunto fácil, mas mesmo essa menor quantidade de carma não deveria ser gerada inútil ou impensadamente.

Para um Ego adiantado, todos os estágios iniciais da infância são excessivamente cansativos. Às vezes, uma pessoa realmente avançada evita tudo isso, pedindo a outra que lhe dê um corpo adulto, sacrifício que qualquer de seus discípulos estaria sempre disposto a fazer por ela.

Esse método, contudo, tem seus inconvenientes também. Todo corpo possui suas pequenas peculiaridades e hábitos, que não podem ser prontamente modificados, de forma que até certo ponto pode ser um desajuste para outro Ego. No caso sob consideração, o homem teria conservado seus velhos corpos astral e mental, que são, naturalmente, contrapartes de seu corpo físico anterior. Adaptá-los ao novo corpo físico, desenvolvido por outra pessoa pode, como é óbvio, apresentar-se como um negócio muito difícil. Ainda mais, se o novo corpo físico for o de um bebê, essa adaptação pode ser feita gradualmente; mas, se se trata de um corpo adulto, ela tem de ser feita imediatamente, o que significaria uma quantidade de esforço decididamente desagradável.

Em *O Duplo Etérico* ficou explicado como o novo corpo físico é, aos poucos, construído no molde para ele fornecido pelo duplo etérico, sendo este construído antes para o Ego que vai vir, através de um elemental, que é uma reunião de formas-pensamentos dos quatro Devarajas.

Esse elemental encarrega-se do corpo desde o princípio; mas, algum tempo antes que o nascimento se dê, o Ego também vem a ter contato com sua futura habitação e, dessa ocasião em diante, as duas forças estarão trabalhando lado a lado. Às vezes, as características que o elemental é dirigido para impor, são poucas em número; consequentemente, ele pode se retirar numa idade comparativamente precoce e deixar o Ego com o completo controle do corpo. Em outros casos, quando a limitação é de tal caráter que muito tempo se faz necessário para seu desenvolvimento, ele pode reter sua posição até que o corpo alcance os sete anos de idade.

Na maioria dos casos, contudo, o trabalho real feito pelo Ego sobre seus novos veículos, até o ponto em que o elemental se retira, é insignificante. Está, é certo, em conexão com o corpo, mas geralmente lhe dá pouca atenção, preferindo esperar até que esse corpo tenha alcançado o estágio em que será mais responsivo aos seus esforços.

Durante o período embriônico, enquanto o corpo físico está sendo construído com a substância da mãe, o Ego paira sobre ela, mas pouco pode fazer quanto à formação do

corpo. O embrião é inconsciente de seu futuro; é levemente consciente apenas do fluxo da vida materna, sentindo as esperanças, receios, pensamentos e desejos da mãe, Nada que venha do Ego pode afetá-lo, salvo uma fraca influência que vem através do átomo físico permanente, e, porque não pode lhe responder, não compartilha dos pensamentos de amplo alcance, das emoções e aspirações do Ego, tal como são expressas por ele em seu corpo causal.

Durante os anos em que o Ego vai lentamente chegando ao contato integral com seus novos veículos, vai levando, em seu próprio plano, sua vida mais ampla e mais rica. Seu contato com o novo corpo físico é manifestado com o crescimento da consciência *cerebral*.

Os Egos diferem grandemente no interesse que demonstram pelos seus veículos físicos. Alguns pairam sobre eles, ansiosamente, desde o princípio e se preocupam muitíssimo, enquanto outros se mostram quase que inteiramente indiferentes a tudo que se refere ao assunto.

O caso de um Adepto é muito diferente. Como não há carma mau para ser esgotado, não há elemental artificial a trabalhar e o próprio Ego é o único a cuidar do desenvolvimento do corpo, desde o início, limitado apenas pela hereditariedade.

Isso propicia a produção de um instrumento muito mais refinado e delicado; mas também envolve mais perturbação para o Ego, e exige, durante alguns anos, quantidade considerável de seu tempo e energia. Consequentemente, por isso e sem dúvida também por outras razões, o Adepto não deseja repetir o processo com maior frequência do que a que se faz estritamente necessária e faz, portanto, com que seu corpo físico dure tanto quanto possível.

Enquanto nossos corpos ficam velhos e morrem, por várias razões, seja por fraqueza herdada, doença, acidente, abusos, aflições e excesso de trabalho, no caso de um Adepto nenhuma dessas causas está presente, embora devamos, como é natural, recordar que Seu corpo é feito para o trabalho e é capaz de uma resistência muitíssimo além da do homem comum.

No caso do homem comum, parece haver pequena continuidade de aparência pessoal vida após vida, embora casos de forte semelhança tenham sido encontrados. Já que o corpo físico é, até certo ponto, uma expressão do Ego e o Ego permanece o mesmo, deve haver alguns casos em que ele se expressa em formas similares. Contudo, como regra, as características raciais, familiares e outras superam essa tendência.

Quando um indivíduo está tão adiantado que a personalidade e o ego se unificam, a personalidade tende a receber a impressão das características da forma glorificada no corpo causal, a qual, como se pressupõe, é relativamente permanente.

Quando o homem é um Adepto, todo o seu carma está esgotado, e o corpo físico é a representação mais aproximada possível dessa forma glorificada. Portanto, os Mestres permanecerão reconhecíveis através de numerosas reencarnações, e assim não se esperará ver muita diferença em seus corpos, mesmo quando pertencerem a outra raça.

Protótipos do que os corpos serão na Sétima Raça foram vistos e são descritos como de uma beleza transcendental.

Com frequência se enfatiza o período de sete anos, em relação à descida do Ego para tomar posse de seu corpo físico. Há uma razão física para isso. No embrião humano há

certa série de células que, ao contrário do que acontece com as demais, não passam pelo processo de subdivisão. Essa série de células trabalha para subir até a parte superior do embrião, mas não se subdivide. Quando a criança nasce elas ainda estão separadas, e se conservam separadas por um considerável período do tempo pós-natal. Contudo, ocorrem mudanças dentro das células e elas enviam ramificações. Essas ramificações, depois de algum tempo, encontram-se; as paredes divisoras são absorvidas, de forma que as células se tornam inteiramente intercomunicantes. Dessa forma, constrói-se um canal. O processo dura uns sete anos até que uma rede satisfatória seja formada, tornando-se posteriormente cada vez mais complicada.

Os fisiólogos e os psicólogos assinalam que enquanto essa rede complicada não for feita a criança não pode raciocinar muito e não lhe deviam dar qualquer processo mental de raciocínio complicado, pois isso lhe causa grande tensão. A ciência materialista afirma que, com o crescimento dessa rede, cresce o poder de raciocínio. O ocultista explicaria o fenômeno dizendo que, aperfeiçoado o mecanismo físico, o poder de raciocínio, que já existe na criança, pode se manifestar. O Ego tem de esperar até que o cérebro esteja pronto para que se dê o contato último e ele possa penetrá-lo.

Foi dito acima que durante a descida do Ego para o renascimento, são atraídos, em torno dos átomos permanentes, materiais para a construção dos novos corpos astral e mental. Se a criança for deixada inteiramente a si própria, a ação automática do átomo astral permanente tenderá a produzir para ela um corpo astral semelhante ao que teve em sua vida anterior. Não há, portanto, razão alguma para que todo esse material seja usado, e, se a criança for sensatamente tratada e racionalmente orientada, será encorajada a desenvolver ao máximo todos os germes do bem que trouxe de sua vida anterior, ao passo que os germes do mal passarão à inatividade. Se isso for feito, esses germes irão gradualmente se atrofiando e se desligarão dela. O Ego desdobrará dentro de si mesmo as virtudes opostas e então estará livre, por todas as suas vidas futuras, das más qualidades que esses germes indicavam.

Pais e professores podem ajudá-lo quanto a essa desejada realização, não tanto através de fatos definidos que lhe transmitam como ensinamento, como pelo encorajamento que lhe deem, pelo tratamento racional e bondoso uniformemente dispensado e, acima de tudo, pela afeição que generosamente lhe dispensam.

Em *O Corpo Astral* e *O Corpo Mental*, nos capítulos sobre *Renascimento*, já pusemos grande ênfase nos imensos serviços que podem - e devem - ser oferecidos a um Ego por aqueles que são responsáveis pela sua educação e treinamento, de forma que a repetição se torna desnecessária. Podemos, entretanto, acrescentar que aquele que, ao invés de despertar amor e boas qualidades na criança sob sua responsabilidade, estimula nelas as más qualidades, tais como medo, falsidade e outras coisas assim, está embaraçando o progresso do Ego respectivo, causando-lhe grave mal. Mal uso de tal oportunidade envolve uma queda terrível para o homem. Em alguns casos, por exemplo, a crueldade dessa natureza resultará, talvez, em loucura, histeria ou neurastenia. Em outros casos, resulta em descida pela escala social como verdadeiro cataclisma, tal como um brâmane renascendo como pária, resultado de crueldade para com crianças.

Pelo mesmo princípio, um homem que, tendo fortuna e poder, usa sua posição para

oprimir seus empregados, gera mau carma. O único aspecto do assunto, que se relaciona com os agentes do carma, é que o homem em tal posição tem em suas mãos uma oportunidade de exercer útil influência na vida de muitas pessoas. Aquele que deixa de usar essa oportunidade, ou dela abusa, expõe-se propositalmente a perigos.

CAPÍTULO XXIV

O EGO E A REENCARNAÇÃO

Vamos agora tratar mais especificamente da atitude que o Ego assume em sua encarnação na personalidade.

Já que o método estabelecido para a evolução das qualidades latentes do Ego usa meios de impacto exterior, vê-se, claramente, que ele deve descer o bastante para receber esses impactos que o afetam. O método para chegar a esse resultado é, como sabemos, o da reencarnação. O Ego coloca parte de si próprio nos planos inferiores para a obtenção de experiências que ali pode ganhar, e então, retomando de novo para dentro de si mesmo, leva consigo os resultados do seu trabalho.

Não se deve pensar, contudo, que o Ego faça qualquer movimento no espaço. O que acontece é o enfoque de sua consciência num plano inferior, para obter expressão através de uma variedade mais densa de matéria.

Essa cessão de uma parte de si mesmo para a encarnação tem sido comparada, muitas vezes, com um investimento. O Ego espera, se tudo for bem, reclamar não só a parte de seu capital investida, mas também uma considerável quantidade de juros, e habitualmente consegue isso. Porém, como acontece com outros investimentos, há ocasionalmente perda ao invés de ganho, porque é possível que um pouco daquilo que ele cede se torne envolvido com a matéria inferior, de tal modo que se torne impossível recuperá-lo inteiramente. Desse "investimento", como aspecto da reencarnação, trataremos detalhadamente em nosso próximo capítulo.

A esta altura o estudante já deve ter compreendido que cada estágio da descida do Ego para a encarnação significa que se submete à limitação. Consequentemente, nenhuma expressão do Ego sobre qualquer dos planos inferiores pode jamais ser expressão perfeita. Será, simplesmente, uma indicação das suas qualidades, tal como uma pintura é a representação, numa superfície em duas dimensões, de uma cena tridimensional. Exatamente da mesma maneira a verdadeira qualidade que possa haver no Ego não se pode expressar em matéria de nenhum dos planos inferiores. As vibrações da matéria inferior são totalmente frouxas e apáticas para representá-lo. A corda não é suficientemente retesada para responder à nota que soa lá de cima. Pode, contudo, ser afinada para corresponder em uma oitava abaixo, como a voz de um homem cantando em uníssono com um menino, expressando o mesmo som, tão aproximadamente quanto o permita a capacidade de um organismo inferior.

Não é possível, em linguagem física, expressar exatamente esse assunto da descida do Ego mas, até que sejamos capazes de erguer nossa consciência àqueles níveis e ver exatamente o que acontece, a melhor impressão que podemos ter disso é, talvez, a ideia do Ego colocando uma parte de si mesmo, como uma língua de fogo, em planos de matéria mais densa do que a do seu.

O Ego, pertencendo como pertence a um plano superior, é uma coisa muito maior e mais importante do que possa ser qualquer manifestação sua. Sua relação com a sua

personalidade é a de uma dimensão com outra - a do quadrado com uma linha, ou a de um cubo com um quadrado. Número algum de quadrados poderia jamais fazer um cubo, porque o quadrado tem apenas duas dimensões, enquanto o cubo tem três. Assim, número algum de expressões sobre qualquer plano inferior pode jamais esgotar a amplitude do Ego. Mesmo que ele pudesse assumir mil personalidades, ainda assim isso não seria suficiente para expressar tudo quanto ele é. O máximo que podemos esperar é que a personalidade não contenha coisa alguma que não seja desejada pelo Ego - que a personalidade expresse do Ego tanto quanto *pode* ser expresso neste mundo inferior.

Embora o Ego possa ter apenas um corpo físico, porque essa é a lei, tem poder para animar qualquer número de formas-pensamentos construídas por seus amigos, e muito lhe agrada ter essas oportunidades adicionais de se manifestar, pois lhe é possível, através dessas formas-pensamentos, desenvolver qualidades em si próprio.

Tal como na consciência física um homem pode estar simultaneamente consciente de muitos contatos físicos, bem como de emoções e de pensamentos, sem se sentir confundido, o Ego pode estar simultaneamente consciente e ativo através de sua personalidade e também através de qualquer número de formas-pensamentos que seus amigos lhe dirijam.

O homem sensato reconhece, assim, que o verdadeiro homem é o Ego, não a personalidade ou o corpo físico, e vê que só a vida do Ego é realidade naquele momento, e que tudo quanto se relaciona com o corpo deve ser, sem hesitação, subordinado a esses interesses superiores. Reconhece que esta vida terrena lhe foi dada com o propósito de progresso, e que o progresso é coisa importante. O propósito real da sua vida é a expansão de seus poderes como Ego é o desenvolvimento de seu caráter. Reconhece que seu desenvolvimento está em suas próprias mãos, e quanto mais depressa se aperfeiçoar mais feliz e mais útil será.

Ademais, bem depressa aprende pela experiência que nada pode ser realmente bom para ele, como Ego, ou para quem quer que seja, se não for bom para todos. No devido tempo ele aprende, assim, a se esquecer totalmente de si mesmo, e a pedir apenas o que é bom para a humanidade como um todo.

O desenvolvimento do Ego é, assim, o objetivo de todo o processo de descida para a matéria. O Ego assume véus de matéria precisamente porque através deles pode receber vibrações às quais responde, e assim suas faculdades latentes podem ser expandidas.

O objetivo do ego ao descer está em poder tornar-se mais definido, a fim de que tudo que é vagamente belo em seus sentimentos se cristalice em firme resolução de atuar. Todas as suas encarnações formam um processo, por meio do qual ele pode ganhar precisão e clareza.

Por isso a especialização é seu caminho para o progresso. Ele desce para cada raça e para cada sub-raça a fim de que possa adquirir as qualidades para o aperfeiçoamento daquela sub-raça em que está trabalhando. O fragmento do Ego que desce é altamente especializado. Quando uma certa qualidade é desenvolvida, no devido tempo o Ego a absorve em si, e faz isso muitas e muitas vezes. A personalidade espalha algo de suas realizações sobre o todo, quando ele retorna para o Ego, que assim se torna um pouco menos vago do que antes.

Em *A Chave da Teosofia*, pp. 1834, H. P. Blavatsky descreve o objeto da reencarnação em vívida linguagem: "Tentem imaginar um 'Espírito', um ser celestial, chamemo-lo por esse nome ou por outro, divino em sua natureza essencial, ainda assim não puro bastante para ser um com o TODO, e tendo para obter isso de purificar sua natureza até o ponto de alcançar a meta. Pode fazer isso passando pela *individualidade* e pela *personalidade*, isto é, espiritual e fisicamente, através de cada experiência e sentimento que existem no múltiplo e diferenciado universo. Portanto, depois de ter ganho tal experiência nos reinos inferiores, e tendo ascendido cada vez mais a cada degrau da escada do ser, deve passar através de todas as experiências dos planos humanos. Em sua própria essência ele é Pensamento e, portanto, chamado em sua pluralidade *Manasaputra*, 'os Filhos da Mente (universal)'. Esse 'pensamento' *individualizado* é o que nós, teosofistas, chamamos o *verdadeiro* Ego humano, a entidade pensante aprisionada num estojo de carne e ossos. Ela é, seguramente, uma entidade espiritual, não *matéria* (isto é, não matéria tal como a conhecemos no plano do universo objetivo), e tais entidades são os Egos reencarnantes que animam o volume de matéria animal chamada humanidade, e cujos nomes são *Manasa* ou mentes".

O estudante deve observar que a palavra *Manasaputra*, que significa literalmente "Filhos da Mente", é usada na citação acima com um sentido especial. O termo é amplo e abarca muitos graus de inteligência, desde os próprios "Filhos da Chama" até as entidades que se individualizam na Cadeia Lunar e recebem sua primeira encarnação humana na Cadeia Terrena.

Muitos símiles e metáforas têm sido empregados, de tempo em tempo, para ilustrar a relação entre o Ego e suas personalidades, ou encarnações. Assim, cada encarnação foi comparada a um dia escolar. Na manhã de cada nova vida o Ego recebe novamente as lições, no ponto em que as deixou na noite anterior. O tempo que o discípulo gasta para obter sua qualificação é deixado inteiramente ao seu critério e energia. O aluno sensato percebe que a vida escolar não é um fim em si mesma, porém simples preparação para uma vida mais ampla e mais gloriosa, no futuro. Cooperar inteligentemente com seus Mestres, e se dá ao máximo de trabalho que lhe seja possível, a fim de que depressa possa alcançar a idade de entrar em seu reino como um Ego glorificado.

O mergulho do Ego no mundo físico, para rápidos trechos de vida mortal, foi comparado com o mergulho de um pássaro no mar em busca de peixe. As personalidades também se parecem a folhas que nascem numa árvore: elas retiram material do exterior, transformam-no em substância útil e enviam-na à árvore como seiva da qual ela se nutre. Então as folhas, tendo servido durante a sua estação, murcham e tombam para serem, no devido tempo, substituídas por nova brotação de folhas.

Assim como um mergulhador entra nas profundezas do oceano a fim de procurar uma pérola, o Ego mergulha nas profundezas do oceano da vida a fim de procurar a pérola da experiência. Sobe novamente para a sua própria atmosfera, livrando-se do elemento mais pesado. Portanto, é uma verdade o que se afirma ao dizer que a Alma que escapou da terra retornou ao seu próprio lugar porque tem o lar na "terra dos Deuses", e na terra está exilada e prisioneira.

O Ego pode ser visto como um trabalhador que vai para o campo, labutando sob a chuva e o sol, no frio e no calor, e retorna ao lar à noite. Mas o trabalhador também é o

proprietário, e todo o resultado de seu trabalho enche seus depósitos e enriquece seus armazéns. Cada personalidade é a parte imediatamente efetiva da individualidade, representando-a no mundo inferior. Não há injustiça na parte que cabe à personalidade, porque o Ego semeou o carma no passado e deve colhê-lo. O lavrador que lançou a semente deve fazer a colheita, embora os trajos com que trabalhou como semeador possam ter-se desgastado durante o intervalo entre a semeadura e a colheita. O que colhe é o mesmo que semeia e, se semeou poucas sementes ou sementes mal escolhidas, será ele que encontrará uma safra pobre quando, na qualidade de colhedor, volte novamente ao campo.

O Ego tem sido descrito como movendo-se na eternidade como um pêndulo entre os períodos de vida terrena e de vida póstuma. As horas da vida póstuma, para quem realmente compreende, são a única realidade. Assim, com muita frequência, o *Ego* realmente começa seu ciclo pessoal de vida com a entrada no mundo celestial, e pouca atenção dá à personalidade durante o período do recolhimento de material.

Como vimos, no ciclo da encarnação, o período passado no devacan, que para todos, menos para os primitivos, é de enorme duração comparado aos intervalos passados na terra, pode ser chamado de estado normal. Uma razão a mais para vê-lo como normal e a vida terrena como anormal é que no devacan o homem está muito mais perto da fonte de sua vida divina.

O Ego pode também ser visto como um ator. Suas numerosas e diferentes encarnações seriam os papéis que o ator representa. Como um ator, o Ego é levado a representar muitos papéis que, com frequência, lhe desagradam; mas, como uma abelha que colhe mel em todas as flores, o Ego reúne apenas o mel das qualidades morais e da consciência, em cada personalidade terrestre com que se deve revestir, até que, por fim, possa unir todas essas qualidades em uma e se torne o ser perfeito, às vezes chamado Dhyán Chohan.

Em *A Voz do Silêncio* as personalidades são chamadas "sombras". O candidato à iniciação é assim exortado: "Persevera, como aquele que deve resistir para sempre. Tuas sombras vivem e se desvanecem. Aquilo que em ti viverá perpetuamente, aquilo que em ti *sabe*, porque isso é conhecimento, não é a vida passageira, é o homem que era, que é, que será, e para o qual jamais soará a hora".

Assim, através dos tempos, o Ego, o Pensador Imortal, luta pacientemente em seu trabalho de fazer a ascensão do animal-homem até que ele esteja em condições de se fazer um com o Divino. De cada vida ele pode obter apenas um fragmento para o seu trabalho, contudo nesse leve melhoramento do modelo ele modelará o próximo homem, trazendo cada encarnação algum progresso, embora nos estágios iniciais tal progresso seja quase imperceptível. Lentamente é realizada a tarefa de diminuir o animal e aumentar o homem. Num certo estágio desse progresso as personalidades começam a tornar-se translúcidas, a responder às vibrações do Pensador, e a perceber veladamente que são algo mais do que vidas isoladas, que estão ligadas a alguma coisa permanente e imortal. Podem não perceber qual é a sua meta, mas começam a fremir e estremecer sob o toque do Ego. Dali por diante o progresso se faz mais rápido; o ritmo do desenvolvimento cresce imensamente nos últimos estágios.

O que ficou dito acima não passa de analogias, talvez úteis, mas rudes, porque a relação do Ego com a personalidade é um assunto difícilimo de se expressar. No todo, talvez a melhor maneira de fazê-lo é dizer que a personalidade é um fragmento do Ego; minúscula parte que se manifesta sob sérias dificuldades. Quando conhecemos outra pessoa no plano físico, estaríamos de certa forma mais perto da verdade se disséssemos que conhecemos a milésima parte do homem real: ademais, a parte que vemos é a pior. Mesmo que nos fosse possível ver o corpo causal de outro homem, veríamos apenas uma manifestação do Ego em seu próprio plano, e estaríamos ainda longe de ver o verdadeiro homem.

Tomando o Ego como o homem real e vendo-o em seu próprio plano, observamos que ele é, realmente, um ser glorioso. A única maneira pela qual nós, aqui embaixo, podemos formar uma ideia do que ele realmente é, seria considerá-lo como um esplêndido anjo. Mas a expressão deste belo ser sobre o plano físico pode ficar longe disso tudo; na verdade deve ser assim, primeiro porque ele é apenas um minúsculo fragmento e, em segundo lugar, porque está muito entravado pelas suas condições.

Se uma pessoa puser um dedo num buraco de parede ou num pequeno tubo de metal, de forma que não possa dobrar o dedo, é óbvio que só pode expressar muito pouco de si mesmo através daquele dedo. Muito parecido a isso é o destino desse fragmento do Ego que é trazido para baixo neste corpo denso.

Podemos levar a analogia um pouco mais adiante, supondo que o dedo tenha muitíssima consciência de si próprio, de forma que, afastado como está do resto do corpo, esqueça, temporariamente, que não passa de uma parte desse corpo. Esquecendo a liberdade de uma vida mais ampla, tenta adaptar-se ao buraco, embeleza suas paredes e torna-o um buraco agradável, adquirindo dinheiro, propriedade, fama e assim por diante, sem compreender que começará a viver apenas quando deixar inteiramente o buraco e reconhecer que é parte do corpo. Grosseira como é, a imagem pode ainda assim dar uma ideia da relação entre a personalidade e o Ego.

Outras e mais pitorescas analogias são encontradas em certos mitos antigos. Assim, Narciso era um jovem de grande beleza que se apaixonou pela própria imagem refletida na água, e tão atraído se sentiu que tombou e se afogou, sendo mais tarde transformado pelos deuses numa flor presa à terra. Isso, naturalmente, refere-se ao Ego olhando para as águas do plano astral e do mundo inferior, refletindo-se na personalidade, identificando-se com aquela personalidade, apaixonando-se por aquela imagem e ficando preso à terra.

Também assim Prosérpina, quando colhia narcisos, foi agarrada e levada pelo Desejo para o mundo subterrâneo. Embora fosse salva do cativeiro completo pelos esforços de sua mãe, ainda assim teve de passar sua vida dividindo o tempo em duas partes, uma das quais passava no mundo inferior e outra acima dele, isto é, parte em encarnação material e parte fora dela.

Outro ensinamento do mistério foi feito com o Minotauro, que significava a natureza inferior do homem - a personalidade que é meio-homem e meio-animal. Ele foi, finalmente, morto por Teseu, que tipifica o Eu superior, ou a individualidade, aos poucos crescendo e ganhando forças, até poder, finalmente, brandir a espada de seu Divino Pai, o Espírito.

Guiado através do labirinto da ilusão, que constitui esses planos inferiores, pelo fio do conhecimento oculto que lhe foi dado por Ariadne, que representa a intuição, o Eu superior pode matar o inferior, e escapar com segurança da teia da ilusão. Ainda assim, permanece para ele o perigo de, desenvolvendo o orgulho intelectual, negligenciar a intuição, como Teseu negligenciou Ariadne, e assim deixar, nessa ocasião, de realizar suas mais altas possibilidades.

Está muitíssimo claro que a visão da reencarnação pode ser obtida, em correta perspectiva, apenas se a virmos do ponto de vista do Ego. Cada movimento do Ego em direção aos planos inferiores é um vasto movimento circular. A visão limitada da personalidade pode tomar um pequeno fragmento do arco inferior do círculo e vê-lo como se fosse uma linha reta, dando pouca e indevida importância ao seu início e ao seu fim, enquanto a curva real do círculo escapa-lhe inteiramente.

Do ponto de vista do Ego, durante a fase inicial desse pequeno fragmento de existência no plano físico a que chamamos vida, a força do Ego para o exterior ainda é forte; no meio dela, nos casos comuns, tal força se exaure, e principia o grande movimento para o interior.

Apesar disso, não há modificação súbita ou violenta porque isso não é um ângulo, mas ainda uma parte do mesmo círculo correspondendo, exatamente, ao momento do afélio no curso de um planeta em torno de sua órbita. Ainda assim, está ali o verdadeiro ponto de retorno daquele pequeno ciclo de evolução embora, para nós, de forma alguma esteja marcado. No velho esquema hindu de vida, ele foi marcado como o fim da *grihastha* ou período de "dono de casa" da existência terrena do homem.

Nesse antigo sistema, o homem passava os primeiros vinte e um anos de sua vida educando-se; os próximos vinte e um anos cumprindo seu dever como dono de casa e chefe de família. Então, tendo chegado ao meio da existência, abandonava completamente seus cuidados mundanos, deixava a casa e a propriedade em mãos dos filhos, e retirava-se com sua esposa para uma pequena cabana próxima, onde devotava os seguintes vinte e cinco anos ao repouso, à conversa espiritual e à meditação. Depois disso chegava o estágio seguinte, o do perfeito isolamento e contemplação, na selva se ele o quisesse. Em tudo isso, o meio da vida era o ponto certo da volta, e é evidente que se fazia o ponto mais importante do que o nascimento físico ou a morte, porque marcava o limite da emanção da energia do Ego, a mudança, por assim dizer, da sua expiração para a sua inspiração.

Desse ponto em diante nada mais haveria de existir a não ser uma contínua interiorização de toda a força do homem, e sua atenção deveria ser cada vez mais retirada das coisas meramente físicas e concentrada nos planos superiores. Tais considerações não podem deixar de nos impressionar, pois vemos como as condições da vida europeia são imensamente mal-adaptadas ao progresso real.

Nesse arco de evolução, o ponto em que o homem deixa seu corpo físico não é especialmente importante; de forma alguma tão importante, pelo menos, como a próxima modificação, sua morte no plano astral e seu nascimento no mundo celestial ou, para dizer de outra maneira, a transferência da sua consciência da matéria astral para a mental no curso da contínua interiorização mencionada.

Conforme ficou dito no Capítulo XIII, todo o curso do movimento descendente para a

matéria é chamado, na Índia, *pravitti marga*, literalmente o caminho da busca, da exteriorização; o *nivritti marga* é o caminho de retorno, de retiro, de renúncia. Esses termos são relativos e podem ser aplicados ao curso inteiro da evolução do Ego, a uma encarnação individual numa personalidade etc.

No *pravitti marga*, onde se encontra a maioria dos homens, os desejos são necessários e úteis, por serem os fatores que os induzem à atividade. No *nivritti marga* os desejos devem cessar. O que era *desejo* em *pravitti marga*, torna-se *vontade* em *nivritti marga*; da mesma maneira, *pensamento*, alerta, inconstante, mutável, torna-se *razão*; trabalho, atividade, *ação* inquieta fazem-se, por sua vez, *sacrifício*, e sua força vinculadora se rompe.

CAPÍTULO XXV

O EGO E SEU "INVESTIMENTO"

Vamos agora estudar o assunto da reencarnação em relação ao envio que o Ego faz de uma personalidade como um "investimento" por ele feito.

Essa analogia do "investimento" não é simples maneira de dizer, mas tem seu lado definido e material. Quando o Ego, em seu corpo causal, toma para si um corpo astral e um corpo mental, a operação envolve verdadeiro entrelaçamento da matéria desses tipos astral e mental inferiores. Esse "emprego" de uma porção de si próprio é, portanto, bastante análogo a um investimento.

Como em todos os investimentos, o Ego espera receber mais do que está empregando; há, contudo, o risco de desapontamento, uma possibilidade de que possa perder parte do que investe. Na verdade, sob circunstâncias excepcionais, pode mesmo haver perda total que, se não o deixa em falência completa, deixa-o sem capital disponível.

Elaborando essa analogia, podemos recordar que o corpo causal consiste em matéria do primeiro, segundo e terceiro subplanos do plano mental. Em proporção muitíssimo maior está a matéria do primeiro plano. Porção menor pertence ao segundo subplano e outra, ainda menor, é a do terceiro.

Para a vasta maioria dos homens não há, ainda, atividade que vá além do mais baixo desses tipos, e mesmo isso é habitualmente muito parcial. Assim, apenas alguns dos mais baixos tipos de matéria causal podem descer aos níveis inferiores, e só pequena fração mesmo dessa parte pode entretecer-se com a matéria astral e mental. Por isso, apenas pequena porção do Ego está em atividade com referência à personalidade.

Na verdade, com pessoas não-evoluídas, provavelmente não mais de uma centésima parte da matéria do terceiro sub plano é ativa. Nos estudantes de ocultismo, um pouco da matéria do segundo subplano está geralmente também ativa. Estudantes mais adiantados têm uma grande porção desse subplano em atividade e, no estágio abaixo do Arhat, cerca da metade do Ego está vivo.

O Ego, ainda meio-adormecido, tem apenas um fraco e imperfeito controle sobre o que enviou para baixo. À proporção que o corpo físico cresce, porém, e seus corpos astral e mental se desenvolvem, a matéria causal entretecida neles desperta, através das vigorosas vibrações que deles recebe. A fração de uma fração, que está inteiramente entretecida, dá vida, vigor e um sentido de individualidade a esses veículos e eles, por sua vez, reagem fortemente sobre ela e a despertam para uma vigorosa realização da vida.

Essa vigorosa realização da vida, naturalmente, é o que ela necessita; é a razão pela qual foi projetada. O desejo dessa vigorosa realização é que se chama *trishna*, da qual já tratamos em capítulo anterior.

Justamente por ter essa pequena fração obtido essas experiências, e portanto estar muito mais acordada do que o resto do Ego, ela pode, com frequência ser de tal modo intensificada que chega a pensar em si própria como um todo, e esquecer, naquela ocasião, sua relação com o "Pai que está no céu". Pode, temporariamente, identificar-se com a

matéria através da qual está trabalhando, e pode resistir à influência daquela outra porção que desceu, mas que não foi *entretecida* - e que forma o vínculo com a grande massa do Ego em seu próprio plano.

O Diagrama XXVI pode servir para tornar esse assunto um pouco mais claro. O corpo causal é ali mostrado sob o tosco desenho de um cálice cortado. Aquela porção do Ego que está ativada no terceiro subplano causal divide-se em três partes, que chamaremos (a), (b) e (c); (a) é uma parte muito pequena do Ego e permanece em seu plano; (b) é uma pequena parte de (a), que desce mas permanece entretecida com a matéria dos planos inferiores; atua como elo entre (a) e (c); por sua vez (c) é uma pequena parte de (b) e está inteiramente entretecida com a matéria inferior dos corpos astral e mental.

Podemos pensar em (a) como o corpo do homem; em (b) como seu braço estendido; em (c) como a mão que agarra ou talvez, antes, como as pontas dos dedos que estão mergulhados na matéria.

Temos aqui um arranjo delicadamente equilibrado, que pode ser afetado de várias maneiras. A intenção é que a mão (c) agarre a matéria com a qual está entretecida e passe a guiá-la com firmeza, sendo dirigida o tempo todo pelo corpo, (a) através do braço (b). Sob circunstâncias favoráveis, força adicional, e mesmo matéria adicional, podem ser emanadas do corpo (a) através do braço (b) para a mão (c), de forma que o controle possa tornar-se cada vez mais perfeito.

A mão (c) pode crescer tanto em tamanho como em força, e quanto mais fizer isso melhor, enquanto a comunicação através do braço (b) seja mantida livremente, e o corpo (a) retenha o controle, porque o próprio entrelaçamento da matéria causal, que constitui a mão (c), desperta para uma atividade vigorosa e uma exatidão de resposta às finas tonalidades de vibração, que ela não poderia obter de nenhuma outra forma. E isso, quando transmitido através do braço (c) para o corpo (a) significa o desenvolvimento do próprio Ego.

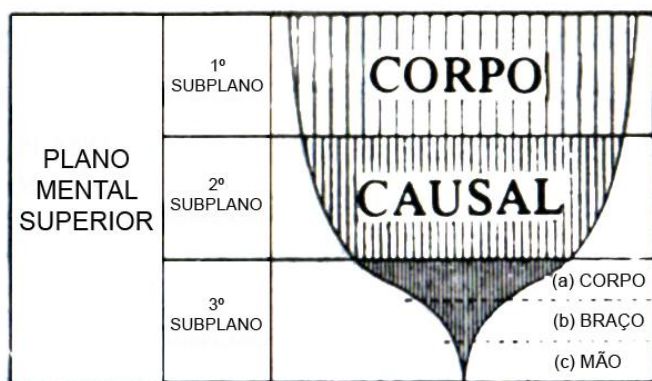


DIAGRAMA XXVI. O Corpo Causal como um Cálice.

Infelizmente, o curso dos acontecimentos nem sempre segue o plano ideal de trabalho indicado acima. Quando o controle do corpo (a) é fraco, acontece, às vezes, que a mão (c) torna-se de tal modo enredada em matéria inferior que, como dissemos, chega realmente a identificar-se com aquela matéria inferior, esquece na ocasião seu elevado estado e pensa em si mesma como se fosse todo o Ego.

Se a matéria for do plano *mental* inferior, então teremos um homem completamente

materialista. Pode, talvez, ser intensamente intelectual, mas não espiritual; pode, é quase certo, ser intolerante para com a espiritualidade e de todo incapaz de compreendê-la ou apreciá-la. Provavelmente se dirá prático, objetivo, não sentimental quando, na realidade, é duro como a rude mó de um moinho. Por causa dessa dureza, sua vida, do ponto de vista do Ego, é um fracasso e ele não está fazendo nenhum progresso espiritual.

Se, por outro lado, a matéria com a qual está tão fatalmente entretido for a *astral*, ele será, no plano físico, aquele que pensa somente em sua própria satisfação, que é altamente implacável na busca de algum objetivo que deseje ardentemente alcançar, homem inteiramente destituído de princípios e de um egoísmo brutal. Tal homem vive em suas paixões, tal como o homem enredado em matéria mental vive em sua mente. Casos como esse têm sido classificados de "almas perdidas", embora não estejam irremediavelmente perdidas.

H. P. Blavatsky diz de tais homens: "Há, contudo, ainda uma esperança para quem perdeu sua Alma Superior através de seus vícios, enquanto ainda está no corpo. Pode ainda ser redimido e levado a modificar sua natureza material, porque, seja por uma intensa sensação de arrependimento, ou por um apelo ansioso ao Ego que fugiu ou, melhor do que tudo, por um esforço ativo para corrigir sua forma de agir, ele poderá trazer de volta seu Ego Superior. O fio de ligação não está de todo rompido". (*A Doutrina Secreta*, III, p.527).

Voltando à nossa analogia do investimento, podemos notar que, fazendo esse investimento, o Ego espera não só recuperar a mão (c), mas espera, também, que ela melhore em qualidade e quantidade. Sua *qualidade* deve melhorar, porque ela estará muito mais desperta e capaz de pronta e nítida resposta a uma gama muito mais variada de vibrações do que antes. Essa capacidade da mão (c), quando reabsorvida, se comunica, necessariamente, ao corpo (a) embora, como é natural, a reserva de energia que fez tão poderosa vaga de energia na mão (c) só possa criar uma ondulação, quando distribuída através de toda a substância do corpo (a).

A esta altura devemos recordar que embora os *veículos* possam responder aos maus pensamentos e emoções e sua excitação sob tais vibrações possa produzir perturbações na matéria causal entretida (c); ainda assim é bastante impossível para (c) reproduzir por si mesmo essas vibrações ou comunicá-las ao braço (b) ou ao corpo (a), simplesmente porque a matéria dos três níveis mentais superiores já não podem vibrar ao ritmo do mais baixo plano, assim como a corda de um violino, afinada para uma certa nota, não pode produzir nota mais baixa do que aquela.

A mão (c) deve crescer também em *quantidade*, porque o corpo causal, como todos os outros veículos, está constantemente mudando sua matéria; quando um exercício especial é dado a uma certa parte dele, essa parte cresce em tamanho e torna-se mais forte, precisamente como acontece com um músculo físico toda vez que é usado.

Cada existência terrena é uma oportunidade, cuidadosamente calculada, para um desenvolvimento em qualidade e quantidade, tal como seja mais necessário ao Ego. Uma falha no uso dessa oportunidade significa o distúrbio e o adiamento de outra encarnação semelhante, bem como sofrimentos provavelmente agravados pelo carma adicional suscitado.

Contra o incremento, que o Ego tem o direito de esperar de cada encarnação,

devemos opor certa quantidade de perda que nos estágios iniciais dificilmente é evitável. Para que seja efetivo, o entrelaçamento com a matéria inferior deve ser muito íntimo, e sabe-se que quando isso acontece é quase impossível recuperar todas as partículas, especialmente no que se refere ao corpo *astral*.

Quando chega a ocasião da separação do corpo astral, ele é quase sempre uma sombra e não uma simples casca (ver *O Corpo Astral*, pp. 170-1) que fica no plano astral. E essa distinção significa, por si mesma, que algo da matéria causal foi perdido. Exceto no caso de uma vida desusadamente má, contudo, essa quantidade será muito menor do que a que foi ganha pelo crescimento, de forma que no todo haverá um proveito na transação.

O Diagrama XXVII-A ilustra esse caso, que pode ser visto como um estado normal dos acontecimentos.

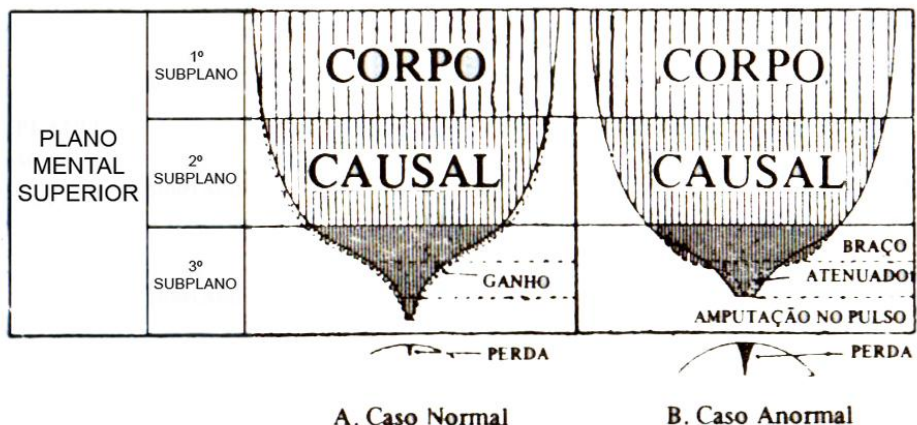


DIAGRAMA XXVII. O Ego e seu Investimento (I).

O estudante não deve deixar que a analogia do braço e da mão o leve a pensar, erradamente, que o braço (b) e a mão (c) sejam apanágios permanentes do Ego. Durante o período de vida eles podem, certamente, ser considerados como separados, mas ao fim de cada período de vida retornam ao corpo (a) e o resultado da experiência é distribuído, por assim dizer, através de toda a massa da substância. Quando, portanto, vem a ocasião em que o Ego deve novamente levar uma parte de si próprio para a encarnação, ele não estende, nem pode estender, o antigo braço (b) e a antiga mão (c), porque foram absorvidos e passaram a fazer parte dele, tal como uma taça de água despejada num balde passa a ser parte da água do balde e não pode ser separada.

Qualquer matéria colorante - simbolizando as qualidades desenvolvidas pela experiência - que estava presente na taça é distribuída, embora em tonalidade mais pálida, por todo o balde de água. O plano, portanto, é exatamente paralelo ao que já foi estudado no caso das almas-grupais, exceto o fato de uma Alma-Grupal poder estender muitos tentáculos simultaneamente, enquanto o Ego estende apenas um de cada vez. Em cada encarnação, portanto, a personalidade é, obviamente, muito diferente da precedente embora, como é natural, o Ego que está por trás dela seja o mesmo.

No caso dos homens, tais como os que foram descritos acima, homens que vivem inteiramente para as suas paixões ou suas mentes, não haverá ganho, nem em qualidade nem em quantidade, já que as vibrações não sejam as que podem ser armazenadas no corpo causal. E, por outro lado, como o entrelaçamento foi tão forte haverá, com certeza,

considerável perda quando a separação ocorrer.

Nos casos em que a mão (c) afirmou-se contra o braço (b) e pressionou-o de volta ao corpo (a), o braço (b) tornou-se debilitado, quase paralisado, sua força e sua substância retrai-se para o corpo, enquanto a mão (c) movimenta-se por si mesma e faz, por sua própria conta, movimentos sacolejantes e espasmódicos, que não são controlados pelo cérebro. Se a separação pudesse tornar-se perfeita, corresponderia a uma amputação à altura do punho, mas isso raramente acontece durante a existência física embora apenas um tanto da comunicação permaneça, necessária para manter a personalidade viva. O Diagrama XXVII-B ilustra o caso que descrevemos.

Tal caso não é desesperado porque, mesmo no último momento, uma vida nova pode ser levada ao braço paralisado, se um esforço suficientemente forte for feito, e assim o Ego pode ter capacidade para recuperar alguma proporção da mão (c) tal como já recuperara a maior parte do braço (b). Apesar disso, uma vida assim foi desperdiçada porque, mesmo que o homem consiga escapar a uma perda séria, de qualquer forma nada ganhou e muito tempo foi perdido.

A catástrofe mais desastrosa que pode acontecer a um Ego é aquela em que a personalidade captura a parte do Ego que desceu, e realmente consegue destacá-la. Tais casos são muitíssimo raros, mas acontecem. Nesse caso, a mão (c), ao invés de *repelir* o braço (b) e orientá-lo aos poucos para o corpo (a), *absorve* gradualmente o braço (b) e o destaca do corpo (a). O Diagrama XXVIII-C ilustra esse caso. Isso pode ser realizado apenas pela persistência determinada em deliberado mal; numa palavra, pela magia negra. Continuando a analogia, isso é equivalente a uma amputação a altura do ombro ou à perda, pelo Ego, de aproximadamente todo seu capital disponível. Felizmente para ele, não pode perder tudo, porque o braço (b) e a mão (c) juntos são apenas uma pequena proporção do corpo (a) e atrás de (a) está uma grande porção não desenvolvida do Ego, no primeiro e segundo subplanos mentais. Misericordiosamente, um homem, por mais incrivelmente louco ou mau que seja, não pode destruir completamente a si mesmo, porque não pode colocar em atividade aquela parte superior do corpo causal até que tenha alcançado um nível em que esse mal seja inimaginável.

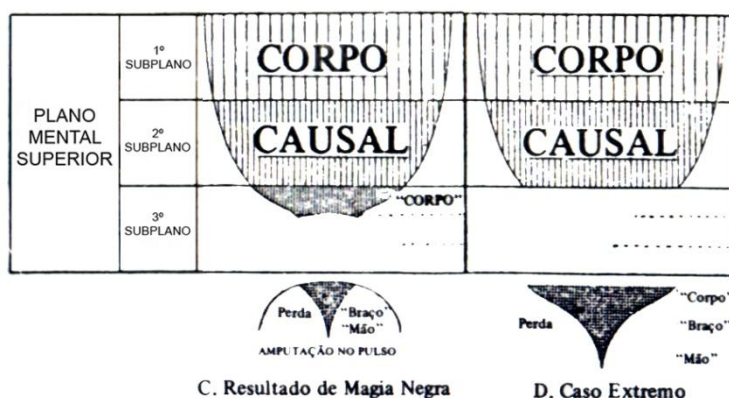


DIAGRAMA XXVIII. O Ego e seu Investimento (II).

Há certos homens que se colocam deliberadamente em oposição à natureza e, ao invés de trabalhar pela unidade, em direção da qual toda a força do universo está pressionando, rebaixam todas as faculdades que possuem, usando-as para fins puramente

egoístas. Passam suas vidas lutando pela separação, e durante longo tempo o conseguem. Dizem que a sensação de estar completamente a sós no espaço é o destino mais terrível que pode caber a um homem.

Esse extraordinário desenvolvimento do egoísmo é, naturalmente, a característica do mago negro e é, entre suas fileiras, apenas, que se encontram homens correndo o perigo de ter aquele terrível destino. Muitas e odiosas, como são as suas variedades, podem ser todas elas classificadas em uma ou duas grandes divisões. Ambas as classes usam as artes ocultas que possuem para fins egoísticos, mas esses fins podem variar.

No grupo mais comum e menos pavoroso, o objetivo perseguido é a gratificação do desejo sensual de algum tipo. Naturalmente o resultado de uma vida assim é centralizar o homem no corpo astral. Tendo conseguido matar em si mesmo todos os sentimentos altruístas ou sentimentais e toda fagulha de impulso superior, nada resta a não ser um impiedoso, implacável monstro de sensualidade que, após a morte, não tem possibilidade nem desejo de se elevar acima da mais baixa subdivisão do plano astral. Tudo o que ele tem da mente está absolutamente sob as garras do desejo e, quando a luta se estabelece, o Ego nada pode recuperar e, em consequência, sente-se seriamente enfraquecido.

Nessa ocasião ele se desliga da corrente da evolução, e assim, até que possa retomar à encarnação, fica - ou assim lhe parece - fora dessa evolução, na condição de *avichi*, o estagnado. Mesmo quando volta à encarnação, ela não se fará entre os que ele conheceu antes, porque não tem capital disponível de sobra para promover a animação de uma mente e um corpo em seu nível anterior. Deve contentar-se, agora, em ocupar veículos de um tipo muitíssimo menos desenvolvido, pertencente a uma raça mais primitiva. Assim, é atirado de volta, na evolução, e deve subir de novo muitos degraus da escada.

Provavelmente nascerá como um selvagem, mas a tendência será para vir como chefe, pois ainda lhe ficou algum intelecto. Dizem que ele pode de tal maneira ter retrocedido que não consiga encontrar no mundo, em sua presente condição, qualquer tipo de corpo humano inferior bastante para a manifestação que ele agora requer, de forma a se ver incapacitado de tomar qualquer parte neste esquema de evolução e ter, portanto, de esperar pelo começo de outra, numa condição que é uma espécie de animação suspensa.

Entrementes, a personalidade amputada, tendo rompido o "fio de prata que a liga ao Mestre", já não é, naturalmente, uma entidade em permanente evolução, porém permanece cheia de vida vigorosamente voltada para o mal, inteiramente sem remorso ou responsabilidade. Como está destinada a desintegrar-se entre o desagradável ambiente da "oitava esfera", tenta manter algum tipo de existência no plano físico, por tanto tempo quanto lhe seja possível. O único meio de prolongar a sua desgraçada existência é o vampirismo de algum tipo. Quando isso falha, sabe-se que ele se apodera de qualquer corpo disponível, expulsando dele seu dono legal. O corpo escolhido pode ser, provavelmente, o de uma criança, tanto porque é de se esperar que dure mais tempo, como porque um Ego que ainda não tomou realmente posse pode ser mais facilmente desalojado.

Apesar de seus desesperados esforços, seu poder parece depressa falhar, e dizem que não há exemplo registrado de sucesso no roubo de um segundo corpo depois que o

primeiro roubado se acabou. A criatura é um demônio do mais terrível tipo, um monstro para o qual não há lugar permanente no esquema de evolução a que pertencemos.

Sua tendência natural, portanto, é afastar-se dessa evolução e ser atraído para aquela fossa sanitária astral conhecida como "oitava esfera", porque o que passa para dentro dela fica fora do círculo dos sete mundos, ou globos, e não pode retomar à evolução deles. Ali, rodeado dos odiosos despojos de todas as vilanias concentradas das eras passadas, ardendo sempre em desejos e sem possibilidade de satisfazê-los, aquela monstruosidade vai degenerando aos poucos, libertando por fim toda matéria mental e causal. Tal matéria jamais voltará ao Ego do qual se desprendeu, mas será distribuída entre a outra matéria do plano, para entrar aos poucos em novas combinações e assim ser levada a melhor uso. Tais entidades são, como já ficou dito, muitíssimo raras, e, ademais, têm o poder de se apoderar apenas daqueles que têm, em sua natureza, pronunciados defeitos de um tipo semelhante.

O outro tipo de mago negro, externamente de aparência mais respeitável, ainda assim é mais perigoso, por ser mais poderoso. É o homem que, ao invés de se dar inteiramente à sensualidade, prepara um alvo pessoal de um egoísmo mais refinado mas não menos destituído de escrúpulos. Seu objetivo é a aquisição de um poder oculto mais amplo e mais alto, mas ainda para ser usado para sua própria gratificação e adiantamento, para ampliar sua própria ambição ou satisfazer sua própria vingança.

Para obter isso, adota o mais rígido ascetismo apenas no que se refere aos meros desejos carnis, e leva a definhando as partículas mais grosseiras do seu corpo astral, tão perseverantemente como o fazem os discípulos da Grande Fraternidade Branca. Porém, embora se trate de um tipo de desejo menos material, com o qual permite que sua mente se entrelace, o centro de sua energia nem por isso está menos inteiramente na sua personalidade. Quando, portanto, ao fim da vida astral, a separação se verifica, o Ego não consegue recuperar nada do seu investimento. Para esse homem o resultado é bastante parecido ao do primeiro caso, exceto pelo fato de ele permanecer mais tempo em contato com a personalidade e de certa forma partilhar de suas experiências, tanto quanto é possível a um Ego.

O destino dessa personalidade, contudo, é muito diferente. O tegumento astral, relativamente tênue, não é bastante forte para mantê-lo por qualquer período de tempo no plano astral, e ainda assim perdeu completamente o contato com o mundo celestial que deveria ser seu *habitat*. Porque todo o esforço da vida desse homem foi empregado em matar os pensamentos que encontram naturalmente seus resultados em tal nível. Seu único empenho foi o de opor-se à evolução natural, o de separar-se do grande todo, de combater contra ele. No que se refere à personalidade conseguiu seu intento. Está desligado da luz e da vida do sistema solar: tudo quanto resta é uma sensação de absoluto isolamento, a sensação de estar a sós no universo.

Assim, nesse caso raro, a personalidade perdida compartilha do destino do Ego, do qual está em processo de desligamento. Mas, no caso do Ego, essa experiência é apenas temporária, embora possa durar por aquilo que chamaríamos um longo tempo, ao fim do qual haverá reencarnação e uma nova oportunidade.

Para a personalidade, contudo, o fim é a desintegração - o fim invariável, naturalmente, daquilo que se desligou de sua fonte.

Num caso desse tipo, envolvendo a perda de uma inteira personalidade, o Ego não fez o mal intencionalmente. Deixou que a personalidade lhe escapasse das mãos e é responsável por isso. É, portanto, responsável pela fraqueza, mais do que por um mal direto. Embora o Ego tenha retrocedido terrivelmente, ainda assim continua; provavelmente não imediatamente, porque de início ele parece estar aturdido.

Depois de tal experiência, o Ego será sempre um tanto anormal. Estará insatisfeito, terá recordações de algo mais alto e maior do que aquilo que agora pode alcançar. É uma situação horrível, mas o Ego tem de aceitar o carma que isso representa e compreender que ele próprio atraiu para si tal situação.

Diz-se que há outra, e ainda mais remota possibilidade. Tal como a mão (c) pode absorver o braço (b) e revoltar-se contra o corpo (a), mantendo-se por sua própria conta e desligando-se completamente, é - ou pelo menos foi no passado - possível que a doença da separação e do egoísmo possa infeccionar também o corpo (a). Neste caso, ele é absorvido pelo monstruoso crescimento do mal e pode ser arrancado da porção não desenvolvida do Ego, de forma que o próprio corpo causal pode ser endurecido e afastado e não apenas a personalidade. O Diagrama XXVII-D ilustra esse caso.

Essa classe de caso corresponde, não a uma amputação, mas à inteira destruição do corpo. Tal Ego não pode reencarnar na raça humana. Embora seja um Ego, cairá nas profundidades da vida animal e precisará pelo menos de todo um período de cadeia para ganhar a situação que perdeu. Isso, embora teoricamente possível, é quase inconcebível. Deve-se notar, contudo, que mesmo nesta hipótese a parte não desenvolvida do Ego permanece como veículo da Mônada.

Embora as antigas escrituras falem de homens tombando de volta ao reino animal, não há evidência direta de tais fatos. Há outros casos em que o homem pode entrar em contato com a consciência animal e sofrer horivelmente através disso (veja *O Corpo Astral*, p. 142), mas reencarnar como animal não é possível agora, mesmo que tenha sido possível em passado distante.

Podemos fazer aqui uma ligeira digressão, a fim de explicar como é que mesmo em casos tais como os que descrevemos acima, uma perda realmente séria não é assunto fácil.

Devido ao fato de que bons pensamentos e boas emoções trabalham nos tipos superiores da matéria, e que a matéria mais fina é muito mais facilmente movida do que a matéria mais grosseira, segue-se que uma determinada quantidade de forças gastas em pensamentos ou sentimentos bons produz, talvez, cem vezes mais efeito do que precisamente a mesma quantidade de força mandada para a matéria grosseira. Se não fosse assim, é óbvio que o homem comum não faria qualquer progresso.

Se um homem fornece certa quantidade de energia para alguma qualidade má, isso vai-se expressar através de matéria astral mais baixa e mais pesada. E, embora qualquer tipo de matéria astral seja inexcusavelmente sutil quando comparada com a matéria superior de seu próprio plano, ela é tão grosseira quanto o chumbo, no plano físico, comparado com o éter mais fino.

Se, portanto, o homem usar a mesma quantidade de força em direção ao bem, ela terá de mover-se através da matéria muito mais fina dos subplanos superiores e produzirá, como foi dito, cem vezes mais efeito ou, se compararmos o mais baixo com o mais alto,

provavelmente mil vezes mais.

Embora possamos imaginar que 90% dos pensamentos e sentimentos do homem não desenvolvido sejam autocentralizados, mesmo que não sejam realmente egoístas, ainda assim se 10% desses pensamentos e sentimentos forem espirituais e sem egoísmo, o homem deve estar subindo, de certa forma, acima da média. Na verdade, se essas proporções produzem resultados coincidentes, a vasta maioria da humanidade daria nove passos para trás e um para a frente, e haveria um retrocesso tão rápido que poucas encarnações nos depositariam no reino animal do qual evoluímos.

Felizmente para nós, contudo, o efeito de 10% de força dirigida para bons fins supera em peso, enormemente, os 90% devotados a propósitos egoísticos. Assim, no todo, tal homem faz um avanço apreciável de vida para vida.

O homem que possa mostrar mesmo 1% de bem faz um pequeno avanço, de forma que será fácil compreender que um homem cujas contas se equilibrem exatamente, de forma que não haja progresso nem retrocesso, deve estar vivendo uma existência distintamente má, enquanto que, para obter uma descida real na evolução, uma pessoa deve ser desusadamente e consistentemente vil.

Além dessas considerações, devemos ter em mente que o próprio Logos está, por seu irresistível poder, constantemente pressionando todo o sistema para a frente e para cima e que, por muito lento que esse progresso cíclico nos pareça, o fato é que ninguém será negligenciado, porque, em seus efeitos, o homem que equilibra exatamente seu bem e seu mal retorna não na mesma posição *atual*, mas em posição *relativa*, portanto fez um ligeiro avanço e está, por assim dizer, numa situação apenas um pouco melhor do que aquela que realmente mereceu e produziu para si mesmo.

Assim, é claro que se alguém é tão aloucado a ponto de desejar ir, de fato, recuando contra a corrente, terá de trabalhar dura e definitivamente em direção do mal. Não há o temor de "escorregar" de volta. Esta é uma das antigas ilusões que permanecem dos tempos da crença no "diabo" ortodoxo, tão mais forte do que a Deidade, a ponto de se crer que tudo no mundo trabalhava em seu favor. O fato é que o caso é exatamente o oposto e tudo, ao redor do homem, está calculado para ajudá-lo, contanto que ele o compreenda.

CAPÍTULO XXVI

O EGO E A PERSONALIDADE

Em *O Corpo Mental* examinamos o relacionamento entre a personalidade e o Ego, principalmente do ponto de vista da personalidade. Agora é necessário estudar, com maior profundidade, o relacionamento entre o Ego e a personalidade, dessa vez do ponto de vista do Ego.

Recapitemos, antes, os principais fatos concernentes à constituição do homem como Mônada, Ego e Personalidade.

O fragmento da Vida Divina, que conhecemos como Mônada, manifesta-se no plano de Atma como o tríptico espírito (veja Diagrama XII).

Desses três aspectos, um, o próprio espírito, permanece em seu próprio plano, o de Atma. O segundo, o da Intuição ou razão pura, como às vezes é chamado, desce um estágio e se expressa através da matéria do plano de Buddhi. O terceiro aspecto, o da inteligência, desce dois planos e se expressa através da matéria do plano mental superior.

Essa expressão da Mônada, nos planos de Atma Buddhi e Manas, é o Ego ou individualidade.

O Ego se expressa nos planos inferiores como personalidade, que também é tríptico em sua manifestação; é, além disso, um exato reflexo da organização do Ego. Mas, como outros reflexos, apresenta-se ao contrário.

A inteligência, ou Manas superior, reflete-se em Manas inferior. A razão pura, ou Buddhi, reflete-se no corpo astral; e, de maneira mais difícil de se compreender, o espírito, ou atma, reflete-se no plano físico.

Há sempre um vínculo ou linha de comunicação entre o Eu superior, ou Ego, e o Eu inferior, ou personalidade. Esse elo é conhecido como *antahkarana*. Essa palavra sânscrita significa o órgão interior, ou instrumento interno. H. P. Blavatsky fala dele como um elo, canal, ou ponte, entre o Manas superior e o Kama-Manas, durante a encarnação. Falando de alguém que pode unir Kama-Manas com Manas superior, através do Manas inferior ela se refere a Manas inferior, *quando puro e livre de Kama*, como *antahkarana*.

O *antahkarana* pode ser visto como o braço esticado, entre o pequeno pedaço do Ego que está desperto e a parte que desceu, a mão. Quando os dois estão perfeitamente reunidos, isto é, quando o Ego e a personalidade estão perfeitamente afinados e unidos, então o fio atenuado do *antahkarana* deixa de existir. Sua destruição significa que o Ego já não necessita de um *instrumento*, mas trabalha diretamente com a personalidade. Quando alguém opera com o Ego e a personalidade, então já não se faz necessário o *antahkarana*.

O termo *antahkarana*, ou influência interna, é usado também em outro sentido, para referência ao tríptico Eu ou Ego Superior, porque esse é o canal ou ponte entre a Mônada e o Eu inferior.

Em seus estágios mais primitivos, a evolução do homem consiste na abertura desse *antahkarana*, ou linha de comunicação, de forma que o Ego possa ficar cada vez mais capacitado para se afirmar através dele, e dominar finalmente e inteiramente a

personalidade, de forma que ela não possa ter pensamento ou vontade separados, mas possa ser apenas, como deve ser, uma expressão do Ego em planos inferiores, até o ponto, naturalmente, que as limitações desses planos inferiores permitam.

O elo que liga o Eu inferior ao Eu superior é, muitas vezes, chamado fio - um fio de prata, tal como convém a um emblema de pureza.

O coração é o centro no corpo para a tríade superior, Atma-Buddhi-Manas, de forma que quando a consciência está centralizada no coração, durante a meditação, ela é mais suscetível à influência do Eu superior, ou Ego. A cabeça é a localização do homem psicointelectual. Tem suas várias funções em sete cavidades, inclusive o corpo pituitário e a glândula pineal. Quem, ao se concentrar, pode levar sua consciência do cérebro para o coração, deve poder unir Kama-Manas ao Manas superior através do Manas inferior que, quando puro e livre de Kama, é o antahkarana. Assim, está em condições de receber sugestões da tríade superior.

O homem que está inteiramente sem treino não tem, praticamente, qualquer comunicação com o Ego. O Iniciado, por outro lado, tem completa comunicação. Consequentemente, vemos, tal como é de se esperar, que há homens em todos os estágios entre esses dois extremos.

A essa altura, o estudante já compreendeu a enorme importância de entender a existência dessa conexão entre o Eu inferior e o Eu superior, e de se fazer todo o possível para fortalecer aquele vínculo, de forma que o Ego e a personalidade possam, aos poucos, funcionar como uma entidade. Ajudá-lo nessa tarefa pode ser visto, talvez, como *leit motiv* desta série de quatro livros explanatórios da constituição do homem e dos vários corpos através dos quais ele funciona.

Embora nos empenhemos, de muitas formas e com muitos expedientes, em apreciar e compreender a grande diferença entre os pontos de vista da personalidade e do Ego, devemos ter em mente, conforme foi muitas vezes repetido, que há apenas *uma* consciência, apesar de com frequência sentirmos duas, claramente, e de sermos levados a cogitar se o Ego está inteiramente dissociado do corpo físico. Devemos, contudo, compreender que há apenas uma consciência, sendo a diferença aparente causada apenas pelas limitações dos vários veículos.

Não devemos, portanto, imaginar que há duas entidades no homem.

Não há nunca qualquer Eu inferior como um ser separado, mas, como vimos, o Ego faz descer uma minúscula porção de si próprio para a personalidade, a fim de experimentar as vibrações dos planos inferiores.

A identidade fundamental entre Manas inferior e Manas superior deve ser mantida constantemente em mente. Por amor à conveniência fazemos distinção entre eles, mas a diferença está na atividade funcional, não na natureza. O Manas inferior é um com o Manas superior, da mesma maneira pela qual o raio é um com o Sol.

O minúsculo fragmento do Ego que é colocado na personalidade é o ponto de consciência que os clarividentes podem ver movendo-se ao redor do homem. De acordo com um sistema de simbologia, ele é visto como "o homem dourado do tamanho de um polegar", que mora no coração. Outros, contudo, veem isso mais sob a forma de uma estrela, uma brilhante e luminosa estrela.

Um homem pode manter essa Estrela da Consciência onde desejar, isto é, em qualquer dos sete chacras principais ou centro do corpo. Qual deles é mais natural para o homem, depende muitíssimo do seu tipo ou "raio", e provavelmente também de sua raça e sub-raça.

Homens da Quinta Raça Raiz quase sempre mantêm essa consciência no cérebro, no centro dependente do corpo pituitário. Há, contudo, homens de outras raças para os quais é natural mantê-la habitualmente no coração, na garganta, ou no plexo solar.

A Estrela da Consciência é, assim, representativa do Ego em planos inferiores e, quando se manifesta através de veículos inferiores, nós a chamamos personalidade, o homem tal como é conhecido de seus amigos aqui embaixo.

Embora, como vimos, o Ego seja apenas um fragmento da Mônada, é completo como Ego em seu corpo causal, mesmo quando seus poderes não estão desenvolvidos; sempre que na personalidade haja somente um toque de sua vida.

Além disso, embora no caso do homem comum a consciência do Ego em seu próprio plano seja apenas parcial e vaga, ainda assim, enquanto estiver ativa, será sempre do lado do bem, porque deseja o que é favorável para sua própria evolução como uma alma.

Na verdade, o inabalável desejo do Ego é de progresso, de desdobramento do Eu superior, e de afirmar os veículos como seus instrumentos.

Quaisquer pensamentos dos que nós chamamos maus são impossíveis para o Ego, porque nele, desde que qualquer qualidade se desenvolva, é pura. Se, por exemplo, ali houver afeição, ela será inteiramente livre de ciúme, inveja ou egoísmo. O Ego é um espelho do amor divino até o ponto em que ele pode refleti-lo em seu nível.

Além disso, não é provável que o Ego erre. Parece jamais se deixar iludir seja acerca do que for. Que ignora certos assuntos é evidente, pois o real propósito da encarnação é remover essa ignorância.

Como vimos, porém, o fragmento do Ego que desceu para a matéria inferior, torna-se tão arguta e vividamente consciente nessa matéria, que atua e pensa como se fosse um ser separado. Esquece que pertence à consciência menos desenvolvida, porém muitíssimo mais ampla, do ego, e se põe a viver por sua própria conta, tentando ir como quer e não conforme o Ego deseja.

Ademais, com todos os seus formidáveis poderes, o Ego é muito menos exato do que a mente inferior. E a personalidade, valorizando acima de tudo os poderes discriminatórios da mente inferior que ela deve desenvolver, muitas vezes chega, em consequência disso, a desprezar o Eu muito mais elevado, porém mais vago, e adquire o hábito de pensar em si própria como independente do Ego.

Podemos notar aqui que, através de todo o curso da nossa evolução, há sempre o perigo de que o homem possa se identificar com aquele ponto, ou naquele veículo, em que se sente mais integralmente consciente.

Assim, conforme vimos, às vezes parece que o fragmento trabalhou contra o todo, mas o homem instruído recusa ser iludido e volta-se para a consciência aguda e alerta do fragmento, para a verdadeira consciência que está atrás dele, e que ainda é tão pouco desenvolvida. Isso é que o escritor Sinnett chama "render vassalagem ao Eu superior".

Já vimos que, na natureza das coisas, não pode haver mal no corpo causal ou no Ego.

Mas quando quer que haja uma brecha no corpo causal, ali está a possibilidade de que os veículos inferiores possam entrar em algum tipo de má ação. Assim, por exemplo, o astral elemental toma posse do homem e impele-o a cometer um crime. Nesse caso, o Ego não está suficientemente desperto para intervir e evitar a ação, ou talvez não entenda que a paixão ou a ganância do corpo astral possa forçar o Eu inferior a cometer um crime. O mal, portanto, não vem do Eu Superior: vem de uma *lacuna* no Eu Superior, porque, se o Ego fosse mais desenvolvido, deteria o homem no limiar do mau pensamento e o crime não seria cometido.

Nos homens comuns, o Ego não tem muito domínio sobre a personalidade, nem uma concepção clara do seu propósito ao protegê-la; e, como vimos, o pequeno fragmento que vem a nós, na personalidade, passa a ter maneiras e opiniões próprias. Está-se desenvolvendo pela experiência que ganha, e isso ela passa ao Ego. Com esse real desenvolvimento, também reúne, habitualmente, o que dificilmente corresponde àquele nome. Adquire conhecimento, mas também preconceitos, que de forma alguma são conhecimentos. Não se torna inteiramente livre desses preconceitos - preconceitos, note-se bem, de conhecimento, de sentimento e de ação - enquanto não alcança o Adeptado. Aos poucos, descobre que essas coisas são preconceitos e progride através deles, sempre com uma grande limitação, coisa da qual o Ego está inteiramente livre.

Para auxiliar o Ego a controlar seus veículos e ajudá-lo a utilizá-los para seus propósitos, muitíssimo pode ser feito por pais e professores durante a infância e a meninice. Porque faz uma grande diferença o fato de os germes bons serem despertados nos corpos das crianças antes dos maus. Se, através de extremada atenção, antes do nascimento e durante vários anos depois disso, os pais puderem excitar apenas as boas tendências, então o Ego achará fácil, naturalmente, expressar-se ao longo dessas linhas e um hábito firme se instala nessa direção. Daí, quando uma excitação má aparece, encontra um forte impulso na direção do bem, e em vão lutará para dominá-lo.

Da mesma forma, se as más tendências forem acordadas primeiro, então o impulso para o bem tem de lutar contra a predisposição para o mal. Nesse caso, há na personalidade uma tendência para o mal, uma disposição para recebê-lo e praticá-lo. No outro caso, contudo, há um forte desagrado natural pelo mal, o que torna muito mais fácil o trabalho do Ego.

No homem comum há uma tensão constante entre os corpos astral e mental. Nenhum desses corpos está, tampouco, dentro da menor sintonia com o Ego ou preparado para agir como seu veículo. O que se necessita é a purificação da personalidade; também o canal entre ela e o Ego deve ser aberto e alargado.

Até que isso seja feito, a personalidade vê tudo e todos de seu próprio e muito limitado ponto de vista. O Ego não pode ver o que realmente está acontecendo; percebe apenas uma imagem distorcida da personalidade, que é uma câmara com as lentes defeituosas, que deforma os raios de luz, e uma chapa imperfeita que torna o resultado toldado, indistinto e desigual.

Por isso no caso da maioria das pessoas, o Ego não usufrui de qualquer satisfação da personalidade, até que esteja no mundo celestial. O próprio Ego distingue o verdadeiro do falso, reconhece a verdade quando a vê e rejeita o falso. Geralmente, porém, quando lança

o olhar para baixo, para a personalidade, encontra uma louca confusão de forças-pensamentos inconsequentes, de tal modo que nada pode ver de definitivo. Afasta-se, desesperançado, e decide esperar pela quietude do mundo celestial antes de tentar apanhar fragmentos de verdade naquele incrível caos.

Sob as condições mais pacíficas do devacan, enquanto as emoções e os pensamentos da recente vida física chegam um a um, e se defronta à vívida luz daquele mundo, eles são examinados com visão clara, a escória é descartada e o tesouro conservado.

O discípulo deve, naturalmente, tentar obter essa condição enquanto ainda está no corpo físico, através da purificação da sua personalidade e da harmonização com o Ego ou alma.

Embora o Ego seja, indubitavelmente, muito parcialmente expresso pelo corpo físico, ainda assim não seria exato falar dele como dissociado daquele corpo. Se imaginarmos o Ego como um corpo sólido, então se o sólido é colocado sobre a superfície, obviamente a figura plana, representando o contato do sólido com a superfície, seria uma expressão muitíssimo parcial do sólido. Ainda mais: se os vários lados do sólido fossem sucessivamente colocados sobre a superfície, poderíamos obter impressões que seriam consideravelmente diferentes umas das outras. Todas elas seriam imperfeitas e parciais, porque em todos os casos o sólido teria extensão em direção completamente diferente, coisa que de maneira alguma poderia ser expressa sobre a superfície plana.

No caso de um homem comum, obteremos um simbolismo quase exato dos fatos se supusermos que o sólido é consciente apenas enquanto está em contato com a superfície. Ainda assim, os resultados ganhos através da expressão de tal consciência, seriam inseparáveis no sólido considerado como um todo, e estariam presentes em qualquer posterior expressão dele, mesmo que pudessem diferir muitíssimo de expressões anteriores.

Quando o Ego ainda não está desenvolvido, não pode responder a mais do que muitas poucas das extremamente finas vibrações do plano mental superior, de forma que elas passam através dele sem praticamente afetá-lo. De início, o Ego precisa de vibrações poderosas, e relativamente grosseiras, para afetá-lo. Não existindo tais vibrações em seu próprio plano, tem que descer a níveis inferiores para encontrá-las.

Desde que adquira integral consciência, a princípio apenas no mais baixo e mais denso de seus veículos, sua atenção se fixa durante longo tempo no plano físico, e assim, embora aquele plano seja muito mais baixo do que o seu e ofereça muito menos campo para a atividade, ainda assim, nos estágios iniciais, ele se sente muito mais vivo quando está trabalhando ali.

Com o crescimento da consciência e a ampliação do seu campo, ele começa, aos poucos, a trabalhar cada vez mais na matéria do estágio superior, isto é, na matéria astral. Num estágio muito posterior, quando conseguiu trabalhar claramente na matéria astral, começa a poder expressar-se através da matéria do corpo mental. Ainda mais tarde, o fim do esforço presente é alcançado quando ele trabalha tão completa e claramente na matéria do corpo causal, no plano mental superior, como agora trabalha no corpo físico.

Quando um Ego se torna suficientemente desenvolvido para ficar sob a influência direta de um Mestre, o volume dessa influência que pode ser passado para a personalidade

depende da conexão entre a personalidade e o Ego, que é diferente em diferentes casos; há, de fato, uma variedade infinita na vida humana.

A proporção que a força espiritual lança raios sobre o Ego, algo disso deve fluir sempre para a personalidade, porque o inferior está ligado ao superior, tal como a mão está ligada ao corpo pelo braço. Mas a personalidade só pode receber o que ela preparou em si própria para receber.

Há, ainda, outro fator importante que entra em jogo. O Mestre amiúde movimenta qualidades do Ego que estão muito obscurecidas pela personalidade, de forma que muito pouco dessas qualidades desce até a personalidade. Assim como as experiências da personalidade podem ser passadas ao Ego apenas quando compatíveis com a natureza e os interesses do Ego, somente os impulsos aos quais a personalidade pode responder conseguem expressar-se através dela. Devemos ter em mente que enquanto o Ego tende a excluir o material e receber o espiritual, também a tendência geral da personalidade - pelo menos nos estágios iniciais - é excluir o espiritual e receber o material.

Um clarividente pode, às vezes, ver essas influências agindo. Assim, num certo dia, pode notar uma característica da personalidade muito intensificada, sem razão que venha do exterior. A causa é com frequência encontrada no fato de ela estar ocorrendo em algum nível superior - o estímulo dessa qualidade no Ego. Um indivíduo pode sentir-se, por exemplo, transbordante de afetividade e devoção, e bastante incapaz de demonstrar o porquê disso no plano físico. A causa está, quase sempre, no estímulo do Ego ou, por outro lado, pode ser que o Ego esteja tendo algum interesse especial pela personalidade, nessa ocasião.

O relacionamento entre um discípulo e seu Mestre não é muito diferente daquele que existe entre a personalidade e o Ego. Tal como se pode considerar o Ego como tendo colocado um fragmento de si próprio na personalidade, expressando-se - embora imperfeitamente - através dessa personalidade, da mesma maneira o discípulo não representa meramente o Mestre, mas é o Mestre num sentido muito real, porém, o Mestre sob tremendas limitações. Essas limitações consistem não só das condições dos próprios planos inferiores, mas também, naturalmente, na personalidade do discípulo, que de forma alguma é transcendida.

Ademais, mesmo que o Ego do discípulo tenha obtido perfeito controle de seus veículos inferiores, haveria, ainda, a diferença entre o *tamanho* do Ego do discípulo e o do Ego do Mestre, porque o discípulo é um Ego menor do que o do Mestre a quem segue, portanto só pode ser uma representação incompleta desse mesmo Mestre.

A meditação é um método de atrair a atenção do Ego. Devemos, contudo, ter em mente que na prática da meditação, ao invés de tentar interromper o Ego e trazê-lo para a personalidade que está abaixo dele, devemos nos empenhar em alcançá-lo na sua atividade superior. A influência superior é, sem dúvida, chamada pela meditação, que é *sempre* efetiva, mesmo que no plano físico pareça muito monótona e bastante sem encanto. A sensação de monotonia na personalidade pode, com efeito, ser devida à busca ascensional do Ego, e a conseqüente negligência dele em enviar energia à personalidade.

A meditação e o estudo de assuntos espirituais nesta vida terrena fazem, indubitavelmente, uma diferença muito grande na vida do Ego, pois a meditação

conscientiosamente feita, abre o canal entre a personalidade e o Ego e mantém-no aberto. É preciso, portanto, ter em mente que a meditação física não é dirigida ao Ego, mas um treinamento para os vários veículos que serão canais para o Ego. Na verdade, durante a meditação física, o Ego vê a personalidade como em qualquer outra ocasião - e é, quase sempre, levemente desdenhoso. Ainda assim, a força que desce é sempre a do Ego, mas, sendo apenas uma pequena parte, tende a dar uma concepção unilateral das coisas.

A pessoa comum, que não levou as coisas espirituais a sério, tem apenas um fio de conexão entre a personalidade e o Ego; e esse canal é, de fato, tão estreito que, às vezes, parece quase estrangulado. Em alguma ocasião especial - como, por exemplo, a da "conversão" - a força pode irromper novamente. Para pessoas mais desenvolvidas há um fluxo constante em certa medida, entre o Ego e a personalidade.

Essas considerações deveriam fazer-nos sentir que de forma alguma é sempre exato o julgamento que se possa fazer de um Ego, através de sua manifestação na personalidade. Assim, por exemplo, o Ego de um tipo intensamente prático pode ser mais notado no plano físico do que outro, de desenvolvimento superior, cuja energia acontece estar concentrada quase que exclusivamente nos níveis causal e búdico. Por isso, as pessoas que julgam meramente pelas aparências no plano físico, estão, com frequência, completamente enganadas em sua estimativa do desenvolvimento relativo de outras pessoas.

Cada uma das descidas sucessivas do Ego para os planos inferiores é uma limitação tão indescritível que o homem, aquele que encontramos aqui no plano físico, é, no máximo, um fragmento de um fragmento, e, como expressão do homem verdadeiro, está muito pouco adequado a nos fornecer alguma coisa que mesmo remotamente se pareça a uma concepção do que o homem será ao fim de sua evolução.

Até que se possa ver o Ego, não se tem uma concepção de quanto é realmente grande, quanto infinitamente mais sábio e mais forte é do que a entidade encarnada. Todos são, na realidade, muito melhores do que parecem ser. O maior dos santos nunca pode expressar inteiramente o seu Ego. Naquele plano superior ele é ainda maior santo do que jamais foi aqui. Porém, magnificente como é, ainda se mostra como que vago em sua magnificência.

Há, realmente, três formas pelas quais o Ego pode se desenvolver e influenciar a vida. A primeira forma é a do cientista e do filósofo. Estes desenvolvem não só a mente inferior mas também a superior, de forma que uma grande quantidade de seus tipos de pensamento mais abstratos e compreensivos descem para a sua consciência. Para homens assim, o desenvolvimento da consciência búdica virá depois.

O segundo método é o do uso das emoções superiores, tais como o afeto, a devoção, a simpatia, acordando assim o princípio búdico em grande parte, sem desenvolver especialmente o corpo causal intermediário. Não obstante, o corpo causal será afetado, visto como o desenvolvimento búdico reage muito poderosamente sobre o corpo causal. Essas pessoas não estão necessariamente, desenvolvendo um veículo búdico no qual possam viver; com permanência, mas o uso de emoções superiores evoca, inquestionavelmente, vibrações na matéria búdica. Por isso, há um frêmito no veículo búdico ainda sem forma, de modo que muitas de suas vibrações descem e pairam sobre o corpo astral. Assim, o homem recebe uma quantidade considerável de influência vinda do

plano búdico, antes que o veículo esteja inteiramente desenvolvido.

O terceiro é o mais obscuro método, no qual a vontade é trazida à atividade e o corpo físico de alguma forma reage sobre a matéria átmica. Muito pouco é conhecido quanto às formas através das quais ele opera.

O método da maioria dos estudantes é por meio da devoção, e forte simpatia pelos homens, seus companheiros.

O Ego razoavelmente adiantado pode, às vezes, ser bastante falho de consideração para com seu corpo, porque aquilo que foi projetado na personalidade significa algo subtraído dele, e ele pode sentir-se relutante quanto a esse dispêndio de força. Pode estar de certa forma impaciente e recolher-se em relação à personalidade. Em tais casos, contudo, haverá sempre um fluxo entre o Ego e a personalidade, o que não é possível com o homem comum. No homem comum o fragmento do Ego é, por assim dizer, emitido e deixado a arranjar-se por si mesmo, embora não seja completamente desligado. No estágio mais avançado que se mencionou, entretanto, há uma constante comunicação entre os dois, através do canal. O Ego pode, portanto, recolher-se sempre que desejar, e deixar uma fraca representação do homem real atrás de si. Vemos, pois, que as relações entre o Eu inferior e o Eu superior variam muito nas diferentes pessoas e nos diferentes estágios de desenvolvimento.

Um Ego, ocupado com suas próprias atividades, pode esquecer, durante algum tempo, de dispensar atenção apropriada à sua personalidade, tal como um homem bom e considerado pode, ocasionalmente, sob a pressão especial de algum negócio, esquecer seu cavalo ou seu cachorro. Às vezes, quando isso acontece, a personalidade faz lembrar sua existência, metendo-se em alguma loucura que causa sério sofrimento.

É possível notar, às vezes, que depois da completação de uma peça especial de trabalho, trabalho esse que precisou da cooperação do Ego em grande escala - como, por exemplo, uma conferência para auditório numeroso -, o Ego retira a sua energia e deixa à personalidade o suficiente para ela se sentir algo desalentada. Durante algum tempo ele admitiu que o trabalho tinha alguma importância, e assim projetou para baixo um pouco mais de si mesmo, porém, logo depois, deixa a infeliz personalidade bastante deprimida.

Devemos sempre recordar que o Ego coloca na personalidade apenas uma pequena parte de si mesmo; e como essa parte constantemente se torna entrelaçada em interesses que, por serem tão parciais, estão, com frequência, em linhas diferentes das que seguem as atividades gerais do ego, ele não dá qualquer atenção particular à vida inferior da personalidade, a não ser que algo muito pouco comum lhe aconteça.

Na vida física do homem comum do mundo há pouca coisa para interessar o Ego, e é só de vez em quando que algo de real importância ocorre, quando, então, sua atenção é atraída e ele tira daí o que lhe é útil.

O homem comum vive aos pedacinhos, Em mais da metade do tempo não está absolutamente acordado para a verdadeira vida superior. Se um homem se queixa de que seu Ego presta-lhe muito pouca atenção, é caso de perguntar-lhe quanta atenção tem prestado ao seu Ego. Com que frequência, por exemplo, em determinado dia, ao menos pensou nele?

Se desejar atrair a atenção do Ego, deve tornar a personalidade útil para ele. Assim

que comece a devotar a maior parte de seus pensamentos a coisas superiores - em outras palavras, assim que ele realmente comece a viver - o Ego, com certeza, se disporá a prestar-lhe mais atenção.

O Ego está bem consciente de que certas partes necessárias de sua evolução só podem ser alcançadas através da sua personalidade, em seus corpos mental, astral e físico. Sabe, portanto, que deve durante algum tempo atendê-la, tomar conta dela, e trazê-la sob controle.

Podemos compreender bem, porém, que a tarefa pareça amiúde pouco convidativa, que uma determinada personalidade possa parecer tudo menos atrativa e promissora. Se observarmos muitas das personalidades que nos rodeiam, seus corpos físicos cheios de drogas e venenos, seus corpos astrais ressumando ganância e sensualidade, e seus corpos mentais sem qualquer interesse além de fazer dinheiro, e talvez "esporte" das mais grosseiras modalidades, não é difícil ver por que um Ego, observando-as da sua majestosa altura, possa resolver adiar seus sérios esforços para outra encarnação, na esperança de que a próxima série de veículos seja mais sensível à influência do que aqueles sobre os quais seu olhar horrorizado pousa. Podemos imaginar que talvez diga a si mesmo; "Nada posso fazer com isso; esperarei a oportunidade de obter coisa melhor da próxima vez, pois dificilmente algo pode ser pior, e durante o entretanto eu tenho negócios muito mais importantes a realizar aqui".

Um estado de coisas semelhante acontece, com frequência, nos primeiros estágios de uma nova encarnação. Como já vimos, desde o nascimento de uma criança, o Ego paira sobre ela e, em alguns casos, começa a tentar influenciar seu desenvolvimento enquanto ainda é muito nova. Mas, como regra geral, dá pouca atenção a essa criança até que tenha sete anos de idade, tempo em que o trabalho do ele mental cármico deve estar praticamente terminado.

As crianças, porém, diferem tão amplamente, que não é de surpreender o fato de que a relação entre os Egos e as personalidades envolvidas também difira amplamente. Algumas personalidades-crianças respondem rapidamente, outras são brucas e intratáveis. Quando a obtusidade e a falta de resposta são notáveis, o Ego muitas vezes retira seu interesse ativo por algum tempo, esperando que, com o crescimento daquele corpo infantil, a personalidade possa tornar-se mais viva e mais responsiva.

Para nós essa decisão pode parecer pouco sensata, porque se o Ego negligencia sua personalidade presente, não é de se esperar que a próxima se mostre em melhores condições. Se permite que o corpo infantil cresça sem sua influência, as qualidades indesejáveis que foram manifestadas podem, muito provavelmente, tornar-se mais fortes ao invés de se apagarem. Mas nós não estamos em posição de julgar, uma vez que o nosso conhecimento do problema é tão imperfeito, e nada podemos ver dos negócios superiores aos quais o Ego está-se devotando.

Daí se vê o quanto é impossível julgar, com qualquer precisão, a posição na evolução de quem quer que seja que vejamos no plano físico. Num caso, causas cármicas podem ter produzido uma personalidade muito bela, com um Ego de adiantamento apenas moderado por trás dela. Em outro caso, essas causas podem ter dado vida a uma personalidade inferior ou defeituosa, pertencente a um Ego relativamente mais avançado.

Quando o Ego resolve levar toda a força de sua energia para a personalidade, a mudança que isso pode produzir é muito grande. Ninguém, sem ter investigado o assunto, pode imaginar como é rápida, radical, maravilhosa tal mudança, quando as condições se mostram favoráveis - isto é, quando o Ego é razoavelmente forte e a personalidade não se mostra incuravelmente viciosa - mais especialmente quando um esforço determinado é feito pela personalidade para se tornar uma perfeita expressão do Ego, fazendo-se atraente para ele.

Para compreender como isso se pode dar, é necessário, naturalmente, ver o assunto simultaneamente dos dois pontos de vista. A maioria dentre nós aqui embaixo somos personalidades muito enfáticas; pensamos e atuamos exclusivamente como tais; sabemos que na realidade somos egos, e aqueles dentre nós que, por muitos anos de meditação, tomaram-se mais sensíveis a influências mais sutis, estão amiúde conscientes da intervenção do Eu superior.

Quanto mais pudermos adquirir o hábito de nos identificar com o Ego, mais clara e sensatamente veremos os problemas da vida. Mas, enquanto nos sentirmos como sendo personalidades, é nosso dever, e obviamente nosso interesse, abrimo-nos para o Ego procurando alcançá-lo, e persistentemente criando dentro de nós um tipo de vibrações que sejam de utilidade para ele. Pelo menos, deveríamos ter certeza de que não lhe embarçamos o caminho e que sempre fazemos o melhor para ele, de acordo com a nossa compreensão.

Já que o egoísmo é a intensificação da personalidade, o primeiro passo a dar é o de livrar-nos desse vício. Depois, a mente deve estar cheia de pensamentos elevados, porque, se estiver constantemente ocupada com assuntos inferiores - mesmo que esses assuntos inferiores possam ser bastante estimáveis a seu modo - o Ego não poderá usá-la prontamente como um canal de expressão,

Quando o Ego tenta um esforço, quando faz descer um dedo explicativo, deve ser recebido com entusiasmo, e suas ordens instantaneamente cumpridas, para que ele possa cada vez mais tomar posse da mente, e assim chegar à sua herança, no que se refere aos planos inferiores.

A personalidade deve, por assim dizer, manter-se de lado, e deixar que o Ego, o "guerreiro", lute nela.

Assim fazendo, contudo, a personalidade deve ter o cuidado de devotar-se ao *trabalho*, e não à sua cota ou parte *pessoal* nele. Deve ter o cuidado de, numa arrancada da personalidade, recordar-se sempre de que é o Ego que está trabalhando nela.

Embora a imprecisão do Ego - a não ser que seja desenvolvido - possa, talvez, impedi-lo de indicar uma linha particular de trabalho, ainda assim, quando a personalidade sendo mais definida encontrou o trabalho, o Ego pode derramar-se nela e capacitá-la a realizar esse trabalho de forma muito melhor e numa estrutura mental inteiramente maior do que a personalidade poderia alcançar sem auxílio.

"Mas se tu [a personalidade] não o procurares [o Ego], se passares por ele, então não haverá salvaguarda para ti. Teu cérebro irá vacilar, teu coração ficará incerto e na poeira do campo de batalha tua visão e teus sentidos falharão, e não distinguirás entre teus amigos e teus inimigos." (*A Luz no Caminho.*) É o que acontece quando a personalidade

não procura a orientação superior do Ego.

Esse é um passo necessário que deve ser tomado pelo homem que pretende colocar os pés no Caminho que leve à Iniciação, porque, na Iniciação, o inferior e o superior tornam-se um, ou antes, o menor é absorvido pelo maior, de forma que nada restará da personalidade que não seja uma representação do Ego, sendo o inferior apenas uma expressão do superior. Desse assunto, contudo, trataremos mais longamente no Capítulo XXXI, que trata especificamente da Iniciação.

É óbvio, portanto, que a personalidade deve se empenhar para certificar-se do que o Ego quer, e fornecer-lhe as oportunidades desejadas. O estudo das coisas interiores e uma vida espiritual, despertam o Ego e atraem a sua atenção, Para dar um exemplo: suponhamos que temos um Ego cujo método principal de manifestação é através do afeto. Essa é a qualidade que ele quer mostrar pela sua personalidade; conseqüentemente, se a personalidade tenta sentir uma forte afeição e faz disso uma especialidade, o Ego prontamente enviará mais de si mesmo para ela, porque encontra exatamente o que deseja.

No selvagem, o Eu se expressa em todos os tipos de emoções e paixões, que o Ego possivelmente não aprova, mas, no homem desenvolvido, não há emoções senão aquelas que ele quer ter. Ao invés de ser arrastado pelas emoções, simplesmente as seleciona. Dirá, por exemplo: "O amor é uma coisa boa: permitirei a mim mesmo me apaixonar. A devoção é uma coisa boa: permitirei a mim mesmo sentir devoção. A simpatia é bela: permitirei a mim mesmo sentir simpatia". Isso ele fez com os olhos abertos, intencionalmente. As emoções estão, assim, sob o domínio da mente, e essa mente é a expressão do corpo causal, de forma que o homem está-se aproximando bastante da condição de completa unidade entre o Eu inferior e o Eu superior.

A conexão entre o Ego e o corpo mental é da maior importância, e todo esforço deve ser feito para mantê-la ativa e viva. Porque o Ego é a força que está por trás disso, que faz uso das qualidades e poderes da personalidade. A fim de que possamos pensar em algo, devemos primeiro recordar isso; para que possamos recordar isso devemos ter prestado atenção nisso, e o *prestar atenção é a descida do Ego para seus veículos* a fim de ver através deles.

Muitos homens com um belo corpo mental e um bom cérebro fazem pouco uso deles porque prestam pouca atenção à vida - quer dizer, porque o Ego está enviando apenas um pouco de si mesmo para esses planos inferiores, de forma que os veículos são deixados para cometer excessos segundo seus próprios desejos. O remédio para isso já foi apontado: é dar ao Ego as condições que ele requer; então não haverá razões para queixas quanto à sua resposta.

Parece que as reais experiências da personalidade não podem ser transmitidas ao Ego; mas a essência delas lhe pode ser passada. O Ego dá pouca importância a pormenores, mas deseja a essência das experiências. Sendo assim, é evidente que o homem comum tem, em sua vida, muito pouco para chamar a atenção do Ego.

O sistema de entrega dos resultados do trabalho inferior, mas não as experiências pormenorizadas, dura todo o tempo, até que o Adeptado seja atingido.

O estudante fará bem se seguir o conselho dado em *A Luz no Caminho*: observa o Ego

e deixa-o lutar através de ti mas, ao mesmo tempo, lembra-te sempre de que és o Ego. Portanto, identifica-te com ele, e faz com que o inferior dê caminho ao superior. Mesmo que por muitas vezes caias, não há razão para desalentos, porque mesmo o fracasso é até certo ponto um sucesso, desde que pelo fracasso aprendemos, e assim seremos mais sensatos para enfrentar os problemas que se seguirem. Não se espera que sejamos invariavelmente vitoriosos, mas somente que façamos sempre o melhor que nos for possível.

Ademais, devemos recordar que o Ego está associado com a personalidade porque tem fome ou sede - Trishna - de intensa experiência. À medida que ele se desenvolve, a fome vai aos poucos diminuindo e, às vezes, quando está adiantado e se tornou mais sensível aos deleites e atividades de seu próprio plano, chega ao extremo de negligenciar sua personalidade, presa como está ao arrocho do carma, mergulhada em condições que agora estão cheias de desgosto ou tédio para o Ego, porque sente que as superou.

Essa diminuição da sede tem lugar com o desenvolvimento da sua personalidade. Quando ela ganha integral consciência no plano astral, o físico passa a parecer monótono, em comparação; alcançando o mundo mental inferior, acha o astral escuro e desanimador; e todos os quatro níveis inferiores perdem seu atrativo quando ela começa a gozar a vida ainda mais intensa e mais luminosa do corpo causal.

Conforme já foi salientado, é necessário manter sempre em mente que a consciência é *una*. Portanto, é muito errado conceber o Ego, ou o Eu superior, como algo "acima", algo essencialmente estranho a nós mesmos, e conseqüentemente difícil de alcançar.

Falamos, com frequência, no "tremendo esforço" exigido para alcançar o Eu superior; em outras ocasiões, falamos da inspiração etc., que vem do Eu superior para nós, aqui embaixo. Em todos esses casos, cometemos o erro fundamental de nos identificar com aquilo que não somos, ao invés de reconhecer o que realmente somos. A primeira condição para a realização espiritual é a certeza, para além de qualquer dúvida, de que somos o Ego, ou Eu superior. A segunda condição é a de que tenhamos inteira confiança em nossos próprios poderes como Ego, e a coragem de usá-los livremente.

Ao invés, portanto, de ver a consciência da personalidade como usual e normal, devemos nos habituar a ver a consciência da personalidade como anormal e inatural, e a vida do Ego como nossa verdadeira vida, da qual, por um esforço contínuo, nós nos mantemos alienados.

Essa atitude para com os vários corpos deve ser mantida na vida prática. Assim, o corpo físico não deve ter permissão para trabalhar por sua própria conta, mas precisa ser deliberada e conscienciosamente treinado para obedecer aos mandados do Ego. Dessa maneira, será feito o que os filósofos herméticos chamam "regeneração" do corpo. É uma mudança real que, quando realizada, rompe para sempre o domínio do corpo físico sobre a consciência, e faz dele, ao contrário, um instrumento para uso do Ego.

Mudança igual deve ser conseguida em relação ao corpo astral. Ao invés de permitir que o mundo da emoção o influencie e determine sua atividade, o próprio Ego deve decidir e determinar que emoção ele manterá, que sentimentos permitirá que se irradiem de seu corpo astral. Assim, a consciência do Ego se torna desvencilhada do corpo astral, e aquele corpo se faz subserviente ante os desejos do Ego.

Talvez mais essencial do que tudo seja o controle do corpo mental, porque o pensamento é a manifestação da suprema Energia Criadora. Jamais devemos permitir que imagens-pensamentos sejam sugeridas do exterior: ao invés disso, quando imagens-pensamentos são feitas, devem ser criadas pela ação deliberada, autoconsciente do próprio Ego.

Há grande perigo na imaginação indisciplinada. Se não fosse a imaginação, os objetos externos do desejo não teriam poder sobre nós. O Ego deve adquirir, então, controle completo da imaginação, e permitir que ela exerça a sua função apenas na direção que ele determine.

Imaginação descontrolada atua, também, como poderoso fator para solapar e enfraquecer a vontade. Com demasiada frequência, depois que uma resolução é tomada, a imaginação se permite tratar com os aspectos desagradáveis do que ficou decidido, até que, eventualmente, aquilo parece tão desagradável que a ideia de realizá-lo é inteiramente abandonada. Shakespeare lançou uma profunda verdade psicológica quando fez Hamlet dizer: "O colorido nato da resolução empalidece com o arremesso lívido do pensamento".

O remédio para esse hábito infeliz é óbvio: a vontade e a atenção devem estar irrevogavelmente concentradas, não nas dificuldades e contratempos que, imaginamos, teremos de defrontar, mas na tarefa que tem de ser feita. "Encorajemo-nos com constantes afirmativas", disse Emerson.

Seguindo com a análise um pouco mais adiante, deveríamos abandonar a muito difundida ideia de que é a vontade que *faz* coisas, se realizamos algo o fazemos por um esforço da vontade. Fazer e levar adiante *não* é função da vontade, mas de um aspecto bem diferente do Ego, a atividade criadora.

A vontade é o Governante, o Rei que diz "isto será feito", mas não vai pessoalmente fazê-lo. Falando psicologicamente, a vontade é o poder de manter a consciência focalizada em determinada coisa excluindo tudo o mais. Em si mesma, é perfeitamente serena, tranquila e inamovível sendo como já disse, o poder de manter uma coisa e excluir o resto.

É quase impossível fixar os limites do poder da vontade humana quando apropriadamente dirigida. Tem um alcance tão maior do que o homem comum pode supor, que os resultados alcançados por meio dela parecem-lhe espantosos e sobrenaturais. Um estudo dos seus poderes leva a pessoa a compreender, aos poucos, o que significa a declaração de que se houvesse suficiente fé ela poderia remover montanhas arrojando-as ao mar. E mesmo essa descrição oriental não chega a parecer muito exagerada quando se examina exemplos autênticos do que foi conseguido por esse maravilhoso poder. Talvez o fator mais importante no uso vitorioso da vontade seja confiança perfeita, que naturalmente pode ser alcançada de várias formas segundo o tipo de pessoa em questão.

Assim que um homem compreende que existe o mundo interior e espiritual do Ego, o qual é enormemente mais importante, sob todos os aspectos, do que o mundo exterior, pode bem adotar a atitude de um ator que representa sua parte no mundo só por causa da verdadeira vida interior. Um ator faz vários papéis em ocasiões diferentes, tal como nós voltamos em outras encarnações e usamos outros tipos de corpos. Durante todo o tempo,

porém, o ator tem sua vida real como homem e como artista, ao mesmo tempo e, por ter essa vida que é sua, quer representar bem a sua parte na vida temporária do palco. Da mesma maneira, devemos desejar proceder bem em nossa temporária vida física aqui, por causa da grande realidade que está por trás dela, e da qual ela é apenas um fragmento muito pequeno.

Se isso for claramente compreendido, veremos a relativa importância dessa vida exterior, isto é, que seu único valor para nós consiste em desempenhar bem nosso papel seja ele qual for. Que tipo de papel é, e o que acontece conosco nesta existência simulada - isso pouco importa. Pode ser ocupação de um ator passar por todos os desgostos e dificuldades simulados mas tais coisas de forma alguma o perturbam. Pode, por exemplo, ter de ser morto em duelo (no palco) todas as noites, mas que lhe importa essa morte fingida? A única coisa que o preocupa é que dê boa conta de seu trabalho.

Por isso, não é difícil compreender que o mundo que nos rodeia não passa de um mundo de pantomima, e que realmente as experiências que nos chegam não têm importância. Tudo quanto acontece às pessoas, coisas vindas do exterior, são o resultado de seu carma. As causas surgiram de há muito em suas vidas, e não podem ser alteradas. Portanto, é inútil a aflição pelas coisas que acontecem. Devem ser suportadas filosoficamente. A forma pela qual forem suportadas modela o caráter para o futuro, e isso sim é importante. Devíamos usar o carma para desenvolver a coragem, a paciência e várias outras boas qualidades, e então afastá-lo da mente.

Assim é que o divino Eu, tateante, esforçado, lutador, torna-se, conforme a evolução avança, o verdadeiro Governante, o Governante Imortal interior. O homem que apreende o fato de que é o Governante Imortal, instalado dentro de seus veículos criados pelo próprio Eu, para sua expressão, ganha um senso de dignidade e poder que cresce cada vez mais fortemente e mais subjugador da natureza inferior. O conhecimento da verdade nos faz livres.

O Governante Interior pode ainda ser embaraçado pelas formas que modelou para auto-expressão, mas, sabendo-se o Governante, pode trabalhar com firmeza para trazer seu reino sob completa submissão. Sabe que veio ter ao mundo para determinado objetivo, o de se fazer apto a ser um colaborador da Vontade Suprema, e que poderá fazer e sofrer o que for necessário para tal fim.

Sabe que é divino; sabe que sua auto-realização é apenas uma questão de tempo. Interiormente, a divindade é sentida, embora não seja expressa exteriormente. Sua tarefa é tornar manifesto o que ele é em essência. É rei *de jure*, ainda não *de fato*.

Como um príncipe, nascido para reinar, submete-se pacientemente à disciplina que o está preparando para usar a coroa, assim a Vontade soberana em nós está evoluindo para a era em que os poderes reais passarão para as suas mãos, e, portanto, pode submeter-se pacientemente à necessária disciplina da vida.

Uma visão correta do relacionamento entre o Ego e suas sucessivas personalidades deve ser o suficiente para esclarecer os desentendimentos que se levantaram quanto aos ensinamentos do Senhor Buda. Buda pregou constantemente contra a ideia que prevalecia em seu tempo: a continuação da *personalidade*. Porém, enquanto ensinava que nada daquilo com o que os homens geralmente se identificam dura para sempre, fazia as

declarações mais claras sobre as sucessivas vidas dos homens. Deu exemplos de vidas precedentes, e comparou as encarnações sucessivas a dias que um homem pode passar na sua aldeia ou algures.

Sem embargo, a Igreja do Sul do Budismo ensina, agora, que somente o carma persiste, não o Ego: como se o homem, em uma vida, fizesse certa quantidade de carma e então morresse sem deixar nada; e nascesse outra pessoa e teria de suportar o carma que, na realidade, não havia produzido.

Ilogicamente, o que é curioso, a despeito do formal ensinamento da ideia contrária, uma crença *prática* na existência continuada do indivíduo persiste, porque, por exemplo, os monges budistas falam em alcançar o nirvana e reconhecem que isso tomará muitas vidas.

A verdadeira significação desse ensinamento de Buda está na grande ênfase que Ele colocou na parte externa e temporária do homem, que *não* dura, e a implicação de que partes do homem, que não são temporárias ou externas, sobrevivem no Ego duradouro, o homem verdadeiro.

Seu ensinamento, contudo, foi ainda mais profundo. Há uma passagem no Shri Vakya Sudha, que adverte o aspirante, dizendo-lhe que quando ele repete a grande fórmula "Eu sou Aquele" deve ter cuidado com o que quer dizer com "Eu". Explica que a individualidade separada deve ser entendida como tríplice, e que isso é a união com Brama - *apenas a mais alta das três* - proclamada pelo "Tu és Aquele" e outras expressões. Já vimos abundantemente que a personalidade não é "Eu"; e mesmo o "você" em mim não é "Eu": o "Eu" é algo que não se distingue do Eu universal, no qual os muitos e o Um são um. O ensinamento do Senhor Buda nega a permanência do "você" que os homens chamam "Eu".

Com frequência, há muita sabedoria na etimologia. Assim, a própria palavra "pessoa" é composta de duas palavras latinas, *per* e *sona*, e significa, portanto, "aquilo através do qual o som vem", isto é, a máscara usada pelo ator romano para indicar o papel que no momento estava representando. Assim, muito apropriadamente, falamos do grupo de veículos inferiores temporários, que um Ego assume quando desce para a encarnação, como sua "personalidade".

Quase que igualmente instrutivas são as palavras *individual* e *individualidade*, altamente apropriadas quando aplicadas ao Ego. Porque *individual* significa o que *não é divisível sem perda de identidade: o que subsiste como um* e *individualidade* é definida como *existência distinta e separada*. Avançando ainda: a palavra *existe* deriva de *ex*, fora, e *sistere*, fazer distinguir-se. Assim, o Ego ou individualidade é *levado a distinguir-se* (da Mônada) e a manifestar-se *através* da máscara da personalidade.

O Diagrama XXIX é uma tentativa para ilustrar um aspecto do relacionamento entre o Ego e suas sucessivas personalidades. Vemos no diagrama primeiro a Mônada, derivando sua vida do Não-Manifestado, e projetando abaixo de si mesma o Ego com suas tríplices características ou aspectos. O Ego, por sua vez, projeta de si para planos inferiores, uma série de sucessivas personalidades, que são mostradas no desenho como aos poucos se alargando, conforme se desenvolvem, até que, eventualmente, a última personalidade seja equilateral, inteira e simetricamente desenvolvida, expressando assim, tão integralmente quanto as suas limitações inerentes permitem, a natureza e os poderes do Ego.

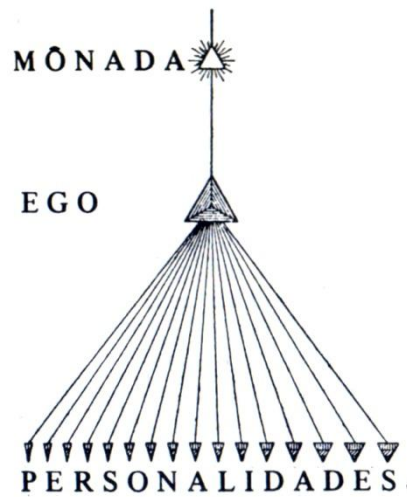


DIAGRAMA XXIX. O Ego e suas Personalidades

À medida que a pessoa se desenvolve, a consciência pessoal pode ser unificada com a vida do Ego - tanto quanto possível - e então há apenas uma consciência: mesmo na consciência pessoal haverá sempre a consciência do Ego, que saberá tudo quanto está-se passando. Porém, como já ficou dito, em muitas pessoas, nos dias presentes, há, com frequência, uma considerável oposição entre a personalidade e o Ego.

O homem que conseguiu elevar sua consciência ao nível do corpo causal, unificando, portanto, a consciência do Eu inferior e do Eu superior, da personalidade com a individualidade ou Ego, tem, naturalmente, a consciência do Ego à sua disposição durante toda a sua vida física. Isso não será modificado com a morte do corpo físico, nem mesmo pela segunda e terceira mortes, nas quais ele abandona os corpos astral e mental, respectivamente.

Sua consciência, realmente, reside todo o tempo no Ego, e se movimenta através de qualquer veículo que lhe aconteça estar usando a um dado momento.

Para ele a série inteira de encarnações é apenas uma longa vida. O que chamamos encarnação é, para ele, um dia dessa vida. Através de toda a evolução humana sua consciência está inteiramente ativa. Incidentalmente, podemos notar que ele está gerando carma, tanto num período como em outro, e embora sua condição em um dado momento seja o resultado das causas que ele movimentou no passado, ainda assim não há instante algum em que não esteja modificando suas condições pelo exercício do pensamento e da vontade. Apesar de essa consideração se aplicar a todos os homens, fica bem claro que aquele que possui a consciência do Ego está em situação de modificar seu carma com maior deliberação, e com efeito mais calculado, do que aquele que ainda não alcançou a ininterrupta consciência egóica.

H. P. Blavatsky fala do Eu Superior como o "grande Mestre", embora esteja usando a palavra Mestre num sentido pouco comum, diferente daquele em que é quase sempre empregada hoje. Ele é, diz H. P. B., o equivalente de Avalokiteshvara, o mesmo que é Adi-Budha para os ocultistas budistas, Atma para os brâmanes e Cristo para os antigos gnósticos.

CAPÍTULO XXVII

O EGO NA PERSONALIDADE

Há muitas formas pelas quais a atividade do Ego pode ser mais especificamente observada como operando através da consciência da personalidade. Em primeiro lugar, como já foi dito mais de uma vez, nada do que é mau ou egoístico pode, pelo próprio mecanismo dos planos superiores, afetar o Ego. Podemos dizer que ele nada tem com essas coisas. Pensamentos e sentimentos não-egoísticos são as únicas coisas que podem afetar o Ego. Todos os pensamentos e sentimentos inferiores afetam os átomos permanentes, não o Ego, e, como vimos, o que encontramos, correspondentes a eles, são brechas no corpo causal, não cores "más". O Ego se preocupa apenas com sentimentos e pensamentos destituídos de egoísmo.

A maioria das pessoas é consciente de ocasiões em que se sentiu cheia de esplêndida inspiração e exaltação, com ardente devoção e alegria. Esses momentos, como é natural, são precisamente aqueles em que o Ego consegue impressionar a consciência inferior. O que então é sentido, todavia, na realidade está sempre presente, embora a personalidade não seja sempre consciente disso. O aspirante deve esforçar-se por compreender, tanto pela razão como pela fé, que aquilo está *sempre* ali. Então, parecerá como se realmente o sentisse, mesmo em ocasiões em que o vínculo é imperfeito e quando não sente isso na consciência pessoal.

Ademais, é óbvio que enquanto a mente está respondendo aos apelos dos planos inferiores, físico, astral e mental, não é provável que ouça a mensagem que o Ego está tentando transmitir à personalidade, de seu próprio e mais elevado plano.

Um impulso emocional, pertencendo ao plano astral, é, às vezes, erroneamente tomado pela verdadeira aspiração espiritual, porque o que acontece no veículo búdico, se conduzido para baixo, para a personalidade, é refletido no corpo astral. Um exemplo comum desse fenômeno pode ser encontrado nas assembleias de despertar religiosa. Essa grande revolução emocional, embora às vezes benéfica, pode ser, em muitos casos, nociva, tendendo a perturbar o equilíbrio mental das pessoas.

Duas simples e excelentes regras podem ser dadas para a diferenciação entre a verdadeira intuição e o mero impulso. Primeiro: se o assunto for deixado de lado por alguns momentos, se a pessoa "dormir" sobre ele, um impulso provavelmente morrerá; a intuição genuína permanecerá tão forte como sempre. Segundo: a verdadeira intuição está sempre vinculada a alguma coisa destituída de egoísmo. Se houver algum toque de egoísmo, podemos estar certos de que é apenas um impulso astral e não uma autêntica intuição búdica.

A influência do Ego é frequentemente sentida em ocasiões em que a pessoa parece *saber*, por convicção interior, que uma coisa é verdadeira, sem poder explicar por que pensa assim. O Ego sabe, e tem boa razão para esse conhecimento; mas, às vezes, não pode imprimir suas razões sobre o cérebro físico, embora o simples fato de ele saber consiga se infiltrar nele. Por isso, quando uma nova verdade nos é apresentada, sabemos

imediatamente se devemos aceitá-la ou não.

Isso não é superstição, mas uma intensa convicção interior. Superficialmente, pode parecer o abandono da razão em favor da intuição, mas devemos recordar então que *Buddhi*, que traduzimos como intuição, é conhecido na Índia como "*razão pura*." É a razão do Ego, de um tipo superior ao que temos nos planos inferiores.

Mais especificamente, podemos dizer que Manas dá inspiração; Buddhi dá intuição quanto ao certo e o errado; Atma dirige a consciência, *comandando* para que o homem siga o que ele sabe ser o melhor, muitas vezes quando a mente está tentando inventar algumas escusas para agir de outra maneira.

Também as manifestações do gênio não passam de momentâneo domínio do cérebro pela ampla consciência do Ego, obrigando-o a uma percepção, a uma força de concentração e a um alargamento de perspectiva, que é a causa de sua elevada capacidade. Essa consciência ampla é o Eu real, o homem real. Muitas coisas que vemos em torno de nós, ou que nos acontecem, são sugestões dessa consciência maior, murmúrios ainda mal-articulados, mas com todas as promessas do futuro, que vêm da região em que nascemos, do mundo ao qual verdadeiramente pertencemos. São a voz do espírito vivo, não-nascido, que não morrerá, antigo, perpétuo e constante. São a voz do Deus interior, falando no corpo do homem.

A vida nos ensina de duas maneiras: pela instrução que o mundo nos dá, e pela intuição, pelo trabalho do Eu interior. À proporção que os homens se desenvolvem, sua intuição aumenta e não dependem muito, como antes, da instrução que o mundo dá. Essa é outra maneira de dizer que o homem que usa seus poderes interiores pode aprender muito mais através de uma pequena experiência do que outros homens através de uma grande quantidade delas. Por causa da atividade de sua inteligência inata, o homem desenvolvido pode ver a grande significação até de uma coisa pequena, mas a mente não-desenvolvida está cheia de curiosidade. Tem ânsia de novidade, porque, não sendo boa para pensar depressa exaure a óbvia significação das coisas triviais. Essa mente anseia por milagres em conexão com sua experiência religiosa, e é cega para os incontáveis milagres que a rodeiam o tempo todo.

O que chamamos ditames da consciência vem de cima, e representam, habitualmente, o conhecimento do Ego sobre o assunto. Mas aqui se faz necessário uma palavra acauteladora. O conhecimento do Ego pode ser ainda apenas parcialmente desenvolvido. Seu conhecimento de qualquer assunto pode ser muito pequeno, mesmo inexato, e ele só pode raciocinar diante da informação que recebe.

Por causa disso, a consciência do homem amiúde o desencaminha, porque um Ego que é jovem demais e pouco sabe pode, ainda assim, ser capaz de impor sua vontade à personalidade. A regra geral, porém, é que o Ego não-desenvolvido também não seja desenvolvido em seu poder de se impor aos veículos inferiores; e talvez isso seja um bem.

Às vezes, contudo, como ficou dito, um Ego carente de desenvolvimento em tolerância e amplo conhecimento pode, ainda assim, ter uma vontade suficientemente forte para impor sobre o seu cérebro físico ordens que revelem o quanto é jovem e não compreende.

Por isso, quando a consciência parece ditar algo que está claramente contra as grandes leis da misericórdia, da verdade e da justiça - como possivelmente foi o caso de

alguns dos inquisidores - o homem deve pensar se a lei universal não é uma coisa maior do que a aplicação particular que parece estar em conflito com ela. O intelecto deve ser sempre usado como o instrumento do Ego e não um obstáculo no caminho de seu desenvolvimento.

Um curioso exemplo da forma pela qual o ego pode manifestar-se à personalidade está descrito em *O Corpo Mental*. Certa oradora, enquanto dizia uma frase numa conferência via habitualmente a frase seguinte realmente materializar-se no ar diante dela, em três formas diferentes, entre as quais ela escolhia, conscienciosamente, a que lhe parecia melhor. Isso é, evidentemente, trabalho do Ego, embora pareça um pouco difícil ver por que escolhe tal método de comunicação, ao invés de ele próprio selecionar a forma que considera melhor, transmitindo essa única forma à consciência pessoal.

Aquilo que é conhecido pelos místicos como a *Voz do Silêncio* difere para pessoas em estágios diferentes. A voz do silêncio para qualquer um é a que vem da parte que nesse alguém é mais alta do que a sua consciência pode alcançar, e, naturalmente, isso se modifica à proporção que a evolução progride.

Para os que estão agora trabalhando com a personalidade, a voz do Ego é a voz do silêncio, mas quando a pessoa dominou inteiramente a personalidade e a fez una com o Ego, de forma que o Ego possa trabalhar perfeitamente através dela, é a voz de Atma - o espírito tríplice no plano nirvânico. Quando isso é alcançado, haverá ainda uma voz do silêncio - a da Mônada. Quando o homem identifica o Ego e a Mônada e atinge o Adeptado, ainda sentirá uma voz do silêncio descendo para ele, vindo de cima, mas então será a voz, talvez, de um dos Ministros da Deidade, um dos Logos Planetários. Talvez para Ele venha a voz do próprio Logos Solar. A "Voz do Silêncio", portanto, em qualquer nível que apareça, é sempre essencialmente divina.

O Ego trabalha no corpo físico através de duas grandes divisões do sistema nervoso - o simpático e o cérebro-espinhal. O sistema simpático está conectado quase por inteiro com o corpo astral, e o sistema cérebro-espinhal com o corpo mental; este sistema fica cada vez mais sob a influência do Ego, à proporção que progride em poder intelectual.

Conforme o sistema cérebro-espinhal se adianta, o Ego vai passando para o sistema simpático partes de sua consciência, já definitivamente estabelecida, e para a qual não precisa mais voltar sua atenção a fim de manter o trabalho em ordem. É possível, pelos métodos da *Hatha-Yoga*, por exemplo, que o Ego possa restabelecer controle direto sobre porções do sistema simpático; para fazer isso, contudo, não dá obviamente um passo para a frente, mas um passo para trás, na evolução.

O estudante deve recordar que o Ego está sempre lutando para subir, tentando livrar-se dos planos inferiores, empenhando-se em lançar fora as cargas que o impedem de fazer a escalada. Não deseja ser perturbado, por exemplo, com a supervisão das funções vitais do corpo, e dá sua atenção ao maquinário apenas quando há defeitos. Como foi *dito* antes, todos esses trabalhos são recuperáveis, mas por enquanto não vale a pena fazer isso. Pelo contrário, quanto mais pudermos deixar a carga ao automatismo, melhor, porque quanto menos usarmos a consciência desperta para as coisas que se estão repetindo constantemente, mais teremos de trabalhar pelas coisas que realmente precisam de atenção, e isso é provavelmente muitíssimo mais importante, pelo menos do ponto de vista

do Ego.

Ocasionalmente um homem pode ficar dominado por uma "ideia fixa", e o resultado, em alguns casos, é a loucura, e em outros, a inabalável devoção ou determinação dos santos ou dos mártires. Essas duas classes de casos têm origens psicológicas diversas, que agora estudaremos.

Uma ideia fixa que é loucura é uma ideia que o Ego entregou ao sistema simpático, de forma que ela ficou fazendo parte do "subconsciente". Pode tratar-se de uma atitude ou noção do passado, que o Ego superou, ou um caso esquecido, subitamente se reafirmando, sem o acompanhamento de seu ambiente próprio, ou, ainda, a conexão de duas ideias incongruentes. E assim por diante.

Há inúmeras ideias desse tipo, com as quais o Ego teve contato no passado e que não chegou a descartar inteiramente para fora do mecanismo da consciência. Assim, elas ali permaneceram, embora o Ego por si mesmo as tivesse superado. Enquanto qualquer parte do mecanismo da consciência puder dar-lhes resposta, essas ideias podem emergir acima do horizonte ou "limiar" da consciência.

Quando uma dessas ideias surge - como o faz - sem razão, sem raciocínio, com o ímpeto, a precipitação, o impulso e a força apaixonada do passado, domina o mecanismo mais sutil que o Ego produziu para seus propósitos superiores. Porque ideias tais, como as que estamos considerando, são mais fortes no plano *físico* do que as que chamamos ideias mentais comuns, porque, sendo suas vibrações mais lentas e mais grosseiras, produzem mais resultados na matéria densa. É muito mais fácil afetar o corpo físico, por exemplo, pelo crescer de uma emoção bárbara do que pelo raciocínio sutil de um filósofo,

Podemos estabelecer, então, que a ideia fixa do louco é, geralmente, uma ideia que deixou seu traço no sistema simpático e que, durante algum distúrbio ou enfraquecimento do sistema cérebro-espinhal, pôde afirmar-se na consciência. Ela vem de baixo.

A ideia fixa do santo ou do mártir, por outro lado, é uma coisa muito diferente. Vem do próprio Ego, que está lutando para impor ao cérebro físico suas próprias e elevadas emoções, seu próprio e amplo conhecimento. O Ego, que pode ver mais longe nos planos superiores do que no envoltório físico, tenta imprimir nele seu próprio desejo, sua própria vontade em direção do que é mais alto e mais nobre. Isso vem como poder dominador; não pode fazer-se aprovar pela razão, porque o cérebro ainda não está pronto para raciocinar nessas linhas de alto conhecimento e de profunda visão e intuição, mas desce, com a força do Ego, para um corpo preparado para isso, e assim se afirma como poder dominador, guiando o homem para uma ação heroica, para o martírio, para a santidade. Essas ideias fixas não vêm, como no caso anterior, de baixo, mas de *cima*, não do subconsciente, mas do superconsciente.

Como ficou dito em *O Corpo Mental*, não precisamos recuar diante do fato de que há, com frequência, uma instabilidade psicológica associada com o gênio, o que se expressa dizendo-se que o gênio está aparentado com a loucura, e na declaração de Lombroso e de outros de que muitos santos foram neuropatas. Quanto mais delicada a maquinaria, mais facilmente pode ser superesforçada, ou lançada fora da engrenagem; por isso é verdade, às vezes, dizer-se que a própria instabilidade do gênio ou do santo é a própria condição para a sua inspiração, não sendo o cérebro normal suficientemente desenvolvido, nem

bastante delicado, para responder àquelas ondas sutis que vêm da consciência superior.

Assim, esses impulsos, que nós chamamos de inspirações do gênio, descem da superconsciência, do reino do próprio Ego. Não só essas inspirações vindas da consciência superior às vezes causam estabilidade cerebral, mas são, com frequência, acompanhadas por uma grande irregularidade no comportamento moral. A razão disso é interessante e importante.

Quando qualquer força desce, de um plano superior para um plano inferior, é submetida a uma transformação no veículo para o qual desce. De acordo com a natureza do veículo será a transformação da força; uma porção dela é mudada pelo veículo em que se movimenta, *sob a forma de energia à qual aquele veículo se entrega muito prontamente.*

Por isso, se um organismo tem tendência para a excitação sexual, o fluxo descendente da força do gênio aumentará imensamente a força da sexualidade, por aquela parte que é transformada em vitalidade. Podemos notar aqui, como exemplo do trabalho desse princípio, que na Terceira Raça, o fluxo descendente da vida espiritual para os canais do animal-homem, aumentaram tão enormemente seu poderio animal, que foi necessário que os Filhos da Mente corressem em seu socorro; ou a humanidade teria mergulhado nos mais vis dos excessos animais, pois a própria força da vida espiritual aumentaria a profundidade do mergulho na degradação. A lição a ser aprendida é claramente a de que, antes de solicitarmos o fluxo das forças superiores, é muitíssimo importante purificar, primeiro, nossa natureza inferior. Conforme Buda ensinou, a primeira regra é: "Cessa de fazer o mal".

Nas palavras da *Voz do Silêncio*: "Cuidado, não vás colocar os pés ainda manchados sobre os degraus mais baixos da escada. Infortúnio vem sobre aquele que ouse poluir um degrau com pés enlameados. A lama suja e viscosa secará, irá tornar-se tenaz, e colará esses pés no lugar; e, como um pássaro colhido pelo visgo do caçador astuto de aves, ficará detido sem mais progresso. Seus vícios tomarão forma e o arrastarão para baixo. Seus pecados erguerão suas vozes como o chagal gargalha e soluça depois que o Sol se deita; seus pensamentos tornam-se um exército e fazem-no um escravo.

"Mata teus desejos, Lanoo, faze teus vícios impotentes: eis o primeiro passo a tomar para a viagem solene.

"Estrangula teus pecados, e torna-os mudos para sempre, antes de que ergas sequer o pé para subir a escada.

"Silencia teus pensamentos, e fixa toda a tua atenção em teu Mestre, que tu ainda não vês, mas sentes."

Difícilmente será preciso dizer ao estudante que *um* dos significados desse "teu Mestre" é seu próprio Ego.

Um homem que está no Caminho deve fazer rigorosamente seu trabalho. No limiar os erros podem ser facilmente corrigidos. Mas a não ser que o discípulo se livre inteiramente, por exemplo, do desejo de poder, nos primeiros estágios de seu aprendizado espiritual, esse desejo irá se fazendo cada vez mais forte. Se ele não o arrancar enquanto estiver baseado nos planos mental astral e físico, mas consentir que ele se enraíze no plano espiritual do Ego, encontrará grande dificuldade para erradicá-lo. A ambição assim

estabelecida no plano causal é levada de vida para vida. Dessa forma, o discípulo deve ter o cuidado de não permitir que a ambição toque o corpo causal, construindo elementos de separatividade que vão, cada vez mais, cercear a vida.

O homem que é um gênio em algum setor pode amiúde achar fácil aplicar tremenda concentração em sua linha particular de trabalho mas, quando relaxa desse esforço, sua vida comum pode ser, possivelmente, ainda cheia de remoinhos em seus corpos mental e astral. Tais remoinhos podem - e isso se dá constantemente - cristalizar-se em preconceitos permanentes e produzir verdadeiras congestões de matéria, que se parecem muitíssimo de perto com verrugas no corpo mental (ver *O Corpo Mental*). Isso, naturalmente, não é o que se requer. O estudante de ocultismo objetiva nada menos do que a completa destruição dos remoinhos, bem como limpar a mente inferior e a torná-la calma e obediente servidora do Eu superior *em todos os tempos*.

Durante o sono do corpo físico, embora o Ego deixe o corpo, ainda assim sempre mantém íntima conexão com ele, de forma que sob circunstâncias comuns é prontamente chamado de volta, diante de qualquer atentado que o corpo possa sofrer, por exemplo, uma tentativa de obsediá-lo:

Embora existam várias e amplamente diferentes causas de sono ambulatório (ver *O Corpo Astral*), há alguns casos em que parece ser o Ego apto para agir mais diretamente sobre o corpo físico durante a ausência dos veículos intermediários mental e astral - ocasião em que o homem consegue, durante o seu sono, escrever poemas, pintar quadros, coisa que estaria longe de suas possibilidades quando acordado.

O Ego imprime com frequência suas ideias sobre a personalidade, em sonhos, usando séries de símbolos, dos quais cada Ego tem seu próprio sistema, embora nos sonhos algumas formas pareçam gerais. Assim diz-se que sonhar com água significa transtorno de algum tipo, embora não pareça haver qualquer conexão real entre as duas coisas. Porém, embora possa não haver qualquer real conexão, um Ego - ou, nesse caso, qualquer outra entidade que deseje comunicar-se - pode usar o símbolo, somente porque tal símbolo será compreendido pela personalidade e, por meio dele, avisar a personalidade sobre algum infortúnio que irá surgir.

Sonhos proféticos devem ser atribuídos exclusivamente à ação do Ego, que prevê por si mesmo ou é informado sobre algum acontecimento futuro, para o qual deseja preparar sua consciência inferior. Isso pode acontecer em qualquer grau de clareza e exatidão, de acordo com o poder do Ego para assimilá-lo em si mesmo, e, tendo feito isso, imprimi-lo sobre o cérebro acordado.

Às vezes, o acontecimento é de grande importância, tal como morte ou desastre, de forma que o motivo do Ego para se empenhar em imprimir isso é óbvio. Em outras ocasiões, entretanto, o fato previsto é aparentemente sem importância, de modo que é difícil compreender por que o Ego se deu a trabalhos por causa dele. Em tais casos, porém, devemos ter em mente que o fato lembrado pode ser apenas um insignificante detalhe de alguma visão mais ampla, cujo resto não passou para o cérebro físico. Histórias de tais sonhos proféticos são, naturalmente, muito comuns. Várias delas são encontradas no livro *Sonhos*, de C. W. Leadbeater, pp. 52 e ss.

A fim de trazer para o cérebro físico impressões vindas do Ego, é óbvio que esse

cérebro deve estar calmo. Tudo que vem do corpo causal deve passar através dos corpos mental e astral e, se um deles estiver perturbado, reflete com imperfeição, tal como a menor ondulação na superfície de um lago romperá e deformará imagens nele refletidas. É necessário também erradicar absolutamente todos os preconceitos; de outra forma, eles produzirão o efeito de vidro pintado, colorindo tudo que se vê através dele, dando, assim, uma falsa impressão.

Se um homem quiser ouvir a "pequena e serena voz" com certeza e exatidão *deve* estar calmo. O homem exterior deve estar inalterado pelas coisas externas, pelo clamor das grandes ondas de rebentação da vida que se arrojam sobre ele, e mesmo pelo delicado murmúrio das brandas ondulações. Precisa aprender a ficar bem tranquilo, a não ter desejos nem aversões. A não ser em raras ocasiões, quando essa voz é excepcionalmente forte quando os desejos e aversões pessoais deixaram de existir e a voz do mundo exterior não mais o domina, só então o homem pode ouvir a voz interior que deve ser seu guia infalível.

O EGO E A PERSONALIDADE: O AUXÍLIO DOS SACRAMENTOS

Os sacramentos da religião cristã e também as cerimônias da franco-maçonaria têm um sentido tão íntimo no relacionamento entre o Ego e a personalidade, que justificam um capítulo separado e dedicado à consideração desse importante aspecto do nosso assunto.

Consideraremos primeiro os sacramentos do Cristianismo, tal como são realizados na Igreja Católica liberal.

A Igreja Cristã vai ao encontro da alma, ou Ego, assim que ela entra em sua nova série de corpos, oferecendo-lhe recepção e assistência; isso é feito através da cerimônia do batismo.

Como tal coisa não pode chegar ao próprio Ego, seus veículos tratarão disso no plano físico. Conforme vimos, o de que mais precisa o Ego é colocar sua nova série de veículos em ordem, de forma a poder trabalhar através deles. Vindo, como vem, carregado com os resultados das vidas passadas, traz em si as sementes das boas e das más qualidades. Essas sementes do mal têm sido frequentemente chamadas "pecado original", e muito erroneamente conectadas com a mítica ação de Adão e Eva.

É de grande importância para a criança, obviamente, que tudo quanto seja possível venha a ser feito para sufocar os germes do mal e encorajar os do bem; é a esse fim, especialmente, que se destina o sacramento do batismo. A água usada é magnetizada, com intenção especial de levar o efeito de suas vibrações para os veículos superiores, de forma que todos os germes de boas qualidades, nos corpos ainda não formados da criança - seus corpos astral e mental -, possam receber um forte estímulo, enquanto ao mesmo tempo os germes do mal possam ser isolados e mortos.

A cerimônia tem também outro aspecto, o de consagrar e separar os novos veículos para a verdadeira expressão da alma que está dentro e, quando isso é feito com inteligência, não há dúvida de que seu efeito é poderoso, e pode afetar todo o futuro da criança.

A cerimônia batismal põe uma nova força em atividade, a favor do Ego, a fim de influenciar seus veículos para a direção certa. Sob a crença de que, pelo batismo, um anjo da guarda é dado à criança, está o fato de que uma nova forma-pensamento, ou elemental artificial, é construída e impregnada com a força divina, e também animada por um tipo superior de espírito-da-natureza, conhecido como silfo. Esse silfo permanece com a criança como um fator do lado bom, de forma que, para todas as intenções e propósitos, é um anjo guardião. Incidentalmente, através desse trabalho, o silfo acaba por se individualizar e passa de silfo a serafim, através de sua associação com uma forma-pensamento impregnada pela vida e pensamento do Próprio Chefe da Igreja.

O sacramento do batismo não pode alterar a disposição de um homem, mas pode tornar seus veículos mais fáceis de manejar. Não vai, subitamente transformar um demônio em anjo, ou um homem mau num homem bom, mas dá-lhe certamente melhores oportunidades. Isso é o que lhe compete fazer, e esse é o limite do seu poderio.

Ademais, e mais especificamente, a cerimônia batismal tem a intenção de abrir os chacras, ou centros-de-força, e levá-los a um movimento mais rápido. Quando isso foi feito - para detalhes o estudante é remetido ao livro *A Ciência dos Sacramentos* - e a forma-pensamento "anjo da guarda" foi construída, a emanção da tríplice força espiritual se verifica no momento preciso do batismo, através da água consagrada.

Conforme é invocado o nome da Trindade, a força flui, inquestionavelmente, das Três Pessoas da Própria Deidade Solar, embora nos alcance por intermédio do Cristo, que é o Chefe da Igreja, e do padre ordenado. O pensamento que está na forma-pensamento que é o anjo da guarda, pertence, realmente, ao próprio Cristo.

O batismo é antes de mais nada destinado às crianças novas, e sua omissão na infância não pode ser inteiramente suprida pelo batismo em época posterior da vida. O adulto, de há muito, necessariamente, resolveu o problema de seus veículos por si próprio, e suas correntes fluem quase da mesma forma com que o batismo as teria feito fluir. Habitualmente, porém, será descoberto que os "cantos" não estão limpos, grande parte da aura parece sem vida, e há uma grande quantidade de matéria indeterminada, com a qual nada está sendo feito. Existe, portanto, uma tendência desta em sair da circulação geral, de instalar-se sob a forma de depósito, e assim aos poucos obstruir o maquinário e interferir com o trabalho eficiente. O batismo na infância evita em grande parte esse resultado desagradável.

As pessoas mais idosas recebem um tipo bem diferente de silfo, uma entidade com maior sabedoria terrena, capaz de se desenvolver com aguda inteligência. Nela há um certo cinismo, uma paciência incansável, mas parece não estar na expectativa de muita coisa. O anjo do bebê, ao invés, é otimista - mais vago, talvez, do que o outro, mas cheio de amor e esperança, e de esquemas para o futuro.

Ainda assim, uma influência saudável e benéfica bastante grande é exercida pelo batismo de adultos; a unção com o crisma sagrado não é sem utilidade, já que limpa o portão através do qual o homem entra e sai de seu corpo durante o sono, e mesmo a produção do escudo, na frente e atrás, é bom especialmente para os que são jovens e solteiros.

No sacramento da Confirmação, o bispo pronuncia uma bênção preliminar que é feita para ampliar a conexão entre o Ego e seus veículos, a fim de preparar o caminho para o que está para vir. Podemos dizer que o objetivo é ampliar tanto a alma como os veículos até a sua maior capacidade, de forma a que possam receber maior quantidade da emanção divina.

Quando faz o sinal da cruz, nos lugares apropriados, o bispo impõe poder ao candidato; poder que é, positivamente, o da Terceira Pessoa da Trindade. Esse poder vem em três vagas e atua em três níveis sobre os princípios do candidato.

O divino poder corre através do Ego do bispo para a mente superior do candidato; então, sobe para Buddhi e daí é impelido para mais acima, para o Atma. Em cada caso, é através do aspecto da Terceira Pessoa de cada um desses princípios que o trabalho é feito.

Alguns candidatos são mais suscetíveis, como é natural, ao processo de abertura. Sobre alguns deles o efeito produzido é enorme e duradouro. No caso de outros é, com frequência, apenas ligeiro, porque aquilo que deve ser animado está ainda tão pouco

desenvolvido que mal é capaz de alguma reação.

Quando se verificou o despertar até o limite possível, sucede o que pode ser chamado de suplemento e chancela de Atma, Buddhi e Manas. O efeito sobre Atma é refletido no duplo etérico, tanto quanto o desenvolvimento permite; o de Buddhi é reproduzido no corpo astral, e o de Manas superior reflete-se no corpo mental.

A finalidade da Confirmação é, assim, estreitar todos os vínculos, proporcionar conexão mais ampla entre o Ego e a personalidade, bem como entre o Ego e a Mônada. O resultado não é apenas temporário. A abertura das conexões produz um canal mais largo, através do qual pode se estabelecer um fluxo constante. A Confirmação arma e equipa o menino ou a menina para a vida, e torna mais fácil para o Ego a ação através de seus veículos.

Passando para as Ordens Menores, vemos que o Clérigo tem o propósito de visar ao controle do seu corpo físico; o Porteiro, ou Ostiário, o de purificar e controlar seu corpo astral; o Leitor, o de aprender a sujeitar as forças da mente: a ordenação do Exorcista visa ao corpo causal e tem a intenção de desenvolver a vontade e dar ao Ego um controle mais completo sobre os veículos inferiores. O grau de Acólito pretende ajudar o homem a fazer mais rápida a sua intuição, que é faculdade búdica.

Nesta série de diagramas, os seguintes símbolos são usados:

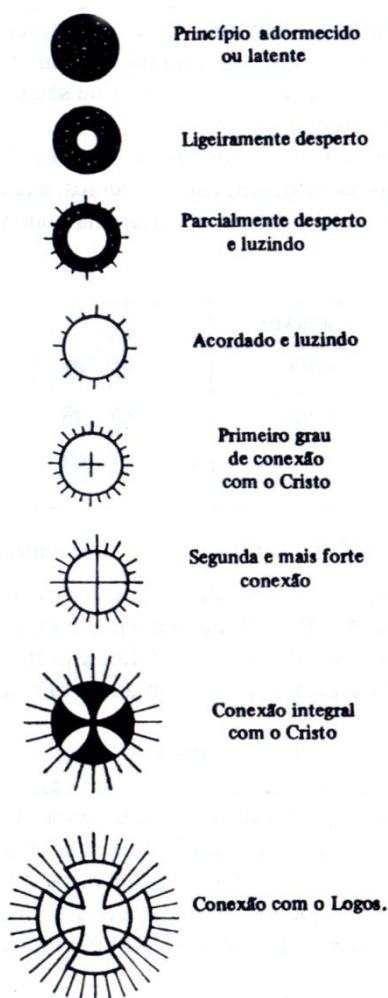


DIAGRAMA XXX. Símbolos usados nos Diagramas XXXI – XXXV.

No Diagrama XXXI ilustramos a condição de um leigo inteligente e culto. O homem verdadeiro, a Mônada, é mostrada em seu próprio plano, o de Anupadaka. Ele expressa, ou se manifesta em seus três aspectos no plano de Atma, que chamaremos Atma 1, Atma 2 e Atma 3, e estão marcados no diagrama como A1, A2 e A3, respectivamente.

Desses três aspectos, o primeiro (A1) permanece no plano de Atma; o segundo desce, ou move-se para fora, para o plano de Buddhi, onde o chamaremos Buddhi marcado como B1. O terceiro desce ou move-se para fora através de dois planos, e mostra-se no mundo mental superior como Manas ou M: também a esse aspecto, quando desce ou se move através do plano de Buddhi, chamaremos Buddhi ou B2.

Essas três manifestações externas, ou manifestações inferiores, A1, B1 e M, tomadas juntas, constituem, como sabemos, a alma ou Ego em seu corpo causal, conforme está indicado no diagrama com a linha pontilhada que os rodeia.

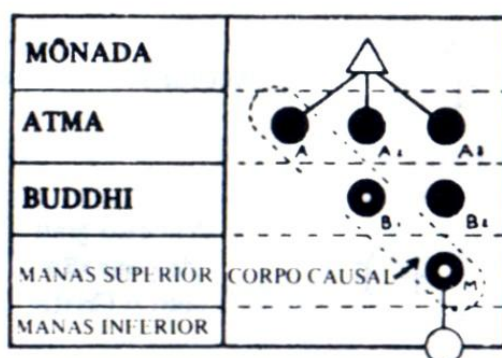


DIAGRAMA XXXI. Os Princípios de um “Leigo Inteligente e Culto”.

Assim, vemos que, além dos princípios de Atma, Buddhi e Manas, expressos no Ego como A1, B1 e M, há também, ainda latente e não-desenvolvido, um outro aspecto de Buddhi (B2) e dois aspectos de Atma (A1 e A2), formando três outros aspectos que devem ainda sair da latência e desenvolver-se em atividade.

No próprio Cristo, o Homem Perfeito, esses princípios também existem exatamente na mesma ordem, mas em Seu caso eles são naturalmente de todo desenvolvidos e, além disso, misticamente são um com a Segunda Pessoa da Trindade. Um dos dons conferidos pela ordenação é a vinculação de alguns desses princípios, no ordenando, com os correspondentes princípios do Cristo, de forma que se forma um canal definitivo, e por ele desce a força espiritual e a sabedoria, até o mais amplo limite da receptividade do ordenando.

A Ordenação no grau de Subdiácono não confere poderes, mas ajuda na preparação do caminho para a Ordenação no grau de Diácono, é mais baixa das três Ordens Maiores. O bispo tenta, portanto, alargar delicadamente a conexão - o antahkarana - entre o Ego e os veículos inferiores do diácono.

Na Ordenação de um diácono, o vínculo entre o Ego e seus veículos é alargado para se tomar um canal, e também o Manas superior (M) é vinculado ao respectivo princípio do

Cristo. Em alguns casos, Buddhi (B1) pode também ser despertado e levado a luzir levemente, estabelecendo assim uma ligeira linha de conexão entre ele e o Manas superior. Esses efeitos estão indicados no Diagrama XXXII-B.

Tal abertura de canal é uma saída tão grande da vida comum que só pode ser feita por estágios, e o primeiro passo para isso, na Ordenação de um diácono, pode ser encarado como praticamente uma operação cirúrgica.

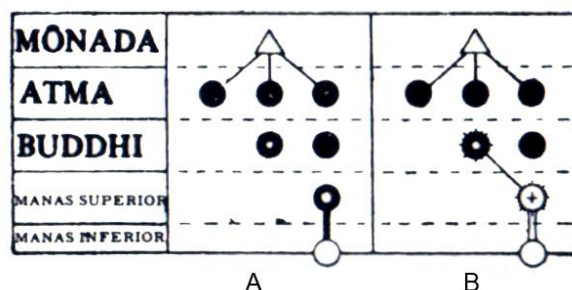


DIAGRAMA XXXII. Os Princípios de um Subdiácono e Diácono.

A tríplice influência, da qual um bispo é tão especialmente o guarda - como veremos logo a seguir -, é chamada fortemente a se manifestar e a lançar seu fluxo, de forma que, movimentando-se sobre os princípios correspondentes no ordenando, desperte-os para uma vibração solidária. Portanto, esses princípios se tornam, pelo menos por algum tempo, muitíssimo mais ativos e receptivos do que jamais foram.

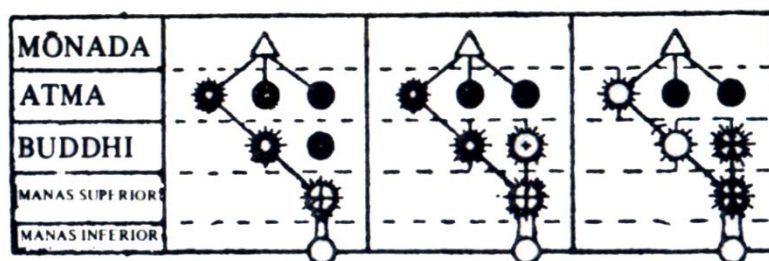
Ao fim da cerimônia da ordenação, o bispo faz a cruz final, cujo propósito expresso é solidificar as paredes do vínculo muito expandido entre o Ego e a personalidade, fazê-las mais espessas, e mantê-las mais firmemente em sua nova forma. É como se uma espécie de estrutura fosse erguida interiormente: um revestimento para impedir que o canal alargado se contraia.

O estabelecimento do vínculo entre o diácono e o Cristo capacita o Manas superior do Cristo a influenciar o do diácono, estimulando-o para uma atividade benéfica. É inútil dizer que isso não significa que *aconteça* realmente, porquanto irá depender do diácono. Pelo menos o caminho está aberto, a comunicação está estabelecida; cabe a ele fazer aquilo que puder.

No caso do sacerdote, a conexão vai um pouco mais além e vários acontecimentos importantes se verificam.

À primeira imposição das mãos, Atma e Buddhi põem-se a luzir com indescritível fulgor no sacerdote por vibração empática, em harmonia com a luz deslumbrante dos princípios correspondentes em Cristo. O fulgor é, habitualmente, leve em Atma, mais marcante em Buddhi. O influxo corre para o Atma do ordenando, como para Buddhi e Manas, através dos princípios correspondentes do próprio bispo.

Mais adiante, uma linha entre Atma e Buddhi é estabelecida, enquanto a já existente entre Buddhi e Manas superior é intensificada. O canal entre Manas superior e os veículos inferiores também é alargado. (Ver Diagrama XXXIII-C.)



C. Primeira imposição de Mãos. D. Segunda imposição de Mãos. E. Sacerdote ideal de Mãos.

DIAGRAMA XXXIII. Os Princípios de um Sacerdote.

À segunda imposição das mãos, o princípio de Buddhi (B2) até aqui latente, é chamado à atividade e vinculado ao do Cristo, enquanto o vínculo entre ele e o Manas superior é fortalecido.

O vínculo entre Atma, Buddhi e Manas (A1, B1 e M) do próprio sacerdote abre-se ainda mais, para permitir um fluxo maior de força. (Ver Diagrama XXXIII-D.)

Assim, o sacerdote se faz, num sentido muito real, um posto avançado da consciência do Cristo, de forma que se torna "Seu homem".

Quando da ordenação do sacerdote, seu Ego está mais definitivamente desperto, de forma que pode agir diretamente sobre outros Egos ao nível do corpo causal. Essa relação, de fato, é o que lhe dá o poder de corrigir distorções causadas pelo desvio do caminho reto que, em terminologia eclesiástica, é conhecido como o poder de "perdoar o pecado".

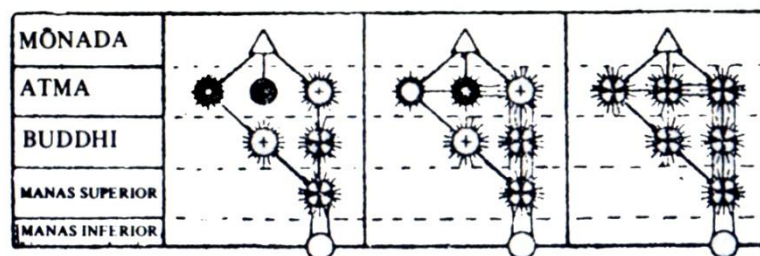
A unção das mãos do padre com o óleo dos catecúmenos é construtiva em seus efeitos, é a dedicação, delas para as finalidades de seu ofício, modelando-as para a transmissão do poder de Cristo. A mão do sacerdote é, assim, um instrumento especializado que pode transmitir bênção. A unção traz as forças de abertura para essas mãos e reveste-as do poder pelo qual, ao longo das linhas que são feitas no ungimento, a influência pode emanar.

O processo é algo parecido à magnetização do aço. A unção opera de forma que as forças possam passar através das mãos e, ao mesmo tempo, tempera essas mãos, de forma que possam receber tais forças e transmitir com segurança o poder.

O bispo faz uma cruz, cuja intenção é preparar a distribuição da força que corre pela linha diagonal entre Atma (1), Buddhi (1) e Manas; faz uma segunda cruz que prepara a distribuição da força que flui de Buddhi (2).

O desenvolvimento de um sacerdote ideal é possível para o homem de grande determinação, que durante anos trabalhe fortalecendo as conexões entre seus próprios princípios e os do Cristo. Ele pode intensificar o vínculo feito com Buddhi (2) e Manas, e pode causar vigorosa ação de Atma (1) e Buddhi (1), tornando-se ele próprio um canal de extraordinário poder. (Ver Diagrama XXXIII-E.)

Na sagração de um bispo, quando as verdadeiras palavras da sagração são ditas, uma conexão é feita entre Buddhi (2) e Atma (3), assim, os canais entre Buddhi (2) e Manas e os correspondentes princípios do Cristo, são enormemente alargados. (Ver Diagrama XXXIV-F.)



F. Consagração

G. União da cabeça

H. Bispo Ideal

DIAGRAMA XXXIV. Os Princípios de um Bispo.

Assim, através de Atma (3), Buddhi é ligado diretamente com o Tríplice Espírito de Cristo, de forma que a bênção vinda desse nível, flui através dele, porque aqueles Três Aspectos são, naturalmente, verdadeiramente um. Por isso, é lógico que o bispo abençoe as pessoas com uma cruz tríplice, e não com uma apenas como faz o sacerdote.

O sacerdote atrai sua bênção através de seus próprios princípios, Atma (1), Buddhi (1) e Manas, e a emite através de seu corpo causal. O bispo, sendo mais amplamente desenvolvido, pode deixar passar seu poder mais rapidamente, portanto com maior intensidade.

No caso do bispo, uma linha inteiramente nova também é aberta, unindo o Buddhi (1) do bispo diretamente com o Cristo, dando-lhe, assim, a potencialidade de um desenvolvimento que fica muito além da imaginação. Essa maravilhosa força-Cristo é que o capacita a passar seu poder a outros.

A seguir, o caminho é aberto para a influência do espantoso desenvolvimento de Buddhi, que acabou de se tornar possível, a fim de fazer sua descida até os veículos astral e mental.

Na unção da cabeça do bispo com o Crisma, o poder de reflexão do tríplice espírito nos veículos inferiores é intensificado. O tríplice espírito Atma (1), Atma (2) e Atma (3) fulgura, e o caminho se torna claro, descendo até o cérebro físico, para o fluxo de novas forças. (Ver Diagrama XXXIV-G.)

As três linhas ligando Atma (3), Buddhi (2) e Manas (ver Diagrama XXXIV-G) indicam que o bispo pode haurir poder do corpo causal, e assim irradiar em bênções o tríplice poder do Espírito Triplo.

A ação do crisma dirige-se à produção no centro de força que fica no alto da cabeça (o chakra brahmarandra) - ponto que em muitos homens tem uma depressão na forma de um pires - de um cone de rapidíssima rotação, projetando-se da cabeça para cima.

A unção das mãos do bispo com o crisma prepara o mecanismo para a distribuição dos três tipos de força vinda dos Três Aspectos da Trindade.

A linha direta de comunicação entre Buddhi e o corpo astral está inteiramente aberta, de forma que, se e quando aquele Buddhi ou intuição se desenvolver, possa fluir imediatamente para aquilo que se destina a ser seu meio de expressão na vida física.

O desenvolvimento de um bispo ideal é possível para quem aproveita todas as oportunidades. Todos os seus princípios tornam-se canais que respondem ao poder do Cristo, e ele se torna um verdadeiro sol de energia espiritual e bênção. Esse estágio é indicado no Diagrama XXXIV-H.

O Homem Perfeito não só está ligado com o Cristo e com seu próprio Eu Superior, a Mônada, como ainda se torna cada vez mais uma manifestação do Logos, ou Deidade, que produziu o sistema solar. Torna-se o Mestre, para Quem a encarnação já não é necessária. O Diagrama XXXV indica esse estágio.

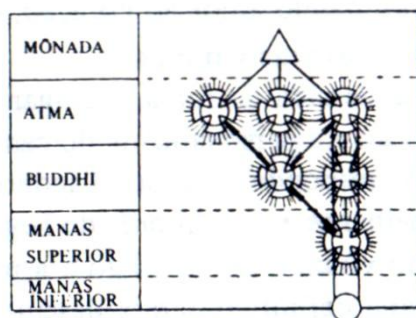


DIAGRAMA XXXV. O Homem Perfeito.

Outra disposição da religião crista é o poder de Absolvição de que são investidos os sacerdotes. Como isso afeta o relacionamento entre os vários corpos do homem, podemos, proveitosamente, considerá-lo aqui brevemente.

Os corpos do homem, naturalmente, não estão separados no espaço, mas se interpenetram. Olhados de baixo, dão a impressão de estarem reunidos por inumeráveis e finos fios ou linhas de fogo. Cada ação que trabalha contra a evolução faz uma pressão desigual sobre eles, torce-os e embaraça-os. Quando um homem erra gravemente, a confusão se torna tal que a comunicação entre os corpos superiores e inferiores torna-se seriamente dificultada; já não é seu Eu verdadeiro e só o lado inferior de seu caráter pode manifestar-se inteiramente.

Embora as forças naturais venham, no devido tempo, a corrigir as distorções, a Igreja trata de fazer mais rápido esse trabalho, porque o poder de corrigir aquele emaranhamento na matéria superior é um dos poderes especificamente conferidos a um sacerdote quando da ordenação. A cooperação do próprio homem é, naturalmente, também necessária, porque, "se confessamos nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar nossos pecados, e limpar-nos de toda iniquidade".

O efeito da "absolvição" fica estritamente limitado à correção da distorção descrita acima. Ela reabre certos canais que estiveram em grande parte fechados pelos maus pensamentos e más ações, mas de forma alguma detém as consequências físicas daquela ação, nem dispensa a necessidade de restituição onde o erro foi cometido. A ação do sacerdote corrige o emaranhamento etérico, astral e mental produzido pela ação errada ou, antes, pela atitude mental que tornou possível aquela ação, mas de forma alguma liberta o homem da penalidade cármica consequente à ação. "Não te enganes; Deus não se deixa embair: seja o que for que um homem semeie, isso mesmo colherá."

Podemos mencionar outro item informativo em relação ao trabalho do sacerdote na Sagrada Eucaristia. Fazendo as três cruzes no "abençoa, aprova e ratifica" sobre as oferendas, o sacerdote introduz seu "tubo" através da matéria etérica, astral e mental inferior, respectivamente; as duas cruzes, feitas separadamente sobre a hóstia e o cálice, levam o mesmo tubo, agora em duas seções, para o mental superior no plano acima.

Fazendo isso, ele deve usar forças de seu próprio corpo causal, forçando seu pensamento para cima para o nível mais alto possível.

Voltando-nos agora para a franco-maçonaria, notamos que os três Oficiais Principais representam Atma, Buddhi e Manas no homem, e que os três Oficiais Assistentes representam a mente inferior, a natureza emocional, ou corpo astral e o duplo etérico; o O.G. ou Tyler representa o corpo físico. Como estamos tratando neste livro principalmente com o corpo causal, podemos constatar especialmente que a mente superior é representada pelo J.W.

Nos devas, espíritos-da-natureza e elementais associados com o J.W., predomina uma tonalidade dourada.

Quando a R. W. M. cria, recebe e constitui um candidato como um E. A. F., os três toques do f ... s ... transmitem diferentes aspectos do poder, correspondentes aos três Aspectos da Trindade, o primeiro levando força para o cérebro, o segundo dando amor ao coração, e o terceiro proporcionando habilidade executiva ao braço direito.

O efeito geral dessa descida de força é alargar de certa forma o canal de comunicação entre o Ego e a personalidade do candidato.

O grau de E.A.F. corresponde ao de subdiácono no sistema cristão. Em um ponto semelhante, na cerimônia do Segundo Grau, há um alargamento mais decisivo do vínculo entre o Ego e a personalidade, de forma que fica aberto como canal definitivo para a descida da força. Esse canal, o candidato pode utilizar com efeito marcante, se resolver trabalhar nele e através dele.

Nesse Grau, há um certo paralelismo entre a Passagem de um F. C. e a ordenação eclesiástica do diaconato. Ao mesmo tempo, um vínculo se estabelece entre o candidato e a H. O. A. T. F., em cujas Lojas ele é reconhecido.

Como no caso da expansão da consciência, o vínculo estabelecido pode ser utilizado pelo candidato como ele quiser. Aquilo lhe pode ser de grande benefício, pode mudar toda a sua vida, e lhe dar oportunidade de rápido progresso pelo caminho que leva à Iniciação. Ou, pelo contrário, poderá negligenciá-lo, e nesse caso não lhe será de nenhum proveito.

A comprovação do candidato pelo esquadro e o compasso indica que um M. M. pode ser testado e conhecido pelo fato de que tanto o Eu superior como o Eu inferior estão trabalhando em ordem, funcionando juntos, em harmonia.

O M. M. é simbólico do Iniciado do quarto grau, o Arhat. No estágio de realização no caminho oculto, a batalha contra o quaternário inferior está praticamente terminada, e este último tornou-se instrumento obediente nas mãos da tríade superior, que está desperta e ativa em "suas três partes.

O M. M. tem de descobrir o g ... s ... no c ... ; em outras palavras, é por descobrir em si mesmo o Eu mais profundo, que é a Mônada, além mesmo da tríade superior, que o M. M. irá por fim descobrir o supremo segredo da vida, e então descobrirá a própria verdade, pela sua própria experiência vivida: que é, e sempre foi, uno com Deus.

Nos graus anteriores, a consciência do candidato tem que se erguer do s ... para o c ... , isto é, do quadrilátero para o triângulo, do Eu inferior para o Eu superior. Agora, porém, como M. M., ele tem de ser erguido do triângulo para a ponta - como está claramente indicado pelo W. T. - do Eu superior para a Mônada.

A Mônada agora está usando sua vontade no Eu superior, tal como antes o Eu superior trabalhava sua vontade sobre o inferior. O s ... t representa a ação daquela Mônada, que gira sobre um pino central e envia uma linha de seu próprio corpo à proporção que tece a teia da vida, tal como uma aranha tece a teia de seu próprio corpo.

O p ... marca aquele caminho escolhido, ou raio da Mônada, a linha de vida e trabalho que o Arhat deve descobrir, e no qual se deve especializar, a fim de fazer rápido progresso. E o c ... , uma vez mais, representa o triângulo, os poderes do tríplice espírito que ele deve usar em seu trabalho.

As correntes de força etérica, que fluem através e em torno da espinha de todos os seres humanos, na franco-maçonaria são ativadas a fim de apressar a evolução do candidato. Esse estímulo é aplicado no momento em que o R. W. M. cria, recebe e constitui. No Primeiro Grau, ele afeta *Ida*, o aspecto feminino da força, tornando assim mais fácil o controle para o candidato quanto à paixão e a emoção. No Segundo Grau, é o *Pingala*, ou aspecto masculino, que é fortalecido a fim de facilitar o controle da mente. No Terceiro Grau, a própria energia central, a *Sushumna*, é despertada e abre o caminho para a influência superior do espírito.

Passando por esse canal de Sushumna é que o iogue deixa seu corpo físico quando quer, de tal maneira que pode conservar a consciência nos planos mais altos, e trazer de volta para seu cérebro físico uma clara lembrança de suas experiências.

Ida é cor de púrpura, *Pingala* é amarelo e *Sushumna* é de um azul profundo.

O estímulo desses nervos e as forças que fluem através deles são apenas uma pequena parte do benefício conferido pelo R. W. H., quando entrega a espada no momento da admissão. O alargamento da conexão entre a individualidade e a personalidade já foi mencionado, e também a formação de um vínculo entre certos princípios do candidato e os veículos correspondentes do H. O. A. T. F. As modificações surgidas são, de certa forma, da mesma natureza das que foram descritas um pouco atrás, mas de caráter menos pronunciado.

Embora esses efeitos sejam reais, inequívocos e universais, ainda assim seu resultado na vida espiritual do candidato depende, naturalmente, dele próprio.

O E. A. deve como personalidade ser empregado na organização de sua vida física para um uso superior mas, ao mesmo tempo, como um Ego, deve estar desenvolvendo inteligência ativa em seu corpo causal, exatamente como faz o discípulo de um Mestre que se esteja preparando para a Iniciação.

Da mesma forma, o F. C. está organizando sua vida emocional, enquanto expande amor intuitivo em seu corpo búdico.

O M. M., enquanto organiza sua vida mental aqui na terra deve, como um Ego, fortalecer sua vontade espiritual ou Atma.

CAPÍTULO XXIX

MEMÓRIA DE VIDAS PASSADAS

Um olhar para o Diagrama XXV deve ser suficiente para indicar a razão mecânica que leva o cérebro físico de um homem a não poder, normalmente, recordar suas vidas passadas. E óbvio que no corpo físico não pode haver memória nem registro de uma encarnação passada da qual ele não participou. Precisamente a mesma consideração se aplica aos seus corpos astral e mental, já que esses veículos são novos para cada encarnação.

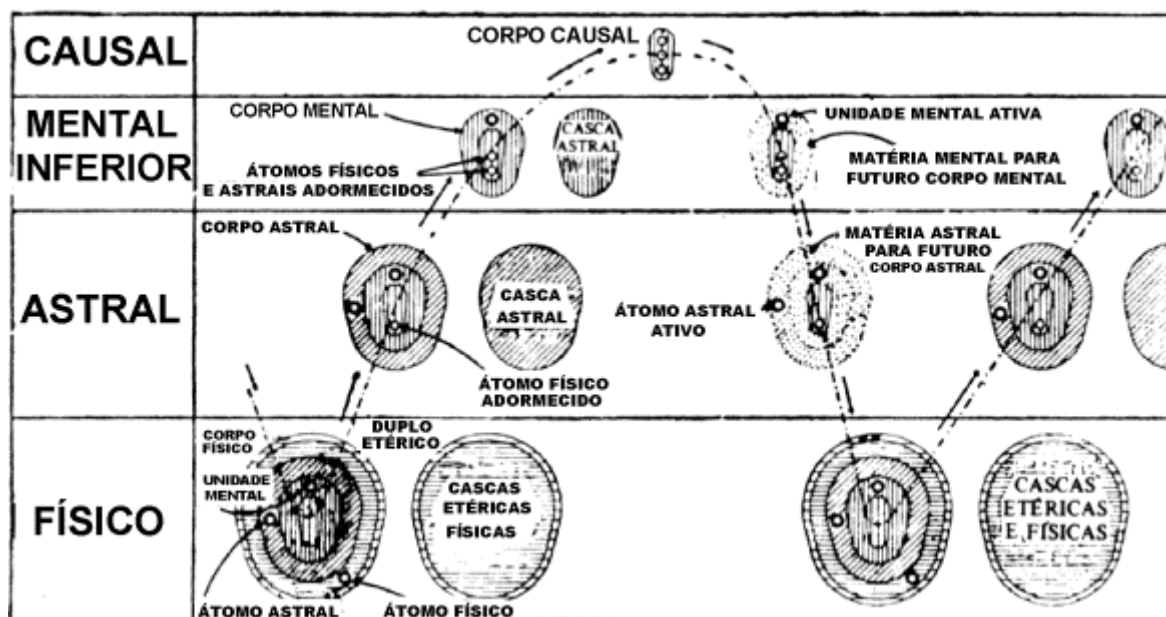


DIAGRAMA XXV. O Ciclo do Renascimento

Vemos, assim, que desde que o corpo causal é o único que permanece de uma encarnação para outra, o nível mais baixo no qual podemos esperar obter informação realmente segura sobre vidas passadas é o do corpo causal, pois nada abaixo dele pode nos dar evidência de primeira mão.

Nessas vidas passadas, o Ego, em seu corpo causal, estava presente - ou antes, uma pequena parte dele estava presente -, portanto, ele é uma testemunha real. Todos os veículos inferiores, *não* sendo testemunhas, só podem comunicar o que podem receber do Ego. Consequentemente, quando temos em mente o quanto é imperfeita a comunicação entre o Ego e a personalidade no homem comum, veremos imediatamente como é pouco digna de confiança essa testemunha de segunda, terceira ou quarta mão.

Embora alguém possa, às vezes, obter dos corpos astral e mental imagens isoladas de acontecimentos na vida passada de um homem, não podemos obter uma relação coerente, em sequência, dessa vida. E mesmo essas imagens são apenas reflexos vindos do corpo causal, e provavelmente reflexos toldados e escuros, que ocasionalmente fazem caminho através da consciência inferior.

Assim, é claríssimo que, para ler exatamente vidas passadas, é necessário, antes de tudo, desenvolver as faculdades do corpo causal. A coisa, contudo, pode ser feita em níveis

inferiores pela psicometrização dos átomos permanentes, mas esse seria um feito muito mais difícil do que o expandir dos sentidos do corpo causal e não é provável que seja obtido com sucesso.

Incluindo o método acima mencionado, há quatro formas de ler vidas passadas:

1. Psicometrização dos átomos permanentes.

2. Tomar do próprio Ego a memória sobre o que aconteceu.

3. Psicometrizar o Ego, ou antes, seu corpo causal, e ver por si mesmo as experiências pelas quais passou. Esse método é mais seguro do que o 2º, porque o Ego, tendo visto essas coisas através de uma personalidade anterior, pode ter delas impressões imperfeitas ou distorcidas.

4. Usar as faculdades búdicas, unificando-se completamente com o Ego, sob investigação, e ler as experiências que teve como se fossem nossas isto é, de dentro ao invés do exterior. Esse método, como é óbvio, exige o desenvolvimento muito maior.

Os métodos 3 e 4 têm sido empregados por aqueles que prepararam as séries da encarnações que têm sido publicadas durante os últimos anos em *The Theosophist*; algumas delas foram também publicadas sob a forma de livro. Os investigadores tiveram, ainda, a vantagem da cooperação do Ego, cujas encarnações foram descritas.

A presença física do sujeito cujas vidas estão sendo lidas é uma vantagem mas não uma necessidade. É útil, contanto que ele possa manter calmos, perfeitamente calmos, os seus veículos mas, se ficar excitado, arruína tudo.

O ambiente não é especialmente importante, mas o silêncio é essencial se as impressões tiverem de ser claramente recebidas, e o cérebro físico deve estar tranquilo.

É necessário erradicar completamente todos os preconceitos, de outra forma eles produzirão o efeito de vidro colorido, pondo cor em tudo o que é visto através dele, dando, assim, uma falsa impressão.

Podemos dizer que há duas possíveis fontes de erro: primeiro, prevenção pessoal, e, segundo, visão limitada.

Diante do fato de que há diferenças fundamentais de temperamento tais diferenças só podem colorir as visões tomadas de outros planos. Quem quer que esteja abaixo do nível de Adepto será, com certeza, influenciado dessa forma até certo ponto. O homem do mundo exagera pormenores sem importância e omite coisas importantes, dado o hábito de assim proceder na vida diária. Por outro lado, o homem que está começando a fazer o Caminho pode, em seu entusiasmo, perder por algum tempo seu contato com a vida humana comum, da qual ele emergiu. Mesmo assim, entretanto, tem a vantagem, porque os que veem o interior das coisas estão mais próximos da verdade do que aqueles que só veem o exterior.

A fim de diminuir essa fonte de erro, é comum que pessoas de tipos radicalmente diferentes trabalhem juntas nessas investigações.

O segundo perigo que mencionamos é o da visão limitada, o tomar a parte pelo todo. Assim, é possível ver pequena porção de determinada comunidade e aplicá-la à comunidade toda, isto é, a pessoa pode incorrer no erro comum de generalizar, apoiada em bases insuficientes de observação.

Há, contudo, uma aura geral de uma época ou de um país, que quase sempre evita

qualquer erro grande desse tipo. Um psíquico, que não foi treinado para sentir essa aura geral é, com frequência, inconsciente dela e pode, assim, cair em muitos enganos. A observação longamente aplicada mostra que todos os psíquicos não-treinados são às vezes fidedignos e outras vezes não e os que os consultam correm, portanto, o risco de ser iludidos.

Analisando vidas passadas é mais seguro reter a completa consciência física, para poder tomar nota de tudo enquanto se fazem as observações, do que deixar o corpo físico durante elas e confiar na memória para a sua reprodução. Esse último plano, contudo, tem de ser adotado quando o estudante, embora capaz de usar seu corpo causal, só pode fazer isso quando o corpo físico está adormecido.

A identificação dos Egos é difícil, às vezes, porque Egos mudam consideravelmente, como é natural, no curso de alguns milhares de anos. Alguns investigadores sentem intuitivamente como identificar determinado Ego; embora tal intuição possa amiúde ser correta, também pode ser, às vezes, errada. O mais seguro, porém mais trabalhoso método de identificação, é passar os registros rapidamente em revista e retraçar o Ego em questão através deles, até que seja encontrado nos dias presentes.

Em alguns casos, os Egos de pessoas comuns são instantaneamente identificáveis mesmo depois de milhares de anos, o que não é muito lisonjeiro para as pessoas em questão, já que significa terem elas feito apenas um pequeno progresso. Tentar reconhecer, há vinte mil anos passados, alguém que conhecemos nos dias presentes, é algo como encontrar como adulto alguém que há muito tempo conhecemos como criança. Há ocasiões em que tal reconhecimento é possível, mas em outras a modificação foi grande demais.

Os que desde então se fizerem Mestres da Sabedoria são, com frequência, instantaneamente identificáveis, mesmo há milhares de anos, mas por uma razão bastante diferente. Isso acontece porque quando veículos inferiores já estão inteiramente em harmonia com o Ego, formam-se sob o aspecto do Augoeides, portanto mudam pouco de uma vida para outra. Da mesma maneira, quando o próprio Ego está-se tornando um reflexo perfeito da Mônada, também muda pouco, embora cresça gradualmente. Por isso é prontamente identificável.

A natureza dos Registros Akasicos já foi descrita em *O Corpo Mental*; só serão mencionados aqui uns poucos pontos de relevância imediata.

Examinando uma vida passada, a forma mais simples é deixar o registro passar em seu ritmo normal; mas, como isso corresponde a um dia de trabalho de um homem, a observação dos acontecimentos de cada dia é claramente impraticável, a não ser por períodos curtos. Contudo, é possível acelerar ou retardar a passagem dos acontecimentos em qualquer grau desejado, de forma que um período de mil anos pode correr rapidamente, ou um quadro em particular pode ser mantido por quanto tempo se deseje.

O que se descreve como o desenrolar dos registros é, na realidade, não um movimento dos registros, mas da consciência do observador. A impressão que dá, porém, é exatamente como se o registro estivesse se desenrolando. Podemos dizer que os registros estão colocados uns sobre os outros, em camadas, a mais recente no topo, as outras abaixo. Ainda assim, mesmo este símile é enganador porque sugere espessura, quando os registros não ocupam mais espaço do que ocupa uma imagem refletida num espelho. A consciência

não se move realmente no espaço, antes coloca em si mesma, como uma espécie de manto, uma ou outra das camadas do registro e, assim fazendo, encontra-se em meio à ação da história.

O método de chegar às datas foi descrito em *O Corpo Mental*.

No todo, é de certa forma mais fácil ler as vidas para a frente do que para trás, porque nesse caso estaríamos trabalhando com o fluxo natural do tempo e não contra ele.

As línguas empregadas são quase sempre ininteligíveis para o investigador, mas, como os pensamentos que ficam por trás das palavras estão abertos para ele, isso pouco importa. Em várias ocasiões, investigadores copiaram inscrições públicas que não podiam compreender, e depois obtiveram sua tradução no plano físico através de alguém para quem as línguas antigas eram familiares.

Não se deve pensar nos registros como originalmente inerentes a uma espécie qualquer de matéria, embora sejam refletidos nela. Para lê-los não é necessário entrar em contato direto com qualquer agrupamento particular de matéria, pois podem ser lidos de qualquer distância, desde que a conexão tenha sido estabelecida.

Não obstante, é verdade que cada átomo contém o registro, ou talvez possua o poder de colocar o clarividente *en rapport* com o registro de tudo quanto ocorreu dentro de seu raio de visão. Na verdade, é devido a esse fenômeno que a psicometria se faz possível.

Por exemplo, se um homem psicometrizava uma pedrinha que esteve jazendo durante eras em um vale, verá apenas o que se passou naquele vale durante aquelas eras. Sua visão será limitada pelas colinas circundantes, tal como se ele tivesse estado ali durante todo aquele tempo em que a pedra ali esteve e testemunhado todas aquelas coisas.

Há, contudo, uma extensão do poder da psicometria pelo qual um homem pode ver os pensamentos e sentimentos dos atores em seu drama, tão bem como seus corpos físicos. Há ainda outra extensão pela qual, tendo primeiro se estabelecido naquele vale, pode fazer dele uma base para futuras operações, e assim passar por sobre as colinas circundantes e ver o que existe por trás delas, e também o que ali aconteceu desde que a pedra foi removida, e mesmo o que ocorreu antes que ela ali chegasse.

O homem que pode fazer tudo isso, porém, depressa estará em condições de dispensar inteiramente qualquer pedra.

Quando usar os sentidos do corpo causal, perceberá que cada objeto está lançando imagens do passado.

Já vimos que, conforme as faculdades interiores vão se desenvolvendo, a vida se torna contínua. Não só se pode alcançar a consciência do Ego, mas é possível viajar para o passado, mesmo até uma alma-grupal animal e ver, através dos olhos de um animal, o mundo então existente. A diferença da perspectiva é tão diversa que, dizem, é impossível descrevê-la.

Um pouco antes dessa consciência contínua não há memória detalhada do passado, nem mesmo dos fatos mais importantes. Há, contudo, este fato: o que quer que tenhamos conhecido no passado é quase certo que reconheceremos e instantaneamente aceitaremos, assim que se nos apresente de novo.

Por isso, embora alguém possa apreciar intelectualmente a verdade da reencarnação, a prova real só pode ser obtida no corpo causal, onde o Ego é conhecedor do passado.

Quando um homem, usando a consciência do seu corpo causal, tem sempre consigo a memória de suas vidas passadas é, naturalmente, capaz de dirigir as várias manifestações inferiores de si mesmo, em todos os pontos de seu progresso, conscienciosamente.

Durante o estágio em que o homem ainda não é inteiramente capaz disso, o Ego, ainda assim, pode imprimir seu propósito sobre os átomos permanentes, de forma que aquele propósito seja levado de uma vida para outra. O conhecimento disso não será inerente no homem, como parte de seus recursos, por assim dizer, mas no momento em que surge diante dele, sob qualquer forma, em sua próxima encarnação, ele imediatamente reconhecerá sua verdade, se apossará dela e agirá de acordo com isso.

No caso de um renascimento muito rápido, a possibilidade de recuperar a memória da encarnação passada aumenta consideravelmente. O Diagrama XXV deve facilitar a compreensão do mecanismo dessa possibilidade. Houve um grande número de átomos e moléculas, nos velhos corpos mental e astral, que conservaram uma certa afinidade com a unidade mental e o átomo astral permanente; conseqüentemente, uma boa quantidade do antigo material pode ser usado na formação dos novos corpos mental e astral. Com sua assistência, é claro que a memória da última encarnação deve ser mais facilmente conquistada do que nos casos em que houve um grande intervalo entre as vidas e os antigos materiais foram dissipados e espalhados pelos vários planos.

Não compreendemos ainda as leis que governam o poder de imprimir conhecimento pormenorizado de uma vida sobre o cérebro físico da seguinte. A evidência, que nos é possível atualmente, parece mostrar que os pormenores são habitualmente esquecidos, mas que os princípios amplos aparecem à nova mente como auto-evidentes.

É comum a experiência, quando ouvimos uma verdade pela primeira vez, de sentir que já sabíamos daquilo antes, embora não se possa formular essa ideia com palavras. Em outros casos há apenas uma vaga lembrança, mas ao se apresentar a nova verdade, ela é instantaneamente reconhecida.

Assumindo a verdade da tradição, mesmo Buda, que encarnou com a intenção determinada de ajudar o mundo, nada sabia claramente sobre a sua missão até entrar em seu novo corpo, mas recuperou o conhecimento total apenas depois de procurá-lo durante anos. Poderia ter sabido desde o princípio, indubitavelmente, se assim o quisesse, mas não quis, submetendo-se antes ao que parece ser o fado comum.

Por outro lado, pode ser que Buda não tenha tomado o corpo do Príncipe Sidarta desde o nascimento, mas apenas quando desmaiou, após as longas austeridades de seis anos de procura da verdade. Se foi assim, não haveria memória, porque a entidade no corpo não era o Buda, mas outro alguém.

Seja como for, contudo, podemos estar certos de que o Ego, que é o homem verdadeiro, sempre sabe o que um dia aprendeu, mas nem sempre é capaz de imprimir esse conhecimento no novo cérebro sem o auxílio de uma sugestão vinda do exterior.

Parece ser uma regra invariável que, quem aceitou a verdade oculta em uma vida, sempre virá a ter contato com ela na próxima existência, e assim revive sua memória adormecida. Podemos dizer, talvez, que a oportunidade de assim recuperar a verdade é o carma direto por tê-la aceitado e por ter firmemente tentado viver de acordo com ela na encarnação anterior.

CAPÍTULO XXX

O EGO EM SEU PRÓPRIO PLANO

Vamos agora considerar o Ego em seu próprio plano, isto é, no mundo superior, mental ou causal, bem à parte de suas expressões parciais nos planos inferiores.

Desde o momento em que o Ego se destaca de sua Alma-Grupál e começa sua existência separada como ser humano, é uma entidade consciente: mas essa consciência mostra uma natureza inexpressivelmente vaga. As forças do mundo mental superior passam através dela sem praticamente afetá-la, porque ainda não pode responder a mais do que muito poucas dessas vibrações extremamente finas. A única sensação física à qual essa condição é comparável é a que ocasionalmente sente uma pessoa, no momento em que acorda, pela manhã. Há um estado intermediário entre o sono e o acordar no qual o homem é beatificamente consciente de que existe, e ainda assim não está consciente dos objetos que o rodeiam, nem capaz de qualquer movimento. Realmente, às vezes, sabe que qualquer movimento vai romper esse período de felicidade e levá-lo de novo para o mundo desperto, comum, e por isso empenha-se em permanecer quieto tanto quanto possível.

Essa condição, que é uma consciência da existência, e de intensa beatitude, se assemelha, muito de perto, com a do Ego do homem comum sobre o plano mental superior. Tal como vimos antes, ele está inteiramente centralizado ali, apenas pelo curto espaço que fica entre o fim de uma vida no devacan e o início da próxima descida para a encarnação. Durante esse curto período, recebe um rápido relance de seu passado e de seu futuro, um clarão de retrospecto e previsão, e durante muitas idades esses relances são os únicos momentos de inteiro despertar. Depois desse acordar momentâneo, ele de novo adormece. Como vimos, é o seu desejo de uma manifestação mais perfeita, seu desejo de se sentir mais integralmente vivo, que o leva para o esforço da encarnação.

Uma estrofe do *Livro de Dznyan* declara que "Aqueles que receberam apenas uma fagulha permanecem destituídos de conhecimento: a fagulha depressa se apaga". H. P. Blavatsky explica, então, que "aqueles que receberam apenas uma fagulha constituem a humanidade comum, que tem de adquirir sua intelectualidade durante a presente evolução manvantárica" (*Doutrina Secreta*). No caso da maioria dos homens a fagulha ainda está ardendo e mais de uma idade se passará antes que o seu crescimento lento a leve ao estado de firme e brilhante chama.

O corpo causal do homem comum não tem ainda quase nenhuma consciência de coisa alguma externa, quanto a ele próprio em seu próprio plano. A imensa maioria de Egos está apenas sonhadoramente semiconsciente, embora poucos estejam agora na condição de meras películas descoloridas. A maioria ainda não se encontra suficientemente definida, mesmo com a consciência que possui, para compreender o propósito ou as leis da evolução em que estão engajadas.

Embora o Ego comum esteja numa condição adormecida, ainda é, durante a sua vida-física, capaz até certo ponto de meditar sobre a personalidade e também de fazer um pequeno esforço.

O Ego comum em seu corpo causal pode ser comparado ao pintinho dentro do ovo, completamente inconsciente da fonte de calor que, não obstante, estimula seu crescimento.

Quando um Ego alcança o estágio em que rompe a casca e torna-se capaz de algum tipo de resposta, todo o processo toma forma diferente e é enormemente acelerado.

O processo do despertar é muitíssimo auxiliado pelos Mestres da Sabedoria, que despedem sua força espiritual como a luz do sol inundando todo o plano e afetando, até certo ponto, tudo que fica dentro de seu raio de ação. Conforme foi mencionado no Capítulo XII, mesmo as Almas-Grupais dos animais, no plano mental inferior, são grandemente afetadas e assistidas por essa influência.

E no plano mental que se efetua grande parte do importante trabalho dos Mestres. Esse é, mais especialmente, o caso quanto ao plano causal, onde a individualidade ou Ego pode receber ação direta. É desse plano que Eles distribuem as maiores influências sobre o mundo do pensamento. Dali, animam grandes e benéficos movimentos de todos os tipos. Ali, grande porção da força espiritual emanada do glorioso auto-sacrifício dos Nirmanakayas é distribuída. Ali também, o ensinamento direto é dado àqueles discípulos que estão suficientemente avançados para recebê-lo dessa forma, já que ali podem ser ministrados muito mais pronta e completamente do que nos planos inferiores.

No homem desenvolvido o Ego está inteiramente desperto. Com o correr do tempo o Ego descobre que há muitas coisas boas que pode fazer e, quando isso acontece, eleva-se uma condição na qual tem vida definida em seu próprio plano, embora, em muitos casos, essa vida continue tendo um caráter de sonho.

O Ego da pessoa comum, como vimos, tem antes uma consciência vegetativa da vida e parece estar apenas tendo a percepção de outros Egos. Quando o Ego se torna suficientemente desenvolvido, porém, não só pode ajudar outros Egos, mas vive uma vida que lhe é própria, entre os grandes Arupadevas, entre toda a espécie de esplêndidos Anjos ou Devas. O jovem Ego está, provavelmente, apenas um pouco acordado, por enquanto, para toda aquela gloriosa vida, tal como um bebê de colo pouco sabe dos interesses do mundo que o rodeia. Mas, à proporção que sua consciência se expande, ele acorda para toda aquela magnificência e se torna fascinado pela sua energia e beleza.

O Ego assim desenvolvido goza do companheirismo de todos os mais brilhantes intelectuais que o mundo já produziu, inclusive, como ficou dito, o reino dévico dos anjos tanto quanto o humano. A vida do Ego em seu próprio plano é gloriosa além de qualquer concepção possível à personalidade. Se alguém pudesse imaginar uma existência na companhia dos grandes homens do mundo - artistas, poetas, cientistas e até os próprios Mestres - então, apenas então, esse alguém começaria a ter uma ideia da vida do Ego.

A personalidade, naturalmente, não sabe o que o Ego faz, a não ser que a personalidade e o Ego tenham sido unificados. Assim, o Ego pode conhecer o Mestre enquanto a personalidade não o conhece. O Ego deve ter estado inteiramente consciente e ativo em seu próprio plano durante muito tempo, antes que qualquer conhecimento daquela existência possa vir através dele para a vida física.

Essa consciência do Ego não deve ser confundida com a consciência que vem da *unificação* do Eu inferior e do Eu superior, mencionada no Capítulo XXVI. Quando a

unificação foi alcançada, a consciência do homem reside no Ego o tempo todo, e do Ego ela se movimenta de qualquer dos veículos que lhe aconteça estar usando. No caso do homem que ainda não chegou a essa união, entretanto, a consciência do Ego em seu próprio plano entra em atividade apenas quando não está mais embaraçada por qualquer dos veículos inferiores e existe somente até que desça para a encarnação; porque, tão depressa tome um corpo inferior, a consciência já não pode manifestar-se senão temporariamente através dele.

O plano causal é a verdadeira e relativamente permanente morada do Ego, porque ali ele está livre das limitações da personalidade e é simplesmente ele próprio, a entidade reencarnante. Embora sua consciência possa estar velada, sonhadoramente, sem grande capacidade de observação, mal-acordada, ainda assim é uma visão verdadeira, por mais limitada que possa ser. Não só está livre das ilusões da personalidade e da meditação refrangente do Eu inferior, mas o próprio pensamento não mais assume as mesmas formas limitadas que apresenta em si mesmo, em níveis abaixo do causal.

Na literatura mais antiga, há declarações que parecem estabelecer que o Ego superior não precisa de evolução, sendo já perfeito e santo em seu próprio plano. Onde quer que tais expressões sejam usadas, seja qual for a terminologia empregada, devem ser tomadas como aplicáveis apenas ao Atma, o verdadeiro "deus" dentro do homem, que está certamente muito além da necessidade de qualquer tipo de evolução do qual nada podemos saber.

Também H. P. Blavatsky declara que Manas, ou o Ego superior, como "parte da Mente Universal, é incondicionalmente onisciente em seu próprio plano". Isso significa, naturalmente, que tal coisa só acontece quando ele desenvolveu inteiramente a autoconsciência pelas suas experiências evolucionárias e "é o veículo de todo conhecimento do passado, do presente e do futuro".

O Ego reencarnante evolui, sem dúvida nenhuma, como é perfeitamente evidente para aqueles que possuem visão causal. De início, tem poder ativo muito pequeno em qualquer plano, e seu propósito é tornar-se integralmente ativo em todos os planos, mesmo no físico.

O Ego que está desperto e verdadeiramente vivo em seu próprio plano é uma coisa gloriosa, dando-nos, pela primeira vez, uma ideia do que se pretende que o homem seja. Egos assim desenvolvidos ainda estão separados, embora intelectualmente compreendem inteiramente sua unidade interior, porque se veem uns aos outros tal como são, e já não podem mais errar ou deixar de compreender.

Não é fácil explicar, em palavras físicas, as diferenças que existem entre Egos, já que todos eles são, sob vários aspectos, muito maiores do que qualquer coisa a que estejamos habituados aqui. Algum apagado reflexo da impressão produzida pelo relacionamento com eles pode ser transmitida ao dizer-se que um Ego adiantado faz lembrar um embaixador, cheio de dignidade, imponência e extremada cortesia, pleno de sabedoria e bondade, ao passo que o homem menos desenvolvido tem mais o tipo franco e cordial do proprietário rural. O Ego que já está no Caminho e se aproxima do Adeptado tem muito em comum com os grandes Anjos, e irradia influências espirituais de prodigioso poder.

Não é, portanto, de admirar que o Ego se atire energeticamente para o remoinho de

uma intensa atividade em seu próprio plano, e que isso pareça a ele imensamente mais importante e interessante do que as apagadas e distantes lutas de uma personalidade meio-formada e limitada, velada na densa obscuridade do mundo inferior.

Um Ego foi descrito, por uma pessoa que o viu, como um jovem radiante como um Apolo grego, esculpido em mármore cintilante, contudo imaterial, tendo como tônica a inspiração. Outro Ego pareceu de certa forma como a estátua de Deméter no Museu Britânico, figura dignificada, serena, pacífica, meditando como se estivesse sobre o mundo, que ela ajudava a progredir e proteger. Assim, cada Ego tem sua própria aparência, radiantemente bela, expressando sua missão ou gênio em particular.

Entre tais seres os pensamentos já não tomam forma e flutuam como acontece em níveis inferiores, mas passam como relâmpagos de um para outro. Aqui estamos face a face com o duradouro corpo do Ego, um corpo mais velho do que as montanhas, uma expressão verdadeira da Glória Divina que está sempre atrás dele, e brilha através dele cada vez mais, com a expansão gradual de seus poderes. Aqui já não tratamos com formas mais externas, mas vemos as coisas em si mesmas, a realidade que está atrás da expressão imperfeita. Aqui, causa e efeito são uma só coisa, claramente visíveis em sua unidade, como os dois lados de uma mesma moeda. Aqui, deixamos o concreto pelo abstrato, já não temos a multiplicidade de formas, e sim a ideia que está por trás dessas formas.

O Ego, em seu próprio plano, é capaz de sentir com absoluta instantaneidade, sem uso de nervos, naturalmente. Em consequência, surge certa classe de sonhos, quando o homem é acordado por um som ou toque físicos. No pequeno espaço de tempo entre o impacto e o acordar do homem, o Ego comporá, muitas vezes, uma espécie de drama, ou série de cenas, que levam e culminam no acontecimento que acorda o corpo físico. Esse hábito, contudo, parece ser peculiar ao Ego que, no que tange à espiritualidade, ainda está relativamente pouco desenvolvido. Conforme o Ego se desenvolve e vem a conhecer sua posição e suas responsabilidades, eleva-se acima dessas graciosas brincadeiras de sua infância.

Parece que, assim como o homem primitivo molda cada fenômeno natural sob a forma de mito, o Ego primitivo dramatiza cada acontecimento que chega ao seu conhecimento. Mas o homem que alcançou completa consciência está tão demasiadamente ocupado em planos superiores nos quais trabalha, que não emprega energia em tais assuntos; por conseguinte, seus sonhos não são desse feitio.

O uso de símbolos parece ser uma das características do Ego, quando fora do corpo, durante o sono. Quer dizer que, aquilo que no corpo físico seria uma ideia, exigindo várias palavras para ser expressa, é perfeitamente transmitida ao Ego por uma simples imagem simbólica. Quando tal pensamento é recordado no cérebro físico, a não ser que sua chave também seja recordada, provavelmente haverá confusão. As atividades do Ego em seu próprio plano dão lugar, às vezes, a outra classe de sonhos, mas há, como é natural, muitas outras causas para os sonhos (ver *O Corpo Astral*, p. 117).

O Ego em seu próprio plano usa abstrações tal como no plano físico tratamos com fatos concretos. Em seu plano, a essência de tudo está disponível; já não precisa falar sobre um assunto ou esforçar-se para explicá-lo. Toma a ideia ou a essência de um assunto e move-os como um todo, como podemos mover uma peça no jogo de xadrez. Seu mundo é

um mundo de realidades onde não só a decepção é impossível mas também inconcebível. Já não trata com emoções, ideias, conceitos, mas com a própria coisa.

É impossível expressar com palavras o intercâmbio comum entre homens que estão em corpos causais inteiramente desenvolvidos. O que aqui entre nós seria um sistema de filosofia, exigindo muitos volumes para explicá-lo, ali é um simples e definido assunto - um pensamento que pode ser atirado como se atira uma carta de baralho sobre a mesa.

Uma ópera ou um oratório, que entre nós ocuparia toda uma orquestra por muitas horas para interpretá-los, ali é um único acorde. Os métodos de uma completa escola de pintura estão condensados numa ideia magnificente. E ideias como essas são a moeda intelectual usada pelos Egos em sua conversação uns com os outros.

Naquele plano, como dissemos anteriormente, o Ego tem amplamente desdobradas diante dele, todas as vidas que viveu neste globo, o real e vivo registro do passado. Vê as vidas como um vasto todo, do qual suas descidas para a encarnação foram apenas alguns dias passados. Vê as causas cármicas que fizeram dele o que é; vê qual é o carma que ainda tem pela frente, para ser esgotado antes que a "longa e triste conta seja encerrada", e compreende, assim, com certeza infalível, seu exato lugar na evolução. Ali ele vê o grande esquema da evolução e qual é a vontade Divina em relação a ele.

Quando tratando de assuntos em seu próprio plano, e nos que estão abaixo dele, todas as ideias do Ego são ideias completas, apropriadamente delineadas, perfeitas.

Ademais, qualquer coisa imperfeita não seria satisfatória para ele e, na verdade, nem mesmo seria considerada como ideia. Para ele, a causa inclui seu efeito e, portanto, na visão mais ampla que lhe é possível ter, sempre se faz justiça poética, e história alguma pode acabar mal.

Essas suas características se refletem, até certo ponto, em seus veículo inferiores, e as vemos aparecer em nós de várias maneiras. Assim, as crianças sempre pedem que as histórias de fadas acabem bem, que a virtude seja recompensada e o vício vencido: e todas as pessoas não-sofisticadas, cuja mente é sadia, sentem desejo igual. Aqueles que clamam por um realismo do mal são precisamente os que transformaram sua visão da vida em algo mórbido e antinatural porque, em sua filosofia míope, nunca podem ver o todo de um acontecimento, mas apenas um fragmento que aparece em uma encarnação, e quase sempre apenas o mais leve revestimento exterior dele.

Na Quarta Raça Raiz, que se relaciona principalmente com o desenvolvimento do corpo astral e de suas emoções, essa característica de obter o contorno das histórias e exagerá-las muitas vezes é bastante marcada. Isso se constata claramente, por exemplo, nas velhas histórias célticas. O desejo de exatidão científica e de verdade é relativamente recente, e pertence mais especificamente à Quinta Raça Raiz, que se relaciona, principalmente, com o desenvolvimento da mente e do corpo mental. Pessoas da Quinta Raça exigem, pois, que uma coisa seja verdadeira; quando não, passa a ter pouco interesse para elas. As velhas raças, por outro lado, exigem que ela seja agradável e se recusam a sentir-se limitadas em sua apreciação sobre considerações tais como saber se a coisa ocorreu ou não, ou se poderia eventualmente materializar-se no plano físico.

O desejo de exatidão é, assim, a introdução de outra qualidade do Ego, do seu poder de ver com exatidão, de ver uma coisa como ela é como um todo e não apenas uma parte.

Compreendido isso, devemos claramente encorajar e insistir na qualidade de exatidão, e manter registro de fatos diferentes de nossos pensamentos e desejos em relação a esses fatos.

Ainda assim, cultivando a veracidade, não há necessidade de extinguir o romance. É necessário ser exato: não é necessário ser um Gradgrind*. Não precisamos perder de vista a beleza e o romance que estão nas coisas, apenas porque adquirimos um conhecimento científico de pormenores, muitos dos quais podem ser áridos e superficiais. Assim, o açúcar não deixa de ser doce e agradável ao paladar porque aprendemos que sua fórmula química é $C_{12}H_{22}O_{11}$.

*. Grandgrind — personagem altamente materialista do livro *Hard Times*, de Charles Dickens.

A medida que o Ego tem do tempo e do espaço é tão inteiramente diferente da que usamos na vida desperta, que do nosso ponto de vista parece que nem o tempo nem o espaço existem para ele.

Acontecimentos que no plano físico surgem em sucessão parecem, no plano mental, ocorrer simultaneamente e no mesmo ponto. Esse, pelo menos, é o efeito na consciência do Ego, embora pareça provável que a simultaneidade absoluta seja atributo de um plano ainda mais alto, e que a sensação que isso traz ao plano mental é, simplesmente, o resultado de uma sucessão tão rápida que os espaços infinitesimais do tempo não são distinguíveis, tal como os olhos recebem a impressão de um círculo contínuo de fogo, se uma vara com fogo numa das pontas for girada rapidamente. A razão disso, como é natural, está no fato de o olho humano não poder distinguir, como separadas, impressões similares que se seguem uma à outra em menos de, aproximadamente, um décimo de segundo.

Exemplos particulares do que podemos chamar imensa velocidade, com a qual a consciência do Ego opera em seu próprio plano, podem ser encontrados no livro *Sonhos*, de Leadbeater, no qual certo número desses fenômenos são relatados e explicados.

Um resultado produzido pelo método supernormal de medição de tempo usado pelo Ego é dar-lhe a possibilidade de fazer alguma previsão. Se souber como lê-los, o presente, o passado e até certo ponto o futuro estarão abertos diante dele. Indubitavelmente, ele assim antevê, ocasionalmente, acontecimentos que serão de importância para a personalidade inferior, e faz esforços mais ou menos bem-sucedidos para imprimi-los nela.

O homem possui, sem dúvida, livre arbítrio, por isso, a previsão é possível apenas até certo ponto. No caso de um homem comum, será provavelmente possível em grande parte, pois esse homem não desenvolveu a sua vontade num grau que mereça referência e, em consequência é, em grande escala, escravo das circunstâncias. Seu carma o coloca entre determinados ambientes, cuja ação sobre ele é um fator de tal modo importante em sua história, que seu curso futuro pode ser antevisto com certeza quase matemática.

Quando consideramos o vasto número de acontecimentos que são pouco afetados pela ação humana, e também a complexa e extensa relação de causas e efeitos, não nos deveria parecer maravilhoso que, no plano em que os resultados de todas as causas da ação presente são visíveis, uma grande porção do futuro possa ser prevista com exatidão considerável, mesmo quanto a pormenores. Que isso pode ser feito tem sido provado

repetidamente, não só pelos sonhos proféticos, mas pela visão profética dos habitantes da Alta Escócia, e pelas predições dos clarividentes. É sobre a previsão dos efeitos, deduzidos das causas existentes, que se baseia, em grande parte, o esquema da astrologia.

Quando, contudo, tratamos do homem desenvolvido, a profecia falha, pois ele já não é um escravo das circunstâncias mas, em boa parte, seu senhor. Os principais acontecimentos da sua vida podem ser arranjados, de fato, com antecedência, pelo seu carma passado, mas a forma pela qual consentirá que tais acontecimentos o afetem, o método com o qual tratará deles e talvez triunfe sobre eles - esses são seus e não podem ser previstos, exceto como probabilidades. As ações dele, por seu turno, tornam-se causas, e assim se produzem em sua vida cadeias de efeitos que não estavam previstos pelo arranjo original e, portanto, não podiam ser profetizadas com qualquer exatidão.

Podemos dizer, assim, que o curso do homem não-desenvolvido, que não tem, praticamente, vontade própria que mereça referência, pode muitas vezes ser previsto bastante claramente mas, quando o Ego corajosamente toma o futuro em suas próprias mãos, a previsão exata se torna impossível.

O ego que seja desenvolvido meditará em seu próprio nível e essa meditação não se sincroniza, necessariamente, com qualquer meditação que a personalidade possa estar fazendo. A *yoga* de um Ego razoavelmente bem desenvolvido é feita para tentar elevar sua consciência, primeiro para o plano búdico, depois através de seus vários estágios. Isso ele faz, sem referência com o que a personalidade possa estar fazendo na ocasião. Um Ego dessa natureza provavelmente envia também um pouco de si mesmo para a meditação da personalidade, embora suas próprias meditações sejam muito diferentes.

Devemos recordar sempre que o Ego não é apenas Manas ou mente mas a tríade espiritual de Atma-Buddhi-Manas. Em nosso presente estágio de consciência, o Ego fica no corpo causal no plano mental superior mas, ao desenvolver-se, sua consciência será centralizada no plano búdico; mais tarde ainda, quando atinge o Adeptado, ela ficará centralizada no plano de Atma.

Mas não devemos supor que quando ocorre esse desenvolvimento posterior, o Manas fica de algum modo perdido, porque, quando o Ego se eleva para o plano búdico, leva Manas consigo, naquela expressão de Manas que sempre existiu no plano búdico mas que não tinha sido vivificada até então.

Da mesma forma, quando sobe para o plano de Atma Manas e Buddhi existem dentro dele, tão completamente como sempre, deforma que agora o espírito tríplice está em integral manifestação, em seu próprio plano e em seus três aspectos.

O espírito é, portanto, verdadeiramente séptuplo, pois é tríplice em seu próprio plano, o de Atma, duplo no búdico, e único no mental, a unidade que é a sua síntese formando sete. Assim, embora eleve-se para o superior, retém a nitidez do inferior.

O que foi escrito para ser a mais clara e a melhor descrição da trindade humana, Atma-Buddhi-Manas, é encontrado no livro *A Chave da Teosofia*, de H. P. Blavatsky:

O EU SUPERIOR é Atma, o inseparável raio do EU UNO e Universal. É o Deus que está *acima*, mais do que dentro de nós. Feliz o homem que consegue saturar seu Ego *interior* com ele.

O EGO ESPIRITUAL *divino* é a alma espiritual, ou *Buddhi*, em íntima união com *Manas*,

o princípio da mente, sem o qual não há o Ego, mas só o veículo átmico.

O EGO INTERIOR OU SUPERIOR é *Manas*, o quinto princípio, assim chamado independentemente de Buddhi. O princípio da mente é o Ego Espiritual apenas quando se faz um com Buddhi... E a individualidade permanente, ou o Ego reencarnante. (*A Chave da Teosofia*, pp. 175-6.)

Assim que o Ego se torna pelo menos parcialmente consciente daquilo que o rodeia e dos outros Egos, leva uma vida em seu próprio plano, com seus interesses e atividades. Mas mesmo então devemos lembrar-nos, como vimos nos capítulos iniciais, de que ele coloca na personalidade apenas uma parte muito pequena de si próprio, e que essa parte se torna constantemente enredada em interesses que, por serem tão parciais, aparecem muitas vezes em linhas diferentes das atividades gerais do Ego, que conseqüentemente não dá qualquer atenção particular à vida inferior da personalidade, a não ser que algo de pouco comum lhe aconteça.

Quando esse estágio é alcançado, o Ego, habitualmente, fica sob a influência de um Mestre. Na verdade, com frequência, sua primeira consciência clara daquilo que está fora dele é do seu contato com o Mestre. O tremendo poder de influência do Mestre o magnetiza, atrai suas vibrações para se harmonizarem com as dele, e multiplica em muito o ritmo de seu desenvolvimento. Seus raios sobre ele são como luz do sol sobre uma flor, fazendo com que o ego evolua rapidamente. É por isso que nos estágios iniciais o progresso é tão lento, a ponto de ser fazer quase imperceptível; quando porém, o Mestre volta sua atenção para o homem, desenvolve e estimula sua vontade a fim de que tome parte no trabalho, então a velocidade de seu avanço aumenta em progressão geométrica.

Nos capítulos sobre o devacan vimos que um Ego muito amado por muitas pessoas pode ter parte em muitos céus simultaneamente, animando as imagens-pensamentos que seus amigos fazem a seu respeito. Essas imagens são, naturalmente, de grande benefício evolucionário para o Ego em questão, fornecendo-lhe oportunidades para desenvolver qualidades como, por exemplo, a afeição. Esse é, claramente, o resultado direto e a recompensa dessas qualidades amoráveis, que leva ao homem o olhar afetuoso de tantos de seus semelhantes.

Ocasionalmente a ação de tal força sobre o Ego de um amigo sobrevivente pode manifestar-se até na personalidade desse amigo no plano físico porque, embora a ação seja sobre o Ego através da especial imagem-pensamento, ainda assim a personalidade do amigo sobrevivente é uma manifestação desse mesmo Ego; e, se for consideravelmente modificado, é pelo menos possível que tal modificação se revele na manifestação física neste plano inferior.

É óbvio, contudo, que há duas possíveis limitações na perfeição do intercâmbio entre o Ego em questão e aqueles que fazem suas imagens. Em primeiro lugar, a imagem pode ser parcial e imperfeita, de forma que muitas das mais altas qualidades do Ego podem não ser representadas, não conseguindo, portanto, apresentar-se através dela.

Em segundo lugar, é bem possível que o Ego não seja, na realidade, por assim dizer, tão bom quanto a imagem que foi feita dele, de forma que não consegue encaixar-se completamente nela. Isso, contudo, dificilmente ocorrerá, e poderia ter lugar apenas quando um sujeito muito indigno fosse insensatamente idolatrado. Esses aspectos do

assunto, entretanto, foram tratados amplamente em *O Corpo Mental*.

Quanto mais altamente o Ego se desenvolve mais amplamente consegue expressar-se através das imagens-pensamentos, chegando estas a ser sempre as expressões mais completas do mesmo. Quando alcança o nível de Mestre, conscienciosamente emprega-as como forma de ajudar e instruir seus discípulos.

Para ajudar o estudante na obtenção de um entendimento completo do mecanismo e resultados das Imagens-pensamentos no devacan, foram anexados os Diagramas XXXVI e XXXVII.

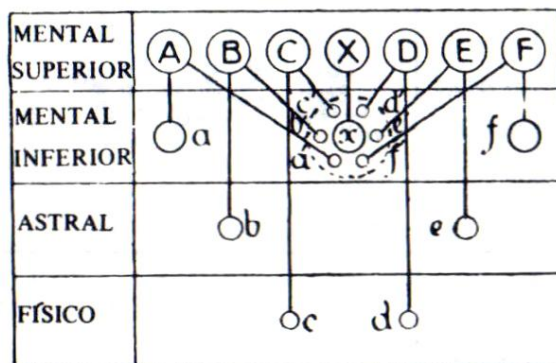


DIAGRAMA XXXVI. Um Ego e suas Imagens-Pensamentos no Devacan.

O Diagrama XXXVI ilustra o ego X, em seu corpo mental x, no devacan, rodeado pelas Imagens-pensamentos a', b', c', d', e' e f' de seus seis amigos A, B, C, D, E e F, respectivamente.

Deles, A e F também estão no devacan, em seus respectivos corpos mentais a e f; B e E estão no plano astral, em seus respectivos corpos astrais b e e; C e D ainda estão "vivos" no mundo físico, em seus corpos físicos c e d.

O diagrama mostra que as imagens-pensamentos feitas por X, de seus seis amigos, são animadas pelos *Egos* A, B, C, D, E e F e portanto diretamente conectadas com eles e *não* com as expressões pessoais desses Egos, quer estejam essas expressões pessoais nos planos físico, astral e mental.

O diagrama indica, claramente, que as personalidades a, b, c etc., não podem saber nada do que está acontecendo através das imagem-pensamentos a', b', c' etc., a não ser através de seus próprios egos A, B, C etc.

O Diagrama XXXVII ilustra quatro egos, A, B, C e D, todos amigos mútuos. A, B e C estão no devacan, enquanto D ainda está em seu corpo físico.

Cada um deles, A, B e C, faz uma imagem-pensamento de seus três amigos, sendo elas animadas pelos respectivos Egos.

A, B, C possuem, cada qual, três expressões de si próprios: uma através de seus corpos mentais e duas através das imagens-pensamentos nos devacans dos outros.

D, por outro lado, possui quatro expressões de si próprio: uma através de sua própria personalidade física, e três mais através das imagens-pensamentos que seus três amigos fizeram dele.

Uma compreensão da forma pela qual um Ego pode aparecer simultaneamente em imagens devacânicas de certo número de pessoas - bem como outros fenômenos do

mundo do Ego - mostra que, a fim de ir de um lugar para o outro, o Ego não tem necessidade de viajar.

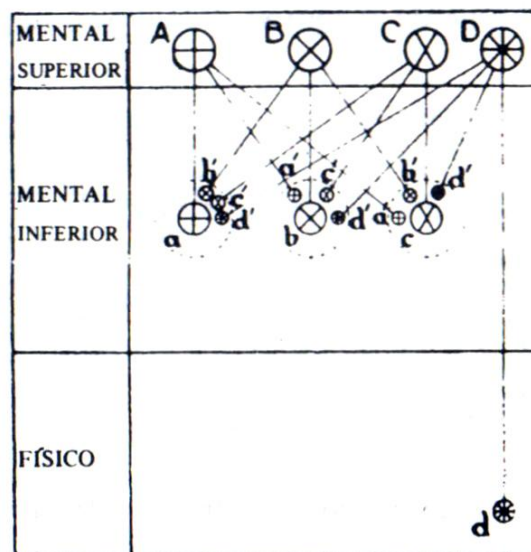


DIAGRAMA XXXVII. Egos no Devacan.

Em *O Corpo Mental* descrevemos o acorde de um homem, e explicamos como esse acorde é usado para encontrá-lo, em qualquer dos três mundos em que possa estar. Esse acorde consiste em sua própria nota mais as de seus três veículos inferiores - mental, astral e físico. Se o homem não tem qualquer desses veículos na ocasião, o mesmo mecanismo serve, porque o corpo causal está sempre ligado à unidade mental e aos átomos permanentes astral e físico, sendo isso suficiente bastante para produzir o som distintivo.

A combinação de sons que produz o acorde de um homem é o seu verdadeiro nome oculto. Isso não deve ser confundido com o nome oculto dos Augoeides que é o acorde dos três princípios do Ego produzido pelas vibrações dos átomos de Atma, Buddhi e Manas, e da Mônada que está por trás deles.

CAPÍTULO XXXI

INICIAÇÃO

Em *O Corpo Astral* e *O Corpo Mental* o caso do Discipulado foi tratado, naquilo que concernia aos corpos astral e mental do discípulo o aluno de um Mestre. Será desejável, agora, recapitular brevemente os fatos principais relacionados com o estágio de Noviciado, de Aceitação e Filiação, porque em cada um deles o corpo causal de certa forma é afetado. Então, trataremos de descrever, no que se refere ao Ego em seu corpo causal, o grande passo da Iniciação, que é a culminância do Discipulado.

No estágio de *Noviciado* - estágio probatório - o Mestre faz uma imagem viva de seu discípulo, modelando a matéria etérica, astral e mental numa contrapartida exata dos corpos etérico, astral e mental do neófito, e mantém essa. Imagem à mão, de forma que possa olhar para ela periodicamente, Essa Imagem é colocada *en rapport* magnético com o próprio homem, de forma que qualquer modificação de pensamento ou sentimento nos próprios veículos do homem, seja fielmente reproduzida na imagem O Mestre tem assim possibilidade de seguir o progresso do aluno e avaliar quando ele estará pronto para dar o passo seguinte.

Quando o discípulo é *Aceito*, o Mestre dissolve a "imagem viva" porque Já não é necessária, A consciência do discípulo está então unida com a do seu Mestre, de tal forma que tudo aquilo que o discípulo pense ou sinta está dentro dos corpos astral e mental de seu Mestre. Se, e quando necessário, o Mestre pode levantar uma barreira e assim, por algum tempo separar a consciência do discípulo da Sua própria.

No estágio de *Filiação*, o vínculo com o Mestre é tal que não só a mente inferior, mas também o Ego no corpo causal do aluno estão envolvidos no de seu Mestre, e este já não pode correr um véu que o separe do discípulo.

Embora esses estágios ajudem muitíssimo na preparação do homem para receber a primeira grande Iniciação, ainda assim, tecnicamente falando nada tem a ver com a Iniciação ou passos no Caminho, que pertence a uma categoria inteiramente diferente. Noviciado, Aceitação e Filiação representam o relacionamento do discípulo com seu próprio Mestre. As Iniciações, por outro lado, são indícios da relação do homem com a Grande Fraternidade Branca e com o seu augusto Chefe.

Estritamente falando, a Grande Fraternidade Branca nada tem a ver com as relações entre o Mestre e seu discípulo; isso é assunto apenas para a particular consideração do próprio Mestre. Quando quer que o Mestre considere que o aluno está preparado para a primeira Iniciação, comunica-lhe esse fato e o apresenta à Fraternidade, que indaga apenas se ele está pronto para a Iniciação, e não qual é o seu relacionamento com o Mestre.

Ao mesmo tempo, é verdade que o candidato à Iniciação deve ser proposto e secundado por dois dos mais altos membros da Fraternidade, e é certo que o Mestre não proporia um homem para os testes da Iniciação a não ser que tivesse, em relação a ele, certeza quanto ao seu preparo, o que só poderia nascer de uma identificação tão íntima com a sua consciência como aquela de que falamos.

Já foi mencionado no Capítulo XIII que, na existência de um homem, há três grandes estágios que ultrapassam em importância todos os outros e que são:

I. INDIVIDUALIZAÇÃO: Quando o homem começa sua carreira como um Ego humano.

II. A PRIMEIRA INICIAÇÃO: Quando o homem se torna membro da Grande Fraternidade Branca.

III. A QUINTA INICIAÇÃO: Quando deixa o reino humano e entra no estágio super-humano; essa é a meta colocada diante de toda a humanidade.

Um homem que recebeu a Primeira Iniciação "entrou na corrente", As palavras usadas na admissão do candidato à Fraternidade incluem essas expressões: "Agora estás seguro para sempre; entraste na corrente; possas depressa alcançar a praia mais além", Os cristãos chamam-no de homem "salvo" ou "seguro". O que se quer significar é que ele está seguro para ir adiante na presente corrente da evolução, e que está certo de não ser rejeitado no "dia do julgamento" ou da "grande separação", na próxima (quinta) Ronda, como criança de escola que está atrasada demais para seguir com o resto da classe.

A importância da Iniciação não está na exaltação do indivíduo, mas no fato de que ele se tornou agora, definitivamente, um com a grande Ordem, a "Comunhão dos Santos", como é chamada na terminologia cristã.

O candidato tornou-se agora mais do que um homem-indivíduo, porque é uma unidade de tremenda força. A Fraternidade não é apenas um corpo de homem, cada um deles com seus próprios deveres a cumprir. É também uma unidade estupenda - um instrumento flexível na mão do Senhor do Mundo, arma poderosa que Ele pode manejar. Unidade alguma desse esquema perde a mínima fração de sua individualidade, mas acrescenta a ela algo que é mil vezes maior.

Quando um Ego é Iniciado - o estudante observará que é o *Ego* que recebe a Iniciação, não a personalidade - torna-se parte da mais unida organização do mundo, *um* com o grande mar de consciência da Grande Fraternidade Branca. Durante muito tempo o novo Iniciado não poderá compreender tudo quanto essa união implica e deve penetrar mais profundamente nos santuários antes que possa entender como é íntimo o vínculo e como é grande a consciência do próprio Rei, o Senhor do Mundo, que todos os Irmãos até certo ponto compartilham com Ele. Isso é incompreensível e inexprimível aqui na terra; metafísica e sutil, ela está além das palavras, porém é, apesar disso, uma gloriosa realidade; real a tal ponto que, quando começamos a percebê-la, tudo o mais parece irreal.

Vimos, anteriormente (ver *O Corpo Mental*), que o discípulo Aceito pode colocar seus pensamentos ao lado dos de seu Mestre. Assim agora o Iniciado pode colocar seu pensamento ao lado do da Fraternidade: e atrair para si, daquela tremenda consciência, tanto quanto for capaz de receber.

No ponto da grande cerimônia em que a Estrela da Iniciação aparece na linha de luz deslumbrante estende-se da Estrela para o coração do Iniciador e daí para o coração do candidato. Sob a influência desse tremendo magnetismo, a minúscula Estrela de Prata da Consciência, que representa a Mônada no candidato, expande-se em resplandecente brilho, até encher o seu corpo causal. E, por um maravilhoso momento, a Mônada e o Ego são um só tal como serão permanentemente um quando o Adeptado for alcançado.

Nessa ocasião, a Mônada se identifica, por um momento, com a fração de si mesma que está no Ego, e é ela, a Mônada, quem recebe os votos.

O efeito da Iniciação no corpo astral já foi descrito em *O Corpo Astral*.

Tão maravilhosa é a expansão da consciência do Iniciado, que é exato falar nisso como em um novo nascimento. O Iniciado começa por levar uma vida nova "como uma criancinha", a vida do Cristo; o Cristo, a consciência búdica ou intuicional, nasceu dentro de seu coração.

Tem agora também o poder de dar a bênção da Fraternidade, uma tremenda força toda-poderosa que ele tem condições para dar ou enviar a qualquer pessoa, conforme considere Justo, apropriado e útil. O poder da Fraternidade fluíra através dele, tanto quanto ele deixar que flua. Fica ao seu critério usar o poder e recordar que ele tem inteira responsabilidade de dirigi-lo, seja qual for o propósito que a isso o leve. A bênção dada pelo Oficiante, na Iniciação, significa: "Eu te abençoo; passo a ti minha força e minha bênção; que tu constantemente passes, por tua vez, esta bênção a outros".

Se o Iniciado possui a qualidade de Shraddha - perfeita confiança em seu Mestre e na Fraternidade e a máxima certeza de que, por ser um com eles, todas as coisas lhe são possíveis -, pode seguir pelo mundo como um verdadeiro Anjo de luz, espalhando alegria e bênçãos ao longo de seu caminho.

Antes da Iniciação, o aluno provavelmente já praticou o desenvolvimento da consciência búdica em si próprio, de forma que tem tido, habitualmente, experiência nesse nível. Mas, se não a tem, a Iniciação é então a sua primeira experiência.

Não obstante, na Iniciação o homem não alcança a completa consciência búdica nem de forma alguma desenvolve um veículo búdico nessa ocasião. Porém, dado o fato de que alguns dos ensinamentos que devem ser dados no nível búdico não poderiam de outra forma ser compreendidos, certo ponto de desenvolvimento dos veículos búdicos parece ser necessário.

Quando a consciência é elevada ao veículo búdico, uma coisa muito notável acontece ao corpo causal: *ele desaparece*, e o Iniciado não fica obrigado de forma alguma a reavê-lo. Naturalmente isso não pode ser feito até que todo o carma dos planos inferiores seja esgotado, uma vez que o homem não está livre dos resultados vinculadores, nos planos inferiores, enquanto não estiver totalmente desinteressados deles. Se um indivíduo, quando ajuda outro, sente-se perfeitamente em unidade com ele, então obtém o resultado da sua ação apenas no plano búdico e não em qualquer outro dos planos inferiores.

Outro fator interessante para ter em mente é que existe sempre um carma geral, pertencente a uma ordem ou a uma nação, e que cada indivíduo é, até certo ponto, responsável pela ação do todo. Assim, por exemplo, um sacerdote tem certa responsabilidade por tudo quanto a coletividade sacerdotal faz, mesmo que ele possa não aprovar isso pessoalmente.

É o simples fato de se focalizar no veículo búdico que leva o corpo causal a se desvanecer. Depressa, contudo, conforme a consciência desce novamente para o plano mental superior, o corpo causal reaparece. Não é o mesmo que era antes porque as partículas foram dissipadas, mas parece, sob todos os aspectos, o mesmo corpo.

No plano búdico, o fio mais fino que possamos conceber representa o homem comum.

Assim que ele pensa regularmente em coisas mais elevadas, e volta para elas as suas atenções, o fio começa a fazer-se mais espesso. Torna-se cada vez mais parecido a um cabo e, mais tarde, será como um funil, porque, tal como parece à visão clarividente, alarga-se na parte de cima e desce para o corpo causal. Mais tarde, o corpo causal aumenta com a introdução de forças e o funil torna-se muito maior, alargando-se tanto no fundo como no topo. Na Primeira Iniciação - para muitos, contudo, essa experiência vem antes dela - o homem, como vimos, abandona o corpo causal e mergulha no plano búdico. Quando isso acontece, o funil muda de forma e faz-se uma esfera. Naquele nível existem naturalmente mais dimensões de forma que o fenómeno não pode ser integralmente descrito, mas assim ele parece aos que o podem ver.

Diante do que ficou dito acima, isto é, que não há imposição para que assuma de novo o corpo causal, segue-se que o tempo que resta ao Iniciado, antes de alcançar o nível do Adeptado, não inclui uma descida ao plano físico, portanto ele pode não se submeter ao que habitualmente chamamos de encarnações.

Não obstante, na grande maioria dos casos, encarnações sobre o plano físico são realizadas porque o homem tem trabalho a fazer nesse plano, para a Grande Fraternidade.

A consciência búdica dá ao homem uma compreensão da Consciência Una, que abrange tudo - a Consciência Una de Deus, de fato. Tal compreensão dá um senso de segurança e confiança, o mais extraordinário impulso e estímulo imagináveis. Ainda assim, de início isso pode ser alarmante, porque o homem pode sentir que está-se perdendo, o que, naturalmente, não é o caso. Cristo disse: "Aquele que perder sua vida por amor de mim, a encontrará". Cristo representa o princípio búdico e está dizendo: "Aquele que por amor de mim - isto é, pelo desenvolvimento do Cristo em si próprio - puser de lado o veículo causal, no qual tem vivido tão longamente, se encontrará; encontrará a vida superior, muito mais elevada". É preciso coragem para fazer isso, e é uma experiência espantosa a primeira vez que alguém fica inteiramente no veículo búdico e descobre que o corpo causal, do qual ele vem dependendo há milhares de anos, se desvaneceu. Porém, quando a experiência de fato vem, o homem saberá com absoluta certeza que o Eu é um. A ideia não pode ser transmitida e nada jamais abalará aquela certeza.

Quando a consciência búdica atua plenamente no cérebro físico, dá um tal valor novo aos fatores da vida, que o homem já não *olha* para uma pessoa ou objeto, mas *é* aquela pessoa ou objeto. Tem possibilidade de identificar os motivos de outros como seus próprios motivos, embora compreenda que outra parte de si mesmo, possuindo mais conhecimento ou um ponto de vista diferente, pode agir de forma bastante diferente.

Não se deve supor, entretanto, que quando o homem entra na subdivisão mais baixa do plano búdico fique imediatamente com *inteira* consciência de sua unidade com tudo quanto existe. Essa perfeição do sentido só chega como resultado de muita luta e muita angústia, quando ele alcança a mais alta subdivisão do plano búdico. Passo a passo, de um subplano a outro, o aspirante deve fazer o caminho por si mesmo, porque, mesmo naquele nível, diligência e esforço ainda são necessários se se quiser fazer progressos.

Esse trabalho de fazer o próprio desenvolvimento, de subplano em subplano, está agora diante do candidato. Agora, ele está definitivamente no Caminho da Santidade, e é descrito, no sistema budista, como o Sotapatti ou Sohan, "aquele que entrou na corrente";

entre os hindus é chamado o Parivrajaka, que significa o "nômade", aquele que já não sente que qualquer lugar dos três mundos inferiores seja seu habitat ou refúgio.

O assunto referente à consciência búdica será considerado um tanto mais amplamente no próximo capítulo.

Três fatores, todos interdependentes, estão envolvidos na capacidade de o homem receber a primeira Iniciação. *Primeiro*: deve estar de posse de um número suficiente das conhecidas "Qualificações" (ver *O Corpo Mental*!). *Segundo*: o Ego deve ter exercitado de tal forma seus veículos inferiores, que chegue a poder funcionar perfeitamente através deles, quando assim o deseje. Para expressar-nos de outra forma, ele deve ter efetuado o que é chamado junção do Eu inferior com o Eu superior. *Terceiro*: deve ser suficientemente forte para suportar a grande tensão envolvida, que se estende até mesmo ao corpo físico.

Todos os Iniciados, contudo, de forma alguma são iguais em desenvolvimento, assim como todos os homens que recebem o doutorado não têm conhecimentos iguais. Embora haja certo nível prescrito para a Iniciação, alguns podem ter ido além do mínimo exigido.

Daí, por motivos idênticos, pode haver considerável intervalo entre as Iniciações. Um homem que acabou de receber a primeira Iniciação pode, não obstante, possuir uma cota considerável de qualificações para a Segunda. Portanto, para ele, o intervalo entre as duas pode ser desusadamente curto. Por outro lado, quem tem a força apenas suficiente, em todas as direções, para capacitá-lo a receber a Primeira, terá que desenvolver lentamente, dentro de si próprio, todas as faculdades adicionais e o conhecimento necessário para a Segunda, e assim o seu intervalo será provavelmente mais longo.

A Iniciação tem o efeito de alterar a "polaridade" dos veículos mental e causal de um homem, de forma que ele possa ser usado como outros não o podem ser, por muito altamente que se tenham desenvolvido em outras linhas.

Comparando a Primeira Iniciação com a Quinta, vimos que para a Primeira o Eu superior e inferior devem estar unificados, de forma que nada mais exista trabalhando na personalidade a não ser o Ego; para a Quinta, não deve haver coisa alguma no Ego que não seja aprovado e inspirado pela Mônada.

Sempre que a Mônada faz contato com nossas vidas aqui embaixo vem lá de cima como um deus. Em todos os casos de Iniciação ela traz seu Pampejo, e, por um momento, unifica-se com o Ego, da mesma forma que a Mônada e o Ego serão permanentemente quando o Adeptado for atingido. Em certos outros momentos importantes e críticos, a Mônada traz seu Pampejo, como no caso mencionado em *As Vidas de Alcione*, quando Alcione fez uma promessa ao Senhor Buda.

Assim, na Primeira Iniciação, a personalidade deixa de ter vontade própria - a não ser quando se esquece - e vive apenas para servir o superior. O Ego é agora ativo através da personalidade nos planos inferiores, e está começando a compreender a existência da Mônada e a viver de acordo com a vontade dela. A própria Mônada determinou o caminho para a evolução do Ego; e este não pode escolher outro porque está conseguindo a expressão de si próprio, libertando-se da dependência, mesmo dos planos superiores.

Outra forma de expressar essa verdade é dizer que, tal como um homem no Caminho Probatório tem que aprender a livrar-se de tudo o que chamamos de personalidade, o Iniciado tem de se livrar da sua individualidade, do Ego reencarnante, de forma que ao fim

do Caminho sua vida esteja inteiramente sob a direção da Mônada.

A individualidade, ou Ego, é uma coisa maravilhosa, complexa, inexcivelmente bela e maravilhosamente adaptada ao seu ambiente, um ser glorioso na verdade. A ideia de um Eu separado está impregnada em nós, e faz parte do próprio Ego, que é a única coisa permanente em nós, tanto quanto sabemos. Nos estágios iniciais, a ideia do Eu separado teve de ser desenvolvida e fortalecida, sendo, de fato, a fonte de nossa força no passado. Apesar disso, essa "erva gigantesca" tem de ser arrancada em algum momento. Os homens fortes podem arrancá-la de si no início de seu desenvolvimento. Os fracos devem esperar e deixar que ela vá crescendo, enquanto desenvolvem força suficiente para matá-la. Para eles isso é um infortúnio, porque, quanto mais ela persistir mais intimamente se enreda com a natureza do homem.

Por isso, todos os sistemas de ensinamentos ocultísticos concordam em alertar os estudantes para que tentem, desde o início, livrar-se da ilusão da separação. O homem tem de aprender que atrás da individualidade está a Mônada; ela lhe parecerá ser o verdadeiro Eu quando tiver deixado de lado a individualidade. Para além até mesmo disso, na ocasião devida, ele terá de aprender e compreender por si mesmo que mesmo a Mônada é apenas uma fagulha da Chama Eterna.

Apenas quando o Eu inferior, ou personalidade, se torna puro de todo o sopro de paixão, quando o Manas inferior se livra de Kama, o "ser resplandecente" pode influir sobre ele. H. P. Blavatsky escreve: "Quando essa trindade - Atma-Buddhi-Manas -, em antecipação da triunfante reunião final além dos portões da morte corpórea, torna-se, por alguns segundos, uma unidade, é que o candidato tem permissão, no momento da Iniciação, para contemplar seu futuro Eu. Isso é o que devemos entender por 'resplandecente', de que fala o *Desatir* persa; é o que devemos entender por Augoeides - o que brilha por si mesmo -, "abençoada visão residente na pura luz dos filósofos-iniciados gregos; é o que devemos entender pelas palavras de Porfírio, quando diz que Plotino havia-se unido com o seu 'deus' por seis vezes durante a sua vida, e assim por diante". (*Isis Sem Véu*, II, pp. 114-115.)

Essa "trindade" feita unidade é o "Cristo" de todos os místicos. Quando, na Iniciação final, o candidato é estendido no chão, ou no altar de pedra, e assim tipifica a crucificação da carne, ou natureza inferior, e quando dessa "morte" ele se "levantou novamente" como triunfante conquistador, vencedor do pecado e da morte, vê, então, no momento supremo, diante de si, a presença gloriosa, e torna-se "um com Cristo": ele próprio é o Cristo. Daí por diante poderá viver no corpo, mas terá se tornado um instrumento obediente. Terá se unido com o verdadeiro Eu, Manas unificado com Atma-Buddhi e, através da personalidade que habita, manejará seus poderes integrais como Inteligência espiritual e imortal.

Enquanto ainda estava lutando nas azáfamas da natureza inferior, Cristo, o Ego espiritual, era diariamente crucificado nele, mas no Adepto completo, o Cristo ergueu-se triunfante, senhor de si próprio e da natureza. A longa peregrinação de Manas está terminada, o ciclo da necessidade foi percorrido, a roda do renascimento deixou de girar, o Filho do Homem tornou-se perfeito pelo sofrimento.

Enquanto esse ponto não é atingido, "o Cristo" é o objeto da aspiração. O "raio" está sempre lutando para retornar à sua fonte de origem, o Manas inferior sempre aspirando a voltar a ser um com o superior. É um contínuo anseio de reunião que se manifesta como

preces, como inspiração, como "procura de Deus". "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" - grita o ansioso cristão. Esse grito é o impulso inextinguível do Eu inferior para o Eu Superior. Que a pessoa faça sua oração para Buda, para Vishnu, para o Cristo, para a Virgem, para o Pai, isso é naturalmente uma questão de dialeto, não do fato essencial.

No topo, o Manas unido a Atma-Buddhi é o objeto real, chamado de várias maneiras: o homem ideal, o Deus pessoal, o Deus-Homem, o Deus-Encarnado, a Palavra feita carne, o Cristo que deve "nascer" em cada um com o Qual o crente deve se unificar.

Quando o homem chega a entrar no Caminho, e converge todas as suas energias nele, seu ritmo de progresso é imensamente acelerado. Seu progresso não será feito em progressão aritmética isto é no ritmo de 2, 4, 6, 8 etc., nem em progressão geométrica, isto é, no ritmo de 2, 4, 8, 16 etc., mas por poderes ao ritmo de 2, 4, 16, 256 etc. Esse fato deve conferir grande encorajamento ao estudante sério.

CAPÍTULO XXXII

CONSCIÊNCIA BÚDICA

Diante do fato de a Primeira Iniciação envolver experiências quanto à consciência búdica, é desejável ampliar o que ficou dito no capítulo precedente em relação à natureza da consciência no plano búdico.

Não será preciso dizer ao estudante que toda a descrição da consciência búdica é, necessária e essencialmente defectiva. É impossível, em palavras físicas, dar mais do que um mero indício do que é a consciência superior, porque o cérebro físico é incapaz de aprender a realidade.

É bastante difícil formar um conceito dos fenômenos do plano astral, havendo quatro dimensões no mundo astral. No mundo búdico não há menos de seis dimensões, de forma que isso, como é evidente, aumente enormemente as dificuldades.

Há um diagrama engenhoso (pelo qual o autor fica muito agradecido ao desenhista desconhecido), reproduzido como Diagrama XXXVIII, que ilustra graficamente a diferença fundamental entre o plano búdico e todos os planos abaixo dele.

O diagrama consta de certo número de raios que *se sobrepõem num dado ponto*. Esse ponto de sobreposição é o início do plano búdico.

As pontas dos raios representam a consciência física do homem: são separadas e distintas umas das outras. Os raios sobem para o centro e vemos que a consciência astral é um pouco mais larga, de forma que as consciências dos homens separados se aproximam um pouco mais umas das outras. A consciência do mental inferior se aproxima ainda mais uma da outra, enquanto a consciência mental superior, em seu nível mais alto, junta-se com as outras no ponto em que a consciência búdica tem início.

Veremos agora que a consciência búdica de cada "homem" individual e separado sobrepõe-se às consciências separadas de cada lado dele. Essa é uma ilustração gráfica do aspecto de "sobreposição" da consciência búdica, na qual se experimenta um senso de união com os demais.

À proporção que essa consciência se eleva ainda mais para os planos superiores, veremos que se sobrepõe àquelas de ambos os lados, cada vez mais, até que eventualmente, quando o "centro" é atingido, há, praticamente, uma emersão completa da consciência. Não obstante, cada raio separado ainda existe e tem sua própria direção e perspectiva. Olhando *para fora*, em direção dos mundos inferiores, cada consciência parece estar em direção diferente: isso é um aspecto da consciência central única. Olhando para dentro, por outro lado, essas direções divergentes se encontram todas e se unificam.

O senso de união é característico do plano búdico. Nesse plano, todas as limitações começam a cair, e a consciência do homem se expande até que ele compreenda, não mais apenas em teoria, que a consciência de seus companheiros está incluída dentro da sua própria; sente, conhece e experimenta, com absoluta perfeição e simpatia, tudo quanto está neles, porque é na realidade, parte de si próprio.

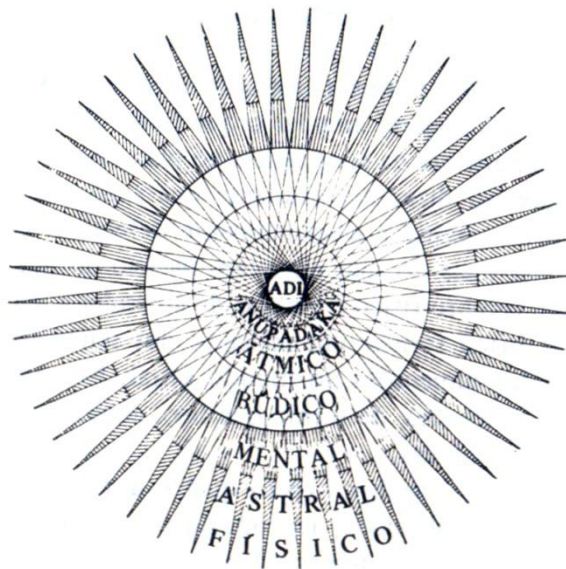


DIAGRAMA XXXVIII. Unidade na Diversidade

Nesse plano, o homem sabe, não por mera apreciação intelectual, mas por definida experiência, que a humanidade é uma fraternidade, por causa da unidade espiritual que a sustenta toda. Embora ele ainda seja a própria pessoa que é, e sua consciência lhe pertença, ela de tal modo se alargou a ponto de conter uma simpatia perfeita em relação à consciência dos outros, e assim ele compreende que é verdadeiramente apenas uma parte do todo que é uma potência.

Como um ser exposto ao sol, banhado em sua luz e irradiando a de si não sente diferença entre raio e raio, mas continua a irradiá-la tanto por um como por outro deles, assim o homem no plano búdico *sente* a fraternidade e se lança para quem quer que precise de sua ajuda. Vê todos os seres como a si próprio, e sente que tudo quanto tem pertence tanto a eles como a si mesmo; em muitos casos, pertence mais aos outros do que a si próprio, porque eles necessitam mais e podem menos.

Como o elemento predominante no corpo causal é o conhecimento e a sabedoria definitiva, assim o elemento predominante na consciência do corpo búdico é a beatitude e o amor. A serenidade da sabedoria caracteriza o primeiro, ao passo que a mais terna compaixão emana inesgotavelmente do outro.

Por isso, o corpo búdico é chamado pelos Vedantas o Anandamayakosha ou invólucro-beatífico. Esta é a "casa que não é feita com as mãos, eterna nos céus", da qual falou São Paulo, cristão Iniciado. Ele colocou a caridade, o puro amor, acima de todas as outras virtudes, porque só com esses sentimentos o homem pode, na terra, contribuir para aquela gloriosa moradia. Por motivo semelhante o isolamento é chamado a "grande heresia" pelos budistas, e a união ou *ioga* é a meta do hindu.

Um homem egoísta não pode funcionar no plano búdico, porque a verdadeira essência desse plano é a perfeita compreensão e simpatia, que excluem o egoísmo.

Há uma classe de conexão entre os corpos búdico e astral, sendo o astral, sob vários aspectos, um reflexo do búdico. Mas nem por isso se deve supor que o homem pode saltar

da consciência astral para a búdica sem desenvolver os veículos intermediários.

Embora, no mais alto nível do plano búdico o homem se torne um com os demais, não devemos por isso imaginar que ele se sinta igual a todos. Não há, de fato, razão alguma para supor que sempre nos sentiremos absolutamente iguais em relação a toda gente. Porque mesmo o Senhor Buda teve seu discípulo predileto, Ananda, e Cristo considerava São João, o Bem-Amado, de uma forma diferente dos demais. A verdade é que, futuramente, os homens amarão a todos como agora amam os mais próximos e mais queridos, mas por esse tempo terão desenvolvido, para com esses mais próximos e mais queridos, um tipo de amor do qual não temos nenhum conceito agora.

Não há separação no plano búdico. Nesse plano, como foi dito, a consciência não emerge instantaneamente do nível mais baixo, mas vai gradualmente se fazendo cada vez mais ampla, até que, alcançado o mais alto nível, o homem se sinta conscientemente um com a humanidade. Esse é o nível mais baixo, no qual a separatividade absolutamente não existe; em sua plenitude, a *unidade* consciente com todos pertences ao plano átomico ou nirvânico.

A todo Ego que alcança esse estado de consciência parecerá que absorveu ou incluiu todos os demais. Percebe que todos são facetas da Consciência maior; chegou, de fato, à compreensão da velha fórmula: "Tu és Aquele".

Devemos lembrar que, embora a consciência búdica leve o homem à união com tudo que é glorioso e maravilhoso nos outros até mesmo à união com os próprios Mestres, ela também leva-o a harmonizar-se com os viciosos. e com os criminosos. Os sentimentos destes devem ser experimentados, assim como a glória e o esplendor da vida superior. Quando a separatividade é abandonada e a unidade compreendida, o homem descobre que imergiu na Vida Divina, e que a atitude de amor é a única que pode adotar em relação aos seus companheiros de existência, sejam eles grandes ou pequenos.

O Ego, embora vivendo no corpo causal, já reconhece a Divina Consciência em tudo. Quando observa outro Ego, sua consciência dá um salto por assim dizer, para reconhecer nele o Divino. '

No plano búdico, porém, já não salta para recebê-lo do *exterior*, pois que está entesourado em seu coração. Ele é essa consciência e ela é *sua*. Já não existe o "tu" e o "eu", porque ambos são um - facetas de algo que transcende e, contudo, os inclui a ambos.

Não é apenas o fato de compreendermos outro homem mas o de nos sentirmos como agindo através dele, e de apreciar seus motivos; como nossos próprios motivos, mesmo que, conforme ficou dito no capítulo precedente, possamos .compreender perfeitamente que outra parte de nós mesmos, possuidora de maior conhecimento ou de um diferente ponto de vista, possa agir de maneira bastante diferente.

O senso de propriedade pessoal nas qualidades e nas ideias desaparece, porque vemos que essas coisas são realmente comuns a todos, já que são parte da grande realidade que está igualmente atrás de todos.

Por isso, O orgulho pessoal no desenvolvimento individual, torna-se uma impossibilidade total, porque agora vemos que o desenvolvimento pessoal não passa do crescimento de uma folha entre as milhares de folhas de uma árvore, e que o fato importante não está no tamanho ou no feitio daquela folha em particular, mas em sua

relação com a árvore como um todo porque é apenas da árvore como um todo que podemos, de fato, afirmar um crescimento permanente.

Cessamos inteiramente de responsabilizar os outros por serem diferentes de nós mesmos. Ao invés disso, passamos a notá-los simplesmente como outras manifestações da nossa própria atividade, porque agora vemos razões que antes nos estavam ocultas. Mesmo o homem mau é visto como parte de nós próprios - uma parte fraca. Assim, nosso desejo não é culpá-lo, mas ajudá-lo, pondo força naquela parte fraca de nós próprios, de forma que todo o corpo da humanidade possa ser vigoroso e sadio.

Assim, quando um homem se eleva ao plano búdico, pode ganhar a experiência de outros; por isso não é necessário que cada Ego passe por todas as experiências como indivíduo separado. Se não quiser sentir o sofrimento alheio, pode recolher-se, mas preferiria senti-lo porque deseja ajudar. Envolve em sua própria consciência aquele que está sofrendo, e embora o sofredor nada saiba desse envolvimento, isso, ainda assim, diminuirá até certo ponto a sua dor.

No plano búdico há uma nova faculdade que nada tem de comum com as faculdades dos planos inferiores, porque o homem reconhece objetos através de um método inteiramente diferente, no qual as vibrações externas não tomam parte. O objeto torna-se parte dele, e ele o estuda internamente e não pelo exterior.

Com semelhante método de apreensão, está claro que muitos objetos familiares tornam-se inteiramente irreconhecíveis. Mesmo a visão astral capacita a pessoa a ver os objetos de todos os lados de uma só vez, bem como por cima e por baixo, e a isso acrescenta-se mais a complicação de que todo o interior do corpo fica aberto diante de nós, como se cada partícula fosse separada e disposta sobre uma mesa. Além disso, há o fato de que embora olhemos para essas partículas, estamos, ao mesmo tempo, dentro de cada uma delas e olhando através delas, e é evidente que se torna impossível constatar qualquer semelhança com o objeto que conhecíamos no mundo físico.

Embora a intuição do corpo causal identifique o *exterior*, a intuição de Buddhi reconhece o *interior*. A intuição intelectual capacita a pessoa a identificar uma coisa *fora* de si mesmo: com a intuição búdica a pessoa vê uma coisa por *dentro*.

Assim, se quando estamos trabalhando no corpo causal, quisermos compreender outra pessoa a fim de ajudá-la, voltamos nossa consciência para o corpo causal dessa pessoa e estudamos as suas peculiaridades. São bastante marcadas e claramente visíveis, mas são sempre vistas pelo lado de fora. Se, desejando o mesmo conhecimento, levantamos nossa consciência para o plano búdico, descobrimos que a consciência do outro homem é parte de nós próprios. Descobrimos um ponto da consciência que o representa - e podemos antes chamar a isso um orifício e não um ponto. Podemos nos introduzir por esse orifício e entrar na sua consciência, em qualquer nível inferior que desejarmos, portanto podemos ver precisamente tudo, tal como ele vê é por dentro dele e não por fora. É facilmente entendido o quanto isso propicia perfeita compreensão e simpatia.

Contudo, como ficou dito antes, em todo esse estranho avanço não há sensação de perda da individualidade, embora haja uma sensação máxima de perda da separatividade. Embora possa parecer um paradoxo isso é verdade. O homem recorda tudo quanto ficou

atrás dele. Ele é o mesmo homem que produziu a ação, esta ou aquela, no distante passado. De forma alguma se modificou, exceto que agora é muito mais do que era antes, e sente que *inclui* dentro de si próprio também muitas outras manifestações.

Se, aqui e agora, uma centena de pessoas entre nós pudesse simultaneamente elevar a consciência até o plano búdico, seríamos todos uma só consciência, mas para cada homem essa consciência pareceria ser a sua inteiramente intacta, a não ser que agora também incluiria as demais.

A visão búdica revela uma pessoa não como um recinto fechado mas como uma estrela irradiando para todas as direções: os raios dessa estrela transpassam a consciência do observador, de forma a ser ela sentida como parte dele, embora não muito perfeitamente. Todos os observadores concordam em que é impossível, a não ser por uma série de contradições, descrever o estado búdico de consciência.

O poder de identificação é adquirido, não só em relação à consciência das pessoas, mas em relação a tudo o mais no plano búdico. Tudo é aprendido, como foi dito, por dentro e não por fora. Aquilo que estamos examinando tornou-se parte de nós, e nós examinamos como uma espécie de sintoma em nós mesmos. Essa característica constitui, obviamente, uma diferença fundamental. Antes que possa ser alcançada, o máximo do altruísmo deve existir porque enquanto houver qualquer coisa de pessoal no ponto de vista do discípulo, ele não poderá fazer qualquer progresso na consciência búdica, que depende da supressão da personalidade.

H. P. Blavatsky diz que "Buddhi é a faculdade de percepção, o canal através do qual o conhecimento divino chega ao Ego, o discernimento do bem e do mal, bem como a divina consciência e a alma espiritual, que é o veículo de Atma . (*A Doutrina Secreta*, I, p. 2.) Muitas vezes se fala nessa faculdade como o princípio do discernimento espiritual.

No sistema *loga, turiya* - um elevado estado de transe - é relacionado com a consciência búdica, tal como *sushupti* é relacionada com a consciência mental, *svapna* com a astral, e *jagrat* com a física. Essas palavras, entretanto, são usadas também com outras significações, sendo mais relativas do que absolutas. (Ver *O Corpo Mental*, p. 146.)

Nos Seis Estágios da Mente, dados em *O Corpo Mental*, o de *nirudha*, ou autocontrolado, corresponde à atividade no plano búdico.

No corpo físico, o *prana* amarelo que entra no chakra do coração, ou centro de força, representa o princípio de Buddhi.

Embora no plano búdico um homem ainda tenha um corpo definido, ainda assim sua consciência parece igualmente presente num vasto número de outros corpos. A teia da vida, que é construída de matéria búdica, estende-se de tal forma que inclui essas outras pessoas, de maneira que, ao invés de muitas pequenas teias separadas, há uma vasta teia que a todos envolve numa vida comum.

Muitos desses outros podem, naturalmente, estar inteiramente inconscientes dessa modificação, e para eles sua pequena parte particular na teia ainda parece tão separada como sempre, ou pareceria, se eles alguma coisa soubessem sobre a teia da vida. Assim, a partir desse ponto de vista, e nesse nível, parece que toda a humanidade está ligada, reunida por fios dourados, formando uma unidade complexa, não mais *um* homem, mas *homem* no abstrato.

No plano búdico, de alguma forma que é naturalmente bastante incompreensível para o cérebro físico, o passado, o presente e o futuro existem simultaneamente. O homem, naquele plano, também já não está sujeito às limitações do espaço como o conhecemos no plano físico. Por isso, lendo os Registros Acásicos (ver *O Corpo Mental*) ele já não precisa, como no plano mental, passar em revista uma série de acontecimentos, como foi dito, porque o passado, o presente e o futuro apresentam-se a ele simultaneamente.

Com a consciência integralmente desenvolvida no plano búdico, portanto, é possível uma previsão perfeita, embora naturalmente o homem não possa - e de fato não pode - trazer todo o resultado completo para a sua consciência inferior. Não obstante, grande parte da clara previsão está obviamente dentro das suas possibilidades, quando quer que deseje exercer esse poder. E mesmo quando não o está exercendo, frequentes lampejos de presciência vêm através de sua vida comum, de sorte que muitas vezes ele tem uma intuição instantânea das coisas que vão acontecer mesmo antes do seu começo.

A extensão do plano búdico é tão grande, que aquilo que podemos chamar o corpo búdico dos diferentes planetas da nossa cadeia, encontram-se uns aos outros, de forma que há apenas um corpo búdico para toda a cadeia. Por isso é possível para um homem, em seu corpo búdico, passar de um planeta para outro.

Podemos notar aqui que um átomo de matéria búdica contém 49^3 ou 117.649 "bolhas de *koilon*";

Um homem que possa elevar sua consciência ao nível atômico do plano búdico, encontra-se tão absolutamente em união com todos os outros homens que, se quiser encontrar outro homem, só tem que se pôr na linha daquela outra pessoa para encontrá-la.

O que se segue pode ser tomado como um exemplo do trabalho da consciência búdica. Toda a beleza, seja de forma ou de cor, seja na natureza, seja na estrutura humana, nas grandes realizações da arte ou no mais humilde utensílio caseiro, não é senão uma expressão da Beleza Única. Portanto, nas coisas mais simples, desde que sejam bonitas, toda a Beleza está implicitamente contida, e assim, através dela, toda a Beleza pode ser compreendida, e Ele, que é a própria Beleza, pode ser alcançado. Para compreender inteiramente isso é necessária a consciência búdica, mas mesmo em níveis bem mais baixos a ideia pode ser usada com proveito.

Conforme disse um Mestre: "Não vedes que há apenas Um Amor, que há apenas Uma Beleza? O que quer que seja belo, em qualquer plano, assim o é porque é parte dessa Beleza e, se a remontarmos suficientemente, sua conexão se tornará manifesta. Toda Beleza é de Deus, como todo Amor é de Deus; e, através de Suas Qualidades, aquele que é puro de coração sempre pode chegar até ele".

O completo desenvolvimento do veículo búdico, contudo, pertence ao estágio de Arhat, embora aqueles que ainda estejam bem longe de tal nível possam ganhar, de várias formas, toques de consciência búdica.

Buddhi no espírito humano é a Razão pura e compassiva, que é o Aspecto-Sabedoria, o Cristo no homem.

No curso normal da evolução, a consciência búdica será gradualmente envolvida na sexta sub-raça da Quinta Raça Raiz, e ainda mais na própria Sexta Raça Raiz.

Podemos notar a vinda da sexta sub-raça nas pessoas que se encontram dispersas na quinta sub-raça, nas quais a ternura é a marca de poder. É o espírito sintetizador que caracteriza a sexta sub-raça. Seus membros são capazes de unir diversidade de opinião e de caráter, de reunir em torno deles os elementos mais diversos e misturá-los num todo comum, com a capacidade de tomar para si as diversidades e enviá-las de volta como unidades utilizando as mais diversas capacidades, encontrando um lugar para cada um e consolidando todos numa totalidade forte.

A compaixão é fortemente marcada: é aquela qualidade que se sente imediatamente afetada pela presença da fraqueza, atendendo-a com paciência, com ternura e com proteção. O senso de unidade e compaixão será uma força e um poder a serem usados no serviço; a medida da força sendo também a da responsabilidade e do dever.

CAPÍTULO XXXIII

O EGO E A MONADA

No Capítulo III estudamos a Chegada da Mônada e consideramos brevemente a natureza geral das Mônadas. No capítulo sobre a Iniciação, tratamos com os efeitos que a Iniciação produz no relacionamento entre a Mônada e o Ego. Agora será conveniente considerar as informações de que dispomos no que se refere ao relacionamento entre o Ego e a Mônada, e também tratar um pouco mais amplamente da natureza da própria Mônada e da sua atitude quanto às suas manifestações nos mundos inferiores.

Voltando-nos primeiro para a natureza da própria Mônada, deparamos com uma dificuldade para as nossas investigações: não há nenhuma observação direta da Mônada em seu próprio plano. O plano no qual a Mônada reside - o plano Anupadaka - está, presentemente, para além do alcance dos nossos investigadores clarividentes, e o máximo que eles podem realmente saber sobre o homem, pela observação direta, é a manifestação da Mônada como Espírito Tríptico no plano de Atma. Mesmo nesse estágio ela é incompreensível, pois seus três aspectos são muito diferentes, e aparentemente separados, embora sejam todos fundamentalmente um e o mesmo.

Embora ninguém abaixo do nível de Adepto possa ver a Mônada, o Arhat pode conhecer a sua existência, porque, no plano de Atma, a tríptica manifestação pode ser percebida, e os raios que formam essa tríptica manifestação convergem, obviamente, quando se elevam para o ponto mais alto. Portanto, podemos perceber que eles devam tornar-se um, embora a unidade real esteja fora do alcance da visão.

Já nos referimos à possibilidade de focalizar a consciência no mais alto nível do corpo causal, levantando os olhos para a linha que reúne o Ego e a Mônada, e através dessa visão compreender a identidade com a Deidade.

Talvez a forma menos enganadora, na qual podemos imaginar a verdadeira natureza da Mônada, é pensar nela como uma parte de Deus - uma parte d'Aquele que é indivisível. Embora, infelizmente, isso seja um paradoxo para o intelecto finito, ainda assim encerra uma verdade eterna, que está muito além da nossa compreensão, porque cada Mônada é literalmente uma parte de Deus, aparentemente separada temporariamente d'Ele enquanto está envolta nos véus da matéria, embora nunca esteja, por um só momento, separada d'Ele. Ela nunca pode estar separada de Deus, porque a própria matéria em que se envolve é também uma manifestação do Divino. Apesar de a matéria nos parecer um mal, porque pesa e nos mantém em nível baixo, obstruindo nossas faculdades e mantendo-nos atrasados na estrada, ainda assim isto acontece apenas porque não aprendemos a controlá-la, porque não compreendemos que ela também é divina em sua essência, dado que nada existe a não ser Deus.

É um engano pensar na Mônada como algo que está muito distante, porque a Mônada está muito próxima de nós, é nosso EU, a própria raiz do nosso ser, a única e só realidade. Escondida, não manifestada, vestida de silêncio e trevas como está, ainda assim a nossa consciência é a limitada manifestação daquele Eu, o Deus manifestado em nossos corpos, que são Seus vestuários.

A Mônada tem sido descrita de várias maneiras: o Homem Eterno; um fragmento da Vida de Deus; um filho de Deus feito à Sua imagem; uma fagulha *no* Fogo Divino; o "Deus oculto", como era conhecida pelos egípcios; o Deus em nós; nosso Deus pessoal; nosso verdadeiro Eu; um fragmento do Eterno; o real, o *único* e permanente "Eu" no homem. As Mônadas também foram descritas como centros de força no Logos.

Ao invés de falar de Mônadas humanas, talvez seja mais exato falar de "a Mônada manifestando-se no reino humano", embora tão pretensiosa exatidão ainda seja mais enigmática. H. P. Blavatsky escreveu: "A Mônada Espiritual é una, universal, sem limites e indivisível, cujos raios, não obstante, formam o que nós, em nossa ignorância, chamamos a 'Mônada individual' do homem". (*A Doutrina Secreta*, I, p. 200.)

O Catecismo Oculto diz o seguinte:

*"Percebo uma flama, ó Gurudeva;
vejo inúmeras fagulhas que não se destacam ardendo nela.
Tu disseste bem. E agora olha em torno e dentro de ti mesmo.
Aquele luz que arde dentro de ti, sentes que é diferente,
sob algum aspecto, da luz que brilha nos homens teus irmãos?
Ela não é de forma alguma diferente,
embora o prisioneiro esteja mantido em cativeiro pelo carma,
e embora seus vestuários iludam o ignorante e
o levem a dizer 'tua alma' e 'minha alma'."*

(*A Doutrina Secreta*, I, p. 145.)

Para buscar uma analogia no plano físico, reconhecemos que a eletricidade é *uma* em todo o mundo; e, embora possa estar ativa nesta ou naquela máquina nenhum dono de máquina pode chamá-la de *sua* eletricidade. Assim também a Mônada é *uma* em toda a parte, embora se manifeste em diferentes direções, através de seres humanos aparentemente separados e diferentes.

Apesar, porém, de ter a mesma fonte e a mesma natureza fundamental cada Mônada ainda assim possui uma individualidade muito distinta; e em sua manifestação no plano de Atma, como tríplice luz de deslumbrante glória, mesmo nesse estágio, cada Mônada possui certas qualidades que a tornam distinta de todas as outras.

A consciência da Mônada em seu próprio plano é completa; compartilha do divino conhecimento em seu próprio mundo. No mundo inferior, porém, fica inconsciente, em todos os aspectos. Não pode, de forma alguma, alcançar os planos inferiores da vida, pois a matéria é de um tipo insensível à sua influência. Ela, que tem estado unida a tudo o que a rodeia, iria encontrar-se se mergulhada na matéria densa, na mais completa solidão, como num espaço vazio, inconsciente de todos os impactos e contatos da matéria.

Não obstante, tudo está nela, pela virtude da Vida Una de que partilha: mas isso tem de ser externado, por isso falamos no despertar da consciência latente para a vida. literalmente tudo está na Mônada, todo o divino conhecimento, mas, para externar isso de forma que em qualquer plano da matéria ela possa *saber*, temos todo o trabalho da evolução.

Por isso, a razão lógica de sua viagem evolutiva, para baixo e logo para cima, é o propósito de adquirir esse conhecimento, de subjugar completamente a matéria como veículo, até que em cada plano ela responda às vibrações de matéria exterior idêntica, e possa produzir *modos* de consciência que respondam àquelas impressões externas, e assim lhe tornem possível dar-se conta das mesmas.

O Bispo Arundale dá um relato interessante do aparecimento e evolução das Mônadas. Olhando para o mundo, escreve ele, vê nosso Senhor, o Sol, expresso em miríades de sóis. Cada Mônada é um sol em miniatura, o Sol Divino lançando fagulhas de sóis carregados com todos os Seus atributos. O processo de evolução começa e aquelas fagulhas explodem em cor, arco-íris dotados de centros, ou corações-de-sol. Cada átomo de luz é um átomo da Divindade inconsciente, lenta mas seguramente executando a vontade do Sol, isto é, que ele consiga desenvolver-se até à Divindade autoconsciente. Cada átomo é um Sol inconsciente, e irá tornar-se um Sol autoconsciente.

Quando a manifestação se inicia, a Mônada é "lançada para baixo, para a matéria", para impelir e forçar a evolução (veja *A Doutrina Secreta*, II, p. 115); ela é a mola-mestra de toda a evolução, a força impulsionadora que está na raiz de todas as coisas.

Isso explica aquela misteriosa pressão, que tanto intriga a ciência ortodoxa: o motivo por que as coisas avançam, progridem; qual é a força que faz a evolução; o que dá nascimento a toda a variedade que encontramos no mundo, e o que faz a sempre presente "tendência para a variação".

Desde o início, a Mônada sabe qual é o seu objetivo na evolução e apreende a tendência geral dessa mesma evolução. Porém, enquanto aquela sua parte que se expressa no Ego não alcança um estágio razoavelmente alto, mal está consciente dos pormenores existentes aqui em baixo nem, de forma alguma, tem grande interesse por eles. Parece, nesse estágio, não conhecer outras Mônadas, mas repousa em beatitude indescritível, sem qualquer consciência ativa daquilo que a rodeia.

O propósito, então, da descida da Mônada para a matéria é o de que, através dessa descida, possa obter certeza e exatidão nos detalhes materiais. Para esse fim, como vimos nos capítulos iniciais deste livro, um átomo de cada plano, o de Atma, Buddhi e Manas, é ligado à Mônada; a diferença desses átomos dá uma precisão que não existia na consciência da Mônada em seu próprio plano.

Podemos perguntar, entretanto: se a Mônada é da essência da divindade no princípio e retoma à divindade ao fim da longa peregrinação, se a Mônada é toda sabedoria e toda bondade quando inicia sua viagem através da matéria, por que lhe é necessário atravessar toda essa evolução, inclusive com tanta dor e sofrimento, apenas para retornar, por fim, ao seu ponto de partida?

A pergunta está baseada numa interpretação errônea dos fatos. Quando aquilo que chamamos Mônada humana vem do Divino não é em realidade, uma Mônada humana; e

menos ainda toda sabedoria: toda bondade; ela retorna, por fim, sob a forma de milhares de milhões de poderosos Adeptos, cada um deles capaz de se desenvolver como Logos.

Assim como o homem que não sabendo nadar, ao ser mergulhado em água profunda, de início sente-se perdido, mas consegue, finalmente, aprender a se mover livremente na água, da mesma forma acontece com a Mônada. Ao fim da sua peregrinação, da sua imersão na matéria, estará livre do Sistema Solar, pronta para funcionar em qualquer parte dele, a criar à vontade, a mover-se como lhe aprouver. Todos os poderes que expande através da matéria mais densa, retém para sempre sob todas as condições: o implícito faz-se explícito, o potencial faz-se o real. Depende de sua Vontade viver em todas as esferas, e não apenas em uma, que a atrai para a manifestação.

Porque, de início, não há individualização na Mônada; há, apenas, uma massa de essência monádica. A diferença entre sua condição quando vai e quando retoma, é exatamente igual à que existe entre uma grande massa de brilhante matéria nebulótica e o sistema solar eventualmente formado por ela. A nebulosa é bela, indubitavelmente, porém vaga e de certa forma inútil. O Sol - dela formado através de vagarosa evolução - emana vida, calor e luz para muitos mundos e seus habitantes.

Podemos ainda fazer outra analogia. O corpo humano é composto de incontáveis milhões de minúsculas partículas, e algumas delas estão sendo constantemente atiradas para fora dele. Suponhamos que fosse possível, a cada uma dessas partículas, passar por algum tipo de evolução por meio da qual, com o tempo, se tornasse um ser humano. Não diríamos que, por terem sido humanas em certo sentido no início dessa evolução, nada haviam ganho quando alcançaram o fim.

Assim, a essência monádica aparece na qualidade de simples emanção de força, embora se trate de força divina.

O aparecimento e o curso evolutivo da Mônada pode ser comparado ao aparecimento do longo dia de Brama, do Saguna-Bramam, Sachchidananda, a Divina Triplicidade. Esse ato de manifestação cósmica reproduziu-se, em nosso sistema solar, pelo Logos Solar e também pela Mônada, que é um fragmento do Logos. Quando a evolução humana está terminada, ela se recolhe novamente e a evolução super-humana começa. Assim, temos o longo espaço da vida: do nirvana para o nirvana; é o todo da evolução humana compreendido entre esses dois pontos que se completa com a Iniciação do Jivanmucta, o Mestre, onde a evolução super-humana tem início.

Embora a Mônada em seu próprio mundo seja praticamente sem limitações, pelo menos no que se refere ao nosso sistema solar, a cada estágio da sua descida para a matéria, não só vai se envolvendo cada vez mais profundamente na ilusão, mas perde realmente os seus poderes.

Se, no princípio da sua evolução, podemos supor que a Mônada pode mover-se e ver numa infinidade de direções no espaço que chamamos dimensões, então, a cada passo para baixo ela vai anulando uma delas, até que, para a consciência física, só três dimensões restam. Assim, pela involução na matéria, a Mônada perde o conhecimento de tudo menos de uma pequena parte dos mundos que a rodeiam. Além disso, mesmo o que dela resta só é visto imperfeitamente. Para os que se podem exercitar para apreciar mais de três dimensões, existe um excelente método de chegar a alguma forma de compreensão do que

é a consciência em planos mais altos do que o físico e o que isso significa, embora, ao mesmo tempo, tal método de abordagem faça sentir a desesperança de esperar compreender integralmente a Mônada, que está elevada por muitos planos e dimensões acima do ponto do qual tentamos vê-la.

Todos os sacrifícios e limitações causados pela descida para a matéria podem ser corretamente descritos como necessidade de sofrimento. Porém, mal o *ego* compreenda inteiramente a situação, eles são recebidos com alegria. Não tendo o Ego a perfeição da Mônada, de início não chega a entender; tem de aprender. A enorme limitação de cada passo a mais na descida para a matéria é um fato inevitável, de forma que há muito sofrimento inseparável da manifestação. Temos que aceitar essa limitação como um meio para alcançar um fim, como parte do Esquema Divino.

Há dois sentidos nos quais toda a vida manifestada é dolorosa, a não ser que o homem saiba como vivê-la. Um deles é até certo ponto inevitável, mas o outro é um erro completo e facilmente pode ser evitado. Como vimos, para a Mônada, que é o verdadeiro Espírito do homem, toda a vida manifestada é sofrimento, exatamente porque é uma limitação: uma limitação que nós, com o nosso cérebro físico, não podemos de forma alguma conceber, porque não temos ideia da gloriosa liberdade da vida superior.

É nesse sentido que sempre se disse que o Cristo - a Segunda Pessoa da Trindade - se ofereceu em sacrifício quando desceu para a matéria. É um sacrifício, indubitavelmente, pois é uma grande, indizível limitação, porque o priva de todos os gloriosos poderes que Lhe pertencem, em Seu próprio nível.

A mesma verdade serve à Mônada do homem. Ela faz, sem dúvida, um grande sacrifício quando se põe em conexão com a matéria inferior, quando paira sobre ela durante as longas eras de seu desenvolvimento até alcançar o nível humano, quando projeta minúsculos fragmentos de si mesma, uma pitada por assim dizer, e assim forma o Ego ou alma individual.

O segundo tipo de desgosto, que é inteiramente possível evitar, é devido ao "desejo", usando essa palavra no amplo senso que inclui todos os desejos por coisas inferiores, tais com a ânsia de poder, dinheiro, posição, e assim por diante. Todos esses desejos causam, necessariamente, perturbações e sofrimentos. Portanto, vista desse ângulo, a coisa mais necessária para o progresso é a serenidade.

Por isso temos as duas primeiras das Quatro Nobres Verdades que o Senhor Buda ensinou: A Existência da Dor e a Causa da Dor.

Passando agora a considerar mais especificamente o Ego em seu relacionamento com a Mônada, devemos compreender que o processo de individualização, por meio do qual o Ego chega a existir, *não se dá no plano espiritual*, mas que Atma-Budhi, como são vistos através de Manas, *aparecem* para partilhar da individualização de Manas.

Mesmo o Ego não é o homem verdadeiro, eterno, porque teve um princípio - veio à existência no momento da individualização. E tudo quanto tem um princípio deve também ter um fim. Portanto, mesmo o Ego, que durou desde que o homem emergiu do reino animal, também é impermanente. A Mônada, e só a Mônada, é o único homem real e permanente.

Podemos ver no Ego uma manifestação da Mônada no plano mental superior, mas

devemos compreender que ela está infinitamente distante de ser uma manifestação perfeita. Cada descida de plano para plano significa mais do que um simples velamento do Espírito: significa, também, uma real diminuição na *quantidade* de Espírito expressa.

Embora o falar de Espírito em termos de quantidade seja coisa inexata e enganadora, ainda assim, se uma tentativa for feita para expressar esses elevados assuntos em palavras humanas, tais incongruências não podem ser inteiramente evitadas. O mais próximo que podemos chegar no cérebro físico de uma concepção do que acontece à Mônada quando se envolve em matéria é dizer que apenas uma parte dela pode ser vista, e mesmo essa parte deve ser mostrada em três aspectos separados, e não na gloriosa totalidade que ela realmente é em seu próprio mundo.

Assim, quando o segundo aspecto do espírito tríplice desce um estágio e se manifesta como Buddhi ou intuição, não é a parte integral desse aspecto que assim se manifesta, mas apenas uma fração dele. Assim também quando o terceiro aspecto desce dois planos e se manifesta como intelecto, é apenas uma fração de uma fração do que realmente é o aspecto-intelecto da Mônada. Portanto, o ego não é manifestação velada da Mônada, mas uma minúscula fração dela.

Segundo a antiga máxima, "assim como em cima, é em baixo", assim como o Ego é para a Mônada, a personalidade é para o Ego. Quando tivermos atingido a personalidade, o fracionamento já foi levado tão longe que a parte que conseguimos ver não tem proporção apreciável com a realidade do que, sem embargo, é a única representação possível para nós. Contudo, com e por aquele inteiramente inadequado fragmento lutamos para compreender o todo. Nossa dificuldade em tentar compreender a Mônada é do mesmo tipo, mas em grau muito maior, que aquela que encontramos quando tentamos realmente apreender a ideia do Ego.

O Diagrama XXXIX é uma tentativa, embora inadequada, para representar graficamente o relacionamento entre a Mônada, o ego e a personalidade.

A Mônada tem sido comparada com a chama; o Ego, ou espírito tríplice, com o fogo: e a personalidade com o combustível.

A correspondência entre a Mônada em sua relação com o Ego e o Ego em sua relação com a personalidade, permite uma amplificação um tanto maior. Como o Ego é tríplice, assim é a Mônada; os três constituintes da Mônada existem nos primeiros três planos do nosso Sistema, isto é, Adi, Anupadaka e Atma. No plano átmico a Mônada toma em si mesma uma manifestação que chamamos a Mônada em sua vestidura átmica ou, às vezes, o tríplice

Atma ou tríplice espírito. Isso é para a Mônada o que o corpo causal é para o Ego.

Tal como o Ego toma três corpos inferiores - mental, astral e físico - o primeiro dos quais, o mental, é a parte inferior de seu próprio plano, e o mais baixo, o físico, está dois planos abaixo, também a Mônada - vendo-a agora como o tríplice Atma ou espírito - toma três manifestações inferiores - Atma, Buddhi, Manas -, a primeira das quais é a parte inferior de seu próprio plano e a mais baixa fica dois planos abaixo.

Ver-se-á assim que o corpo causal é para a Mônada o que o corpo físico é para o Ego. Se pensarmos no Ego como a alma do corpo físico, podemos considerar a Mônada como a alma do Ego por seu turno.

Porque, tal como o corpo causal toma da personalidade tudo o que possa auxiliar seu crescimento, o corpo causal, através de seu lado interior ou mais alto, passa para o terceiro aspecto do Atma a essência de todas as experiências que possam ter entrado nele. O que assim é levado ao aspecto manásico do Atma, torna-o capaz de agir sem o corpo causal, isto é, sem um veículo permanente que o limite. Isso lança luz sobre o fenômeno do perecimento do corpo causal ou da individualidade, do qual já tratamos no Capítulo XXXI.

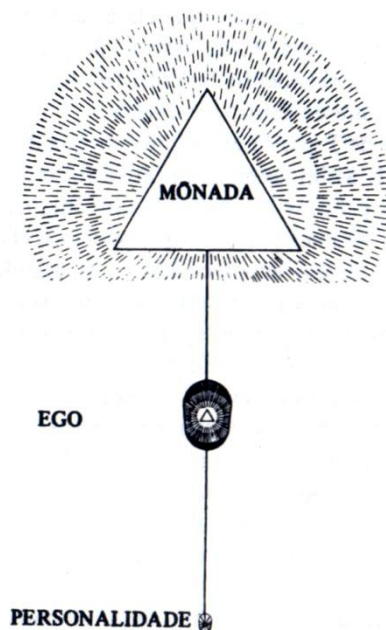


DIAGRAMA XXXIX. Mônada, Ego e Personalidade (I).

O Diagrama XL é uma tentativa para ilustrar essas correspondências e relacionamentos de certa forma complexos.

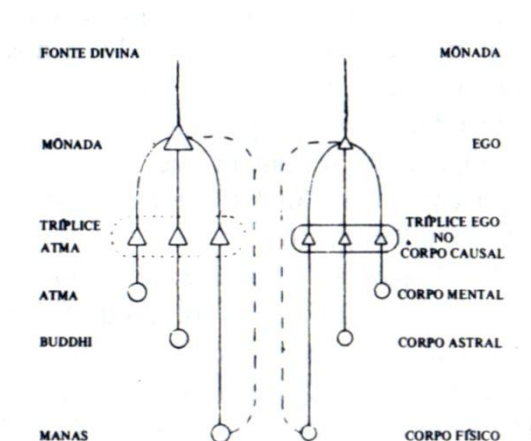


DIAGRAMA XL. Relacionamentos Monádicos e Egóicos.

A tríade superior completa, Atma-Buddhi-Manas, pode também ser vista como o Buddhi da ainda mais inclusiva tríade de Mônada, Ego e Personalidade. Esse Buddhi mais amplo é tríplice - vontade, sabedoria e atividade - e seu terceiro aspecto, *kriyashakti*, no devido tempo vem a operar no corpo, para ativar seus órgãos e liberar seus poderes

latentes.

A declaração, em *Luz no Caminho*, de que o "guerreiro" no homem é "eterno e seguro", pode ser tomada como relativamente verdadeira quanto ao Ego em relação ao Eu inferior, e *absolutamente* verdadeira quanto à Mônada em relação ao Ego. O Ego, como vimos, pode cometer erros num estágio inicial, mas é muito menos capaz de cometê-los do que a personalidade. A Mônada, por outro lado, não comete erros, embora seu conhecimento das condições aqui no mundo físico sejam de certa forma vagas, mas seu instinto deve voltar-se para o lado certo já que é divino. Nem o Ego nem a Mônada têm, então, um conhecimento exato, porque sua evolução não está completa. São para nós como guias e não se pode senão segui-los. Mas mesmo como guias eles estão se desenvolvendo.

Podemos notar aqui que a tríplice manifestação da Mônada é a que o cristianismo chama "três pessoas num só Deus", ensinando, no credo Atanasiano, que o homem deve venerar "Um Deus na Trindade e a Trindade na Unidade, não confundindo as pessoas nem dividindo a substância" - isto é jamais confundindo o trabalho e a função das três manifestações separadas: cada qual em seu próprio plano, e ainda assim jamais esquecendo, por um momento sequer, a unidade eterna da "substância", aquela que sustenta a todos, da mesma forma, no plano mais elevado onde esses três são um.

Tais considerações não são apenas de valor teórico, mas têm, também, uma razão prática quanto à vida. Embora não possamos apreender o significado completo de tal ensinamento, devemos, pelo menos, saber que há três linhas de força e que, contudo, toda a força é uma e a mesma. Sem saber isso não podemos apreender o método pelo qual nosso mundo veio a existir, nem será possível compreender o homem que "Deus fez à sua imagem e semelhança" e que, portanto, também é três e ainda assim um - Atma-Buddhi-Manas - e, contudo, um Espírito.

Podemos ver as três partes do Eu superior como três aspectos da grande consciência ou mente. São, todos, três formas de cognição. Atma não é o Eu, mas é essa consciência conhecedora do *Eu*. Buddhi é essa consciência conhecedora da *vida nas formas*, pela sua própria e direta percepção. Manas é a mesma consciência vendo o mundo dos *objetos*. Kama-Manas é uma porção do último, imersa neste mundo e afetada por ele. O verdadeiro Eu é a Mônada, cuja vida é algo maior do que a consciência a qual é a vida dessa mente completa, o Eu Superior.

Idêntica verdade pode ser expressa de uma forma ligeiramente diferente - aliás, de muitas formas. Atma, Buddhi e Manas no homem refletem em suas esferas menores, as características da grande Trindade. Atma é a consciência do *Eu*, e também a *vontade*, que dá autodireção. Manas, no outro polo, é a consciência do *mundo*, e seu *poder-de-pensamento* faz todo o nosso trabalho, mesmo quando ele é afetado através das mãos. Buddhi, porém, entre os dois, é a própria *essência* da consciência, da *subjetividade*.

Além desse membro intermediário, tríplice em caráter, está a Mônada no homem, representando nele o Parabrahman, o estado de seu verdadeiro e absoluto nirvana, acolá da consciência. O Atma é o estado de seu falso e relativo nirvana, do nirvana do plano átmico, sua última ilusão, que persiste entre a Quarta Iniciação - Arhat - e a Quinta Iniciação - Adepto.

Assim como a Mônada fica *acima* da trindade da consciência, os corpos pessoais ficam

fora ou *abaixo* dela - e são conhecidos apenas como reflexo em Manas.

Talvez possamos imaginar - aqui estamos muitíssimo além do conhecimento atual - que quando tivermos final e completamente compreendido que a Mônada é o homem verdadeiro, veremos também, além disso, uma extensão maior e mais gloriosa. Veremos que a Fagulha jamais esteve separada do Fogo, mas que, assim como o Ego está atrás da personalidade e a Mônada está atrás do Ego, o Anjo Planetário está atrás da Mônada e a Própria Deidade Solar está atrás do Anjo Planetário. Talvez, ainda futuramente, pode ser que alguma forma infinitamente superior, portanto incompreensível atualmente, uma Deidade maior esteja por trás da Deidade Solar, e mesmo atrás dessa, através de muitos estágios, deve estar o que é Supremo sobre tudo. Mas a essa altura, até o pensamento nos falta e o silêncio é a única e verdadeira reverência.

No homem comum a Mônada está, naturalmente, em pequeno contato com o Ego e com a personalidade inferior, embora ambos sejam de certa forma expressões dela. Tal como a evolução é para a personalidade aprender a expressar mais integralmente o Ego, assim a evolução é para o Ego expressar a Mônada mais amplamente. E tal como o Ego com o tempo aprende a controlar e a dominar a personalidade, a Mônada, por sua vez, aprende a dominar o Ego.

O Diagrama XLI é uma tosca ilustração da relação entre Mônada, Ego e Personalidade e dos estágios em que os três vão, cada vez mais, entrando em mútuo contato.

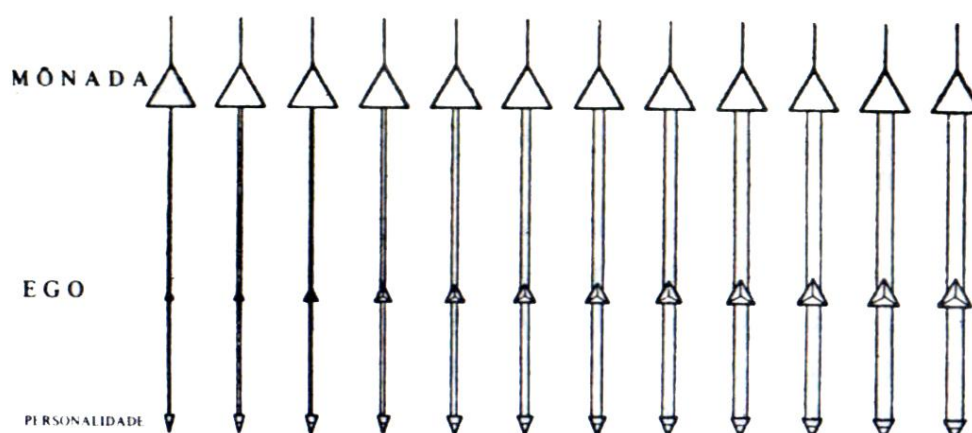


DIAGRAMA XLI. Mônada, Ego e Personalidade (II).

À esquerda do diagrama vemos o Ego representado como muito pequeno; é apenas um ego-bebê: completo, mas pequeno e ainda não desenvolvido. A personalidade também é delgada, indicando sua condição primitiva. Conforme a evolução se adianta, a personalidade aos poucos se alarga, até que por fim, se torna equilátera, indicando que está bem desenvolvida, completa, simétrica. Também, como se pode observar, a ligação entre a personalidade e o Ego, de início estreita, alargou-se até se tornar quase tão ampla quanto a largura completa da personalidade.

Enquanto isso acontecia, o Ego continuava a crescer em tamanho e o canal entre ele e a Mônada também foi constantemente aumentando em largura.

Assim, à direita do Diagrama temos um forte e largo canal entre a Mônada e o Ego, estando o próprio Ego de todo desenvolvido, exercendo através de uma ligação larga e bem

desenvolvida, completo controle sobre uma personalidade simetricamente evoluída.

Finalmente chega a ocasião em que, tal como a personalidade e o Ego se tornam um, a Mônada e o Ego também se tornam um. Essa é a unificação do Ego com a Mônada; quando isso foi alcançado o homem conseguiu o objetivo de sua descida para a matéria e tornou-se o Super-Homem, o Adepto.

O Diagrama XLII ilustra essa consumação. Aqui vemos a Mônada, o Ego e a Personalidade em perfeito alinhamento, verdadeiramente uma "re-con-ci-li-ação". A mesma vida permeia as suas três manifestações" mas a personalidade, devido ao seu tamanho e constituição, só pode expressar menos de uma vida do que o pode fazer o Ego; este, por sua vez, e por motivos idênticos, só pode expressar menos do que a Mônada.

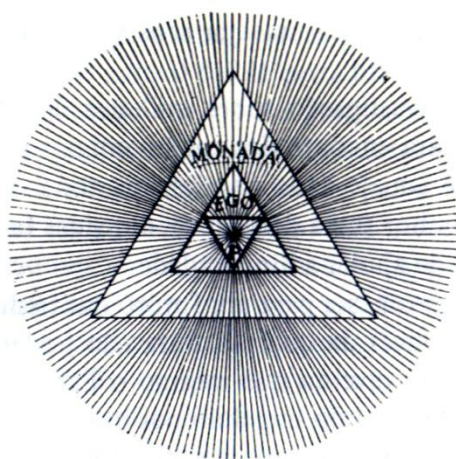


DIAGRAMA XLII. Mônada, Ego e Personalidade: "Re-con-ci-li-ação".

Este Diagrama é uma tentativa para indicar:

I. O alinhamento completo, ou unificação da Mônada, Ego e Personalidade.

II. O consequente centro *uno* de consciência.

III. A vida *una* fluindo através dos três.

IV. A limitação imposta sobre as manifestações da vida *una* pelas barreiras de contorno da Personalidade, do Ego e da Mônada.

V. O fato de que a Personalidade, o Ego, e mesmo a Mônada não passam de véus mayavicos ou ilusórios impostos sobre a Vida Divina.

VI. O fato de que a própria Vida Una é ilimitada e universal, como está indicado pela circularidade da aura de radiação; transcende, assim, suas expressões através da Mônada, do Ego e da Personalidade. "Com uma porção de mim mesma eu me manifesto, mas permaneço."

Mesmo a Mônada não pode confinar, conter ou expressar toda a vida divina que se irradia daquele véu e além dele; véu que embora tênue, é feito de matéria separativa - o que faz dela um ser distinto.

Quando essa consumação é alcançada, só então, pela primeira vez, entra a entidade em sua vida real, porque todo o seu estupendo processo de evolução não passou de um preparativo para aquela verdadeira vida do espírito, que começa apenas quando o homem se torna algo mais do que um homem. Humanidade é a classe final da escola-do-mundo e,

quando um homem termina seu curso, entra na vida do Espírito glorificado - a vida do Cristo.

Essa vida tem a glória e o esplendor acima de qualquer comparação e de toda compreensão. Todos nós teremos essa compreensão: é uma certeza absoluta, da qual não podemos escapar mesmo que o quiséssemos. Se agirmos egoisticamente, se nos pusermos contra a corrente da evolução, podemos retardar nosso progresso, mas não evitá-lo.

Assim, há uma correspondência muito íntima entre o relacionamento da Mônada com o Ego e deste com a personalidade. Tal como o Ego tem sido, durante longas eras, a força animadora da personalidade, chega uma ocasião, por fim, em que o próprio Ego se torna um veículo animado pela Mônada agora inteiramente ativa e desperta. Todas as múltiplas experiências do Ego, todas as esplêndidas qualidades, nele desenvolvidas, passam para a própria Mônada e ali encontram uma realização muitíssimo mais plena do que o Ego lhes poderia dar.

Pergunta-se: a Mônada, no caso do homem comum, pode fazer algo que afete ou possa afetar sua personalidade aqui? Tal interferência parece ser muitíssimo rara. O Ego está tentando, em benefício da Mônada, obter o controle perfeito da personalidade e usá-la como um instrumento, mas, não estando o objetivo inteiramente alcançado, a Mônada pode bem sentir que ainda não é ocasião para intervir desde seu próprio nível, e fazer valer toda a sua força, quando aquilo que já está em ação mostra-se mais do que forte para o propósito em vista. Porém, quando o Ego já está começando a ter sucesso em seu esforço para manejar seus veículos inferiores a Mônada então algumas vezes intervém.

No decurso da investigação sobre milhares de seres humanos traços dessa interferência foram encontrados apenas em uns poucos deles. O exemplo mais importante é aquele dado na vigésima nona vida de Alcione, quando ele prometeu ao Senhor Buda dedicar-se, em vidas futuras, à obtenção do estado de Buda, a fim de ajudar a humanidade.

Sendo isso uma promessa para um futuro muitíssimo distante é óbvio que a personalidade através da qual foi feita não poderia de forma alguma cumpri-la. A investigação revelou que mesmo o Ego, embora cheio de entusiasmo com a ideia, estava sendo impelido por uma força mais poderosa, vinda do interior, e à qual não poderia resistir, mesmo que desejasse fazê-lo. Seguindo um pouco mais essa pista, foi descoberto que a força impulsionadora vinha indiscutivelmente da Mônada. Ela decidira e registrara sua decisão. Sua vontade, trabalhando através do Ego, claramente não teria dificuldade em harmonizar todas as futuras personalidades com sua nobre intenção.

Encontraram-se outros exemplos do mesmo fenômeno. Certas Mônadas já responderam ao apelo das Autoridades superiores e decidiram que suas personalidades representativas devem dar assistência aos trabalhos da Sexta Raça Raiz, na Califórnia, dentro de algumas centenas de anos. Por causa dessa decisão, nada do que essas personalidades possam fazer durante esse intervalo de tempo poderá interferir na execução dela.

Assim, a força incitadora não vem do exterior, mas do interior do próprio homem verdadeiro: Quando a Mônada decide, a coisa tem de ser feita, e é bom para a personalidade atender pronta e graciosamente, reconhecendo a voz que vem de cima e cooperando alegremente. Se não fizer isso estará preparando para si própria muito e inútil

sofrimento. É sempre o próprio homem que está fazendo isso, e ele, na personalidade, tem de compreender que o Ego e ele mesmo e por agora tem de aceitar como verdade o fato de que a Mônada é ele em grau maior - a última e maior expressão dele.

O que é conhecido como a Grande Companhia de Servidores oferece outro exemplo. Os Servidores são um tipo à parte, aos quais a Mônada parece estar ligada *ab initio*, não importando o tempo que esse tipo gaste para expressar-se na consciência exterior. Em certo sentido, é uma espécie de predestinação, com a qual a Mônada está de acordo. (para maiores detalhes sobre Os Servidores, veja o artigo intitulado *Os Servidores*, de C. W. Leadbeater, in *The Theosophist* de setembro de 1913.)

Diante da consideração geral de que num universo perfeitamente ordenado não há lugar para o acidental, parece provável que o próprio modo de individualização do reino animal foi de certa forma predeterminado, para ou pela própria Mônada, tendo em vista a preparação para alguma porção do grande trabalho a ser empreendido por ela no futuro.

Porque chegará a hora em que seremos parte do grande Homem Celestial; não como mito ou símbolo poético, mas como um fato vívido e real, que certos investigadores viram pessoalmente. Esse corpo celestial tem muitos membros, e cada um deles tem uma missão a cumprir; as células vivas que vão formar parte deles precisam de experiências amplamente diferenciadas que as preparem. Pode ser que desde a aurora da evolução as partes tenham sido escolhidas, que cada Mônada tenha sua linha predestinada de evolução e sua liberdade de ação esteja relacionada, principalmente, com o *ritmo* com o qual ela se movimentará ao longo dessa linha.

Na celebração da Sagrada Eucaristia há muito simbolismo concernente à Mônada, ao Ego e à Personalidade. Em poucas palavras, falando primeiro das Três Pessoas da Trindade, a Hóstia representa Deus Pai e também a Deidade, total e indivisível; o Vinho representa Deus-Filho, cuja vida é vertida no cálice de forma material; a Água representa Deus Espírito Santo, o Espírito que pairou sobre a face das águas, e ao mesmo tempo é Ele próprio simbolizado pela água.

Falando, depois da Deidade no homem, a Hóstia significa a Mônada, a totalidade, a invisível causa de tudo; a Pátena significa o Tríplice Atma ou Espírito através do qual a Mônada atua na matéria; o Vinho indica a individualidade, vertida no cálice do corpo causal; a Água representa a personalidade que está tão intimamente mesclada com ela.

Passando ao efeito da Comunhão sobre o comungante, a força da Hóstia é essencialmente Monádica, e atua mais poderosamente sobre o que quer que dentro do homem represente a ação direta da Mônada; a força do Cálice é mais do que a do Ego; o Vinho tem uma força muito poderosa sobre os altos níveis astrais, e a Água envia até vibrações etéricas.

Quando o sacerdote faz as três cruzes com a Hóstia sobre o Cálice ele deseja, fortemente, que a influência vinda do nível monádico desça para o Ego, em sua tríplice manifestação como Atma, Buddhi e Manas; então, ao fazer as duas cruzes entre o Cálice e o seu próprio peito, ele atrai essa influência para seus próprios corpos, astral e mental, e assim pode irradiá-la amplamente sobre seu povo.

Isso simboliza os primeiros estágios da evolução, quando a Mônada paira sobre suas manifestações inferiores, observando-as, agindo sobre elas, mas sem tocá-las. Assim, o

sacerdote mantém a Hóstia acima do Cálice, e jamais toca um no outro, até que chegue o momento determinado.

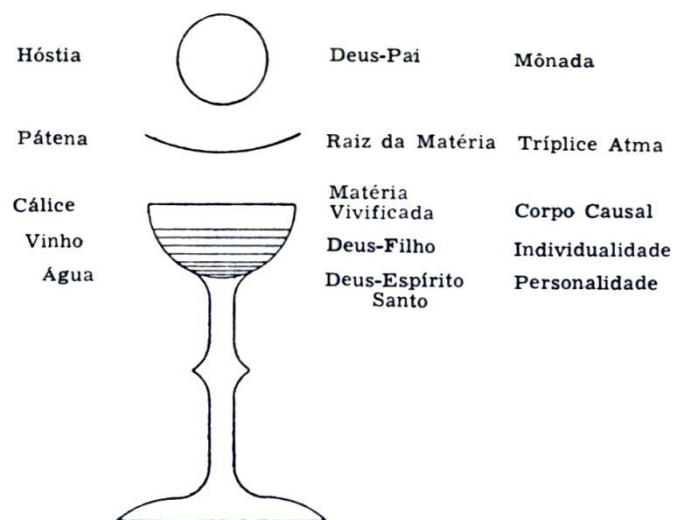


DIAGRAMA XLIII. O Simbolismo da Sagrada Eucaristia.

Quando O sacerdote lança os fragmentos da Hóstia no Cálice e representa com isso a descida de um raio da Mônada para o Ego.

Para facilitar a memorização deste sistema de símbolos incluímos o Diagrama XLIII.

CAPÍTULO XXXIV

A SEGUNDA E OUTRAS INICIAÇÕES MAIS ALTAS

Cada estágio do Caminho certo é dividido em quatro passos:

O Primeiro é seu *Maggo*, ou roteiro, durante o qual o estudante está lutando para libertar-se dos grilhões.

O Segundo é seu *Phala*, literalmente fruto ou resultado, quando o homem percebe que os resultados de seus esforços se revelam cada vez mais.

O Terceiro é seu *Bhavagga*, ou consumação, o período em que, tendo o resultado chegado ao auge, o homem pode cumprir satisfatoriamente o trabalho correspondente ao degrau sobre o qual ele agora se situa com firmeza.

O Quarto é o seu *Gotrabhu*, isto é, o momento em que ele chegou ao estágio próprio para receber a próxima Iniciação. Isso significa completa e inteira libertação dos grilhões de sua etapa no Caminho.

O primeiro desses grilhões, ou *Samoyojana*, que deve ser descartado antes que o candidato receba a Segunda Iniciação, é *Sakkayaditthi*, a ilusão do Eu. Essa é a consciência do "Eu-sou-Eu" que, ligada à personalidade, nada mais é do que uma ilusão, e da qual é necessário livrar-se logo no primeiro passo ascendente do Caminho real. Descartar-se completamente dos grilhões significa ainda mais do que isso, porque envolve a compreensão do fato de que a individualidade também é, na verdade, uma com o Todo e não pode, portanto, ter jamais qualquer interesse oposto aos dos seus irmãos, e que está progredindo ao máximo realmente quanto mais ajuda o progresso dos outros.

O segundo grilhão é *Vichikichcha*, dúvida ou incerteza. O candidato deve chegar a uma exata convicção, fundada na experiência pessoal ou no raciocínio matemático. Ele acredita, não porque lhe contaram, mas porque agora os fatos dispensam explicação. Esse é o único método conhecido pelo ocultismo para resolver dúvidas.

O terceiro grilhão é *Silabbataparamasa*, ou superstição. Inclui todo tipo de crenças irracionais e errôneas e toda a dependência em relação a ritos e cerimônias para purificar o coração. O homem deve compreender que a libertação deve ser procurada dentro de si mesmo e que, por muito valiosas que sejam tais cerimônias como auxílio, talvez, para desenvolver a vontade, a sabedoria e o amor, ainda assim jamais poderão tomar o lugar do esforço pessoal, único meio de alcançar sua meta. O conhecimento da permanência espiritual do verdadeiro Ego traz confiança em nossa própria força espiritual e isso afasta a superstição.

A consciência búdica está diretamente relacionada com esses três grilhões, uma vez que eles podem ser eliminados por essa consciência. Reconhecendo a unidade, o homem não pode ter a ilusão da separatividade. Vendo por si mesmo as grandes leis da vida em operação, já não pode duvidar. Vê todas as estradas que levam à única Beatitude, e que todas elas são boas, de forma que já não pode manter a superstição de que alguma forma de crença é necessária para quem atingiu esse nível.

A Segunda Iniciação ocorre no mundo mental inferior, de forma que o candidato deve

ter desenvolvido o poder de funcionar livremente em seu corpo mental.

Essa Iniciação continua rapidamente o desenvolvimento do corpo mental; e, a esta altura ou próximo a ela, o discípulo aprende a usar o *mayavirupa* (veja *O Corpo Mental*, p. 169).

Na segunda Iniciação, a Chave do Conhecimento é entregue; o Iniciador enviando de Seus próprios corpos, causal e mental, raios de poder que, caindo sobre os corpos mental e causal do candidato, estimulam para um súbito e esplêndido crescimento os germes de poderes similares que ali existem. Assim como um botão estimulado pelos raios do sol subitamente explode em toda a sua glória de flor aberta, os corpos mental e causal subitamente desdobram os poderes latentes que estão neles, expandindo-os em radiante beleza. Através deles, agora expandidos, Buddhi ou intuição pode movimentar-se livremente, e o grande e novo poder começa assim a ficar livre para o trabalho.

O período após a Segunda Iniciação corresponde, sob muitos aspectos, ao mais perigoso de qualquer dos trechos do Caminho. Nesse estágio é que, se houver alguma fraqueza no caráter do candidato, isso será descoberto. Em quase todos os casos o perigo vem através do orgulho, o que está indicado nos Evangelhos pela história da tentação no deserto.

Assim como a Primeira Iniciação corresponde a um novo nascimento, a Segunda Iniciação pode ser comparada ao batismo do Espírito Santo e ao Fogo, porque o poder da Terceira Pessoa da Trindade é emanado naquele momento, de uma forma que podemos descrever, embora inadequadamente, como uma inundação de fogo.

Nesse estágio o homem é conhecido pelos budistas como um *Sakadagamim*, o homem que voltará apenas uma vez, o que significa não necessitar senão de mais uma encarnação antes de obter o Adeptado, a Quarta Iniciação.

O nome hindu para esse passo é *Kitichaka*, o homem que construiu uma choupana, que conseguiu um lugar de paz.

A essa altura não há mais grilhões para serem descartados e o período costuma ser de considerável avanço psíquico e intelectual. O homem deve ter a consciência astral sob seu comando durante a vida física despertada; durante o sono o mundo celestial estará aberto para ele.

Quando passou pela Terceira Iniciação, o homem torna-se um *Anagamim* que significa literalmente "o que não volta", porque se espera que ele obtenha a próxima Iniciação na mesma encarnação. O nome hindu para esse estágio é *Hamsa* que significa cisne; essa palavra é também considerada como uma forma de frase So-Ham: "Aquele sou eu." Há também uma tradição de que o cisne consegue separar o leite da água, e o sábio é igualmente capaz de compreender o verdadeiro valor dos fenômenos da vida para os seres vivos.

A Iniciação é tipificada no simbolismo cristão pela Transfiguração do Cristo. Ele subiu sozinho a uma alta montanha, e se transfigurou diante dos Seus discípulos: "Seu rosto brilhava como o Sol, e seus trajes estavam tão brancos como a luz, extraordinariamente brancos como a neve, tal como substância alguma da terra poderia branqueá-los". Essa descrição sugere o Augoeides, o homem glorificado, e é uma imagem exata do que acontece nessa Iniciação, porque a Segunda Iniciação está principalmente ligada ao avanço

rápido do corpo mental inferior, de modo que, a esta altura, é principalmente o corpo causal que se desenvolve. O Ego é levado a uma aproximação maior com a Mônada, e assim se transfigura verdadeiramente,

Mesmo a personalidade é afetada por essa estupenda emanção. O Eu superior e o Eu inferior tornam-se um na Primeira Iniciação, e essa unidade jamais é perdida. O desenvolvimento do Eu superior, entretanto, que agora se verifica nunca pode ser medido pelas formas dos mundos inferiores, embora os dois sejam um na maior extensão possível.

Nesse estágio o homem é levado diante do Rei Espiritual do Mundo, o Chefe da Hierarquia Oculta que, a essa altura, ou confere Ele próprio a Iniciação ou delega esse ato a um de Seus Discípulos, os Três Senhores da Chama. Nesse último caso, o homem é apresentado ao Rei logo depois da Iniciação feita. Assim, o "Cristo" é levado à presença de Seu Pai. O Buddhi, no Iniciado, é elevado até se tornar um com a sua origem no plano nirvânico, e uma união maravilhosa entre o primeiro e o segundo princípios no homem é assim efetuada.

O Anagamim goza, enquanto se movimenta através da ronda de seu trabalho diário, todas as esplêndidas possibilidades dadas pela posse completa das faculdades do plano mental superior, e durante o sono do corpo ele entra no plano búdico,

É quando tem de descartar qualquer remanescente do quarto e quinto grilhões - apego ao gozo de sensações, tipificado pelo amor terreno e toda a possibilidade de cólera ou ódio. Deve se tornar livre da possibilidade de ser escravizado de alguma maneira por qualquer coisa externa. Deve se erguer acima de todas as considerações ligadas à mera personalidade daqueles que o rodeiam, reconhecendo que a afeição que floresce no Caminho é uma afeição entre Egos. Portanto, é forte e permanente, sem medo de flutuação ou diminuição, porque é "o amor perfeito que expulsa o medo".

A Quarta Iniciação é conhecida Como a do Arhat, que significa o digno, o capaz, o venerável ou perfeito. Os hindus chamam ao Arhat o Paramahansa, aquele que está acima ou além de Hamsa. No sistema cristão a Quarta Iniciação é indicada pelo sofrimento no Jardim de Gethsémani, pela Crucificação e a Ressurreição do Cristo.

Essa Iniciação difere das outras em seu duplo aspecto de sofrimento e vitória, daí a série de acontecimentos que tem sido empregada para representá-la. O tipo de sofrimento que acompanha a Iniciação desfaz qualquer saldo do carma que ainda pode estar entrando o caminho do Iniciado. A paciência e o júbilo com que ele o suporta têm grande valor no fortalecimento do seu caráter, e ajuda-o a determinar a extensão de sua capacidade no trabalho que tem pela frente.

O Iniciado deve sentir, por algum tempo, a condição chamada *Avichi*, que significa o "sem ondulação", aquele que está sem vibração. O homem fica absolutamente sozinho no espaço, e sente-se seccionado da vida, mesmo da vida do Logos. Essa é, sem dúvida, a mais terrível experiência que qualquer ser humano pode ter. Ela parece ter dois resultados: primeiro, que o candidato se faça capaz de simpatizar com aqueles a quem o *Avichi* vem como resultado de suas ações; segundo, que ele possa aprender a estar seccionado de todas as coisas externas, e sinta e compreenda, com sua própria e máxima certeza, que é um com o Logos e que qualquer sensação de solidão não passa de algo ilusório.

Avichi, para o mago negro, corresponde ao nirvana para o Adepto Branco. Ambos

esses tipos de homens, antíteses um do outro, são *iogues*, e cada um deles recebe o resultado da lei que seguiu. Um atinge o *kaivalyam* - compreensão da solidão, isolamento completo - do Avichi; o outro chega ao *kaivalyam* do Nirvana.

Para o Arhat, quando ainda no corpo físico, a consciência do plano búdico é sua, por ser esse plano seu lar normal.

Na verdade, estar no nível de Arhat envolve o poder integral de usar o veículo búdico.

Quando um Arhat se recolhe ao plano búdico, não se deve supor que Manas está de qualquer forma perdido, porque ele leva Manas consigo, naquela expressão de Manas que sempre existiu no plano búdico mas que até o momento não tinha sido inteiramente vivificada. Ele ainda permanece tríplice, porém, ao invés de estar nos três planos, está agora em dois, com Atma desenvolvido em seu próprio plano, Buddhi no seu e Manas no nível de Buddhi atraído como intuição. Então ele descarta o corpo causal porque já não tem mais necessidade dele. Quando quiser voltar outra vez e se manifestar no plano mental, terá de fazer outro corpo causal; caso contrário não necessitará disso.

Quase que da mesma maneira, num estágio posterior, o Buddhi e o intelecto glorificado serão atraídos para o plano átomico, e o tríplice espírito se verá amplamente vivificado. Então as três manifestações irão convergir em uma. Esse é o poder que está dentro do alcance de um Adepto, porque, tal como veremos no momento adequado, Ele unifica a Mônada e o Ego, assim como o discípulo está tentando unir o Ego com a personalidade:

Essa subida, a partir do corpo causal, para o Manas superior, de forma que ele fique lado a lado com o Buddhi no plano búdico, é o aspecto ou condição que H. P. Blavatsky chamou de Ego espiritual, que é Buddhi mais o aspecto monástico do Um, que subiu para Buddhi quando o veículo causal foi descartado. Esse estado - o de Arhat - é chamado pelos místicos cristãos de iluminação espiritual, do Cristo no homem.

H. P. Blavatsky também tem uma classificação em que fala das quatro divisões da mente:

1 - *Manas-taijasi*, o Manas resplandecente ou iluminado que, realmente, é Buddhi ou pelo menos o estado do homem quando seu Manas imergiu em Buddhi, não tendo nenhuma vontade própria separada.

2 - *Manas exato*, o Manas superior, a mente pensante abstrata.

3 - *Antarkarana*, a ligação ou canal ou ponte entre o Manas superior e Kama-Manas durante a encarnação.

4 - *Kama-Manas* que, teoricamente, é a personalidade.

Quando um Arhat deixa o corpo físico, no sono ou em transe, passa imediatamente para a inenarrável glória do plano nirvânico. Seu esforço diário é agora subir cada vez mais nesse plano, até os cinco subplanos inferiores nos quais o Ego humano tem estado. Ele tem vários planos abertos e pode focalizar sua consciência em qualquer nível particular que deseje, embora haja sempre um *background* de consciência búdica e nirvânica. Mesmo no nível átomico há um revestimento de certo tipo para o Espírito, porque em um sentido ele parece ser um átomo e em outro parece ser o plano inteiro. O homem sente como se estivesse em toda parte, mas pode focalizar a consciência em qualquer lugar dentro de si mesmo e onde por um momento a emanção de força, que para ele é um corpo, diminui.

O Arhat tem de trabalhar para o descarte de cinco dos grandes dez grilhões restantes, e que são:

5 - *Ruparaga* - desejo de beleza de forma ou de existência física em uma forma, inclusive a do mundo celestial.

6 - *Aruparaga* - desejo de vida sem forma.

7 - *Mano* - orgulho.

8 - *Uddachcha* - agitação ou irritabilidade, a possibilidade de ser perturbado seja pelo que for.

9 - *Avijja* - ignorância.

A Iniciação de Arhat pode ser vista como um meio caminho entre a Primeira e a Quinta Iniciações.

Na primeira metade do Caminho - da Primeira para a Quarta Iniciação - o homem está ocupado em livrar-se dessas limitações pessoais, da ilusão do "ele". Na segunda metade está engajado em libertar-se da ilusão do "tu". Diz-se habitualmente que sete vidas são ocupadas, em média, em tempos normais, entre a Primeira e a Quarta Iniciações, e outras sete vidas entre a Quarta e a Quinta. Esses números, tanto um como outro, são suscetíveis de grande redução ou aumento. Na maioria dos casos o período real não é muito grande, pois que habitualmente as vidas são tomadas em sucessão imediata, sem interlúdios no mundo celestial.

O Arhat, cujo Ego está trabalhando perfeitamente no corpo causal, não precisa encarnar novamente no corpo físico e passar pela cansativa ronda de nascimentos e mortes, que é tão desagradável- seja como for, do ponto de vista do próprio Ego. Deve contudo descer até o plano astral. Embora no corpo astral, ele pode a qualquer momento que deseje gozar a consciência nirvânica. Se está no corpo físico, pode alcançar a consciência nirvânica apenas quando deixa o corpo, no sono ou em transe, como já foi explicado.

Consciência nirvânica significa consciência em qualquer ponto do sistema solar.

A Quinta Iniciação faz do homem um Mestre, um Adepto, um Super-Homem. Os budistas chamam-no *Asekha* - literalmente o não-discípulo - porque já não tem mais o que aprender e exauriu as possibilidades dos reinos humanos da natureza. Os hindus falam dele como o *Jivanmukhta*, uma vida liberada, um ser livre, porque Sua vontade está unificada com a Vontade Universal, a do Um e Único. Está sempre sob a luz do Nirvana, mesmo em sua consciência despertada se quiser permanecer na terra num corpo físico. Quando fora dele sobe ainda mais alto no plano monádico para além não apenas de nossas palavras mas de nosso pensamento.

A *Doutrina Secreta* o expressa assim: o Adepto "começa seu *Samadhi* no plano Átmico", sendo um para ele todos os planos abaixo deste.

Um homem alcança o Adeptado quando ergue Sua consciência comum ao nível nirvânico; o fato que o diferencia e que faz dele um Adepto é ter unificado o Ego com a Mônada. E, desde que se tornou um com a Mônada, já alcançou o nível da terceira ou mais baixa manifestação da Deidade ou Logos.

No simbolismo cristão, a Ascensão e a Descida do Espírito Santo representam a obtenção do Adeptado, porque o Adepto realmente ascende acima da humanidade, além

desta terra, embora, se o deseja, como no caso do Cristo, possa retornar e auxiliar. Ao ascender, torna-se um com o Espírito Santo e invariavelmente a primeira coisa que faz, com o seu novo poder, é derramá-lo sobre seus discípulos, como Cristo lançou línguas de fogo sobre a cabeça de seus seguidores na Festa de Pentecostes.

Na Iniciação Asekha, o Atma é visto como uma luz clara, uma estrela, e quando se espalha, ao desmoronar o último obstáculo, torna-se a luz infinita.

Antes disso, o Arhat pode sentir a paz subjacente do Atma, quando entregue à meditação, mas constantemente retorna à tristeza. Quando um homem, porém, eleva-se ao plano átmico em plena consciência, e a consciência búdica une-se a ela, há somente uma luz a ser vista. Isso é descrito em *A Voz do Silêncio*: "Os Três que vivem na glória e na beatitude inefável perderam agora, no mundo de Maya, seus nomes. Tornaram-se uma estrela, o fogo que arde e não cresta, aquele fogo que é o Upadhi da chama".

Enquanto o homem esteve em seu corpo causal, viu os Três Sagrados como separados, mas agora os vê como os três aspectos do tríptico Atma. Buddhi e Manas, que foram "gêmeos numa linha" na consciência búdica do estágio anterior, estão agora um com o Atma, o fogo que é o veículo da chama monádica.

Então diz o Mestre: "Onde está tua individualidade, Lanu, onde está o próprio Lanu? Ele é a fagulha perdida no fogo, a gota dentro do oceano, o raio sempre presente convertido na Radiação universal e eterna". Aquele que era um discípulo agora é um Mestre. Fica no centro, e o tríptico Atma dele se irradia.

O Adepto tem o poder de alcançar qualquer conhecimento que deseje, quase que em um momento. Pode-se fazer um com esse conhecimento entrar no centro dele instantaneamente e então observar os pormenores circundantes conforme os requer. Algures, no plano búdico ou no plano nirvânico, ele apreenderá a ideia que está atrás, por exemplo, de qualquer ciência ou departamento de conhecimento e unificar-se com ela. Então, daquele ponto de vista, apreenderá ainda quaisquer pormenores que possa desejar.

Um Mestre não parece necessitar de todo o conhecimento acumulado em seu cérebro, como nós precisamos, mas pode dirigir uma faculdade qualquer para o que quer que deseje, e então saberá tudo o que procura. Não necessitará ler sobre um assunto, mas dirigirá seus olhos que tudo veem para ele, e assim absorverá o conhecimento.

Pode ser esta a explicação de como livrar-se da ignorância - *avidya*. Com a faculdade búdica, conforme vimos, já não é necessário coletar fatos externamente, mas mergulhar na consciência do que quer que seja, mineral, planta ou deva etc., e compreendê-la internamente.

H. P. Blavatsky assinalou que o corpo físico de um Mestre é simples veículo. Ele nada fornece, mas é simplesmente um ponto de contato com o plano físico, um corpo mantido como um instrumento necessário para o trabalho que faz, e abandonado quando não mais é necessário. A mesma coisa se pode dizer dos corpos astral e mental.

Os Mestres auxiliam, em inúmeros pontos, o progresso da humanidade. Da mais alta esfera fazem descer para o mundo luz e vida, que podem ser recebidas e assimiladas tão livremente como o sol, por todos os que estejam suficientemente receptivos para recebê-las. Já que o mundo físico vive pela Vida de Deus, focalizada no sol, assim o mundo espiritual vive pela mesma Vida, focalizada na Hierarquia Oculta.

Certos Mestres estão especialmente conectados com religiões e usam-nas como reservatórios, nos quais derramam energia espiritual para ser distribuída aos fiéis de cada religião através dos exatamente chamados "meios da graça".

Então, há um grande trabalho intelectual quando os Mestres enviam pensamentos de alto poder intelectual, que são apreendidos por homens de gênios que os assimilam e os entregam ao mundo. Também nesse nível Eles enviam Seus pensamentos aos Seus discípulos, notificando-os sobre as tarefas que deverão realizar.

No mundo mental inferior, os Mestres geram formas-pensamentos que influenciam a mente concreta, guiam-na pelas úteis linhas de atividade neste mundo e ensinam os que estão vivendo no mundo celestial.

No mundo intermediário, Eles assumem o trabalho de ajudar os chamados mortos, dirigem e supervisionam o ensino dos discípulos mais jovens, e mandam ajuda em numerosos casos de necessidade.

No mundo físico, observam as tendências dos acontecimentos, corrigem e neutralizam, tanto quanto a lei o permita, as correntes do mal, equilibram constantemente as forças que trabalham pró e contra a evolução, fortalecendo as boas e enfraquecendo as más. Trabalham também em conjunto com os Anjos ou Devas das Nações, guiando as forças espirituais como os outros guiam as materiais.

Toda a terra é dividida em áreas especiais, cada uma delas a cargo de um Mestre. Essas áreas, consistindo de imensos países ou mesmo continentes, correspondem de certa forma às "paróquias" da organização da Igreja. Assim, pode dizer-se que um Adepto tem a Europa a seu cargo, outro cuida da Índia, e assim por diante.

O Adepto tem todos os diferentes graus e formas de evolução a observar - não apenas a humanidade, mas o grande reino dos Anjos ou Devas, as várias classes de espíritos-da-natureza, os reinos animal, vegetal, mineral e elemental, e muitos outros sobre os quais até o presente a humanidade nada sabe.

Uma grande parte do trabalho dos Adeptos está em nível bem além do físico, pois estão ocupados em derramar seu próprio poder, e também a força do grande depósito que os Nirmanakayas enchem. Está no carma do mundo que ele deve ter uma certa quantidade dessa força elevadora a seu serviço. Por causa disso, a humanidade está evoluindo como uma unidade; o fator "fraternidade" possibilita a cada um fazer muito maior progresso do que seria possível se estivesse sozinho, inteiramente entregue a si próprio.

A Grande Fraternidade Branca irradia o suprimento de força das grandes reservas sobre todos os Egos, sem exceção, do plano mental superior, dando, assim, a maior assistência possível à expansão da vida interior.

Embora um Adepto possa irradiar sua força sobre um número enorme de pessoas - muitos milhões simultaneamente -, a maravilhosa qualidade de seu poder é tal que ele se adapta a cada um desses milhões, como se fosse o objeto único de sua influência, e nos dá a impressão de que essa atenção é integral e exclusiva.

Isso acontece porque a consciência nirvânica ou átmica do Mestre é uma espécie de ponto que, ainda assim, inclui o plano inteiro. Ele pode conduzir esse plano através de vários planos descendentes e espalhá-lo como se fosse uma bolha. Na parte externa dessa imensa esfera estão todos os corpos causais que ele está tentando afetar; e, ao encher toda

a esfera, Ele parece ser todo a cada indivíduo.

Dessa maneira, enche com sua vida os ideais de milhões de pessoas e para elas é, respectivamente, o Cristo ideal, o Rama ideal, o Krishna ideal, um Anjo, ou talvez um espírito-guia.

Nesse departamento de Seu trabalho, os Mestres aproveitam, com frequência, ocasiões especiais e lugares onde há algum centro magnético forte. Onde algum santo viveu e morreu, ou onde alguma relíquia de tal pessoa cria atmosfera apropriada, Eles aproveitam tais condições e levam sua própria força a irradiar ao longo destes canais já preparados. Quando uma enorme concentração de peregrinos está em atitude receptiva, os Mestres aproveitam também essa oportunidade para derramar suas forças sobre o povo, através dos canais dos quais esses peregrinos aprenderam a esperar auxílio e bênçãos.

Outro exemplo dos métodos de trabalho dos Mestres no nível causal é o dos talismãs, que um Mestre pode ligar ao seu próprio corpo causal, de forma que sua influência dure através dos tempos. Isso foi feito com certos objetos físicos, enterrados em vários pontos de importância futura, por Apolônio de Tiana.

O Adepto, tendo-se unificado com o Terceiro Aspecto do Logos, manifestado no plano de Atma, Seu passo seguinte será unificar-se com aquele aspecto que é representado pelo Cristo no seio do Pai. Mais tarde é possível presumir que Ele será atraído cada vez para mais perto da Deidade do sistema solar.

Quando a vida humana é completada, o Homem Perfeito habitualmente abandona seus vários corpos materiais, mas retém o poder de retomar qualquer um deles, se assim o exigir a execução de seu trabalho. Na maioria dos casos, Aquele que chega a tal nível não mais necessita de corpo físico. Não precisa mais reter um corpo astral, mental, nem mesmo um corpo causal, pois vive permanentemente no Seu mais alto nível.

Daqueles que atingiram o Adeptado, relativamente poucos permanecem em nossa terra como membros da Hierarquia Oculta, como adiante explicaremos mais amplamente.

Para além da Quinta Iniciação - a Iniciação Asekha - o Caminho mais alto se abre em sete grandes trilhas, entre as quais o Adepto deve fazer a sua escolha. As sete trilhas são as seguintes:

I. Pode entrar na beatífica onisciência e onipotência do Nirvana, com atividades muito além do nosso conhecimento, e tornar-se, talvez em algum mundo futuro, um Avatar ou Encarnação Divina. Isso é chamado, às vezes, "tomar a vestimenta *Dharmakaya*", O Dharmakaya não conserva nada abaixo da Mônada, embora não saibamos qual possa ser a vestimenta da Mônada em seu próprio plano.

II. Pode entrar no "Período Espiritual" - uma frase que tem muitas significações desconhecidas, entre elas provavelmente a de "tomar a veste Sambhogakaya". Retém sua manifestação como tríplice espírito e, provavelmente, pode descer e mostrar-se num Augoeides temporário.

III. Pode tornar-Se parte do repositório das forças espirituais, do qual os Agentes do Logos haurem material para seu trabalho, "tomando a veste Nirmanakaya". O Nirmanakaya parece preservar seu Augoeides, isto é, seu corpo causal, e mantém todos os seus átomos permanentes, portanto o poder de se manifestar em qualquer nível que lhe agrade. Em A

Voz do Silêncio os Nirmanakayas são considerados como formadores da Parede Guardiã que preserva o mundo de outras e piores desgraças e sofrimentos.

IV. Pode permanecer como membro da Hierarquia Oculta que governa e guarda o mundo no qual Ele atingiu a perfeição.

V. Pode passar para a Cadeia seguinte, a fim de ajudar na construção de suas formas.

VI. Pode entrar na esplêndida evolução dos Anjos ou Devas.

VII. Pode-se colocar imediatamente a serviço do Logos, a fim de ser por Ele usado em qualquer parte do Sistema Solar - Seu Servo e Mensageiro, que vive para transportar Seu desejo e fazer Seu trabalho por todo o sistema que Ele governa. A isso chamam de integrar o "Pessoal". Parece ser este um caminho muito duro, talvez o maior sacrifício aberto para o Adepto, e isso faz com que seja visto como portador de grande distinção.

Um membro do "Pessoal" não tem corpo físico, mas faz um para Seu uso pelo Kriyashakti - o "poder de fazer" - da matéria do globo para onde é enviado. O "Pessoal" abrange Seres em vários e diferentes níveis, do Arhat para cima.

Acima da Iniciação do Adepto está a Sexta Iniciação, a de Chohan, palavra que significa "Senhor". A mesma palavra também é usada para os Chefes dos Raios Três a Sete.

O Raio ao qual um Adepto pertence não só afeta a sua aparência, mas também o trabalho que ele deve fazer. A tabela seguinte mostra, resumidamente, certos fatos relativos aos Raios:

Raio	Chefe do Raio	Características do Raio	Comentários
I.	Chohan Morya	Força	O Mestre Júpiter também está nesse Raio e é o Guardião da Índia. É um grande estudante das mais abstrusas ciências, das quais a química e a astronomia são os revestimentos exteriores.
II.	Chohan Kuthumi: outrora foi Pitágoras (séc. IV a. C.).	Sabedoria	Esse Raio dá os grandes Mestres para o Mundo.
III.	O Chohan Veneziano	Adaptabilidade Tato	Esse Raio refere-se à Astrologia
IV.	Chohan Serápis	Beleza e Harmonia	Muitos artistas estão nesse Raio.
V.	Chohan Hilarion: outrora Jâmblico (séc. IV).	Ciência: conhecimento detalhado.	
VI.	Chohan Jesus: outrora Apolônio de Tiana (1º séc.) e também Ramanujacharya (séc. XI).	Bhakti ou Devoção	O Raio dos místicos.
VII.	Chohan Rakoczi: outrora Conde de Saint Germain (séc. XVIII); Francis Bacon (séc. XVII); Roberto, o Monge (séc. XVI); Hunyadi Janos (séc. XV); Christian Rosencreuz (séc. XIV); Roger Bacon (séc. XIII); Proclo, o neoplatônico (séc. V); Santo Albano (séc. III).	Serviço ordenado: cerimonial	Trabalhos através de cerimonial mágico e que emprega os serviços dos grandes Anjos.

O que se segue são exemplos dos métodos que provavelmente serão empregados pelos representantes dos diferentes raios:

O homem do Primeiro Raio atingirá seu objetivo pela pura força de uma vontade irresistível, sem condescender em empregar qualquer outro meio, seja de que natureza for.

O homem do Segundo Raio também trabalhará com a força da vontade, mas com plena compreensão dos vários métodos possíveis, e direção consciente de sua vontade para o canal mais apropriado.

O homem do Terceiro Raio usará as forças do plano mental observando, muito cuidadosamente, o tempo exato em que as influências se mostrem mais favoráveis ao sucesso.

O homem do Quarto Raio empregará as mais finas forças físicas do éter.

O homem do Quinto Raio movimentará as correntes que costumam ser chamadas de luz astral.

O homem do Sexto Raio obterá seu resultado através do fortalecimento de sua própria fé numa Deidade particular, e na eficácia de sua oração dirigida a essa Deidade.

O homem do Sétimo Raio usará um elaborado cerimonial mágico, e provavelmente invocará o auxílio de espíritos humanos, se possível.

Na tentativa de cura de doenças:

O homem do Primeiro Raio simplesmente atrai saúde e força da grande fonte da Vida Universal.

O homem do Segundo Raio compreenderá inteiramente a natureza da doença e saberá precisamente como exercer o poder de sua vontade com o maior proveito.

O homem do Terceiro Raio invocará os Grandes Espíritos Planetários e escolherá o momento em que as influências astrológicas se mostram benéficas para a aplicação de remédios.

O homem do Quarto Raio pode confiar principalmente em meios físicos, tal como massagens.

O homem do Quinto Raio empregará drogas.

O homem do Sexto Raio empregará a cura pela fé.

O homem do Sétimo Raio usará mantras ou invocações mágicas. Acima da Iniciação Chohan, dos Raios Três a Sete, a mais alta iniciação que pode ser tomada em nosso globo é a de Mahachohan; é possível, contudo, ir além do Primeiro e Segundo Raios, conforme está indicado na tabela das Iniciações, na qual será visto que a Iniciação Buda é possível no Segundo e Primeiro Raios, e a de Adepto pode ir ainda além do Primeiro.

I N I C I A Ç Õ E S	9	Senhor do Mundo						
	8	Pratyeka Buda	Buda					
	7	Manu	Bodhisattva	MAHACHOHAN				
	6	Chohan	Chohan	Chohan	Chohan	Chohan	Chohan	Chohan
	5	Asekha	Asekha	Asekha	Asekha	Asekha	Asekha	Asekha
	4	Primeiro Raio	Segundo Raio	Terceiro Raio	Quarto Raio	Quinto Raio	Sexto Raio	Sétimo Raio
	3							
	2							
	1							

TABELA DAS INICIAÇÕES

O Governo Oculto, em três departamentos, é dirigido por três oficiais, que não são apenas reflexos dos Três Aspectos do Logos mas, de uma forma muito verdadeira, sua real manifestação. Esses três são: (1) o Senhor do Mundo, que é um com o Primeiro Aspecto, no plano Adi, e transmite a Vontade divina à terra; (2) o Senhor Buda, que é um com o Segundo Aspecto, o qual vive no plano Anupadaka, e envia a divina Sabedoria à humanidade; e (3) Mahachohan, que é um com o Terceiro Aspecto, o qual reside no plano nirvânico ou átmico, e exerce a Atividade divina - representando o Espírito Santo. A seguinte tabela mostra esses fatos:

Logos	Poder Divino	Panos da Natureza	Triângulo de Agentes	Raio
Primeiro Aspecto	Vontade	Adi ou Originante	O Senhor do Mundo	1
Segundo Aspecto	Sabedoria	Anupadaka ou Monádico	O Senhor Buda	2
Terceiro Aspecto	Atividade	Átmico ou Espiritual	O Senhor Mahachohan	3-7

Nesse grande Triângulo, o Senhor do Mundo e o Senhor Buda são diferentes do Mahachohan, engajados que estão em trabalho que não desce ao plano físico, mas fica apenas no nível do corpo búdico, no caso do Senhor Buda, e no plano átmico, no caso do Senhor do Mundo. Ainda assim, sem seus trabalhos nenhum dos que se fazem nos planos inferiores seria possível, e assim Eles tratam da transmissão de Sua influência, mesmo para o mais baixo plano, através de Seus representantes, o Manu e o Bodhisattva respectivamente.

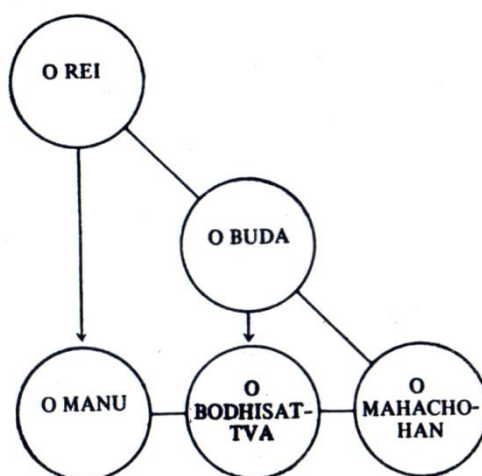


DIAGRAMA XLIV. Os Grandes Triângulos da Hierarquia.

O Manu e o Bodhisattva estão em posição paralela à do Mahachohan, formando assim um outro Triângulo, para levar os poderes do Logos ao plano físico. Esses dois triângulos estão expressos no Diagrama XLIV.

Os vários relacionamentos acima descritos estão sumarizados no Diagrama XLV, reproduzido, com ligeiras modificações, do livro *Os Mestres e o Caminho*.

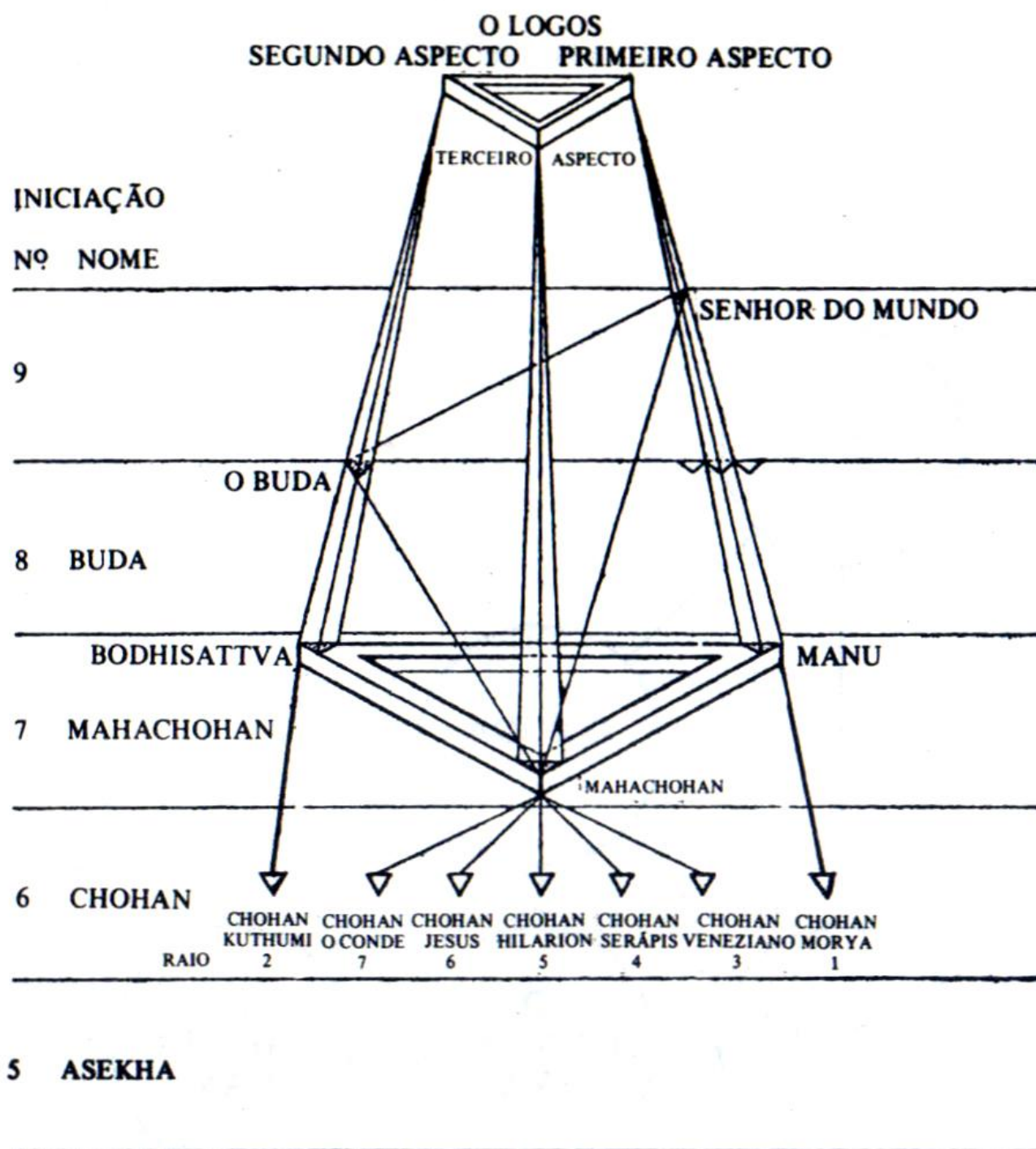


DIAGRAMA XLV> A Hierarquia Oculta.

CAPÍTULO XXXV

CONCLUSÃO

Chegando ao fim desta série de quatro livros que tratam dos corpos etérico, astral, mental e causal do homem, bem como de uma quantidade considerável de fenômenos dos vários planos a que estes corpos pertencem, pode ser de utilidade um relance de olhos sobre todo o caminho percorrido, tirando disso algumas conclusões gerais.

Voltando-nos para o importante assunto que é a pesquisa clarividente, parece ser um fato que, por ora, isso que podemos chamar clarividência *objetiva* é relativamente rara. Por objetiva, em matéria de clarividência, entendemos aquele definido e definitivo tipo de visão superior ou apreensão, que concretiza as coisas que são percebidas, fazendo delas *coisas*, tão objetivas" em sua própria categoria como o são os fenômenos comuns no plano físico.

Há, contudo, outro tipo de clarividência que podemos chamar de clarividência *subjetiva*. Nesse tipo, há uma forma de percepção talvez chamada mais exatamente de *apreensão*; que não concretiza aquilo que está sendo observado; antes, o sente e conhece de uma forma mais sutil, mais interior. Será suficiente uma simples ilustração.

Embora sejam relativamente poucas as pessoas capazes de *ver* auras, de forma tal que sejam perfeitamente objetivas, muito maior é o número das que parecem "sentir" auras, e *sabem* sem realmente *ver*, quais são as características gerais, como tamanho, qualidade, cor, e assim por diante. Parecem ver, literalmente, com os "olhos da mente".

Em ambos os casos de clarividência, o estudante sensato e experiente será extremamente cauteloso e prudente, e terá sempre uma opinião estritamente conservadora sobre o que vê - *ou pensa que vê* - ou o que sente - *ou pensa que sente*. Apesar de que seria altamente insensato e contrário a todos os cânones do método científico, ignorar ou diminuir com excessiva severidade o que está sendo visto ou apreendido, seria igualmente insensato, e certamente mais perigoso, aceitar precipitadamente e sem cuidadosa corroboração, tudo quanto é visto ou apreendido. O estudante, ao entrar no desconhecido, deve empenhar-se em manter aquele cuidadoso equilíbrio entre a precaução e a precipitação, o único que conduz ao verdadeiro conhecimento, e o mantém naquele "meio-caminho" que tem sido descrito tão frequentemente como estreito, tal como o é o fio de uma navalha.

Conforme foi mencionado em volume anterior, tentar oferecer provas das declarações feitas nestes livros, teria sido, por muitas razões de todo impossível ou pelo menos impraticável. Para uma grande proporção do conteúdo desse livros, provas rígidas, intelectuais, *não* poderiam certamente ser dadas, porque não estão disponíveis presentemente. Relativamente poucas coisas - alguns diriam coisa alguma - podem ser aprovadas de forma absoluta. Fatos, fenômenos, observações, declarações são uma coisa; provas de tais fatos etc., e ainda mais *capacidades para apreciar tais provas*, são coisa totalmente diferente. Os homens parecem ainda não ter podido planejar um sistema de provar se certas coisas são ou não verdadeiras; um sistema tão seguro quanto o é uma

balança para aferição do peso das coisas.

Ainda assim, entre todos os fenômenos da vida, há muitas coisas de suprema importância, sobre as quais o homem *deve* formar uma opinião, se quiser viver como ente racional e dirigir verdadeiramente a sua vida. Não pode esperar até que cheguem provas inequívocas e claras. Fazer isso seria ocorrer no risco de rejeitar - apenas pelo fato de as provas serem insuficientes - informações que, se verdadeiras, poderiam ser de incomensurável importância e valor para ele.

Apenas uma atitude parece razoável e justa. Devemos, como ficou dito, decidir de uma forma ou de outra, mesmo que as provas não apareçam. Quando as provas intelectuais se mostram deficientes é tão absurdo desacreditar quanto acreditar. Há uma superstição de incredulidade como há uma superstição de credulidade; e fica-se em dúvida quanto à forma de superstição de que a raça humana sofre mais no momento presente.

Provas, hoje, talvez sempre, são matéria individual para cada homem. Há uma teoria - e uma teoria que não padece de falta de evidência e de experiência - que diz ser possível ao homem treinar-se de tal forma que, quando um fato verdadeiro lhe é apresentado pela primeira vez, algo dentro dele salta ao encontro dele, e ele conhece que se trata de uma verdade. Podemos chamar a isso de intuição, ou usar qualquer outra expressão que desejarmos; pode ter vários nomes, mas é um fenômeno aberto a quem quer que o observe e examine por si mesmo como um verdadeiro fenômeno.

Conforme disse a Doutora Besant: "À proporção que aquele senso superior em ti, que conhece a verdade ao vê-la, gradualmente se expande, serás capaz de receber mais e mais verdades. Então, crescerá em ti uma profunda convicção interior e, quando uma verdade te for apresentada, saberás que é verdadeira. Esse senso corresponde à visão no plano físico. É a faculdade de Buddhi, razão pura". (*Palestras no Caminho do Ocultismo*, p. 210.)

Assim, o homem sensato constata exemplos desse fenômeno em si próprio e em outros; e, reconhecendo sua tremenda importância de longo alcance, põe-se, deliberadamente, a trabalhar para treinar e aperfeiçoar tal faculdade em si mesmo. É óbvio que isso pode ser para ele de um valor incalculável, mais especialmente em sua vida psicológica e espiritual.

Estranhas e extraordinárias, talvez mesmo impossíveis, como possam parecer muitas das exposições feitas nesses quatro livros, aos olhos de alguns leitores, seria seguramente uma política mais sensata (dado que todas elas foram feitas por investigadores honestos e sinceros) *não* rejeitá-las apenas porque não podem ser provadas; mas, se elas não estimularem um frêmito responsivo que as sinta como verdadeiras, que sejam postas em "arquivo" para "futuras referências". Entretanto, se elas ativarem essa vibração de resposta que, naqueles que desenvolveram a faculdade a que nos referimos acima, é amiúde bastante inconfundível, podem ser aceitas, pelo menos de forma experimental, como provavelmente verdadeiras.

Mais e mais estudantes de ocultismo estão descobrindo, conforme o tempo passa e eles desenvolvem seus poderes interiores, que são capazes de verificar por si mesmos as afirmações que, anos ou meses antes, tinham aceitado dessa maneira, isto é, pela autoridade de outros.

É o bastante quanto à complexa e complicada questão da prova dos ensinamentos da Sabedoria Antiga, em seu aspecto de moderna Teosofia.

Voltando-nos para o aspecto ético do que ficou dito nesses quatro livros, o leitor sem dúvida terá observado que as considerações éticas e morais, nascidas de um estudo da constituição oculta do homem, foram tocadas apenas ocasionalmente e de forma bastante secundária. Isso foi feito deliberadamente, levando-se em conta que os fatos falam por si e explicam sua própria moral. Se o homem é constituído como descrevemos, e tem corpos etérico, astral, mental e causal da natureza que descrevemos, não pode haver seguramente duas opiniões quanto à forma pela qual ele deve, mesmo em seu próprio interesse, viver e conduzir seu relacionamento com os outros homens e com o mundo em geral. Se ele faz ou não faz isso é, natural e inteiramente, coisa que diz respeito apenas a ele.

E agora algumas palavras dirigidas especificamente aos estudantes de ocultismo e ao método geral de abordagem dos assuntos tratados nesses quatro volumes.

A Sabedoria Antiga pode, sem dúvida, ser apresentada sob muitas formas; formas essas altamente diferentes umas das outras. Um mecânico a apresentaria de uma forma, um artista o faria de maneira bastante diferente, um cientista a descreveria de forma bem diversa da que lhe daria um poeta ou um místico. Conforme os tipos de temperamento dos homens e de suas qualificações e conhecimentos, tal será a apresentação das verdades eternas.

Por isso, pode haver perigo para uma pessoa no método de apresentação de outra. Para ser bastante específico, a apresentação adotada nesses livros foi, dir-se-ia, mecânica, mesmo materialista. Que seja assim; mas na natureza das coisas, deve haver um aspecto mecânico e um aspecto material em cada fenômeno por muito espiritual que seja, porque não há espírito sem matéria. Mas o verdadeiro estudante de ocultismo saberá guardar-se contra o encerramento de si próprio dentro de um rígido sistema mecânico. Embora sua mente "ordeira" possa deleitar-se em categorias e na precisa tabulação dos fatos ele não deve deixar que isso se torne uma prisão, com janelas gradeadas, limitando e restringindo sua visão apenas para direções estreitas.

Dissecação, análise, categorização são necessárias para o intelecto: mas são, afinal, apenas andaimes por meio dos quais se ergue a estrutura completa em todas as suas partes. Ademais, conforme H. G. Wells declarou admiravelmente: "Essas coisas - número, definição, classe e forma abstrata - considero como condições apenas inevitáveis da atividade mental, condições lamentáveis mais do que fatos essenciais. Os fórceps das nossas mentes são fórceps toscos e esmagam um pouco a verdade ao apoderar-se dela". (*First and Last Things*, Livro I, "Metaphysics", p. 19.).

A estrutura do conhecimento é um todo, feito, é verdade, de suas múltiplas partes, ainda assim maior do que a soma aritmética dessas partes todas e, em sua totalidade, realizando uma função que nenhuma de suas partes - e nenhum grupo de suas partes - pode realizar.

Assim é com o homem: podemos, para conveniência do estudo e da compreensão, dividi-lo em Mônada, Ego e Personalidade, e seus corpos em etérico, astral, mental e causal: ainda assim, o homem em si mesmo *não é nenhuma dessas coisas, nem mesmo*

todas elas juntas. Elas todas são apenas meios através dos quais ele expressa porções, aspectos ou funções de si próprio. Mas ele "permanece" uma entidade, um mistério, se a verdade for dita, diferente e maior do que todas essas categorias nas quais o dividimos.

O Bispo Leadbeater (na obra *A Ciência dos Sacramentos*) apresenta uma analogia que pode ser útil aqui. Se levarmos uma corrente elétrica a fluir em torno de uma barra de ferro, através de um rolo de arame de alpaca e dentro de um tubo cheio de vapor de mercúrio, ela originará respectivamente magnetismo, calor e luz. A corrente é a mesma, mas sua manifestação varia de acordo com a natureza da matéria através da qual ela está agindo. Assim é com o homem; a corrente da vida fluindo nele divide-se em diferentes variedades de manifestação, de acordo com os corpos através dos quais ela se expressa. Estudamos um corpo de cada vez e seus métodos de funcionamento, mas o próprio homem, aquilo que resulta em consciência dos vários tipos dos vários corpos, é o número por trás desses fenômenos externos. E notem bem: tal como a verdadeira natureza da eletricidade ainda se esquia aos nossos cientistas, também o homem, em sua verdadeira natureza, se esquia aos nossos estudos.

Por isso é bastante concebível, até provável, ser possível fazer uma justa e plena apresentação, digamos que apenas do ponto de vista da consciência mais do que da forma, das verdades da Sabedoria Antiga, sem qualquer menção ao Atma, Buddhi e Manas, ou a uma porção de outros termos técnicos com os quais estas páginas estão generosamente pintalgadas. O estudante autêntico, o genuíno amante da verdade, reconhecerá a verdade, não importa sob que aspecto se apresente ou em que "jargão" - para usar uma palavra desagradável - ela pode ser expressa ou *velada*. Mas que ele seja, acima de tudo, tolerante e bondoso: todos os caminhos levam a um fim; que cada peregrino encontre seu próprio caminho, oferecendo boa vontade, amizade e bondade, sem restrições e sem protecionismo, aos peregrinos que prefiram seguir outros caminhos.

Diante do que ficou dito acima, com relação aos defeitos inerentes ao processo intelectual e à categorização, o estudante deve, *à fortiori*, guardar-se contra o fato de colocar excessiva fé nos diagramas, embora possam ser úteis à mente que trabalha. Que o estudante saiba usá-los como andaimes, como escadas para subir, mas que esteja em guarda para que eles não se tornem gaiolas que o aprisionem. Aqui temos um teste: se a sua compreensão é genuína e plena, a concepção sintética que ela gerou pertencerá a um mundo muito acima do mundo da forma ou diagrama; mas, do momento em que ele lança sua compreensão para a mente inferior, categorizante, projetar-se-á em formas e feitos incontáveis, variando de acordo com o material que seleciona, tirados da sua reserva de conhecimentos, para expressão daquilo que é, em sua própria natureza, incapaz de ser aprisionado em qualquer gráfico, por muito engenhoso e apropriado que seja. Diagramas, como todas as formas de categorias, são servos admiráveis, mas mestres tirânicos.

O compilador espera que os anos de trabalho que usou nestes volumes ajudem a levar a muitos de seus leitores pelo menos algum esclarecimento de ideias e, acima de tudo, entusiasmo e amor cada vez mais profundo pela Brahma-Vidya, a nobre ciência, o conhecimento de Deus e do homem, tal como foram trazidos para o próprio compilador. Do conhecimento vem a compreensão; da compreensão vem aquela serenidade e paz que são imensuravelmente maiores do que todo o conhecimento e toda a compreensão.

"O valor do conhecimento" - escreveu a Doutora Annie Besant - "é provado pelo seu poder de purificar e enobrecer a vida, e todos os sinceros estudantes desejam aplicar o conhecimento teórico adquirido em seu estudo de Teosofia à evolução de seu próprio caráter e para dar ajuda aos homens, seus companheiros ... A emoção que leva à vida digna é em parte desperdiçada se a luz clara do intelecto não iluminar o caminho do comportamento; porque, assim como o cego se extravia sem saber até cair num fosso, o Ego cego pela ignorância sai da trilha do correto viver até tombar no poço da má ação. Verdadeiramente é Avidya - a carência de conhecimento - o primeiro passo que leva da unidade para a separação, e só quando ela diminui é que a separação diminui, até que seu desaparecimento restaure a paz Eterna."